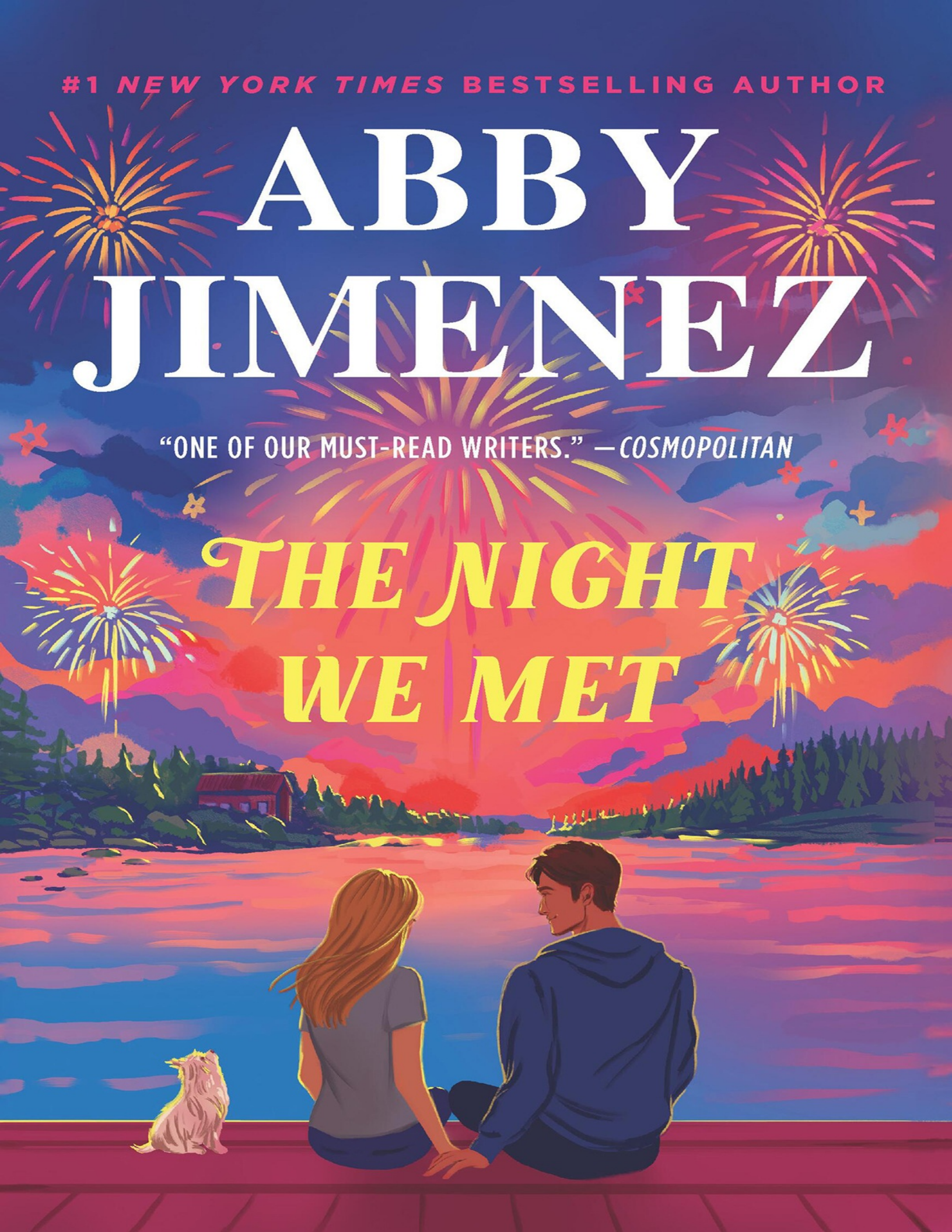
#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR

ABBY JIMENEZ

"ONE OF OUR MUST-READ WRITERS." —*COSMOPOLITAN*

THE NIGHT WE MET




Nos siga no Telegram e tenha
seus livros traduzidos grátis.
@TRADUCAOEPUB



THE NIGHT WE MET

ABBY JIMENEZ

FOREVER

New York Boston

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Direitos autorais © 2026 por Abby Jimenez

Ilustração da capa por Sarah Congdon
Direitos autorais da capa © 2026 por Hachette Book Group, Inc.

O Hachette Book Group apoia o direito à liberdade de expressão e o valor dos direitos autorais. O objetivo dos direitos autorais é incentivar escritores e artistas a produzirem obras criativas que enriqueçam nossa cultura.

A digitalização, o upload e a distribuição deste livro sem autorização constituem roubo da propriedade intelectual do autor. Caso deseje obter permissão para utilizar material deste livro (exceto para fins de resenha), entre em contato com permissions@hbgusa.com. Agradecemos seu apoio aos direitos do autor.

Para sempre
Grupo de Livros Hachette
1290 Avenida das Américas, Nova Iorque, NY 10104
leia-para-sempre.com
@readforeverpub

Primeira edição: março de 2026

Forever é um selo editorial da Grand Central Publishing. O nome e o logotipo Forever são marcas registradas da Hachette Book Group, Inc.

A editora não se responsabiliza por sites (ou pelo conteúdo deles) que não sejam de sua propriedade.

Os livros da série Forever podem ser adquiridos em grandes quantidades para uso comercial, educacional ou promocional. Para obter mais informações, entre em contato com sua livraria local ou com o Departamento de Mercados Especiais do Hachette Book Group pelo e-mail special.markets@hbgusa.com.

Projeto gráfico do interior do livro impresso por Jeff Stiefel

Foi solicitada a inclusão dos dados de Catalogação na Publicação da Biblioteca do Congresso.

ISBN: 9781538759226 (capa dura de luxo), 9781538759233 (e-book), 9781538780695 (edição especial), 9781538780688 (edição especial), 9781538780794 (capa dura padrão), 9781538780022 (brochura internacional)

E3-20251017-JV-NF-ORI

Conteúdo

Cobrir

Página de título

Direitos autorais

Dedicação

Nota do autor

1: Chris

2: Larissa

3: Chris

4: Larissa

5: Chris

6: Larissa

7: Chris

8: Larissa

9: Chris

10: Larissa

11: Chris

12: Larissa

13: Chris

14: Chris

15: Larissa

16: Chris

17: Larissa

18: Larissa
19: Larissa
20: Chris
21: Larissa
22: Chris
23: Larissa
24: Chris
25: Larissa
26: Chris
27: Larissa
28: Chris
29: Larissa
30: Chris
31: Larissa
32: Chris
33: Larissa
34: Larissa
35: Chris
36: Larissa
37: Chris
38: Larissa
39: Chris
40: Larissa
41: Chris
42: Larissa
43: Chris
44: Larissa
45: Chris

46: Larissa
47: Chris
48: Larissa
49: Larissa
50: Chris
51: Larissa
52: Chris
Epílogo: Chris

Agradecimentos
Descubra mais
Nota do autor
Sobre o autor
Também por Abby Jimenez

Para minha agente, Stacey Graham, que está comigo
há incríveis oito livros e seis contratos editoriais.
Nove anos atrás, enviei a você uma carta de
apresentação com uma piada de duplo sentido. O resto
é história literária.

Explore sorteios de livros, prévias exclusivas, ofertas e muito mais.

Toque aqui para saber mais.



NOTA DO AUTOR

Embora meus livros tenham capas divertidas com desenhos animados, alguns podem abordar temas sérios. Se você considera os avisos de conteúdo como spoilers, pule o parágrafo seguinte e aproveite a leitura. Caso queira saber se o conteúdo contém spoilers, continue lendo.

Avisos de conteúdo: alcoolismo (personagens secundários, histórico parental), menção de direção sob efeito de álcool, anafilaxia (alergia a nozes), ataque de pânico, TEPT, depressão (personagem secundário), morte recente da mãe da protagonista (falecida de cirrose hepática devido ao alcoolismo há três meses), agressão física, pobreza/estresse financeiro, roubo de identidade, morte de uma cobra-liga em cena, menção fora de cena de um cachorro matando um roedor e um sapo, incontinência (personagem secundário), cultura da dieta (dieta de atleta), execução hipotecária da casa (o pai da protagonista parou de pagar as contas), morte do pai da protagonista (ataque cardíaco aos 83 anos), ressaca, cigarros (personagens secundários), referência a uma música sobre um fã que comete homicídio-suicídio da namorada grávida, beijo bruto sem consentimento.

1

CHRIS

Meu telefone estava tocando.

Eram cinco e quinze da manhã.

Microfone.

Eu estava meio adormecido quando apertei o botão de atender. "O quê?"

"Cara, preciso que você me faça um favor."

Eu gemi. "Que favor?"

“Preciso que você leve Larissa e a mãe dela ao hospital.”

Fechei os olhos com força na escuridão.

Meu melhor amigo era muitas coisas. Ele era leal até demais. Daria a própria camisa para você. Era hilário, generoso e protetor com as pessoas de quem gostava. Mas também era o mais propenso a ligar em uma hora imprópria com um pedido que começava com "Preciso de um favor".

“Eu disse a ela que os levaria”, disse ele. “O carro dela está na oficina e o carro da mãe dela é manual e a Larissa não sabe dirigir. Hoje é a cirurgia da mãe dela.”

Virei-me de costas. "E por que você não consegue fazer isso?"

"Cara, eu estraguei tudo. Exagerei ontem à noite. Estou com a pior ressaca do século. Acho que ainda estou bêbado."

“Mike, hoje é meu dia de folga. Estou cansado.”

“Eu sei. Olha, não tem mais ninguém para ficar com eles. O Jesse levou a Becca para Wakan para comemorar o aniversário deles. O Xavier está na cidade, mas não está atendendo. Eu até perguntei para a minha mãe.”

"Eu nem conheço a Larissa", eu disse, apertando a ponte do meu nariz. "Eu só a encontrei aquela vez."

"Qual é, cara. Ela nunca vai conseguir uma carona tão cedo de manhã."

“A mãe dela não pode levá-las de carro? Elas podem pegar um carro de aplicativo para voltar.”

“E deixar o carro no estacionamento? E aí ela vai ficar lá sozinha enquanto a mãe estiver na sala de cirurgia. Não me faça implorar. Eu preciso disso. Por favor.”

Encarei o teto no escuro. Droga. Chutei as cobertas para fora. "Por que você bebeu tanto se sabia que tinha que estar em algum lugar cedo?" Acendi o abajur no meu criado-mudo e fiz uma careta com a luz.

"A situação saiu do meu controle. Olha, eu te pago. Eu lavo seu carro, cara, eu faço qualquer coisa. Levei seis semanas para conseguir que essa garota tomasse um café comigo. Ela pode até nem falar comigo depois disso se eu a deixar esperando. Eu gosto muito dela, não posso estragar tudo."

Coloquei um moletom com capuz sobre a cabeça. "Você me deve uma grande. Estou falando sério."

Ele respirou aliviado. "Ei, não conte a ela que estou de ressaca, tá bom? Vou dizer que estou com enxaqueca."

"Tanto faz. Só me manda o endereço por mensagem." Desliguei na cara dele.

Fiquei parada no meio do meu quarto por um instante, irritada demais para me mexer.

Essa porcaria já me irritaria em um bom dia.

Já fazia um tempo que eu não tinha um dia bom.

Tudo o que eu queria era dormir e ficar sozinha. Principalmente a segunda opção.

Os caras insistiram em me tirar de casa o máximo possível — o que, objetivamente, eu apreciei, porque eles estavam tentando ajudar. Mas essa situação era típica do Mike. E com quem diabos ele estava bebendo? Deus sabe que se os caras tivessem ido a algum lugar ontem à noite, eu teria sido sequestrada e jogada no porta-malas.

Arrastei-me até o banheiro para me limpar.

Vinte minutos depois, eu estava parando em frente a um pequeno prédio em um bairro não muito bom. O Condomínio Windsor Castle.

Aquele lugar era a coisa mais distante de um castelo que eu já tinha visto. Os apartamentos tinham grades nas janelas. A calçada estava rachada e irregular, e havia um colchão manchado na calçada em frente, ao lado de uma TV quebrada com antenas de orelha de coelho. Estacionei o carro e me preparei para qualquer interação humana antes de sair. O sol mal tinha nascido. Maldito Mike.

Fiz o possível para disfarçar meu mau humor e bati na porta 104. Depois de um instante, Larissa atendeu. Ela vestia um moletom cinza e estava sem maquiagem. Seu cabelo loiro estava preso em um rabo de cavalo e seus olhos

azuis estavam vermelhos.

Ela trabalhava como garçonete no Donna's, o café da mãe do Mike. Eu a tinha visto lá algumas vezes, mas ela nunca tinha me atendido. Na verdade, só a encontrei uma vez, dois meses atrás, por cinco minutos. Foi depois de um show para o qual fui obrigada. Ela estava descalça e precisava de uma carona para casa. Era uma questão entre mim e o Mike.

Ela escolheu o Mike.

Me dei conta, mais uma vez, de como ela era bonita. Já tinha me dado conta disso naquela noite no show também. A mim e ao Mike.

Ela piscou para mim. "Onde está o Mike?"

"Ele não te contou?", perguntei.

"Não…"

E claro que ele se esqueceu de mandar mensagem para ela.

“O Mike está com enxaqueca”, eu disse. “Ele me perguntou se eu podia te levar. Meu nome é Chris. Nos conhecemos naquela noite.”

“Eu me lembro…” disse ela, hesitante.

Ela mordeu o lábio, depois olhou por cima do ombro antes de voltar a se virar para mim. "Desculpe", disse ela, em voz baixa. "Posso chamar um carro por aplicativo."

"Eu estava acordada", menti. "Não tinha nada para fazer hoje", menti novamente. "É um prazer. De verdade."

Alguém surgiu por trás dela. Uma mulher de meia-idade usando um gorro. Ela parou quando me viu. "Ah. Onde está o Mike, querida?"

Eu sorri para ela perto de Larissa. "O Mike está doente esta manhã. Eu sou o Chris, o melhor amigo dele."

“Chris, esta é minha mãe, Nancy”, disse Larissa, ainda parecendo incerta.

“Prazer em conhecê-la.” Peguei a mochila que Nancy estava segurando. “Deixe-me levar isso para você.”

“Nossa! Que cavalheiro”, disse ela, entregando o presente e lançando um olhar incerto para a filha.

Ambas as mulheres pareciam ter estado a chorar.

Eu não sabia que tipo de cirurgia Nancy ia fazer. Não era da minha conta, então não ia me intrometer, mas era claramente algo muito pessoal acontecendo naquela manhã, e eles confiaram o suficiente no Mike para pedir que ele os levasse até lá, e ele mandou um estranho. E nem ligou para avisar — provavelmente porque estava dormindo.

Eu fiquei muito irritado com ele.

"Vamos começar?", perguntei.

Larissa assentiu com a cabeça. "Sim. Obrigada."

Elas me seguiram até o carro. Coloquei a bolsa da Nancy no porta-malas e abri as portas para as duas. Larissa fez a mãe dela sentar no banco da frente. A mãe dela cheirava a cigarro.

A viagem até o Hospital Royaume Northwestern durou vinte minutos. Eu imaginava que seria tranquila, mas então Nancy se virou no banco para olhar para Larissa. "Sabe, o Senhor dá as batalhas mais difíceis aos seus guerreiros mais fortes."

“Mãe, pare”, disse Larissa.

Nancy voltou a olhar para a frente. Depois, virou-se para mim. "Então, há quanto tempo você conhece o Mike?"

“Vinte e cinco anos”, eu disse, entrando na rodovia.

"Larissa, você não disse que havia um casal deles naquela noite em que vocês se conheceram? No show?", perguntou Nancy por cima do ombro.

Como Larissa não respondeu, eu respondi.

“Éramos quatro”, eu disse. “Xavier e Jesse são os outros dois.”

“Vocês são todos tão bonitos?”

Eu me engasguei.

"Mãe!"

"O quê?", disse Nancy, virando-se para olhar para a filha. "Ele é bonito. Será que a gente tem que ficar aqui sentada fingindo que não percebe?"

O calor subiu pelo meu pescoço.

Larissa estava atrás de mim, então eu não conseguia vê-la no espelho, mas de alguma forma eu conseguia sentir o olhar fulminante que ela lançava para a mãe.

"Então, você tem namorada?", perguntou Nancy, com um sorriso irônico.

“Hum, não, agora não.”

"Por que não?"

“Mãe…” A voz de Larissa era um aviso.

Nancy soltou um suspiro dramático, como se Larissa estivesse estragando sua diversão no banco de trás.

"Estou apenas dando um tempo nos encontros amorosos", eu disse, mudando de faixa.

“Hum.” Ela cheirou a manga do suéter. “Isso cheira a sopa. Larissa, você está cozinhando sem o ventilador ligado de novo? Todas as minhas roupas estão cheirando a cebola.”

Não senti cheiro de sopa. Mas senti cheiro de fumaça.

“Eu não cozinhei nada sem o ventilador ligado, mãe.”

Ela cheirou a manga da blusa novamente. "Você provavelmente também está com cheiro de sopa, se está em mim. Cheire seu moletom."

Nenhuma resposta do banco de trás.

Não saberia dizer como eu sabia, mas pressenti que Larissa estava prestes a chorar.

“Você gosta de podcasts?”, perguntei, mudando de assunto.

“Às vezes…” disse Nancy.

“Você vai adorar isso”, eu disse, ligando o rádio.

Coloquei uma série de comédia que às vezes ouvia a caminho da farmácia e aumentei o volume o suficiente para que a mãe dela não conseguisse mais falar. Felizmente, funcionou.

Quando chegamos ao local de desembarque de pacientes, a mãe de Larissa saiu do carro e, em seguida, Larissa se inclinou para dentro da porta aberta. "Obrigada."

"Vou estacionar o carro e depois encontro você lá dentro", eu disse.

“Ah, você não precisa fazer isso.”

“O Mike me pediu para ficar com você—”

“Estou bem. De verdade, estou. Muito obrigada. Posso chamar um carro de aplicativo de novo.”

Então ela fechou a porta antes que eu pudesse argumentar e começou a acompanhar a mãe até as portas automáticas.

Esperei um minuto, observando-a se afastar como se ela pudesse se virar e mudar de ideia.

Ela não fez isso.

Eu sei que deveria ter ficado aliviada por ter meu dia de volta, mas não fiquei. Mike parecia irredutível em não querer que ela ficasse sozinha. Não me senti bem em ir embora.

Uma parte de mim considerou estacionar e entrar mesmo assim, mas, na esperança de que ela não quisesse minha companhia, optei por não fazê-lo. Eu não a conhecia bem o suficiente e não queria impor minha presença.

Coloquei o carro em marcha e já estava quase na rua quando percebi que Nancy tinha deixado a bolsa dela no porta-malas. Eu não tinha o número da Larissa para mandar uma mensagem para ela me encontrar na frente de casa. Não tive escolha. Estacionei e entrei.

2

LARISSA

No instante em que levaram minha mãe de volta para a sala de cirurgia, eu desabei em lágrimas novamente.

Passei a maior parte da noite passada e parte desta manhã chorando. Mamãe também.

Meu pai usou meu número do Seguro Social para abrir cartões de crédito em meu nome. Descobri porque eles retiveram a restituição do imposto de renda que eu estava esperando para consertar meu carro. Recebi o e-mail ontem.

Minha mãe não estava trabalhando e mal conseguíamos pagar o aluguel. Eu não sabia como iríamos pagar as contas médicas e, agora, nem sabia como conseguiria tirar meu carro da oficina. Não podia mais faltar ao trabalho. Estava vivendo de salário em salário, fazendo bicos só para comprar comida.

Eu tinha cuidado do bebê da minha mãe ontem à noite até meia-noite para ganhar uns vinte dólares a mais. Coloquei-o na cama às nove e acabei dormindo no sofá. Ele abriu meu olho à força para me contar que tinha acordado e desenhado um retrato meu na parede do quarto dele, usando a maquiagem da mãe. Eu ri porque, ao mesmo tempo, não tinha graça nenhuma.

Fiquei com tanta pena da bagunça que nem aceitei o dinheiro.

Na cadeira cinza da sala de espera, encolhi as pernas contra o peito e encostei a testa nos joelhos.

Eu não queria ficar sozinha no hospital. Eu queria ir para casa.

Eu queria vestir minha calcinha velha de vovó, tirar o sutiã, me jogar na cama e dormir até tudo acabar. Queria pedir comida por delivery, mesmo sem ter dinheiro para isso, só para comer algo que não precisasse cozinhar, e, acima de tudo, queria que alguém resolvesse o problema para mim. O esforço mental necessário para fazer até o básico, naquele momento, era mais do que eu tinha disponível.

E, além de tudo isso, segundo minha mãe, eu provavelmente cheirava a sopa.

Chorei ainda mais.

Eu chorava baixinho, com o rosto entre os joelhos, grata por ter, de alguma forma, toda a sala de espera da cirurgia só para mim, para poder soluçar em paz, quando alguém pigarreou. Levantei a cabeça num pulo. Chris estava parado na entrada, segurando a bolsa da minha mãe.

Quando ele apareceu esta manhã em vez do Mike, eu quase desabei em lágrimas ali mesmo.

Eu não gostava de pedir ajuda, já tinha sido muito difícil para mim fazer isso. Aí o Mike mandou o Chris em vez de vir pessoalmente.

Eu mal conseguia processar tudo aquilo. Me senti péssima por um homem que mal me conhecia ter que acordar tão cedo para fazer isso. Fiquei constrangida com o desabafo nervoso da minha mãe no carro, chateada por Mike ter nos causado transtornos para outra pessoa e perplexa por ele não ter me avisado antes e mandado o Chris sem avisar.

Eu gostava do Mike. Ele era engraçado e me distraía, e eu precisava disso mais do que imaginava, já que os últimos meses foram tão desgastantes. Mas depois do que aconteceu esta manhã, comecei a questionar seriamente se deveria continuar saindo com ele.

Provavelmente não fui justa. Ele estava com enxaqueca. Talvez tenha sido um esforço enorme ligar para o Chris e convencê-lo a vir. Talvez ele estivesse com uma dor insuportável e olhar para o celular estivesse me debilitando. Mas algo parecia errado, e eu estava emocional e mentalmente exausta demais para analisar a situação. Mal tinha comido na noite anterior, estava tremendo por causa da hipoglicemia, uma dor de cabeça causada pela cafeína estava começando a aparecer e provavelmente eu não estava pensando racionalmente, mas minha reação instintiva ao Mike não aparecer foi terminar tudo, porque eu não tinha condições de lidar com pessoas instáveis naquele momento.

Chris ficou me encarando por mais alguns segundos. Depois, pegou um punhado de lenços de papel da caixa que estava na mesa de centro, atravessou a sala e sentou-se ao meu lado.

“Aqui está.” Ele colocou o lenço de papel nas minhas mãos.

Eu os peguei. "Obrigada." Limpei o nariz.

"Você está bem?", perguntou ele gentilmente.

Assenti com a cabeça, apontando para as minhas mãos no colo.

Ele não disse nada e, depois de um instante, olhei para ele. Ele estava sentado ali, me observando. Parecia genuinamente preocupado.

Ele tinha olhos castanhos muito bonitos. Achei estranho não tê-los notado na

noite em que nos conhecemos. Talvez a iluminação não estivesse tão boa. Talvez eu também não tivesse chegado tão perto. Ou talvez eu não tivesse percebido o quão bondosos eram aqueles olhos, e é isso que os tornava belos agora.

“Nancy deixou a bolsa dela no porta-malas”, disse ele.

"Eu sei", resmunguei. "Eu não tinha seu número para te ligar. O Mike não está respondendo às minhas mensagens."

"Enxaqueca."

“Sim. Eu sei.” Respirei fundo, com a voz trêmula. “Obrigada. Pode ir para casa agora. Eu vou ficar bem.”

"Não."

Levei um segundo para entender o que ele tinha dito. "O quê?"

“Não”, disse ele novamente. “Vou ficar.” Ele me encarou fixamente.

Eu ri um pouco, e isso me tirou completamente do meu devaneio. "E se eu não quiser que você fique?", perguntei.

“Não me importo. Aceitei o emprego. Vou fazê-lo. E você não pode me demitir. Você não me contratou, você não é meu chefe.”

Ele me fez soltar um resmungo divertido.

“Você já comeu hoje?”, perguntou ele.

Balancei a cabeça negativamente. "Não."

“Que tal irmos tomar café da manhã? Eu pago.”

“Eu… eu não sei se devo ir embora…”

"Ela ficará na sala de cirurgia por pelo menos uma hora", disse ele.

“Como você sabe? Você nem sabe que tipo de cirurgia ela vai fazer. A menos que o Mike tenha te contado.”

“Ele não me disse. Com a preparação e a recuperação, nenhuma cirurgia dura menos de uma hora. O hospital tem um sistema de notificação por SMS para atualizações. Tenho certeza de que eles já te cadastraram”, disse ele. “Tem um café bem em frente. Se eles chamarem, podemos te trazer de volta em cinco minutos.”

Ele aguardou minha resposta.

"Estou com fome, mas acho que não consigo comer", eu disse.

“Então talvez devêssemos simplesmente ir lá, sentar em uma mesa e avaliar o pão.”

“Avalie o pão…” eu disse lentamente.

“Sim. Eles também são uma padaria. Podemos comprar vários tipos de pão e comê-los. Classificá-los de um a dez. Quando você está com dor de estômago, sempre pode comer pão.”

Ele olhou para mim, com uma expressão gélida e séria.

Soltei um suspiro. "Certo. Mas preciso dar uma olhada no cardápio. Tenho alergia a nozes."

“Ah. Ok. Eu farei isso.”

Então, sem dizer mais nada, ele pegou o celular e discou.

Não sei por que isso me deu vontade de chorar de novo. Talvez porque eu estivesse exausta e até a pequena tarefa de garantir a segurança do restaurante parecesse demais para mim naquele momento?

Eu o vi ligar.

"Alergia a amendoim ou a frutos secos?", perguntou ele, levando o telefone ao ouvido.

"Ambos."

Ele assentiu com a cabeça. "Olá", disse ele. "Gostaria de saber se vocês têm algum prato com nozes no cardápio? Eu ia passar aí com alguém que tem alergia a nozes. Tem certeza? Pode confirmar? Pergunte aos chefs. Ok."

Ele afastou o telefone da boca. "Estou em espera. Estão verificando com a cozinha. A alergia é grave?"

“Sim”, eu disse.

"Você tem Benadryl?", perguntou ele.

"Sim."

“Onde está sua EpiPen?”

“Na minha bolsa?”

“Deixe-me ver.”

"Você quer ver minha EpiPen?", respondi com a maior naturalidade.

"Sim."

“Certo…” Peguei e entreguei para ele.

Ele apoiou o telefone no ombro e olhou para a data de validade e depois para a cor do líquido. Pareceu satisfeito com o estado do aparelho e me devolveu.

"Passou na inspeção?", perguntei, levemente divertido.

“Sou farmacêutico. Minnesota tem grandes variações de temperatura, o que pode afetar a qualidade. Este parece bom.”

Quando continuei a encará-lo, ele me retribuiu com um olhar bobo.

“Me confiaram seus cuidados e vou te levar para jantar fora”, disse ele. “Gostaria de saber se seu medicamento de resgate não está vencido.”

Antes que eu pudesse responder, a pessoa voltou à linha. "Nenhum?", disse ao telefone. "Sem Nutella, manteiga de amendoim ou farinha de amêndoa? Ótimo. Ok, já estamos a caminho."

Ele desligou. "Sem nozes." Ele acenou com a cabeça por cima do ombro. "Vamos lá. Vamos tomar um café para você."

Fizemos a curta caminhada até o outro lado da rua e ele segurou a porta para mim enquanto eu entrava.

O lugar era charmoso — pequeno, com um balcão cheio de banquetas vermelhas e mesas junto à janela, com vasinhos contendo um único cravo rosa. Havia uma vitrine refrigerada com muffins, tortas e biscoitos perto do caixa, e cestas cheias de pães frescos na parede atrás dela.

A recepcionista nos acomodou perto da janela. Um minuto depois, nossa garçonete veio com o café. Ela era uma mulher de meia-idade que me lembrava muito a minha mãe. "Vocês precisam de um minutinho para olhar o cardápio?", perguntou ela, enchendo nossas xícaras.

“Vamos fazer cinco pães”, disse Chris.

Ela olhou para nós por cima dos óculos. "Cinco? Eles são grandes, sabia?"

“Sim. Queremos experimentar todos”, disse ele.

“Certo…” ela disse. “E para a sua namorada?” Ela olhou para mim. “Você só quer pão?”

"Ah, eu não sou namorada dele", eu disse.

“Ela é namorada do meu melhor amigo”, disse Chris.

“Hum”, disse ela, desinteressada. “Você também quer o pão de centeio?”

"Está bom?", perguntou ele.

Ela deu de ombros. "Não é a minha praia. Cindy, o que você acha do pão de centeio?", perguntou por cima do ombro a outra garçonete que limpava uma mesa.

“É uma merda.”

Chris olhou para mim de relance, e trocamos um olhar divertido.

“O que você acha?”, perguntou ele.

“Pumpernickel’s rye, certo? Eu gosto de centeio”, eu disse.

"Eu também", disse Chris. "Bunda é algo subjetivo. Vamos aceitar."

A garçonete murmurou "Bunda é algo subjetivo" enquanto anotava o pedido. Depois, pegou nossos cardápios e saiu.

"Eu não sou realmente namorada dele", eu disse assim que ela saiu do alcance da minha voz.

Ele abaixou a xícara de café. "Ah. Desculpe. Eu simplesmente não sabia como fazer de outra forma—"

“Está tudo bem. Estamos apenas nos conhecendo por enquanto. Não é nada oficial.”

Anotado. Você tem uma caneta?

"Acho que sim." Mexi na minha bolsa e entreguei a ele uma caneta esferográfica comum. Ele começou a escrever em um guardanapo.

“O que você está fazendo?”, perguntei.

“Criando um ranking de pães.”

Observei-o com divertimento enquanto ele desenhava uma grade. "Você está falando sério mesmo?", eu disse.

“Não é mesmo? Este é um trabalho importante que estamos fazendo.”

Ele terminou a planilha enquanto eu despejava três sachês de creme de baunilha na minha caneca. Tomei um longo gole e as calorias e a cafeína inundaram meu sistema como energia líquida. Me senti instantaneamente melhor.

Quando ele terminou com o placar, peguei o guardanapo e comecei a desenhar uma borda floral ao redor dele.

“Então eu preciso saber”, disse ele, tomando um gole de café. “Como você foi parar descalço com a Lexi em um show do Jaxon Waters?”

“Alguém vomitou nas botas dela no banheiro”, eu disse, fazendo sombra a uma margarida. “Não teve jeito de salvá-las.”

“Então você deu seus sapatos para ela?”

“Sim, eu consegui. Uma de nós teve que carregar a outra nas costas, e ela é mais forte.”

Você recuperou seus sapatos?

“Sim. Ela devolveu no dia seguinte, mas por um tempo foi tenso. Ela tem o costume de pegar coisas. Principalmente moletons com capuz.” Mostrei o guardanapo para ele, através do meu desenho. Ele assentiu, aprovando.

Você já conhecia a Lexi antes de começarem a trabalhar juntas na lanchonete?

“Sim. Nós morávamos no mesmo prédio”, eu disse. “Ela me arrumou o emprego.”

“Você gosta de trabalhar na loja da Donna?”, perguntou ele.

Dei de ombros. "Gosto do horário. Sou uma pessoa matutina."

Ele zombou. "Não sou."

Meu rosto se fechou. "Me desculpe..."

Ele pareceu perceber o que havia insinuado. "Não, tudo bem. Não me importei de acordar—"

“Pensei que você tivesse dito que já estava acordado.”

O canto da boca dele se contraiu. "Certo. Eu não estava acordado. Mas fico

feliz em ajudar. Sério."

Lancei-lhe um olhar que dizia "isso é conversa fiada".

“Estou falando sério”, disse ele. “Tenho tido problemas para dormir. De qualquer forma, eu teria acordado e ficado deitado, então pelo menos estou fazendo alguma coisa.”

Não consegui insistir para que ele me pedisse mais porque o pão chegou.

A garçonete trouxe a comida, depois nos trouxe dois pratos e uma tigela de manteiga e saiu novamente. Ela tinha razão, as porções eram enormes, enfileiradas umas ao lado das outras na mesa como se estivéssemos em uma feira de produtores.

"Então, como você conheceu o Mike?", perguntei enquanto ele puxava o pão francês para a frente e começava a fatiá-lo.

“Crescemos na mesma rua. Jesse e Xavier também. Estudamos juntos.”

“Na mesma faculdade também?”

Ele me passou um pedaço. "Não, o Mike não foi embora. Ele entrou numa negociação."

Inclinei a cabeça para o lado. "Uma troca? Que troca?"

Ele pareceu surpreso. "Ele é um mestre encanador licenciado. Ele não te contou?"

"Não…"

“Sim. Ele consegue fazer tudo isso”, disse ele, passando manteiga na fatia de pizza. “É o trabalho paralelo dele agora. Ele prefere o treinamento pessoal, mas ele é encanador.”

Hum. Tenho que admitir, isso me impressionou. E o Mike nunca tinha mencionado isso, o que me impressionou ainda mais.

Ele acenou com a cabeça para mim. "Você já conheceu o padrasto dele?"

“Ainda não”, eu disse, dando uma mordida no pão.

“Você provavelmente já viu os outdoors dele. O Rei dos Banheiros?”

Precisei tapar a boca quando fiquei boquiaberto. "Aquele é o padrasto do Mike? O cara do Henry Tudor com o desentupidor?"

“Sim. Foi por isso que o Mike entrou nesse ramo. Acho que o Tony quer deixar para ele quando se aposentar.”

“Eu não fazia ideia de que aquele era o marido da Donna. Nossa!”

Ele deu uma mordida e mastigou, depois fez um gesto na minha direção. "Opinião?"

"Gostei", eu disse. "Tem uma crosta muito boa."

“Sim, mas quase demais. Era um pouco difícil de morder”, disse ele,

examinando o alimento.

“Então, qual é a sua avaliação?”, perguntei.

Ele balançou a cabeça negativamente. "Eu dou uma nota sete e meio de dez. E você?"

“Nove em dez.”

“Sério? Tão alto assim?” Ele anotou minha resposta. Depois, colocou o guardanapo de lado e começou a cortar fatias do pão de fermentação natural. “Então, quanto tempo sua mãe vai ficar no hospital?”, perguntou.

“Só hoje, se tudo correr bem. Ela escorregou no gelo e quebrou o pulso. Não consolidou direito.”

“Pensei que fosse câncer ou algo assim. Vocês dois pareciam um pouco chateados.”

“Fiquei chateada porque acabei de descobrir que meu pai, um alcoólatra degenerado com vício em jogos de azar, conseguiu meu número de Seguro Social e abriu uma conta de cartão de crédito de vinte e dois mil dólares em meu nome. A dívida está em cobrança.”

Talvez eu não devesse ter despejado isso nele, mas eu queria dizer logo. Jogar isso nesse estranho e ver como ele se encolheria ao ser atingido.

Mas ele não hesitou.

“Minha mãe morreu há três meses”, disse ele. “Foi inesperado. Eu mesmo tenho estado um pouco… desorientado. Então eu entendo.”

Nos entreolhamos, um entendimento tácito se formando entre nós, como se concordássemos em ser o tipo de bagunça que precisássemos ser naquela mesa. Que era mutuamente aceitável simplesmente comer aquele pão, expressar nossos sentimentos e dizer o que quiséssemos, sem julgamentos de nenhum dos lados — o que era bom. Porque às vezes eu estava cansada demais e exausta demais para fingir que estava bem.

"Ele já fez isso antes?", perguntou.

“Para a minha mãe”, eu disse, observando-o passar manteiga em outra fatia de bolo. “Ela disse que ele nunca teve acesso ao meu número de seguro social, então me disse para não me preocupar com isso. Obviamente, ela estava errada.”

“Você não pode contestar a dívida?”

“Eu posso. Eu vou. Mas é um processo e nem sempre dá para reverter. Eles descontaram meu reembolso do imposto de renda ontem. Eu ia usar esse dinheiro para tirar meu carro da oficina. Minha mãe está desempregada há dois meses. Ela vai precisar de mais um mês para se recuperar o suficiente para voltar. Eu estou pagando todas as contas. Eu simplesmente não precisava disso

agora.” Encarei o pedaço de pão no meu prato. “Você é farmacêutica?”, perguntei, mudando de assunto.

“Sim. Eu trabalho na Bergmans.”

Uma grande rede de farmácias. Ele tinha um bom emprego e era inteligente. Eu não conseguia imaginar ser capaz de entender toda aquela química. Por algum motivo, parecia mais difícil do que ser médico.

"É muita escola", eu disse. "Eu nunca gostei da escola", admiti.

“Ah, é? Do que você gosta?”

Dei de ombros. "Gosto de cozinhar — aliás, desculpe se estou cheirando a sopa."

“Você não cheira a sopa. Na verdade, você cheira bem.”

Fiz uma pausa e olhei para cima.

“Não que eu esteja te cheirando”, disse ele rapidamente. “Foi só quando segurei a porta para você e você passou por mim, eu—”

"Ainda bem que não estou cheirando a sopa", eu disse, contendo um pequeno sorriso.

Ele pigarreou. "Então você vai ser chef de cozinha?"

“Não”, respondi, voltando a olhar para o guardanapo. “Já trabalhei em restaurantes o suficiente para saber que nunca quero cozinhar em uma cozinha.”

“Você fez faculdade?”, ele perguntou.

“Não. Eu fiz um curso de cerâmica uma vez.”

“Então você tem talento artístico”, disse ele, conseguindo de alguma forma fazer com que minha triste educação parecesse interessante.

"Acho que sim. Eu costuro um pouco. Às vezes faço minhas próprias roupas, minhas próprias joias. Cheguei a me dedicar bastante à técnica de quilling em papel e era muito boa nisso, mas não dá para fazer disso uma profissão."

Seu celular vibrou. "Desculpe, aguarde um momento."

Ele leu a mensagem. "É o Mike, perguntando onde estamos."

Eu o observei enquanto ele digitava uma resposta. Ele parecia sério quando estava concentrado. Mais ou menos como ele estava naquela primeira noite.

Eu sabia que Chris era solteiro por causa da curiosidade da minha mãe no carro. Lexi também mencionou isso quando estava fazendo um leilão para ver qual dos amigos me daria uma carona para casa na noite do show. Eu escolhi o Mike, principalmente porque ele sorriu e pareceu menos irritado por ter sido convidado.

Dei uma risadinha ao me lembrar disso. O Mike estava flertando comigo descaradamente e, no meio da paquera, o Chris murmurou algo sobre morar mais

perto da minha cidade do que o Mike. Ele disse isso como se tivesse a obrigação de me informar sobre os detalhes para que eu soubesse exatamente o quanto estava incomodando o Mike.

Optei por causar transtornos ao Mike.

Dois meses atrás, a mãe de Chris tinha acabado de falecer. Acho que eu conseguia entender por que ele estava um pouco deprimido.

Ele ainda estava um pouco moreno. Mas tudo bem. Desta vez, eu não me importei muito.

Provamos o pão de fermentação natural e ambos demos nota nove.

“Deveríamos experimentar o pão pumpernickel?”, perguntou ele.

"Sim."

Nós mordemos ao mesmo tempo e mastigamos, observando a reação um do outro.

Engoli em seco. "E então?", perguntei. "É uma merda?"

“Não. Definitivamente não.”

"Não é? É muito bom. Qual é a sua avaliação?"

“Sinceramente? Dou nota dez”, disse ele.

“Eu também. Nem teríamos tentado isso”, eu disse, deslizando o guardanapo para a minha frente para anotar a pontuação. “Ainda bem que não cedemos à pressão dos colegas.”

"Acho que ficaria bom com alguns ovos", disse ele.

"Sim."

“Vamos pedir um pouco. Experimente.”

Assenti com a cabeça. "Certo."

"Você quer um pouco de bacon? Presunto?", perguntou ele.

"Claro. Presunto parece uma boa ideia."

Ele pediu nossa comida e eu percebi que ele tinha razão sobre o pão — realmente acalmou meu estômago. Acho que eu estava com tanta fome que fiquei enjoada, e agora que tinha comido alguma coisa, estava me sentindo melhor. Na verdade, de repente fiquei faminta.

Quando o garçom retirou nossos pratos vazios trinta minutos depois, percebi que Chris tinha me convencido a tomar um café da manhã completo numa manhã em que eu provavelmente não teria comido nada se dependesse só de mim. Na verdade, agora eu me sentia bem, como se pudesse lidar com o resto do dia.

Eu precisava estar em um café aconchegante tomando um café e comendo na companhia de alguém, não sentada sozinha em uma sala de espera, deixando

tudo se agravar. Chris sabia disso. E eu fiquei muito grata por ele saber.

Mike certamente sabia que Chris faria isso por mim. Enviá-lo foi a maneira que Mike encontrou de cuidar de mim quando ele não podia estar presente. Foi um gesto atencioso e gentil.

Talvez eu não precisasse terminar com o Mike por ele ter me abandonado, afinal.

3

CHRIS

Estávamos voltando para o hospital. Eu carregava um saco grande de papel pardo cheio de pão que tinha sobrado.

Ficamos sentados no café por duas horas conversando sobre livros. Na verdade, discutindo sobre livros.

“Não me importo com o que você diga”, disse ela, tirando o moletom da mochila enquanto caminhávamos. “O filme nunca é tão bom quanto o livro.”

“Existem algumas boas opções por aí”, eu disse.

“Sim, mas a porcentagem é tão baixa que quase não importa. As avaliações precisam comprovar a qualidade. O mesmo acontece com os livros. Só porque está fazendo sucesso nas redes sociais não significa que eu vou ler. Precisa ter boas avaliações. Ou, se alguém em quem confio recomenda, aí eu ignoro as avaliações e leio mesmo assim.”

“E se alguém em quem você confia recomendar e for ruim?” Estendi a mão para pegar a bolsa dela enquanto ela vestia o moletom com capuz.

“Então não confio mais neles”, disse ela, enfiando a cabeça pelo buraco no pescoço.

“Você tem alguém que nunca te decepcionou?”

“Não. Por quê? Você quer me recomendar um livro? Acha que tem o que é preciso?” Ela sorriu.

“Não sei, isso parece um jogo de alto risco. O que você está lendo agora?”, perguntei.

“Você nunca ouviu falar disso”, disse ela, pegando sua mochila.

“Me ponha à prova.”

Ela arqueou uma sobrancelha. "Você lê tanto assim?"

“Sim, eu concordo.”

Você é daquelas pessoas que lê um livro de quinhentas páginas em três horas?

“Na verdade, eu sou uma dessas pessoas”, admiti. “Só que é mais como ler

um livro de trezentas páginas em três horas. Sou rápido, mas não tanto assim.”

Ela me encarou boquiaberta. "Como?"

"Eu simplesmente processo as coisas rapidamente? Não sei. Fiquei mais rápido com o passar dos anos."

“Quantos livros você lê por ano?”, ela perguntou.

“Entre duzentos e trezentos?”

“Chris!”

"O quê?" Dei uma risadinha.

“São muitos.”

“Sim. Eu gosto de ler. Leio em vez de assistir à TV.”

“Certo, agora eu quero que você me recomende um livro.”

"Certo", eu disse. "Você me recomenda um também."

“Ponto Cruz de J. C. Vale”, disse ela sem pensar.

Parei de andar para piscar e olhar para ela. "Você já leu Ponto Cruz?"

Agora era a vez dela de parecer surpresa. "Você leu?"

“Sim.” Meu coração estava acelerado.

"Eu li duas vezes", disse ela. "Eu adorei. Nunca tive ninguém com quem conversar sobre isso."

Cross Stitch era um romance de ficção científica fora de catálogo de 1986. Um exemplar de bolso que encontrei na mesa de cabeceira do meu pai. Foi um dos primeiros livros que me lembro de ter amado quando criança. Senti como se ela tivesse aberto uma porta secreta para a minha alma.

"Onde você conseguiu isso?", perguntei, completamente incrédulo.

“Venda de garagem. Uma senhora tinha uma caixa enorme de livros de bolso antigos. Comprei tudo por cinco dólares.”

“O que mais havia lá dentro?”

Ela apertou o botão da faixa de pedestres. "Coisas muito boas. Você devia dar uma olhada, ver se quer alguma. Mas você tem que devolver quando terminar, porque eu ainda não terminei de ler todos e não leio seis livros por dia."

Dei um sorriso irônico diante da provocação. "Talvez eu possa dar uma olhada quando te deixar em casa?", eu disse.

"Claro."

Nós sorrimos um para o outro.

Ela inclinou a cabeça. "Sabe, na noite em que te conheci, achei que você fosse diferente", disse ela.

Franzi as sobrancelhas. "Diferente como?"

“Você parecia meio irritado(a). Mas não está.”

"Eu fiz?"

"Sim. Tipo, você estava cansada e impaciente para chegar logo em casa. Foi por isso que eu fui com o Mike. Quer dizer, agora que eu sei o que estava acontecendo, eu entendo. Aquela coisa com a sua mãe. Mas você é realmente diferente."

Senti minha expressão mudar um pouquinho. "Eu não me importaria de te levar para casa."

"Como se você não se importasse de vir hoje?" Ela me lançou um olhar brincalhão.

"Não me importei de vir hoje", disse sinceramente. Pelo menos não me importo agora.

O sinal de pedestres acendeu. "E o que você teria feito se eu não tivesse vindo?", perguntei, atravessando a rua com ela.

“Eu teria dado um jeito.”

"Descobriu como?"

"Eu teria deixado minha mãe dirigir até aqui. Aí eu teria aprendido a dirigir com câmbio manual no estacionamento enquanto ela estivesse na sala de cirurgia."

"Sério?", eu disse. "É só aprender a dirigir com a alavanca no estacionamento."

"Você acha que eu não consigo aprender a esgrimir com bastão em três horas? Uma vida inteira pode acontecer em três horas."

Observei-a por um instante. Ela tinha razão. Uma vida inteira podia acontecer em três horas.

Estávamos contornando o hospital pela entrada de serviço quando algo fez barulho perto das lixeiras.

"Você ouviu isso?", disse Larissa, parando.

"Sim, o que era?" perguntei, olhando em volta.

Mais barulho. Depois, um rosnado.

“Tem alguma coisa perto das latas de lixo”, disse ela.

Algo cinzento surgiu das sombras e desapareceu novamente.

“Vou dar uma olhada”, disse ela.

“Hum, não.”

“Quero ver o que é”, insistiu ela.

“É um guaxinim e pode estar com raiva.”

Ela continuou caminhando.

“Larissa, estou falando sério—”

Ela se virou para mim com os braços cruzados. "E se for um gatinho?"

"Está rosnando. E se for cinomose?"

Ela riu, virou-se e continuou andando.

“Larissa!”

Ela me ignorou. Eu me sentei cabisbaixo e corri atrás dela. "Você sabe que são seis doses de vacina antirrábica para mordidas de animais—"

“Ainda bem que já estamos no hospital.”

Então a criatura colocou a cabeça para fora. Nós dois paramos abruptamente.

Era um cachorro pequeno e absolutamente imundo.

Ao nos ver, correu em nossa direção, abanando o rabo curto, e pulou alegremente em nossas canelas.

Ela exclamou, boquiaberta: "Meu Deus! Chris, um cachorrinho!" Ela se abaixou para acariciá-lo, e ele emitiu sons chorosos de empolgação.

Eu me agachei, aliviado por não ser um animal selvagem. "Ei, amiguinho..."

Seu pelo estava ressecado e cheirava muito mal.

Ela olhou de relance para o lugar de onde ele tinha vindo. "Ele estava comendo uma coxa de peru."

Eu nem conseguia identificar a raça, porque o pelo dele estava muito emaranhado. Talvez um Yorkshire ou um Maltês?

O cachorro pulava de um lado para o outro entre nós. Larissa estava perto o suficiente para que eu pudesse sentir o cheiro dela novamente. Tangerinas. Observei-a sorrindo para o cachorro por um instante a mais do que provavelmente deveria. Limpei a garganta e forcei o olhar para longe. Foi então que notei a mancha de água sanitária na manga do seu moletom da Universidade de Minnesota.

"Onde você comprou esse moletom?", perguntei, bagunçando as orelhas do cachorro.

Ela olhou para baixo e disse: "É do Mike."

“Acho que esse é meu…”

Ela piscou para mim por um segundo. Então suas bochechas coraram. "Meu Deus—me desculpe. Eu encontrei na caminhonete do Mike. Eu nem olhei direito —"

Ela já estava tirando os braços das mangas.

“Não, não, guarde por enquanto ou você vai sentir frio. Me dê depois.”

Ela parou, com uma manga vazia pendurada lamentavelmente. "Não consigo."

Eu ri um pouco. "Pode sim. Sério. Só fique com ele. Me dê quando quiser."

Ela parecia mortificada.

"Está tudo bem", eu disse. "Não me importo."

Peguei o cachorro no colo e me levantei. "Posso levá-lo ao Xavier para ver se ele tem microchip."

Suas bochechas ainda estavam rosadas, mas ela colocou o braço de volta na manga. "O que fazemos com ele enquanto isso? Não podemos levá-lo ao hospital."

E então, como se fosse seu sinal para aparecer magicamente, Mike parou sua caminhonete, buzinando. Ele abaixou o vidro. "Ei, finalmente você chegou! Eu consegui!"

Ele engatou o freio de estacionamento da sua F-150 cinza e saltou para fora. Em seguida, veio direto para cima de Larissa e a puxou para um abraço apertado. Dei dois passos para trás para dar-lhes espaço.

"Oi", ele sussurrou, abraçando-a. "Como você está?"

“Ótimo”, disse ela. “Ela está quase saindo da cirurgia. Estávamos voltando.”

Ele se afastou e afastou os cabelos da testa dela.

“Você está se sentindo melhor?”, ela perguntou.

“Ainda não estou 100%, mas eu precisava estar aqui. Trouxe flores para você e para a Nancy na caminhonete.”

Larissa sorriu radiante para ele. "Que fofo."

Ele olhou para mim. "Quem é esse carinha?", perguntou, apontando com a cabeça para o cachorro.

“Nós o encontramos”, disse Larissa.

Mike se aproximou e coçou o queixo do cachorro. "Ele é fofo. Meio nojento, porém." Então olhou para o relógio. "Ei, acho que já podemos ir."

Ele abriu a porta do passageiro. "Entre. Vou te levar até a frente." Fez uma pequena reverência. "Seu carro."

Ela olhou para mim. "Chris, obrigada novamente."

Assenti com a cabeça. "Sim. De nada."

"Você vai levá-lo ao veterinário?", perguntou ela.

"Definitivamente."

"Vou pegar seu número com o Mike. Para saber como ele está."

"OK."

Ela acenou, Mike fechou a porta e ela se foi. Desapareceu atrás dos vidros fumê.

Mike se virou e me abraçou, esmagando o cachorro entre nós enquanto me dava um tapinha nas costas. "Valeu, cara. Você salvou o dia."

"Sim. Sem problema", eu disse com a voz rouca.

Ele me soltou e me segurou pelos ombros. "Você pode ir. Eu cuido do resto."

“Eu poderia voltar depois de levar o cachorro—”

“Não, estamos bem.”

Assenti com a cabeça, mas não me mexi. Por algum motivo, senti como se tivesse sido puxado bruscamente, como se o chão tivesse sumido debaixo dos meus pés.

Virei-me para ir embora. Então parei. "Sabe quando você me perguntou o que poderia fazer para me retribuir por isso?"

“Sim. Qualquer coisa. Pode falar.”

“Tirem o carro dela da oficina.”

Ele olhou para mim como se eu estivesse falando em línguas. "Isso vai custar uns dois mil dólares", disse ele, baixando a voz. "Aquilo está ferrado—"

“Não me importo. Esse é o meu preço para hoje. Ela precisa disso, mas não tem condições de pagar.”

“Quer dizer, eu também não tenho dinheiro para isso—”

“Vá trabalhar para o Tony. Pegue alguns turnos. Ele está sempre precisando de ajuda para os chamados de emergência noturnos. Aceite alguns desses, são horas extras.”

Ele jogou a cabeça para trás e gemeu. "Detesto trabalhar para o Tony. Você sabe disso."

"Eu te acobertou", eu disse baixinho. "Eu menti para você. Faça isso. E se você não fizer, eu farei. E então eu vou contar a ela a verdade sobre por que você não a buscou."

Ele levantou as mãos. "Jesus, tudo bem, tudo bem."

“Vou ligar para ela amanhã para saber como ela está. É melhor que ela já tenha o carro até lá.”

"Tá bom. Deus, por que você está sendo tão babaca?"

“Eu não gosto de mentir para as pessoas. E você deveria ter estado aqui. Este foi um dia ruim para ela. Se você não quer estragar tudo com ela, não estrague.”

Ele não parecia feliz, mas assentiu com a cabeça.

"Estou indo embora", eu disse, ajeitando o cachorro nos meus braços. "Não me ligue para mais nada, a menos que seja depois das dez da manhã. E certifique-se de que ela leve isso para casa", eu disse, entregando-lhe o saco de papel pardo com pão do café.

“Por que você tem tanto pão?”

“Nada de ligações antes das dez”, repeti, me afastando.

"Eu te amo!" ele gritou atrás de mim.

"Sim, sim." Eu o dispensei com um gesto de mão.

Levei o cachorro para casa. Parei no posto de gasolina no caminho e comprei algumas latas de ração. A clínica veterinária do Xavier só abriria dali a uma hora, então decidi dar um trato no cachorro enquanto esperava. Percebi que teria que tosar ele antes de poder lavá-lo, então peguei minha máquina de tosar.

De onde quer que esse cachorro tenha vindo, não era um bom lugar, e já fazia muito tempo que não era. Seu pelo estava coberto de fezes e ele tinha pulgas. Suas unhas estavam tão compridas que estavam curvadas para baixo. Mas ele era um doce. Amigável. Deixou que eu o tosasse e depois tomou banho na pia da lavanderia sem nenhum problema.

Depois de tirar todas as pulgas e pelos, percebi como ele era pequeno. Cinco, talvez seis quilos no máximo. Não era um filhote, apenas minúsculo.

Eu o alimentei, brinquei um pouco com ele. Depois fui me deitar e ele tirou uma soneca no meu peito.

Aquele dia tomou um rumo muito estranho.

Larissa ficou bonita com meu moletom.

E isso eu definitivamente não deveria estar pensando. Me senti mal instantaneamente.

Pedi desculpas mentalmente a ela, levantei-me e dirigi até a casa de Xavier.

Xavier se mudou para a Califórnia com a esposa no ano passado. Não o víamos com frequência, mas ele esteve na cidade por algumas semanas para substituir Hank, o veterinário que administrava seu hospital veterinário em Minnesota, enquanto Hank se recuperava de uma cirurgia de substituição do joelho. Foi ótimo poder passar um tempo com meu amigo novamente, principalmente com tudo o que eu estava passando.

“Yorkie. Talvez uns quatro ou cinco anos”, disse Xavier. “Sem microchip. Provavelmente veio de uma situação de acumulação de animais. Ele não é arisco o suficiente para ser de um canil clandestino. Acabaram de resgatar trinta cães de uma casa perto de onde você o encontrou. Aposto que ele era um dos que estavam perdidos.”

“Ele está saudável?”

“Considerando”, disse ele secamente. “Ele tem queimaduras de urina nas patas. Ele tem vermes. Vamos tratar isso agora e cortar as unhas dele. O teste de dirofilariose deu negativo, então isso é bom. Ele pode ganhar meio quilo ou um quilo.” Ele tirou as luvas e as jogou no lixo. “O que você vai fazer com ele?”

Balancei a cabeça negativamente. "Não sei. Você conhece algum abrigo para

animais?"

“Eu sei muita coisa, mas eles estão bastante sobrecarregados agora. A melhor coisa que você pode fazer é mantê-lo.”

Eu ri um pouco. "Não posso ficar com ele."

Ele cruzou os braços e se apoiou na mesa de exame. "Por que não?"

"Hum, porque eu trabalho?"

Ele acenou com a cabeça para o cachorro. "Você acha que esse cachorro ficar sozinho em casa dormindo em uma chaise por oito horas é pior do que a situação de onde ele veio? Você viu os abrigos agora? Eles nem têm gaiolas. Os cachorros estão enfileirados no corredor, empilhados em caixas."

Passei a mão pela boca. "Eu não sei..."

"Olha, leve-o para casa. Pergunte por aí, publique nas redes sociais, talvez alguém o queira. Ninguém vai querer esse cachorro. Você é tudo o que ele tem."

Tudo o que ele tem…

Um órfão. Olhei para aquela criaturinha e fiquei em silêncio.

Xavier me olhou como se soubesse o que eu estava pensando.

Talvez ele tenha feito isso.

“Você está bem?”, perguntou ele.

“Sim. Tudo bem.”

Senti que ele me analisava. "Ela era uma boa mulher, Chris."

Assenti com a cabeça, mas não consegui olhar para ele. "Ela realmente era."

Mesmo que eu não a conhecesse como pensava.

Meu celular emitiu um sinal e eu o peguei. Era Larissa.

Posso ir aí ver o cachorro e entregar seu moletom?

Dei um pequeno sorriso ao olhar para o telefone.

Hoje foi a primeira vez em muito tempo que me senti normal. Ou pelo menos a primeira vez que não pensei na minha mãe por um período suficientemente longo para ser considerado.

A forma como terminou. Como.

Meus pais me tiveram já em idade avançada. Meu pai tinha 83 anos quando faleceu de ataque cardíaco há quatro anos, e minha mãe completaria 79 anos este ano. Mantive a situação vaga quando contei aos rapazes que ela estava morrendo, mas acho que Xavier tinha uma ideia do que havia acontecido. Ele era médico, sabia o suficiente para deduzir a verdade, mesmo que eu não tivesse dito

explicitamente. Eu não mencionei nada e ele não me perguntou. Fiquei feliz. Porque eu não estava pronta para falar nada disso em voz alta. Pelo menos não fora da terapia e do grupo de apoio ao luto que eu frequentava.

Fiquei olhando para a mensagem de Larissa perguntando se ela podia vir ver o cachorro.

Essa era a mulher com quem meu melhor amigo estava saindo, e eu e a Larissa não éramos próximas o suficiente para ela vir aqui em casa assim. Talvez se o Mike viesse com ela, ela pudesse dar uma passadinha para ver o cachorro. Trazer o moletom para mim. O mesmo valia para os livros que ela queria que eu desse uma olhada. Talvez se eu tivesse sido quem a deixou lá hoje, como tínhamos combinado, não seria estranho entrar na casa por um segundo e dar uma olhada nos livros de bolso que ela ofereceu.

Mas não foi isso que aconteceu.

Eu: Venha com o Mike na próxima vez que ele vier aqui.

Desliguei a tela e guardei o celular.

Levamos o cachorro para ser tratado e eu voltei para casa.

No dia seguinte, entrei em contato com o Mike novamente. Ele pagou o carro da Larissa, como eu havia pedido. E alguns dias depois, eles oficializaram o relacionamento.

4

LARISSA

"Conversei com um advogado", eu disse, colocando dois comprimidos de ibuprofeno na mão boa da minha mãe.

"Quando?" Ela virou os comprimidos e os engoliu com seu refrigerante diet.

“Ontem. Contratá-la me custaria mais do que eu receberia processando-o por isso.”

Ela balançou a cabeça. "Não me surpreende. Ele é um filho da puta, recorreria de qualquer maneira, mesmo que você ganhasse a causa."

Fui pegar minhas roupas para lavar no meu quarto.

"E então, o que você vai fazer?", ela gritou do corredor.

Dei de ombros. "Continuar negociando com as operadoras de cartão de crédito?", perguntei. "Espero que elas assumam o controle e quitem meu saldo. Provavelmente vou acabar pagando tudo sozinha", murmurei, levando minhas roupas para a sala de estar.

“Você poderia entrar com um pedido de falência.”

"E arruinar meu crédito pelos próximos sete anos? Não vou conseguir alugar um apartamento, comprar uma casa, comprar um carro. Se eu me matar de trabalhar, consigo quitar tudo em doze meses. Vai ser uma droga, mas pelo menos vou salvar meu futuro."

Ela suspirou. "Oh, querido, sinto muito que ele tenha feito isso."

“Não é sua culpa”, eu disse, jogando minha cesta na mesa de centro. “Eu poderia ter pago pelos alertas de crédito, mas não quis gastar o dinheiro.”

“De qualquer forma, não teria adiantado. Ele carregou muito rápido. Te dou o que eu puder quando voltar a trabalhar.”

"Obrigado."

Ela tirou os cigarros debaixo da minha pilha de roupas. "Enquanto isso, você precisa ir para algum lugar com bar. As gorjetas são muito melhores."

“Mãe, não suporto bêbados”, eu disse, dobrando uma das minhas calças de

trabalho. “E estou cansada de trabalhar até o sol se pôr. Se eu tiver que trabalhar doze horas por dia, pelo menos que sejam as doze horas que eu prefiro.”

"Acho que sim", disse ela enquanto se levantava para ir ao pátio.

Ela ficou parada onde sempre ficava quando queria conversar comigo enquanto fumava. Com o batente da porta entre as omoplatas, a porta de correr perto do peito, uma mão dentro do apartamento e a outra, que segurava o cigarro, do lado de fora.

“Como estão as coisas com o Mike?”, perguntou ela, acendendo o isqueiro.

"Bom."

“Ele me lembra meu namorado do ensino médio — já te contei do Brady?” Ela soltou a fumaça. “Nossa, como eu queria ter casado com ele. Ele é corretor de imóveis agora. A gente podia estar morando num lugar legal.”

"Eu queria que você também tivesse se casado com ele", murmurei, engasgando com as meias.

"É, depois que o leite derrama, tudo fica mais claro. Enfim. O Mike é bom mesmo. E tem uma bunda bonita também."

Lancei-lhe um olhar. "Mãe."

“O quê? Aproveite agora. Eles só ficam mais macios com a idade, e não estou falando só dos músculos.” Ela soltou a fumaça lá fora. “O Chris também não é nada mal.”

“Sim, ele era legal.”

Ele estava mesmo. Ele vinha me deixando mandar mensagens com perguntas sobre os medicamentos desde a cirurgia da minha mãe na semana passada. Mas ele nunca veio buscar nenhum livro. Eu ofereci duas vezes.

Eu ainda tinha que devolver o moletom dele. Acho que eu poderia simplesmente dar para o Mike, mas aí teria que admitir por que o peguei, o que seria constrangedor. Talvez eu devesse deixá-lo na casa do Mike? Ou na caminhonete dele? Jogá-lo no mesmo lugar onde o encontrei?

“Sabe, com essa sua aparência, você conseguiria um médico ou algo assim”, disse minha mãe, batendo o cigarro no cinzeiro que mantinha em cima do balde de tinta virado para baixo no pátio. “Você devia arrumar um emprego naquele bar perto do hospital. Tem muitos cirurgiões lá. Alguém que possa te tirar de uma situação como essa.”

"Não quero que nenhum homem me tire de enrascadas", eu disse. "Eu mesma me viro."

"Ah, é? É por isso que você deixou o Mike pagar o carro?" Ela fez um biquinho, como se tivesse me pegado.

Lancei-lhe um olhar fulminante. "Você acha que eu gostei que o Mike tivesse que pagar pelo carro? Eu tinha um plano para isso, lembra? Meu reembolso do imposto de renda?"

Em vez de me responder, ela deu outra tragada no cigarro.

“Eu disse para ele não fazer isso, mas ele foi até a loja e pagou mesmo assim”, eu disse. “Acredite, eu não queria que ele fizesse isso. Ainda me sinto mal por isso e vou reembolsá-lo.”

"Ah, deixa ele pagar." Ela acenou com a mão, dispensando-me. "Provavelmente faz ele se sentir bem. E não é bom deixar alguém cuidar de você?"

Foi uma sensação agradável.

Mas eu tendia a não confiar nisso. Principalmente vindo de homens.

"Então, quando vocês dois vão oficializar o namoro?", ela perguntou.

“É oficial”, eu disse, dobrando uma toalha.

Ela arqueou uma sobrancelha. "Sério? Então você gosta tanto assim dele?"

Dei de ombros. "Não quero namorar mais ninguém e ele também não. Vamos ver no que dá. Se é que vai dar em alguma coisa."

Ela assentiu com a cabeça, olhando para o monte de lixo atrás do nosso prédio. Havia um cemitério de cadeiras de piscina velhas que alguém tinha empilhado e deixado ali para apodrecer a menos de três metros da nossa porta de vidro deslizante. Parecia uma exposição de arte para mofo preto.

Eu odiava estar aqui.

Observei minha mãe, parada ali fumando. Ela parecia... velha. E não no sentido da idade — ela parecia velha de uma forma desgastada.

Eu não queria acabar como ela. A ideia me aterrorizava.

Acho que foi por isso que aceitei o emprego no Donna's. O restaurante onde eu trabalhava queria me transferir do turno do almoço para o bar. Seria mais dinheiro, tecnicamente era uma promoção, mas para mim parecia que eu estava me aproximando cada vez mais do turno da madrugada no bar do Buckaroo Bill's, onde minha mãe trabalhava. Como se, quando eu finalmente chegasse lá, alguma porta de gaiola se fechasse atrás de mim e eu ficasse presa para sempre. Servir mesas não seria minha carreira. Era só um jeito de pagar as contas até conseguir sair. Aceitei o emprego no Donna's em um momento de pânico, como se talvez isso retardasse o processo de eu me tornar igual à minha mãe.

A realidade era que eu provavelmente me tornaria minha mãe de qualquer maneira. Ela se tornou a dela. Acho que a única coisa que eu tinha a meu favor era a autoconsciência do caminho que eu estava trilhando, o que ou me ajudaria

ou tornaria tudo muito mais deprimente quando eu não conseguisse sair dele.

Alguém bateu na porta. Larguei minhas roupas e olhei pelo olho mágico. Lexi.

Desapertei a fechadura e passei a corrente pela porta. "Ei", eu disse.

“Ei. Você sabe que sua rua é meio assustadora, né?”, disse ela, entrando.

Fechei a porta. "Não é."

“Há buracos de bala na sua caixa de correio”, disse ela, largando a bolsa no balcão da cozinha. “Olá, Sra. S.”

Mamãe acenou e se inclinou para apagar o cigarro no cinzeiro.

"Onde você esteve, querida?", perguntou a mãe, entrando em casa.

“Ocupado. E você?”

"Ótimo", disse a mãe. "Está namorando."

Parei para olhá-la. "Com quem você está namorando?"

“Filipe.”

“Phil quem?”

Ela me ignorou.

"Flannel Phil?" perguntei. "Pensei que ele tivesse pegado dinheiro emprestado de você e não pagou de volta."

Ela se borrifou com um spray corporal de framboesa. "Ele me pagou de volta."

"Quando?"

“Não sei. Há algumas semanas?” Ela não estava fazendo contato visual.

Lancei-lhe um olhar. "Mãe..."

"O que?"

"Flannel Phil", eu disse, sem demonstrar nenhuma emoção. "Aquele cara do bar que fica tão bêbado que você precisa ligar para o filho dele duas vezes por mês para que ele venha buscá-lo."

"E daí?" Ela foi até a cozinha e pegou outra Coca-Cola Zero na geladeira. "É responsável ele não dirigir quando está assim."

"Seria se ele estivesse sóbrio o suficiente para chamar o motorista."

Ela se jogou no sofá. "As coisas não estão exatamente se encaixando, Larissa. Você vai se casar um dia e me deixar. Eu não quero ficar sozinha. Quero um homem. Estou cansada de desmontar minhas próprias caixas. Quero alguém para desenterrar meu carro da neve."

“Mas Phil? Mãe. Saiba o seu valor.”

Lexi respirou fundo, soltando um suspiro. "Não sei. Às vezes a gente tem que fazer uma promoção relâmpago, sabe o que eu tô dizendo?"

Lancei-lhe um olhar fulminante. "Lexi!"

Ela deu de ombros, sem demonstrar qualquer remorso.

Voltei-me para minha mãe. "Mãe, você não está se ajudando em nada namorando outro pai."

Ela acenou com a lata. "Ele está me levando para jantar e beber vinho. Estou deixando ele me levar ao cassino, ele está pagando. Não vejo problema nenhum. E ele me deu aquele dinheiro, só que demorou algumas semanas. Ele tinha um negócio para fechar. Só precisava esperar o cheque." Ela tomou um gole do refrigerante. "Não existe homem perfeito. Todos eles têm algum defeito, acredite. Você tem que aceitar o bom e o ruim."

“Não pretendo fazer isso. Não vou lidar com os problemas de ninguém”, eu disse, voltando a enrolar as meias.

“Certo. Que bom para você. Espero que não.”

"Quer que eu o conheça?", perguntou Lexi. "Sou excelente em julgar o caráter das pessoas. Consigo identificar um narcisista a quilômetros de distância — a menos que eu sinta atração por ele, aí sou legalmente cega."

Eu emiti um som de divertimento.

“Sim, você pode conhecê-lo”, disse a mãe. “Fique à vontade. Acho ele ótimo.” Ela colocou os pés em cima da mesa de centro e ligou a TV. “Ai, droga”, murmurou. “Será que esquecemos de pagar a TV a cabo?”

Virei-me para olhar para a tela. Havia uma notificação informando que não tínhamos assinatura desse serviço de streaming.

“A gente não estava pagando pela TV a cabo, lembra? Você estava usando a senha daquele cara”, eu disse.

“Ah, é verdade. Ele deve ter nos expulsado. Pergunte ao Mike se você pode ficar com o dele.”

“Não vou perguntar isso a ele. É constrangedor.”

“Então pergunte ao Chris.”

“Um não ainda mais categórico. Por que você não pergunta ao Phil?” Eu pisquei para ela.

Ela pousou a lata, pegou o celular e começou a digitar. Um minuto depois, uma resposta chegou. "Consegui." Ela deu um pulinho de alegria enquanto digitava o login. "O que a gente vai assistir? Ah, tem aquele novo do Josh Brolin. Ele me excita — acho que o Phil se parece um pouco com ele, o que você acha?"

Dei uma risadinha discreta. Não.

Meu celular vibrou. Era o Chris.

Enviei para sua mãe, mas caso você perca, aqui está a senha.

Encarei a mensagem, horrorizada. "Mãe!"

Ela olhou para mim com um olhar inocente. "O quê?"

Você mandou uma mensagem para o Chris pedindo o login dele?

Ela deu de ombros. "Ele ficou feliz em ajudar. Obviamente."

Senti minhas bochechas arderem.

"Sabe, nem todo mundo precisa saber o quão quebrados estamos", eu disse, jogando a cesta no tapete e enfiando tudo dentro dela.

"Como é que dar uma lição numa empresa multibilionária é deixar todo mundo saber o quão falidos estamos?", disse ela, colocando a última parte entre aspas.

"Você podia pelo menos ter mandado uma mensagem para o Mike", eu disse, pegando minha cesta e indo para o meu quarto.

“Eu só tenho o número do Chris”, ela gritou atrás de mim. “Você está exagerando!”

Parei e me virei. "Espere. Por que você tem o número do Chris?"

“Eu peguei a mensagem do seu celular. Eu tinha uma pergunta e você estava no banho.”

“Que tipo de pergunta…”, eu disse lentamente.

Ela deu de ombros. "Eu estava constipada por causa do Oxy que me deram."

Olhei para ela horrorizada. "Você não podia ter pesquisado isso no Google? Mãe!"

“O quê? Ele é farmacêutico. Como se nunca tivesse recebido uma mensagem dessas antes—”

"Meu Deus." Eu queria morrer. "Eu o conheço há cinco segundos", eu disse.

“Bem, você estava fazendo perguntas a ele—”

“Eu estava perguntando se você poderia tomar um Motrin e um Aleve juntos, porque só tínhamos um de cada. Eu não estava perguntando sobre sua obstrução intestinal.”

Ela deu de ombros novamente. "Qual é o problema? Você não manda mensagem para seus amigos pedindo ajuda?"

“Ele não é meu amigo!”

Levantei a mão em sinal de rendição e fui para o meu quarto.

Larguei minha cesta no armário, sentei na cama, coloquei o rosto entre as mãos e tentei respirar fundo para conter a vergonha.

Eu sabia que ela tinha razão — em parte, era apenas sensibilidade da minha parte. Mas em parte, era outra coisa.

Mike e seus amigos eram diferentes de mim, da minha mãe e da Lexi. Não eram o tipo de gente com quem costumávamos andar. Eram o tipo de gente para quem pessoas como nós serviam. Xavier é veterinário e tem duas clínicas, Jesse é gestor de patrimônio e se formou em Cornell, e sua namorada, Becca, é advogada. Mike mora na casa de hóspedes atrás da mansão de Donna e Tony em Edina. Dava para colocar dez dos meus apartamentos no apartamento do Mike.

Eu mal me sentia à vontade perto deles, quanto mais pedir-lhes caridade. Nem mesmo coisas pequenas. Talvez do Mike, mas definitivamente não do Chris, com quem eu só tinha saído uma vez e que nem sequer veio buscar os livros gratuitos que eu lhe ofereci. Tínhamos uma relação educada, de conhecidos, não do tipo "Posso usar seu serviço de streaming?".

Mamãe não tinha vergonha. Então eu tinha vergonha por nós duas.

Olhei para a mensagem que ele enviou e senti meu rosto esquentar.

“Larissa, vem assistir TV com a gente. Para de fazer palhaçada”, gritou a mãe.

Soltei um suspiro pelo nariz. Depois digitei "Obrigado" e fechei a porta.

5

CHRIS

Jesse e eu estávamos sentados no estacionamento, dentro do meu carro, com meu cachorro, do lado de fora do centro cirúrgico, esperando por Mike e Xavier.

Mike ia extrair os dentes do siso. Ele tinha trinta anos. Jesse vinha zombando dele havia uma semana.

Eu estava bem. De melhor humor do que nos últimos meses. Acho que foi por causa do cachorro.

Ele me ofereceu companhia quando eu não estava com vontade de ficar perto de outras pessoas. Ele era amigável e gentil.

Ele fazia uma coisa todas as manhãs: me acordava rastejando pelo meu edredom, arrastando as patas. Você não imaginaria que ser "acariciado" por um Yorkshire às 7 da manhã seria bom para o moral, mas era tão engraçado que me fazia rir todas as vezes. Acho que nunca conheci um cachorro mais peculiar. Ele era um pequeno alpinista. Gostava de subir no balcão da cozinha para pegar petiscos, então eu tinha que mover todos os bancos do bar, e tinha um instinto predador insaciável que usava para me trazer coisas mortas. Na primeira vez que o deixei sair no quintal, ele matou um rato, trouxe para dentro e deixou na cama. Dois dias depois, o encontrei comendo a cabeça de um coelho no sofá. Acho que uma coruja a deixou cair no gramado. Ele rondava o quintal como um pequeno velociraptor. Eu gostava dele.

Infelizmente, achei que não conseguiria ficar com ele.

Ele não era treinado para fazer as necessidades no lugar certo e eu não estava em casa o suficiente para ensiná-lo. Ele não conseguia segurar quando eu saía o dia todo, rasgava tapetes higiênicos e fraldas quando ficava sozinho, e colocá-lo na caixa de transporte não estava funcionando. Ele fazia as necessidades lá fora se fosse levado para passear regularmente, mas isso não era viável com os meus turnos. Eu não sabia o que ia fazer.

Ele sentou no meu colo, com as patas no volante, observando o estacionamento com sua camiseta da Doglet Nation e uma fralda, rosnando para as pessoas que passavam.

“Que gentileza do Xavier ter entrado em contato”, disse Jesse, digitando uma mensagem no celular.

"Sim."

"O que você acha de irmos vê-lo?", perguntei, olhando para ele.

“Claro. Mas no inverno. Em janeiro, vou dar o fora daqui assim que puder.” Ele ergueu os olhos. “Então, como é a Larissa? Ouvi dizer que você saiu com ela semana passada.”

Dei de ombros. "Ela é legal. Eu gosto dela."

“A Becca também gosta dela. Acho que o Mike está apaixonado.”

“Acho que você tem razão.”

"Ouvi dizer que ele pagou uns dois mil dólares para tirar o carro dela da oficina."

“Sim, ele fez.”

"Ele disse que teve que desentupir banheiros no Mall of America por umas três horas para conseguir fazer isso."

"E ele não parou de falar sobre isso", murmurei.

Contanto que ele não reclamasse disso para Larissa.

Eu também gostava dela. Ela era engraçada, inteligente e interessante — e diferente das mulheres com quem o Mike costumava namorar.

Fiquei pensando se era esse o objetivo.

Eu nunca o tinha visto tão apaixonado por alguém — e agora que a conhecia, eu entendia. De verdade.

As portas automáticas do prédio se abriram e Jesse se sentou. "Lá vêm eles."

Xavier estava empurrando Mike em uma cadeira de rodas. O maxilar de Mike estava enfaixado e ele tinha gaze pendurada na boca.

Saí do carro e abri a porta traseira do lado do passageiro. "Como você está se sentindo?", perguntei.

Mike olhou para mim como se não soubesse quem eu era. "Por que você está aqui?", perguntou ele, arrastando as palavras enquanto mexia no algodão.

"Como se eu fosse sentir falta disso?"

Ele estava tão fora de si que mal conseguia ficar em pé. Xavier e eu tivemos que praticamente carregá-lo da cadeira até o carro.

"Onde está Laritha?", perguntou Mike enquanto Xavier e eu o ajudávamos a entrar no banco de trás.

“Você disse para ela não vir, lembra?” disse Jesse, virando-se para falar com ele do banco da frente. “Você disse que não queria parecer um esquilo na frente dela.”

Xavier deu uma risadinha e fechou a porta. Ele me entregou a sacola de remédios do Mike. "Obrigada", eu disse. "Você vem aqui?"

“Não. Vou levar o almoço para o Hank.”

“Você está perdendo a melhor parte.”

Ele soltou uma risada abafada.

“Vamos gravar tudo”, disse Jesse.

“Quando você vai para casa?”, perguntei.

“Vou ficar mais uma semana”, disse Xavier, olhando para o relógio.

“Certo. Vamos jantar juntos antes de você ir embora.”

Me despedi do Z. Quando voltei para o carro, o Mike estava dormindo encostado na porta com a boca aberta e meu cachorro no colo. Ele estava babando e o Jesse estava tirando uma foto.

"Droga, eles acabaram com ele", disse Jesse, recostando-se na cadeira.

“Eu tinha me esquecido de como essa cirurgia é ruim”, eu disse, colocando o cinto de segurança. “Quantos eles tiraram?”

“Três. Quanta anestesia você acha que eles precisaram para nocautear aquele grandalhão?”

"Bastante."

Mike era um cara grande. Um metro e noventa, enquanto eu tinha um metro e setenta e oito, e era musculoso. Ele era personal trainer.

"Provavelmente o atingiram com um tranquilizante para elefantes", disse Jesse. "Ei, Mike!", gritou ele.

Mike levantou-se de repente, com uma expressão confusa.

"Você está pronto para a maratona?", perguntou Jesse.

Mike olhou em volta com os olhos semicerrados. "O quê?"

“A maratona. Você se inscreveu há meses. Vamos começar em vinte minutos.”

“Estamos executando um… Eu não tenho meus protetores auriculares.”

"Você vai ter que fazer isso sem eles", disse Jesse. "Os órfãos estão contando com você."

“Órfãos?”

“Os órfãos!” gritou Jesse. “Toda a renda vai para o orfanato! Se organizem!”

Eu estava tentando não rir.

Meu celular tocou assim que liguei o motor. Era a Larissa.

Como está o Mike?

A última mensagem dela foi "Obrigada", depois que eu dei a ela minha senha de streaming. A mãe dela pediu. Foi meio estranho.

Digitei uma resposta.

Eu: Tudo bem. Só estava perguntando sobre você.
Larissa: Ele não me deixa ir lá.
Eu: Ele está bem perturbado. Nós vamos cuidar dele.

"Quem é esse?", perguntou Jesse.

“Larissa.”

“Que fofo, manda uma foto para ela”, disse Jesse.

“Não vamos fazer isso”, eu disse, colocando meu celular no porta-copos.

"O quê? Cara, qual a graça se a gente não pode zoar com ele?"

"Ele não queria que ela o visse assim, então ela não vai vê-lo", eu disse, começando a dirigir para casa.

Jesse fez um som de desapontamento. Então, se remexeu no assento com o celular gravando. "Diga oi, a maratona está sendo televisionada."

Mike parecia estar com o olhar perdido.

"Pare com isso", eu disse.

"Você acha que os Sheths vão se orgulhar de mim?", perguntou Mike do banco de trás. "Por causa dos Orpnaths?"

Jessie bufou.

"Quem?", perguntei, olhando para ele pelo retrovisor. "Larissa?"

"Sim."

"Ela vai, se você correr rápido o suficiente", disse Jesse.

"Preciso me alongar", disse Mike por cima da gaze.

“Sim, definitivamente, alongue-se. Não podemos deixar você lesionar a coxa”, disse Jesse. “Você treinou para este momento a vida toda.”

“A Laritha vai estar lá, né?”, perguntou ele.

“Ah, sim”, disse Jesse. “Todo mundo vai estar lá. Até o papa.”

Mike assentiu com a cabeça, como se aquilo fizesse todo o sentido.

"Mike?" perguntei, olhando para ele pelo retrovisor. "Você está sentindo alguma dor?"

“Não acho que seja assim.”

"Vou tocar isso no casamento dele", disse Jesse, ainda gravando.

"Você acha que ela vai casar comigo?", perguntou Mike. "Eu gosto muito dela. Vocês também gostam dela?"

“Larissa? Ela é ótima”, eu disse.

"Bom demais para você", disse Jesse.

"Vai se foder", murmurou Mike do banco de trás.

"Deveríamos dar algo para ele comer?", perguntou Jesse, olhando para mim.

“Comprei algumas coisas para ele. Ele não pode comer nada que precise mastigar.”

Jesse se remexeu na cadeira mais uma vez. "Mike, você quer um pouco de comida para bebê?"

Mike levantou o dedo do meio e Jesse riu e recostou-se no assento.

Quando trouxemos o Mike para casa, o Jesse me ajudou a colocá-lo na cama e depois saiu para encontrar a Becca para almoçar. Inicialmente, eu também planejava ir embora, mas decidi ficar. Ele não estava com dor, mas estava meio grogue. Eu queria ter certeza de que ele estaria em condições de tomar os remédios quando precisasse, principalmente nas primeiras horas após a sedação, quando ele poderia estar muito sonolento para tomar as coisas no horário certo. Gostaria de ter pensado nisso antes, porque não havia nada para fazer enquanto eu esperava. A casa do Mike estava impecável como sempre, não havia nada para limpar. Eu estava sentada na sala de estar com o cachorro no colo, folheando a revista Men's Health, o único material de leitura em toda a casa.

Eu bem que poderia ter usado um daqueles livros que a Larissa me ofereceu agora mesmo.

Havia um suéter pendurado no encosto de uma das cadeiras da sala de jantar. Um suéter feminino. Provavelmente dela. Fiquei pensando em quanto tempo ela passava ali.

É engraçado porque, na minha cabeça, ela existia independentemente dele. Eu passava horas com ela quando ele não estava por perto. Eu sabia que eles estavam namorando, mas não fazia muito sentido porque eu nunca os tinha visto juntos e também não conseguia imaginar como seria.

Mike e eu nunca tivemos o mesmo gosto para mulheres. Para ser sincera, Larissa era mais o meu tipo do que o dele.

Ela gostava de ler, ele não. Ela era artística, ele não. Provavelmente ele não conseguiria impressioná-la com as coisas que normalmente usava para impressionar mulheres — e essas coisas eram impressionantes. Mike ganhava medalhas de corrida. Ele conseguia levantá-la no supino. Aliás, ele conseguiria

me levantar no supino.

Mike geralmente preferia mulheres atléticas. Sylvia, seu relacionamento mais longo antes de Larissa, era instrutora de dança. A última mulher que ele nos apresentou dava aulas de Pilates. Ele gostava de pessoas com quem pudesse andar de bicicleta, treinar e correr as mesmas provas que ele. Larissa não me parecia o tipo de pessoa que participaria de corridas de rua. Os dois juntos pareciam estranhos.

Mas ele gostava dela. Muito. E eu definitivamente conseguia entender o porquê. Conseguia entender por que ela também gostava dele. Quem não gostava?

Mike era o carismático do nosso grupo. Se ele tinha alguém em vista, ninguém mais tinha chance. Principalmente eu.

Eu não era charmoso nem confiante como ele. Mesmo nas circunstâncias mais ideais, eu nunca seria o melhor em me vender e vender meus serviços de transporte por aplicativo para uma linda desconhecida — e definitivamente não para ele. Eu não tinha magnetismo. Eu não iluminava o ambiente. E naquela noite eu estava triste, cansado e, sim, um pouco irritado. Quando finalmente parei na frente dela naquele show, eu estava exausto e só queria ir para casa. Mas eu queria tê-la levado.

Eu odiei que "irritável" tenha sido a primeira impressão que ela teve de mim. Eu parecia um ogro ou algo assim, franzindo a testa para aquela linda garota descalça.

Não sei por que isso me incomodou tanto.

Fechei a revista e a joguei na almofada ao meu lado, pensando se deveria tirar um cochilo quando alguém começou a tentar abrir a porta da frente.

Levantei-me pensando que seria Donna ou talvez Janessa, a irmã de Mike, vindo ver como ele estava.

Era Larissa.

“Ah. Oi”, eu disse, piscando para ela.

Ela estava ali parada com a chave reserva do Mike, que estava no vaso de plantas, e uma sacola de papel pardo transbordando de compras.

“Não sabia que você ainda estaria aqui”, disse ela, colocando a bolsa no quadril.

“Deixe-me atender”, eu disse.

Ela me deixou levar as compras e entrou logo atrás de mim, com meu cachorro latindo animadamente aos seus pés.

"Ele te mandou mensagem para você vir aqui?", perguntei, indo em direção à

cozinha.

“Não. Eu simplesmente não me senti bem em deixá-lo sozinho em casa”, disse ela, fechando a porta da frente. “Eu não sabia que você estaria aqui.” Ela sorriu para os próprios pés. “Aqui está ele!” O cachorro estava pulando, e ela o pegou no colo. “Oh, olha só para você! Tão bonito com esse corte de cabelo novo.”

Ela riu enquanto ele lambia o rosto dela e eu sorri.

Ela o estendeu. "Por que a fralda?"

"Ele não está habituado a fazer as necessidades no lugar certo", eu disse, colocando as compras no balcão.

Ela o puxou para perto e o embalou como um bebê. "Está tudo bem, porque você é muito inteligente e vai aprender. Sim, você vai." Ela olhou para mim. "Qual será o nome dele?"

“Nada. Não posso ficar com ele.”

Seu rosto se fechou. "Por quê?"

“Eu trabalho o dia todo, e ele precisa passear regularmente para aprender a fazer as necessidades no lugar certo.”

“Você não pode treiná-lo para usar a caixa de transporte?”

“Eu tentei. Ele faz cocô na caixa.”

“Experimente um menor.”

"Comprei uma em que ele mal consegue se virar. Provavelmente ele ficava muito tempo em uma. Ele não se importa de ficar em pé nela. Acho que ele já se acostumou."

Ela olhou preocupada para o cachorro. "Para onde ele vai?"

“Não sei. Preciso encontrar alguém. Talvez tenha que ser o abrigo.”

Você perguntou ao Mike?

"A Donna não gosta de cachorros aqui. Eu só o trouxe porque precisei", eu disse.

Ela mordeu o lábio. "Bem, e se eu ajudasse? Você poderia cuidar dele com ajuda? Se você se sentir à vontade, eu poderia ir aí depois do trabalho para passear com ele. Saio ao meio-dia. Posso estar aí às 12h30. É mais ou menos no meio do seu turno, certo? E posso ficar com ele nos meus dias de folga. Meu prédio não permite cachorros, mas se eu ficar só de olho nele por um ou dois dias, eles não vão notar."

“Não posso te pedir para fazer isso—”

“Não tem problema nenhum. Eu adoro cachorros”, disse ela rapidamente. “Eu teria um se meu senhorio deixasse.”

Ela e o cachorro olharam para mim com aqueles olhinhos pidões e eu não sei o que foi, mas achei que não conseguiria dizer não para ela.

"E se fizermos um teste?", eu disse. "Tentamos por algumas semanas."

Seu rosto inteiro se iluminou. "Sério?"

“Sim. Claro.”

O jeito como ela sorria me fez sentir como se eu tivesse ganhado um prêmio.

“Então, como vamos chamá-lo?”, perguntou ela.

Cocei a orelha dele. "Não sei. Duende do Lixo?"

Ela me lançou um olhar brincalhão e carrancudo.

“E quanto a Woofarine?”, perguntou ela.

"Woofarine", respondi com a maior naturalidade.

“Sim, ele é meio durão.”

"Eu não teria problema nenhum com Woofarine."

Ela sorriu radiante.

Eu a observei beijar o cachorro alegremente e percebi que me senti aliviado.

Eu não queria desistir dele. Por mais que os acidentes em casa estivessem me enlouquecendo, eu tinha que admitir que ele tinha me tirado da fossa na última semana. Era difícil ficar deprimida quando alguém estava tão feliz em me ver — mesmo que estivesse fazendo cocô por todo lado.

Larissa deu mais um último carinho em Woofarine e depois o colocou no chão.

“E então, como está o Mike?”, perguntou ela.

"Dormindo", eu disse. "Convencido de que ele precisa correr um Ironman hoje."

Ela riu. "O quê? Por que ele pensaria isso?"

“Jesse.”

“Ahhh. Ele não resistiu, né?”

“Não, definitivamente não.”

Ela tirou o casaco e o jogou por cima do suéter que já estava na cadeira. "Acho que devo ir ver como ele está", disse ela.

“Hum, na verdade, acho que ele não queria que você o visse assim”, eu disse.

“Hum. Bom, você vai ter que me derrubar para me tirar de lá, então…” Então ela me contornou e foi em direção ao quarto dele.

Sorri para ela. Tive que reconhecer sua tenacidade.

Ela voltou um minuto depois.

“Ele está realmente inconsciente”, disse ela.

“Ele disse alguma coisa para você?”

"Algo sobre ingerir carboidratos antes da corrida?" Ela apontou com o polegar para o ombro. "Eu ia fazer uma sopa para ele. Você está com fome?"

“Do zero?”

"Sim."

Tecnicamente, eu poderia ir embora agora que ela estava aqui. Mas eu gostei muito da sopa.

"Claro."

Ela me fez picar cebolas.

“Que tipo vamos fazer?”, perguntei, chorando.

"Carne vegetariana", disse ela enquanto cortava as cenouras.

“Normalmente precisa de tanta cebola assim?”

“Não. Estou fazendo uma receita tripla. Congelo uma parte para depois e vendo o resto.”

“Para quem?”

Ela deu de ombros. "Uma senhora do meu prédio. Um cara que costumava frequentar meu antigo restaurante, alguns amigos. Se eu vou fazer o trabalho, posso muito bem cobrir o custo das compras. Ganhar um dinheirinho extra para as contas."

"Você faz isso com frequência?", perguntei.

“Pelo menos uma vez por semana. Sempre que eu cozinho. Quer que eu assuma o controle?”

"O quê? As cebolas?", perguntei, enxugando os olhos com as costas da manga.

“É, você está sendo bem dramático aí.”

Eu ri sarcasticamente. "Você me deu a tarefa mais difícil."

"Eu não imaginava que fosse possível cortar cenouras em juliana."

"Não posso."

“Bem, então.” Ela me lançou um olhar brincalhão. Ou pelo menos foi o que pensei, pois não conseguia enxergar muito bem.

"Aposto que esta sopa vai ficar ótima", eu disse, semicerrando os olhos para a tábua de cortar. "Salgada com sofrimento."

Ela riu.

"Então você cozinha bastante?", perguntei, fungando.

"Sim, eu faço isso. É mais barato do que comer fora e mais fácil por causa da minha alergia, além de apresentar menos riscos."

Você já teve experiências ruins em restaurantes?

“Ah, sim. Muito ruim. Nem consigo trabalhar em lugares que servem nozes”,

disse ela. “Isso dificulta encontrar emprego.”

Meu Deus, não consigo imaginar tentar lidar com isso. Comida, tentando te matar.

“Falando em restaurantes que não servem nozes, adivinhem o que eu trouxe para a sopa”, disse ela.

"O que?"

“O pão de burro daquele lugar.”

“O pão pumpernickel?”

“Sim. Congelei todo o pão quando cheguei em casa. Minha mãe não come pão de centeio, então eu trouxe. É perfeito para isso.”

Concordei. E, de alguma forma, fiquei ainda mais animada para o almoço.

“Sabe, você devia ter levado um pouco do pão para casa”, disse ela, falando comigo, mas olhando para as cenouras. “Fiquei com pena de você ter deixado tudo para mim. São caras.”

Dei de ombros enquanto comia minhas cebolas. "Só tenho eu em casa. Foi demais."

Não foi. Eu adoraria ter levado um pouco para casa, mas queria que ela ficasse com tudo. Depois que ela me contou o quanto estava passando por dificuldades, eu quis ajudá-la — mesmo que fosse só com pão. Puxa, eu teria comprado um sanduíche ou algo assim para ela levar para casa naquele dia, se não fosse estranho. Acabei me contentando em mandá-la para casa com cinco pães quase intactos e em convencer o Mike a pagar o conserto do carro dela.

Como se pensasse que seu nome o havia chamado, Mike gritou sonolento do outro cômodo: "McNougatttt!"

Larissa inclinou a cabeça. "McNougat?"

Larguei a faca e fui lavar as mãos. "É meu apelido."

“Seu apelido é McNougat…” ela disse.

“Olha, você não escolhe seu próprio apelido.”

"O apelido te escolhe?", disse ela, claramente divertida.

“Ou seus amigos problemáticos fazem isso.” Sequei as mãos com uma toalha de papel e fui ver o que Mike queria.

"E aí, tudo bem?", eu disse, entrando no quarto dele.

Ele estava sentado encostado na cabeceira da cama, parecendo um pouco mais lúcido do que antes. "Minha boca está me matando...", ele murmurou com a voz rouca.

"Certo." Olhei para o meu relógio. "Podemos dar um analgésico e um Advil." Virei-me para pegar uma água para ele, mas Larissa já estava entrando com ela.

“Ei”, disse ela, sentando-se na beirada da cama com o copo.

"Ah, droga, por que você veio?" ele gemeu. "Eu não queria que você me visse assim."

“Ah, pare com isso. Não me importo”, disse ela gentilmente.

O rosto dele estava inchado. Ele tinha tirado a gaze da boca e ela estava em cima do criado-mudo, amassada e rosada. Peguei alguns lenços de papel e a limpei antes que ela visse.

Quando voltei do banheiro, ela estava segurando a mão dele.

“Ele está com um pouco de calor”, disse ela, olhando para mim.

Coloquei a mão na testa dele e ele me deu um tapa. "Sai de cima de mim, idiota. Você está cheirando a cebola."

Revirei os olhos. "Ele está bem. O Advil vai ajudar."

“Você quer um pouco de gelo?”, ela perguntou. “Para o seu rosto?”

“Não, eu só vou dormir”, disse ele.

Ela apertou a mão dele. "Estou preparando seu almoço. Me avise quando estiver pronto."

A gratidão transparecia em sua expressão.

Eu sei que ele disse que não queria, mas dava para perceber que ele estava feliz por ela ter vindo. Como se ela tivesse passado em algum teste que ele nem sabia que estava aplicando a ela.

Dei-lhe os comprimidos e ele deitou-se novamente.

“Estaremos aqui. Se precisarem de nós, é só chamar”, disse ela.

Ele assentiu com a cabeça no travesseiro e voltamos para a cozinha.

“Então, McNougat…” disse ela, voltando a falar das cenouras.

Peguei minha faca. "Não podíamos simplesmente deixar isso passar, né?"

“Definitivamente não.”

“Eu gosto de balas de nougat”, eu disse, retomando minha tortura com cebolas. “Uma vez comprei um saco enorme delas a caminho da cabana.”

“Então te chamam de McNougat só por causa disso?”

“É só isso que precisa”, eu disse.

“Os outros caras têm apelidos?”

“Sim. Jesse é brigão.”

Ela riu. "Briga?"

“Ele se envolveu em uma briga na nona série.”

"Ele ganhou?", ela perguntou.

"Não."

Ela estava se desmanchando de rir.

“Xavier é Z”, eu disse.

"Por que ele tem esse apelido tão legal?", perguntou ela, colocando cenouras na panela.

“Isso é muito a cara do Xavier, acredite. Totalmente a cara dele.”

"E o Mike?", perguntou ela.

“O Príncipe do Banheiro.”

Ela caiu na gargalhada.

“Na escola primária, ele era conhecido como o Menino do Banheiro. Ninguém além de mim e dos meus amigos tinha permissão para chamá-lo assim.”

"Aposto que sim", disse ela, ainda rindo baixinho.

“Então, como era o Mike na escola?”, ela perguntou.

"Popular", eu disse. "Rei do baile, popular. Ele praticava dois... três esportes?"

Ela sorriu. "Ele fez isso?"

“Ah, sim. Consegui bolsas de estudo e tudo mais.”

"Mas ele não foi?", perguntou ela.

“Não. Ele rompeu o ligamento cruzado anterior no último ano do ensino médio.”

“Ah. Eu não sabia disso. Quando perguntei sobre a escola, ele simplesmente disse que era um encrenqueiro.”

“Ele não era. Ele era um cara legal. E continua sendo.” Dei um pequeno sorriso para minha tábua de cortar. “Ele costumava nos proteger.”

“Proteger você?”, ela perguntou. “De quê?”

“Qualquer coisa? Qualquer um. Ele era o mais velho. Levava aquele trabalho muito a sério. Uma vez, Xavier fugiu com o carro do pai e nos buscou. Ele tinha quinze anos e só a permissão para dirigir. Bateu num cone de sinalização num drive-thru à uma da manhã. Mike disse ao pai de Xavier que tinha sido ideia dele pegar o carro e que ele ia dirigir. Tony fez Mike instalar canos o verão inteiro por causa disso.”

Ela balançou a cabeça. "Por que ele fez isso?"

“Assumir a culpa? Porque o pai do Xavier era rigoroso. Teria sido pior para ele. Provavelmente o teria mandado para um colégio militar.”

Observei o rosto dela suavizar.

“Gostei que o Mike tenha feito isso”, disse ela.

Eu também gostei.

Terminamos o preparo. A sopa estava fervendo no fogão, então fomos nos

sentar no sofá.

“Não há livros aqui”, eu disse. “Temos que assistir à televisão.”

“Perfeito. Eu tenho a senha de streaming de alguém”, disse ela. Então, inclinou a cabeça para trás e sorriu para mim. “Desculpe por isso. Minha mãe não tem limites.”

"Ah, eu não liguei", respondi sinceramente.

“Você nunca veio para folhear aqueles livros de bolso”, disse ela, pegando Woofarine e colocando-o no colo. “Eu te mandei mensagem duas vezes.”

"Fiquei ocupado", eu disse, sem querer explicar meu verdadeiro motivo.

“Ah. Bem, você deveria vir. Não tenho com quem conversar sobre eles. São tão antigos que nem sequer existem avaliações online. Acabei de ler um romance dos anos noventa sobre um cara em Anchorage que fica famoso em um dos primeiros reality shows. É tão confuso e não tenho com quem reclamar.”

"Parece complicado mesmo", eu disse, tentando descobrir como funcionava o controle remoto.

"Se ao menos existisse alguém que conseguisse ler um livro em três horas. A menos que você tenha inventado essa história de três horas para ler um livro." Ela inclinou a cabeça para o lado.

"Eu não inventei isso", eu disse.

“Não? Porque eu tenho o livro na minha bolsa. Já li a maior parte. Você poderia lê-lo agora.”

“Isto é um teste?”

“Não é um teste.” Ela sorriu.

“O que você vai fazer enquanto eu estiver lendo?”

“Leia outra coisa no meu leitor de livros digitais.”

Respirei fundo dramaticamente e desliguei a TV. "Tudo bem. Me dê isso."

Duas horas e meia depois, estávamos discutindo.

"Não acredito nisso", disse ela. "Você não vai me convencer de que ele estava vivendo nas florestas do Alasca sem água encanada, sem escova de dentes, e conseguiu fazer não uma, mas duas mulheres lindas se apaixonarem por ele? Ele só tomava banho uma vez por semana. Isso é balela."

“Ele era um pioneiro”, eu disse. “Um dos melhores.”

“Então essas mulheres ficaram impressionadas com a adega dele? É isso que eu devo acreditar? Que isso ignora a higiene pessoal?”

“Como você sabe que as mulheres tinham boa higiene pessoal? Talvez elas também não tomassem banho nem escovassem os dentes.”

“Uma era produtora do programa que o acompanhava, e a outra era uma

modelo que ele conheceu durante a semana em que esteve em Los Angeles para gravar o episódio de reencontro. Aposto que ambas têm escovas de dente. Veja bem, é por isso que não consigo lidar com livros que tentam adicionar romance só para cumprir tabela. Na maioria das vezes, não consigo suspender minha descrença. Você não pode simplesmente dizer ao leitor: 'Esses dois estão apaixonados'. Você tem que nos fazer acreditar nisso."

"Eu acreditei nisso", eu disse.

"Então você nunca se apaixonou."

Eu fingi um suspiro de espanto. "Isso é uma suposição. Isso está errado."

"Quem foi a última pessoa por quem você se apaixonou?", ela perguntou.

Fingi que estava pensando nisso. "Kendra Watson."

Ela me lançou um olhar. "Você acabou de me dizer que era alguém da escola primária, não foi?"

Pisquei para ela. "Como você sabia disso?"

"Porque você veio me atacar com o nome e sobrenome dela? Isso é coisa de criança do terceiro ano."

"Você não conta para as pessoas que está namorando o Michael Maddox?"

"Não. Eu digo: 'Estou namorando um cara chamado Mike.' Como uma pessoa adulta."

"Sabe, tecnicamente eu e a Kendra ainda estamos juntas. Nunca terminamos. Ela simplesmente me ignorou depois do recreio um dia, e aí eu a vi usando o Ring Pop do Liam McGillicutty na hora do lanche. Fiquei arrasada."

Ela estava rindo. "Certo, então talvez você tenha se apaixonado."

Eu sorri.

Mike continuava inconsciente.

Tínhamos comido a sopa uma hora antes. Ela reservou um pouco para ele e colocou o resto em recipientes para os clientes enquanto eu devorava o livro de bolso dela.

Ela tinha razão, era um livro complicado. Mas mesmo assim discuti com ela, só para fazer o papel de advogado do diabo e porque, por algum motivo, eu gostava de debater com ela.

Ela fez um estalo com a garganta.

Encarei-a. "Está tudo bem?"

"É, minha garganta está um pouco irritada. Acho que talvez tivesse um pouco de manteiga de amendoim na esponja que usei para lavar a tábua de cortar", disse ela. "O Mike faz aqueles shakes de proteína de banana com manteiga de amendoim."

"Sua alergia é tão ruim assim?", perguntei, observando-a procurar Benadryl na bolsa.

“É. É péssimo.”

"Onde está sua EpiPen?", perguntei.

Ela me entregou. Verifiquei o líquido. "A sopa estava realmente muito boa, aliás. Entendo por que as pessoas querem comprá-la", eu disse, devolvendo o medicamento a ela.

“Sim. Preciso de toda a renda que puder conseguir”, disse ela, guardando a caneta na bolsa. “Estou pagando o mínimo em dois cartões de crédito extras que eu nem sabia que tinha.”

Parei para olhá-la. "Espere... tem mais?"

“Eram três”, disse ela. “Uma grande, que levou minha restituição do imposto de renda, e outras duas, de cinco mil cada. Descobri quando consultei meu crédito.”

Pisquei para ela. "Você vai receber o dinheiro de volta?"

Ela respirou fundo. "Talvez? Fiz um boletim de ocorrência, bloqueei meu crédito e contestei as cobranças, mas ele se listou como co-usuário nas contas."

“O que isso significa?”

“Significa que, aparentemente, ele tinha permissão para usar os cartões. Então, preciso de um advogado, o que não posso pagar. Tenho que pagar pelo menos o mínimo enquanto tento resolver a situação para que meu crédito não piore ainda mais. Sendo realista, provavelmente vou acabar pagando tudo.”

Recostei-me no sofá. "Droga."

“Sim. Meu pai é um criminoso muito bom, infelizmente.”

“Ele já foi preso alguma vez?”

“Nunca pelo tempo que deveria.” Ela acenou com a cabeça na direção do quarto de Mike. “Deveríamos ver como ele está?”

Olhei para o meu relógio. Eram duas e meia. "Ele só precisa tomar o remédio daqui a uma hora e meia. Acho que devemos deixá-lo dormir."

"OK."

Eu a observei enquanto ela tomava seu Benadryl. "Então, o que devemos fazer agora?", perguntei.

“Bem, eu poderia correr para casa e pegar minha caixa de livros”, disse ela, fechando a bolsa.

“Essa não é uma ideia tão ruim.”

"Você vai levar um pouco para casa?", ela perguntou. "Você tem que levar. Sério. Estamos usando seus serviços de streaming, é o mínimo que posso fazer."

“Bem, se isso te fizer sentir melhor.”

Ela fez uma careta. "Desculpe se minha mãe te mandou mais mensagens estranhas."

“Ela não me mandou nada estranho.”

"Tem certeza?"

“Espere, pensando bem, ela me pediu meu número do programa de recompensas do supermercado—”

Ela deu um suspiro de espanto.

"Estou brincando", eu ri baixinho. "Ela está bem."

Ela sorriu. "Ah! Sabe o que mais eu vou trazer?"

"O que?"

“O pudim de pão que fiz com o fermento natural que você me deu. Congelei.”

Me animei. Adorei pudim de pão.

"Acho que o Mike também consegue comer. É macio", disse ela, levantando-se.

"Ele não vai comer isso", eu disse.

Ela me olhou de um jeito estranho. "Por quê?"

“Ele é mais do tipo que gosta de proteína e legumes cozidos no vapor.”

“Ah”, disse ela, vestindo o casaco. “Certo. O treinamento. Ok, bom, mais para nós, McNougat.”

“Você não tem o direito de me chamar assim”, eu disse.

“Você não escolhe seu apelido”, disse ela, jogando a bolsa por cima do ombro. “Não é assim que funcionam os apelidos.”

Eu estava sorrindo para ela e ela estava com a mão na maçaneta quando Mike apareceu atrás de mim na porta do quarto dele. Eu soube disso porque o rosto de Larissa se iluminou. "Ah, oi", disse ela, voltando e colocando a bolsa sobre a mesa. Ela foi até a porta e passou os braços em volta da cintura dele. "Como você está se sentindo? Está com fome?", perguntou ela.

"Eu poderia comer", disse ele fracamente.

Ela olhou para mim. "Você acha que deveríamos bater no liquidificador? Tem carne. Você acha que isso pode ficar preso na gengiva dele?"

"Provavelmente."

“Certo. Vou triturar.”

Ela o soltou e Mike deu a volta no sofá e se jogou na almofada ao meu lado, enquanto Larissa foi para a cozinha com Woofarine a seguindo.

Mike esfregou a testa. "Estou delirando ou o Jesse gravou um vídeo?", disse

ele, com a voz rouca.

“Ele fez isso. Eu apaguei do celular dele enquanto ele não estava olhando.”

"Obrigado." Ele recostou a cabeça na almofada do sofá e fechou os olhos. Eu conseguia ouvir Larissa se movimentando na cozinha.

"Você sabe que sopa ela fez?", ele sussurrou. "Não vou comer nada com massa."

"Pensei que você quisesse fazer uma carga de carboidratos para a corrida", eu disse baixinho.

“Pau.”

Eu ri sem graça.

“Ela fez tudo do zero para você”, eu disse, em voz baixa. “Não tem massa, mas mesmo que tivesse, você deveria comer.”

Ele gemeu.

“Ela cozinhou por mais de uma hora. E também ficou bom.”

"Tudo bem", murmurou ele, como se estivesse fazendo um grande sacrifício.

Apertei meus lábios. Talvez fosse apenas a maneira como fomos criados, mas jamais me passaria pela cabeça recusar algo assim, não importa o que tivesse dentro.

Mike era o único menino da família e Donna o mimava. Ela cozinhava coisas que ele gostava e ele não comia o que não gostava. Eu, por outro lado, não tinha pais que cozinhavam. Mamãe e papai eram muitas coisas, mas chef não era uma delas. Eles estavam sempre tão ocupados que eu fazia a maioria das minhas refeições na infância entre a casa do Jesse, do Xavier ou do Mike — principalmente na do Mike. E como convidado, você agradecia, comia o que lhe era oferecido e fingia que gostava, mesmo que não gostasse. Era o que se esperava de um homem educado.

Deixando isso de lado, a sopa estava deliciosa. E foi um gesto atencioso também. Larissa não precisava ter vindo, principalmente porque ele disse para ela não vir. Não é como se eles estivessem namorando há muito tempo, ninguém esperava que ela se intrometesse.

Gostei que ela tivesse.

Inclinei-me sobre a mesa de centro, peguei o livro que Larissa e eu estávamos lendo e olhei para a capa enquanto o liquidificador ligava ali perto. Ainda faltavam alguns capítulos. Eu ia lê-los enquanto ela corria para casa, mas de repente perdi a vontade, como se não fizesse mais sentido. O livro não era bom. A parte divertida era conversar sobre ele com ela. Agora que Mike estava aqui, não podíamos excluí-lo discutindo um livro que ele não tinha lido.

Então agora eu era o terceiro elemento.

Eu me levantei. "Ei, acho que vou embora."

Mike não abriu os olhos. "Certo. Obrigado, cara. Agradeço a você."

“Sim. Coma a sopa”, eu disse.

“Eu vou comer a sopa.”

Dei um tchauzinho para Larissa antes que ela pudesse desligar o liquidificador, peguei meu cachorro e fui embora.

6

LARISSA

Lexi parou o carro em frente ao apartamento às 5h45 da manhã para me buscar para ir ao trabalho.

“Ei”, eu disse, entrando no carro dela.

Ela estava se maquiando em frente ao espelho. Seu cabelo preto estava preso em duas tranças francesas — recebíamos gorjetas melhores quando usávamos assim, mas ultimamente eu não tinha energia para nada além de um coque desarrumado ou um rabo de cavalo rápido.

Normalmente eu não tinha energia.

“Ei.” Ela estalou os lábios e jogou o batom vermelho no porta-copos. “Vamos parar para tomar um cappuccino ou não?”

"Não tenho dinheiro para cappuccinos", eu disse, colocando o cinto de segurança. "Então, não."

"Estou farta de ser pobre", disse ela. "Sabe o que precisamos? De homens ricos e ricos."

Abaixei a viseira. "Eu tenho namorado, lembra?"

“É uma coisa totalmente diferente.” Ela engatou a marcha. “Sério, a gente devia fazer isso. É só ir almoçar com um velho rico e ele te dá uns trezentos dólares. Uma vez, um sugar daddy me levou para Edina e me comprou uma bolsa da Coach e uns quatrocentos dólares em produtos da Clinique”, disse ela, saindo da calçada. “Eu nem gosto de Clinique, mas achei que tinha que aceitar antes que ele se desse conta.”

Virei-me para encará-la. "Você realmente fez isso?"

"Quer dizer, sim. Os sugar daddies são incríveis."

“Mas… e se eles quiserem sexo?”

“Você não dá para eles? A maioria deles só está sozinha. Eles querem conversar, ter alguém para jantar. Geralmente são pessoas muito simpáticas.”

Balancei a cabeça negativamente. "Você me mata."

"Só estou dizendo. A gente nunca vai ficar rico trabalhando na casa da Donna."

"Não, não estamos", murmurei, colocando a bolsa no colo para procurar meu curvex. "Tenho uns sete empregos e ainda não estou ficando rica."

“Sete? Pensei que você estivesse apenas fazendo aquela coisa da sopa.”

“Não. Tenho feito bicos nas últimas semanas. Estou tentando pagar as contas médicas da minha mãe e os cartões de crédito. Estou doando plasma.”

"Eca!", disse ela, fazendo uma careta.

“São cento e vinte dólares duas vezes por semana — muito dinheiro para não fazer isso. Mas preciso encontrar outra coisa. Estou cansado desses idiotas.”

"Estou te dizendo, sugar daddies. Os pênis deles não funcionam."

Eu ri enquanto passava rímel no semáforo vermelho.

“Talvez você devesse vender suas meias sujas”, disse ela.

“Hahaha.”

“Estou falando totalmente sério. Existe um mercado enorme. Um cara me pagou duzentos dólares para usar as mesmas meias por uma semana. Eu usei, embalei a vácuo e enviei para Ohio. O cara virou cliente assíduo, fazemos seis ou sete transações por ano.”

"Por causa de meias sujas..." respondi com a maior naturalidade.

Ela deu de ombros. "O pênis quer o que o pênis quer. Eu não julgo as preferências sexuais de ninguém", disse ela. "Às vezes eu questiono as preferências sexuais de alguém, mas nunca julgo."

Fiz as contas de cabeça. "Você ganha mil e duzentos dólares por ano assim?!"

“Eu consigo isso só com aquele cara.”

Eu a encarei boquiaberta. "Meu Deus. É seguro?"

“Totalmente anônimo.”

Recostei-me na cadeira. "Uau."

O sinal ficou verde e ela avançou.

Eu usava meias. E com certeza eu poderia usar mais mil e duzentos por ano.

“O que mais você faz?”, perguntei.

Ela deu de ombros. "Por vinte dólares, eu comento 'Eca' na última selfie do seu ex."

“Ha.”

"Adoro humilhar homens terríveis. Na maioria das vezes, faço isso de graça. Então, como estão as coisas com o Mike?", perguntou ela.

Eu ainda estava balançando a cabeça em descrença com a história da meia. "Ótimo. Ele extraiu os dentes do siso há alguns dias, então passei a noite lá pela

primeira vez para ajudar. O Chris também ficou um tempo. Nós conversamos um pouco."

“Hum. Posso ser sincero com você?”

"Claro?"

"Não estou gostando dessa história do Mike", disse ela.

Parei no meio da aplicação do rímel. "O que isso significa?"

“Não estou interessada nisso. Acho que você deveria terminar com ele.”

"O que?"

“Termine com ele. Ele não é o cara certo.”

Eu ri. "Como você sabe?"

“Sou uma pessoa empática — consigo perceber. Você não está apaixonada por ele.”

“Acabamos de começar a namorar. Ninguém está apaixonado por ninguém ainda.”

“Ele está apaixonado por você.”

“Não, ele não é”, eu disse, dando um último retoque de rímel e fechando a tampa do tubo.

“Aquele rapaz está te consumindo”, disse ela. “Sou muito sensível à energia. Sua chama perto da dele é minúscula. Do tamanho de uma vela de chá.”

"Realmente."

“Estou falando sério. É meio triste de ver.”

Olhei para ela. "Por quê? Porque não vamos declarar nosso amor depois de treze semanas?"

“Com treze semanas, vocês dois deveriam estar loucos um pelo outro”, disse ela. “Não conseguir tirar as mãos dele. É muito cedo para estar tão entediado assim.”

"Não estou entediado", respondi na defensiva.

“Ele não está entediado. Você está praticamente sonâmbula. Esta é a melhor parte, quando o pênis dele está todo brilhante e novinho em folha. Você deveria estar com uma infecção urinária daquelas agora. Seu pH deveria estar um caos.”

“Minha mãe escolhia homens que a deixavam selvagem e veja só no que ela estava. Eu me sinto bem em gostar de alguém de forma racional. É mais seguro. Além disso, estou feliz com meu pH equilibrado. E o Mike. Ele é uma pessoa maravilhosa. É educado com os garçons, dá boas gorjetas, respeita a mãe dele, tem ótimos amigos—”

“Não sei. Simplesmente não consigo ver isso.”

"Bem, eu tenho", eu disse, procurando algo na minha bolsa novamente.

"Então acho que é isso que importa, certo?"

Ela colocou um chiclete na boca. "Ei, falando em amigos, o que está acontecendo com o Chris?", perguntou ela. "Com quem ele está saindo?"

"Ninguém", eu disse, tirando meu protetor labial. "Pelo menos não que eu saiba."

“Talvez eu devesse entrar em contato com ele. Adoro esse jeito nerd e genial dele.”

"Acho que ele é bom demais para você", eu disse, desenroscando a tampa e aplicando um pouco de hidratante labial nos meus lábios.

Ela estreitou os olhos por cima do volante. "Eu gosto de caras com ficha criminal..." Ela estalou a goma de mascar. "O que você acha dele?", perguntou. "Pegaria ou passaria?"

“Você quer que eu jogue Smash ou Pass com o melhor amigo do Mike…”

“Sim, por que não?”

“Porque é desrespeitoso.”

Ela olhou para mim boquiaberta. "Meu Deus! É um sucesso estrondoso!"

Recuei o rosto. "O quê? Não, não é."

“Sim, é verdade. Porque se não fosse, você simplesmente diria que é nojento e passaria a vez. Você não discutiria a moralidade do jogo.”

"Tudo bem", eu disse, jogando o tubo de volta na minha bolsa. "Passou."

“Não. Agora é tarde demais. Acabou. E olha, eu nem te culpo. Eu deixaria aquele cara me esfregar até eu virar papel higiênico num banheiro público — se ele tivesse antecedentes criminais.”

Eu estava rindo naquele momento.

Chris era fofo. Na verdade, ele era um pouco mais do que fofo. Mas mesmo assim.

Eu gostava do cheiro do moletom dele — na época em que eu achava que era do Mike. Só porque eu achava que era do Mike, eu dizia para mim mesma.

Como se tivesse me ouvido pensando nele, Chris me mandou uma mensagem.

> Chris: Woofarine matou um sapo hoje e o trouxe para mim na cama. Venha buscar seu filho.

Eu ri muito olhando para o meu celular.

Eu: Ou tem foto, ou não aconteceu.
Chris: Pronto. Foto enviada. Garanto que aquele sapo não estava aí antes.

Engasguei ao ver o sapo morto sobre o lençol branco.

Eu: 🤮💀 de castigo.

Eu estava sorrindo para a tela. Lexi olhou para mim. "Quem é esse?"

“Chris. O cachorro deixou um sapo morto na cama dele”, eu disse, mostrando-lhe a foto.

Ela fez uma careta. "Hum. Belos móveis de quarto."

“O Mike também tem móveis bonitos para o quarto”, eu disse, guardando o celular.

“Sim, mas você acha que foi a mãe dele que escolheu? Quer dizer, ele mora na casa de hóspedes, não é?”

Pensei nisso. Talvez tenha sido a mãe dele que escolheu. Combinava com o estilo da casa principal. Dei de ombros. "Não me importo se foi ela. Ele mantém tudo limpo", eu disse.

"Sim, consigo perceber isso nele. Ele parece meticuloso. Não é engraçado como você consegue perceber quando um cara tem a porta da geladeira suja? Tipo, você nem precisa ir lá, ele simplesmente exala aquela energia de porta de geladeira suja?"

Eu estava rindo de novo.

A porta da geladeira do Chris estava limpa. Eu vinha passeando com o cachorro lá enquanto ele estava no trabalho nos últimos dias. A casa dele toda era bonita, na verdade — exceto pela estante, que era um caos de livros de capa dura e brochura, que pareciam ter sido lidos tão rápido que ele não conseguiu guardá-los direito. Estavam empilhados em montes instáveis, alguns no chão. Eu queria organizar tudo para ele, mas achei que seria indelicado. Eu ainda não o conhecia bem o suficiente para me oferecer para arrumar as prateleiras.

Eu ainda não o conhecia bem o suficiente para ter uma chave da casa dele, mas aqui estávamos nós.

Lexi estacionou atrás do restaurante.

Saímos do carro e ela tirou o avental da bolsa. "Talvez eu devesse transar com aquele cara que entrar com o capacete", disse ela, amarrando o avental na

cabeça.

“Aquele que tem a moto?”, perguntei, fechando a porta do carro.

“É. Ou será que é cagar onde eu como? É sim, né?”

“Você sempre pode voltar para o seu ex”, eu disse.

"Eu preferiria literalmente defecar onde como."

Chegou outra mensagem. Dessa vez, uma foto do Woofarine dormindo com a língua para fora, parecendo um anjinho.

Chris tirou muitas fotos do nosso cachorro. Acho que ele tirou mais do que eu. Fiquei pensando se ele as postou online.

Ainda não nos seguíamos nas redes sociais. Abri o aplicativo e o procurei. Ele tinha um perfil privado, então enviei uma solicitação. Ele aceitou imediatamente.

Eu sorri e mandei uma mensagem direta para ele.

> Eu: Você acordou cedo.
> Chris: O sapo me acordou. Eu o toquei com o pé, ele estava debaixo das cobertas.

Tapei a boca com a mão, rindo, antes de voltar a olhar para a sua grade.

Como esperado, estava completamente cheio de fotos do Wooferine. Aquele cachorro era tudo para ele agora. Ele estava como um pai de primeira viagem com seu primeiro filho, fotos de tudo. Fiquei muito feliz que ele concordou em me deixar ajudá-lo. Acho que ele e o Wooferine precisavam um do outro.

Rolei a tela para baixo, tocando duas vezes na tela até que as fotos do Woofarine acabassem. Depois, eram principalmente fotos dele com os caras. Uma dele com o Mike na academia, algumas no show na noite em que nos conhecemos e, um pouco mais atrás, um close dele segurando uma mão frágil e enrugada. A foto era em preto e branco e a legenda era ele avisando a todos que sua mãe havia falecido e que agora estava com seu pai.

Seus dois pais haviam falecido.

Deslizei para a esquerda e vi uma foto dele quando criança com os pais em um casamento, provavelmente uns vinte anos atrás. Ele estava de terninho marrom e ela segurava a mão dele. O pai estava do outro lado, um Chris sorridente, bem mais velho. Eu nem os conhecia e senti uma pontada de tristeza só de olhar para a foto.

Sim, meu pai era uma figura, mas pelo menos eu tinha minha mãe. Eu não

conseguia me imaginar sozinha no mundo. Eu sabia que ele tinha os amigos, mas não era a mesma coisa.

Eu não queria curtir a publicação. Achei que ele não gostaria de ver uma notificação sobre algo em que estava tentando se concentrar. Voltei e olhei os destaques dele. Havia um para citações de livros. Sorri e toquei nele, deslizando para ver quais eu conhecia. Parei em uma passagem que reconheci.

Talvez este não seja o tipo de amor que mereça existir. Talvez seja o tipo de amor que inicia guerras. O tipo de amor que derruba impérios e nunca deixa o mundo melhor do que o encontrou.

Ponto Cruz, de J. C. Vale. Eu também adorei essa parte.

Eu tirei uma captura de tela.

"Ei, vamos entrar ou não?" Lexi estava parada impacientemente perto da porta dos fundos.

“Sim, desculpe.” Guardei meu celular.

Entramos no café e guardamos nossas coisas no armário. A irmã do Mike, Janessa, estava lá abrindo o caixa. Ela nem sequer olhou para cima.

Lexi se inclinou para frente enquanto eu preparava o café. "Essa pessoa precisa transar", ela sussurrou.

"Ai meu Deus, pare", sussurrei de volta.

“O último cara com quem ela namorou tinha bolas penduradas na traseira da caminhonete.”

Eu engasguei silenciosamente.

"Hum, tem muita coisa para fazer?", disse Janessa, lançando-nos um olhar irritado.

Trocamos um olhar divertido e nos separamos.

Coloquei a foto fofa do Woofarine como protetor de tela e salvei a frase em uma pasta no meu celular.

“Graças a Deus por este emprego”, disse Lexi, ligando o aquecedor de xarope. “Acho que eu não comeria mais de uma vez por dia se não estivesse recebendo uma refeição de graça.”

Sinceramente, era uma das poucas vantagens de trabalhar em um restaurante. Eu geralmente guardava metade do meu almoço para comer no jantar. Se tivéssemos muita sorte, os chefs erravam um pedido e eu podia levar o resto para

casa também, embora Donna e Janessa geralmente os obrigassem a jogar fora para que não "errassem de propósito" para ganhar refeições extras. Nessa altura, eu não me importava de catar um sanduíche perfeitamente bom no lixo.

"Um dia quero ter dinheiro suficiente para comprar cereais de marca", eu disse, amarrando meu avental.

“Com leite de verdade”, disse Lexi, enchendo as tigelas do cremeiro. “Não aquele leite evaporado que a mamãe sempre comprava quando a luz acabava e a gente não tinha geladeira.”

"Meu Deus, por que foi tão ruim?" Fiz uma careta.

"A gente comprava aqueles pacotes de Kool-Aid sabor cereja porque eram muito baratos. Uma vez eu coloquei um pouco no cereal só para não ter que usar aquele leite ruim."

"Eu ficava animada quando o banco de alimentos tinha o SpaghettiOs de marca. Aquele com almôndegas dentro", eu disse, ainda me lembrando da alegria quando encontrava uma lata.

“Seria ótimo se não estivesse vencido.”

"Não sei como teríamos sobrevivido se não fosse pelo WIC e pelos bancos de alimentos gratuitos", eu disse, enchendo um balde com desinfetante. "Um dia quero juntar dinheiro suficiente para doar tudo o que eu gostaria que eles tivessem tido."

Ela limpou a borra de café da bancada. "Nada da marca Great Value. Nada de cereal em saquinho."

“E nada de salsichas vienenses”, eu disse.

"Se eu nunca mais comer uma salsicha vienense... acho que estamos mais perto de precisar do banco de alimentos do que de doar para ele", ela murmurou.

Ela tinha razão. Mas eu ainda podia sonhar.

7

~
CHRIS

Pisquei para o cliente. "Desculpe, pode repetir?"

A jovem do outro lado do balcão parecia impaciente. "Meu namorado toma em meu lugar", disse ela, desta vez mais devagar, como se isso fizesse algum sentido.

“Seu namorado toma seus anticoncepcionais…” eu disse com cautela.

“Sim. Eu já disse isso.”

Fiquei tão atônito que não consegui falar. De verdade, ninguém te prepara para a experiência em uma farmácia.

"Ele diz que os hormônios me deixam irritadiça", disse ela. "Então, eu só preciso que você altere o número de telefone na receita para o dele, para que ele possa receber as ligações quando a receita for renovada."

“Há quanto tempo ele faz isso?”, perguntei.

“Não sei? Um ano?”

Lutei para manter minha expressão neutra. "Este medicamento não é seguro para homens", expliquei. "Ele tem inúmeros efeitos colaterais, e a prevenção da gravidez não é um deles."

Ela olhou fixamente para mim. "O que você quer dizer?"

"Não funciona como método contraceptivo a menos que você tenha útero", eu disse.

Ela ficou em silêncio por um longo momento. "Que tipo de efeitos colaterais?"

“O desenvolvimento do tecido mamário, a diminuição da libido, a disfunção erétil—”

Ela levou a mão à boca e ficou parada ali, com os olhos arregalados. Me encarou por tempo suficiente para ser estranho, depois se virou e saiu andando rigidamente do balcão.

Meu técnico de farmácia, Waylon, se aproximou por trás de mim. "O que

você fez com ela?", perguntou, inclinando-se para vê-la sair correndo pelo corredor.

"Acho que acabei de explicar por que o pênis do namorado dela não está funcionando."

“Que bom. Tem alguém no drive-thru perguntando por você.”

“Está pedindo para falar com um farmacêutico ou está pedindo para falar comigo?”

"Você."

Virei-me para a janela e vi Mike acenando para mim de sua caminhonete. Meu cachorro estava no colo dele e Larissa estava no banco do passageiro, sorrindo.

Imediatamente me animei com a surpresa.

Estávamos dividindo os cuidados com o Woofarine há algumas semanas. Ela era uma ótima mãe para cachorro. Ela me mandava fotos deles passeando ou dela dando banho no Woofarine. Eu pagava por toda a ração e suprimentos e preparava uma sacola para ela nos dias em que ela ficava com ele, para que ela não precisasse comprar nada. Dei a ela uma chave da minha casa para que ela pudesse entrar e passear com ele enquanto eu estivesse no trabalho.

Eu gostava de ter um cachorro. Só não gostava de ter um cachorro que ficasse sozinho em casa o dia todo. Mas esse arranjo estava funcionando.

Tive que admitir que gostava de criar o filho em conjunto com ela. Trocávamos livros quando fazíamos a entrega. Às vezes, ficávamos na porta do meu quarto conversando sobre eles. Mas, principalmente, eu gostava do cheiro que o Woofarine tinha quando chegava em casa. Cheirava a tangerina. Meu moletom provavelmente também cheirava a tangerina. Eu não saberia dizer, me recusava a verificar, e no momento em que percebi que queria, joguei-o na máquina de lavar.

"Ei", eu disse, sorrindo, e peguei o telefone para falar pela janela.

"E aí, McNougat? Pensei que talvez você quisesse almoçar com a gente", disse Mike. "Vamos comer num restaurante de sushi do outro lado da rua."

Olhei para o meu relógio. "Meu intervalo é só daqui a uma hora."

“Podemos trazer algo para você”, disse Larissa, inclinando-se para a frente para que eu pudesse ouvi-la.

“Ok. Obrigado.”

“Vamos te mandar o cardápio”, disse Mike. “Ei, quer dar uma caminhada amanhã? Você está de folga, né?”

“Hum, claro?”

“O Jesse também vem. Vou te mandar as informações por mensagem.”

Então ele fez o sinal de paz comigo e foi embora.

Sorri ao ver o caminhão.

“Caramba”, disse Waylon quando desliguei. “Seu amigo arrumou uma namorada gata.”

Sim. Sim, ele faz.

Larissa tinha aquele tipo de rosto que você via por cinco segundos ao passar e pensava nele o resto do dia. Inesquecivelmente linda.

E ela também era simpática.

Além disso, ela era hilária. As mensagens que trocávamos sobre Woofarine me faziam rir muito.

A última foi de hoje de manhã. Ele tinha apanhado uma toupeira no parque para cães. Consegui uma foto do roedor inerte com a inscrição "Hora da Morte: 9h31".

Woofarine era tão rápido que era impossível pará-lo. Tínhamos que verificar sua boca para garantir que não havia nenhuma carcaça dentro dele antes de deixá-lo entrar do quintal — e ele também era um mestre da fuga. Era tão pequeno que conseguia passar por uma fresta na cerca. Eu estava quase convencido de que ele tinha uma caixa torácica retrátil, tanto que precisei forrar o quintal com tela de galinheiro.

O treinamento para usar o penico estava indo muito bem. Ele era inteligente. Muito inteligente. Poderiam tê-lo usado para o trabalho policial se ele não fosse tão pequeno. Ele era como um mini pastor belga malinois que usava suéteres e gostava de aconchegar-se.

Voltei ao trabalho. Uma hora depois, Mike chegou e trouxe meu almoço. Larissa não veio com ele. Levei minha comida para a sala de descanso e estava comendo quando o cemitério ligou. A lápide da minha mãe estava pronta.

Foi isso.

A última coisa que eu faria pelos meus pais estava feita. Havia algo de definitivo nisso. Eles se foram. Eu era tudo o que restava da nossa família.

Eu daria cada centavo para voltar no tempo, sabendo o que sei hoje. Talvez eu pudesse ter mudado as coisas. Talvez não.

Mas, de qualquer forma, eu teria que conviver com isso agora.

8

LARISSA

Mike não estava atendendo.

Eram 9h02 da manhã. Eu estava ao lado do meu carro com Woofarine no estacionamento do parque. Tínhamos combinado de encontrar Chris e Jesse para uma caminhada. A caminhada foi ideia do Mike, mas ele já estava quinze minutos atrasado.

Eu tinha almoçado com ele ontem e tudo estava bem. Fiz entregas de comida até as seis, cuidei de crianças até as dez, ele me mandou uma mensagem de boa noite. Agora nada. Será que ele perdeu a hora?

Liguei novamente para deixar uma mensagem assim que Chris entrou no estacionamento. "Sou eu. Onde você está? Estou ficando preocupado, então me ligue de volta."

Desliguei o telefone e fui ao encontro de Chris quando ele saiu do carro. Woofarine começou a se debater na coleira assim que o viu.

"Ei, onde está o Mike?", disse Chris, fechando a porta e se abaixando para acariciar o cachorro.

“Não sei. Ele não está atendendo o telefone”, eu disse, olhando ao redor do parque. “Onde está o Jesse?”

“Ele cancelou.”

Voltei-me para ele. "Ele fez isso? Por quê?"

“Pneu furado. Ele mandou mensagem no grupo dizendo que não podia vir. Você vai levar o Woofarine para casa depois, né?” disse Chris, dando um beijo na cabeça do nosso cachorro. “Eu trabalho amanhã.”

“Sim. Deixá-lo aqui no domingo?”

“Se você puder, eu também posso ir buscá-lo”, disse ele.

“Ok. Vou te mandar uma mensagem.”

Chris se levantou e olhou ao redor do estacionamento, depois deu uma olhada no relógio. "Deveríamos sentar enquanto esperamos?"

"Claro."

Fomos até a mesa de piquenique de frente para a quadra de tênis. "Então, o que é essa caminhada?", perguntou Chris.

“O Mike foi correr na reserva do parque na semana passada e disse que era muito bonito. Tinha muitas pereiras ou algo assim?”

“Ah, sim. Elas estão florindo nesta época do ano. Você nunca esteve aqui?”, perguntou ele.

Balancei a cabeça negativamente.

Eu pesquisei na internet. Um chalé de esqui, um lago para nadar e quilômetros de trilhas para bicicletas. "O site dizia que são quase cinco mil acres. Eles também têm um parque para cães."

“Ah, legal. Devíamos levar Woofarine.”

"Deveríamos levar o Woofarine. O Woofie precisa de muito mais exercício, então ele está muito cansado para matar coisas", eu disse, lançando ao nosso cachorro um olhar fingidamente severo.

"Já te contei que ele entrou na despensa fazendo parkour há alguns dias?"

Inspirei fundo. "Não..."

“Sim. Ele escalou as prateleiras de arame até chegar aos salgadinhos de queijo. Eu o encontrei dentro do saco. Ele era laranja.”

Eu caí na gargalhada. "Por que você não me mandou uma foto?"

“Não tive tempo de tirar uma foto porque tive que colocá-lo direto na pia. Essa coisa é mais difícil de tirar do que você imagina”, disse ele.

Eu estava morrendo. "Desculpe, não tem graça."

Ele estava tentando não sorrir. "É meio engraçado."

“Por que você acha que ele é assim?”

“Não sei. Yorkies são cães caçadores de ratos. Provavelmente é algo genético.”

"Talvez ele tivesse que caçar a própria comida", eu disse, olhando para o cachorro. "Isso é meio triste."

“Bem, pelo menos ele é bom nisso. Ele não morreu de fome.”

Sentamos no tampo da mesa com os pés no banco. Joguei minha mochila ao meu lado e olhei para ele. Ele estava usando uma camiseta, bermuda de ginástica, tênis de corrida, óculos de sol — e uma pochete. Soltei um som divertido.

"O quê?", disse ele, olhando para mim.

“Nada. É só que você tem uma pochete.”

“Isto é uma mochila”, disse ele com falsa seriedade.

“Certo. Uma mochila.” Recostei-me sobre as mãos.

Você tem alguma objeção a equipamentos práticos para caminhadas?

“É meio nerd. E a sua garrafa de água? Vai carregá-la? Na mão?”

Ele levantou a camisa para me mostrar um porta-garrafa na cintura, do outro lado. Sem querer, deixou entrever um pouco do abdômen. Uma trilha de pelos e um V bem definido. Abaixou a camisa novamente. "Está bom assim para você, ou devo voltar e pegar meu chapéu de cerveja?"

Eu ri, meu coração batendo um pouco mais rápido por algum motivo.

Mike jamais seria visto usando uma pochete. Seu look completo para essa trilha seria escolhido a dedo. Tudo de marca, uma regata para exibir os braços.

Chris era bem menos preocupado com a imagem. Ele era o tipo de cara que usaria uma fantasia engraçada de Halloween para trabalhar. Não era uma falha do Mike o fato de ele não ser assim. Era mais interessante notar que o Chris era.

Gostei da pochete.

Meu telefone tocou e eu o tirei da bolsa com dificuldade. Era o Mike. Deslizei para atender. "Oi, onde você está?"

"Amor, sinto muito, mas não vou conseguir ir. Estou com outra dor de cabeça."

Meu rosto se fechou. "Oh, não. Quer que eu lhe traga algo?"

“Não, não. Vocês vão andando. Vão sem mim.”

Balancei a cabeça negativamente. "Não me sinto bem em ir se você estiver doente—"

“Vocês já estão lá embaixo.”

"Microfone…"

“Amor, vai. Eu vou ficar bem. Sério.” Ele não parecia bem. Parecia estar fora de si. Estava falando devagar.

"É outra enxaqueca?", perguntei.

“É. Às vezes acontece comigo. Vocês vão andando, beleza? Não deixem meu garoto na mão.”

Soltei um suspiro. "Bem, não sabemos para onde estamos indo."

“É fácil”, disse ele. “Pegue o caminho pavimentado que sai do parquinho, vire à direita. É um circuito. Levei uma hora e meia. É legal”, disse ele, com a voz um pouco rouca. “Você vai se divertir.”

Chris estava me observando.

"Tudo bem", eu disse. "Você realmente não quer que eu vá?"

“Definitivamente não.”

"Certo. Te mando uma mensagem quando terminarmos. Passo aí depois."

“Não, não faça isso. Preciso relaxar. Provavelmente vou dormir hoje e te vejo amanhã.”

“Sábado? Tem certeza?”

"Sim."

"Está bem..." eu disse, um pouco hesitante.

“Ligue-me mais tarde.”

Desligamos o telefone.

“Ele está com outra enxaqueca”, eu disse, olhando para Chris. “Somos só nós dois. Você ainda quer ir? Ou podemos ir para casa.”

Ele pareceu pensar por um segundo. "Vamos lá, se você estiver a fim. Está um dia bonito. Já estamos aqui, e o Woofarine quer passear", disse ele, falando com o cachorro, que inclinou a cabeça ao ouvir a palavra "passeio".

Eu não me sentia muito bem em ir. Uma parte de mim queria ver como o Mike estava, mesmo ele tendo me dito para não ir. Sinceramente, se o Jesse tivesse vindo para que o Chris não precisasse andar sozinho, eu provavelmente teria ido embora. Mas eu queria mesmo ver o parque. Eu passava tanto tempo trabalhando que mal tinha tempo para estar em contato com a natureza, e este era o meu único dia de folga em que eu não planejava fazer nenhum trabalho extra. Na verdade, eu tinha recusado trabalhos de babá para vir aqui, e se eu fosse embora agora, teria perdido a renda à toa. Além disso, eu tinha dirigido todo esse caminho até aqui.

“Está bem”, eu disse. “Vamos caminhar.”

Descemos da mesa e seguimos pela trilha pavimentada que dava para a reserva do parque.

Era primavera. Tudo estava verdejante e florido. Borboletas e abelhas zumbiam ao redor e o ar cheirava a terra e grama. Viramos à direita quando a trilha se bifurcou e caminhávamos sob algumas árvores, Woofarine puxando a coleira como se estivesse indo para a batalha.

"Fico pensando até onde teríamos que ir para que ele realmente se cansasse", eu disse.

“Quanto tempo dura essa caminhada?”, perguntou Chris.

“Não sei. O Mike disse que é uma volta de uma hora e meia.”

Ele olhou para o seu smartwatch. "Vou monitorar. Ver quantas milhas são." Ele acenou com a cabeça para Woofarine, que se debatia contra a coleira. "Quer que eu o leve?"

“Não, estou bem.”

“Se ele fosse maior, estaria te arrastando.”

“Se ele fosse maior, estaria caçando ursos.”

Chris riu.

“Pobre Woofie. Provavelmente nunca teve a oportunidade de passear”, eu disse. “Agora ele tem uma vida muito melhor.” Olhei para Chris. “Você já pensou em ficar com ele?”

“Eu ia falar com você sobre isso. Como você acha que as coisas estão indo? Você ainda está bem com tudo ou…”

"Sim", eu disse. "Gosto de ajudar. Continuarei cuidando dele se você continuar cuidando dele."

"Certo." Ele olhou para mim. "Então eu vou ficar com ele."

Eu sorri. "Sério?"

“Sim. Ele é um bom menino. Mas tenho um pedido”, disse ele.

"O que?"

“Você deu banho nele outro dia.”

“Simmm, eu te enviei uma foto.”

“Você não fez um moicano no cabelo dele. Isso é coisa de banho obrigatório para cachorros. Eu não crio as regras.”

Soltei um som divertido. "Ok, bem, tenho informações de fonte mais alta que me dizem que você foi tomar café com ele semana passada e não lhe ofereceu um 'puppuccino'. Isso é ilegal e você deveria estar na cadeia."

Ele pareceu surpreso. "Quem te disse isso?"

Eu o tinha visto. Estava entregando um pedido de bebidas, um dos meus muitos trabalhos.

“Não se preocupe”, eu disse. “Saiba apenas que vejo e ouço tudo, e daqui para frente considerarei isso uma violação do nosso acordo de custódia.”

“Eu não sabia nada sobre o puppuccino e ninguém me ofereceu um.”

"Pobre Woofie, ainda vivendo em condições de abandono. Prometo que vou melhorar."

Ele deu uma risadinha.

Meu telefone emitiu um som de "oinc" e eu o peguei. "Desculpe, é de um dos meus clientes de cuidados com animais de estimação. Preciso responder."

Você cuida de animais de estimação?

“Sim. É um porco.”

“Um porco?”

“Um porco de apoio emocional”, eu disse, lendo a mensagem. “O dono dele está viajando. Ele tem um comedouro e um bebedouro automáticos. Meu trabalho é só abrir a banheira de hidromassagem e ficar sentada lá enquanto ele

nada por uma hora.”

"Você está falando sério?"

“Estou falando muito sério. Olha só.” Rolei a tela para cima na conversa para mostrar a foto que eu tinha enviado ao dono ontem. Era um porco rosa de 70 quilos em uma jacuzzi.

Ele balançava a cabeça negativamente. "Onde você encontra esses empregos?"

“Grupos online da cidade”, eu disse, guardando o celular.

“O que mais você fez?”, perguntou ele.

“Muita coisa. Sou cliente misterioso.”

"Sério? Quanto se ganha com isso?"

"Depende. Uma vez, aceitei um emprego em que tinha que entrar numa loja de velas e relatar se me cumprimentavam. Só isso. Dez dólares. Às vezes, você ganha comida de graça se for um restaurante. Você tem que pagar pela comida antecipadamente e eles te reembolsam, o que eu não gosto, mas pelo menos recebo o dinheiro de volta. Às vezes, tudo o que eles querem são fotos das coisas."

"De quê?" Ele espantou uma abelha com um tapa.

“O que quer que estejam vendendo. Tipo, eles querem que você vá a uma loja de maquiagem para fotografar os perfumes ou algo assim.”

“Por que eles iriam querer isso?”

Dei de ombros. "Não sei. Talvez para ver se o produto deles está sendo comercializado corretamente? Também estou fazendo as caixas de lanches novamente agora que o gelo derreteu nos lagos."

“E quais são?”

“Caixas de pesca com petiscos dentro. Queijo, doces, picles, carne. São populares na época da pesca. É algo que venho fazendo há alguns anos. Quer ver uma foto?”

"Sim."

Abri a página da minha pequena empresa nas redes sociais e mostrei para ele.

Ele parou de andar para olhar. "Uau. Que legal." Ele deslizou o dedo para cima até o topo da página. "Você tem quatro mil seguidores", disse ele, parecendo impressionado.

“Sim. Um dos meus vídeos em timelapse viralizou. Viu? É o que está fixado no topo.”

Eu o observei enquanto ele assistia.

“Você poderia fazer isso em tempo integral”, disse ele, devolvendo-me o

telefone.

“Não, na verdade não. É sazonal”, eu disse, guardando o celular no bolso. “Além disso, é chato. Eu só fico colocando lanches em compartimentos. Não é exatamente algo que você queira fazer por quarenta horas por semana.”

Ele assentiu. "Entendo. Então, presumo que o problema com seu pai nunca saiu do seu crédito, certo?"

“Não. Acho que vou acabar pagando — pelo menos a parte que eu não conseguir que as agências de cobrança dispensem.”

Caminhamos em silêncio por um instante.

“Por que não trabalhar em um restaurante melhor?”, perguntou ele. “Quer dizer, eu adoro o da Donna, mas você provavelmente ganharia muito dinheiro em algum lugar mais sofisticado.”

Soltei o ar pelo nariz.

Eu odiava meu trabalho. Mas não conseguia me demitir, porque se o fizesse, estaria apenas fazendo a mesma coisa em outro lugar. Eu queria ir embora para ir embora de verdade.

Não era que eu odiasse o Donna's exatamente, eu simplesmente não queria mais trabalhar como garçonete. Eu fazia isso desde os dezesseis anos. Não queria aprender um cardápio novo, não queria fazer nada daquilo. Estava completamente esgotada. Meu corpo estava cansado, meus pés doíam o tempo todo, eu estava farta de lidar com clientes mal-educados e de acordar cedo ou chegar tarde em casa cheirando a batata frita.

"Não quero ser garçonete a vida toda."

“Certo. O que você quer ser?”

Olhei para ele. "Não sei. Estou esperando que algo me diga algo. Acho que saberei quando vir."

Woofarine cheirou a grama na beira da trilha e começou a dar voltas, e Chris tirou um saquinho para recolher fezes da sua mochila.

“Por que você decidiu ser farmacêutico?”, perguntei.

"Eu quase fui médico." Ele se inclinou para pegar as fezes. "Eu não queria ficar ao lado dos pacientes. Quero ajudar as pessoas, mas gosto mais da parte científica."

“Hummm. Isso é muito nerd, Christopher. Você se importa se eu te chamar de Christopher?”

"Hum, na verdade, eu me importo sim", disse ele. "Era assim que minha mãe me chamava quando estava brava comigo."

“Isso desencadeia sua reação de fuga?”

Ele deu um nó na sacola. "Isso me dá vontade de arrumar meu quarto imediatamente."

“Ah. Pelo menos não é McNougat”, eu disse.

“Você me convenceu nessa.”

Eu ri e os cantos dos olhos dele se enrugaram.

Depois de caminharmos por cerca de uma hora, paramos em um banheiro químico. Havia uma torneira ao lado, então enchemos nossas garrafas de água e Chris jogou as fezes no lixo. Ele olhou para o relógio. "Dois quilômetros e meio."

Eu me agachei para dar água para Woofarine na tigelinha dobrável que eu carregava para ele. Ele cheirou a água e se afastou.

"Quer que eu o leve?", perguntou ele, apontando com a cabeça para a coleira.

"Claro." Olhei para os dois lados da ciclovia e não vi ninguém na trilha. Para uma sexta-feira, quase não havia ninguém por aqui. Era estranho dizer isso, mas fiquei até aliviado por Mike e Jesse não terem vindo.

Havia algo tranquilizador em Chris. Era preciso tão pouco esforço para estar com ele. Não precisávamos forçar uma conversa, podíamos falar sobre livros ou sobre o programa Woofarine, ou podíamos caminhar em completo silêncio, e eu não sentia que precisava preencher esse silêncio — ou melhor, ele sentia.

Mike não gostava de silêncio. Estava sempre fazendo piadas ou contando histórias animadas. Eu gostava das histórias dele, mas às vezes era bom ficar em silêncio.

“Então, que sopa você vai fazer agora?”, perguntou ele, guardando a garrafa de água.

“Por quê? Algum pedido especial?”

"Eu poderia ser convencida a comprar frango com bolinhos de massa. Era uma das poucas coisas que minha mãe costumava fazer. Faz tempo que não como."

"Certo. Vou ver o que posso fazer."

Ele sorriu, passou álcool em gel nas mãos e me ofereceu um pouco. Esfreguei nas palmas das mãos e olhei ao redor. A paisagem havia mudado de pradarias abertas com grama verde e flores silvestres para bosques e árvores altas que se curvavam sobre a trilha. Era lindo e tranquilo.

"Quase deixei de cuidar das crianças hoje", eu disse, observando a brisa passar pela copa das árvores.

"Você está feliz por não ter feito isso?", perguntou ele.

Assenti com a cabeça. "Sim. Sou eu."

9

CHRIS

Eu estava me divertindo bastante. Fiquei feliz que Larissa não tivesse ido embora quando os outros desistiram. Acho que eu não teria ficado se tivesse que caminhar sozinha, principalmente porque ela teria levado o cachorro.

O dia foi esquentando e o sol estava nos castigando. O rosto dela estava rosado e os ombros avermelhados. Às vezes, a trilha atravessava uma área arborizada, mas na maior parte do tempo não tínhamos sombra. Ela tinha tirado o moletom uma hora antes e o enfiado na mochila. Vestia uma regata branca e um short. O cabelo estava preso em um rabo de cavalo, com um boné preto com o logo da academia do Mike por baixo.

Ficou muito melhor nela do que no Mike.

“Deveríamos passar protetor solar”, eu disse.

“Você tem alguns?”, ela perguntou.

Abri o zíper da minha mochila e tirei um tubo.

“Obrigada”, disse ela, pegando o produto. “Passei um pouco antes de sair de casa, mas acho que estou suando e ele está saindo. Não pensei que ficaríamos aqui fora por tanto tempo. Quantos quilômetros já percorremos?”

Olhei para o meu relógio. "Quatro."

“Ele disse uma hora e meia, então provavelmente já estamos quase terminando”, disse ela, colocando um pouco de loção na mão antes de me devolver o frasco.

Eu estava ficando com fome. Queria perguntar se ela queria ir comer alguma coisa depois, mas descartei a ideia imediatamente. Uma coisa era estar naquele passeio que não tínhamos planejado fazer sozinhas. Outra coisa bem diferente era fazer planos com ela depois. Sozinhas, só nós duas — não. Se fosse a Becca, não faria diferença. Mas com a Larissa, fazia. Eu não conseguia explicar o porquê.

Comecei a passar protetor solar enquanto ela pegava a garrafa de água e se

agachava para oferecer um pouco ao Woofarine, mas ele não quis mais.

“Ele não bebeu nada”, disse ela, levantando-se. “Devemos nos preocupar com isso?”

“Já estamos quase terminando”, eu disse, passando loção na nuca. “Ele provavelmente está bem.”

Ela olhou para o nosso cachorro, preocupada. Ele não parecia preocupado. Parecia pronto para continuar a corrida. Não sei de onde veio toda aquela energia, ele nos arrastou pelos últimos seis quilômetros.

Ela o observava enquanto despejava a água na boca. Então, teve uma ânsia de vômito.

"O que houve?", perguntei.

"Muito ruim." Ela disparou. "Muito ruim mesmo."

“Como assim, é ruim?”

"Tem gosto de sangue." Ela fez uma careta.

Guardei o protetor solar, peguei minha garrafa de água e experimentei. Tive que cuspir também. "Canos enferrujados", eu disse, enxugando o queixo.

"É perigoso?"

Balancei a cabeça negativamente. "Não, tem gosto de merda. Não é à toa que ele não bebe."

"Que nojo." Ela empalideceu.

Derramei minha água na grama. "Quando eu estava no ensino fundamental, a água do bebedouro tinha esse gosto. Se você ficasse com sede o suficiente para beber, as crianças zombavam de você e te chamavam de Menino Vampiro pelo resto do dia."

Ela riu e guardou a garrafa de água na bolsa.

Assenti com a cabeça. "Você não vai jogar fora?"

“Não, vou guardar caso precise lavar as mãos. Nunca se sabe que tipo de coisa nojenta o Woofie pode pegar.”

Ela não estava errada quanto a isso.

Recomeçamos a caminhar. Woofarine ainda estava puxando a guia.

"Este seria um ótimo primeiro encontro", eu disse, olhando para algumas flores silvestres.

“Não. Você não pode levar alguém para uma caminhada no primeiro encontro”, disse ela.

"Por que não?"

Ela me lançou um olhar. "Você está falando sério? Oi, eu sei que nunca nos vimos antes, mas você gostaria de me acompanhar sozinha na floresta?"

“É bonito”, eu disse, apontando para as flores. “Você não gostaria de um encontro assim?”

"Sim, eu faria. Mas não na primeira vez. E se você me assassinar?"

"Certo, supondo que você me conheça bem o suficiente para saber que eu não vou te matar, por que não?"

"Vamos ver. Para começar, eu gostaria de poder olhar para você. É difícil quando você está andando ao lado de alguém. Se eu quiser ir embora, não consigo a menos que o cara me acompanhe até a saída, e isso é constrangedor. Além disso, e se estiver calor? Ou frio? Ninguém quer suar ou tremer de frio no primeiro encontro. E aí tem uma subida e eu fico sem fôlego, lutando para não deixar transparecer o quão fora de forma eu estou."

“Ah. Mas você não está fora de forma.”

Então percebi como aquilo soava, como se eu estivesse a observá-la. "Eu... eu só quero dizer que você parece bem neste passeio."

“Eu caminho bastante no trabalho. Já estou acostumado. Mas não sei como me sairia se houvesse ladeiras.”

Uma brisa quente soprou e seu perfume dançou em minhas narinas. Virei o rosto e fingi estar olhando para a linha das árvores.

Quando olhei novamente para o meu relógio, já estávamos quase na milha seis.

“Há quanto tempo estamos aqui fora?”, perguntou ela, percebendo que eu estava verificando.

“Já faz mais de duas horas.” Franzi a testa. “Talvez devêssemos olhar um mapa. Você acha que nos perdemos?”

“Não houve nenhuma mudança de rumo.”

Ela tinha razão. O caminho estava claro, sem bifurcações.

Nos movemos para debaixo de uma árvore para termos sombra e eu peguei meu celular.

“Certo, vamos ver.” Toquei no Google Maps.

A área em que estávamos era completamente verde. Nada além de floresta. Dei um zoom out. Mais verde. Dei outro zoom out. Ainda verde. Balancei a cabeça. "Onde diabos estamos?"

“Deixa eu ver.” Ela se inclinou para olhar meu celular. Levou apenas um segundo para ela perceber o que eu já havia notado. “Estamos no meio do nada!” Ela olhou para mim. “Por que o Mike nos mandaria para cá?”

“Não sei. Vou ligar para ele.”

Ele só respondeu ao sexto toque. "O quê?"

Ele estava bêbado. Eu percebi isso imediatamente.

“Hum, oi”, eu disse, tentando não deixar transparecer na minha expressão facial a Larissa. “Estamos nessa caminhada e já faz mais de duas horas que estamos aqui. O mapa diz que estamos no meio da reserva do parque. Estamos na trilha certa?”

“Como é que eu vou saber?”

Olhei de relance para Larissa.

“Você disse que era uma hora e meia”, eu disse.

“Sim, eu fiz isso outro dia.”

Fiz uma pausa. "Você estava correndo?"

"Sim? Por quê?"

Fechei os olhos com força. Depois, tirei o telefone da boca. "Já faz uma hora e meia, correndo", eu disse a ela.

Observei a compreensão se manifestar em seu rosto.

Mike era um atleta. Ele conseguia correr dez milhas na hora do almoço sem nem suar.

“Mike, você nos deixou aqui no meio do nada.”

“É só sair. Não é difícil. É só… sair.” Ele parecia estar pegando no sono.

Virei as costas para Larissa e abaixei a voz. "Ei, você está bem? Você parece um pouco—"

"Estou bem. Ei, preciso ir", disse ele, arrastando as palavras. Então desligou. Vi a tela do telefone ficar preta na minha mão.

"Ele está bem?", perguntou ela atrás de mim.

Virei-me e assenti com a cabeça. "Sim. Sim, ele está bem. Só acho que está um pouco zonzo. Por causa da enxaqueca", acrescentei.

Eu não achava que ele estivesse desmaiado por causa da enxaqueca. Na verdade, nem achava que ele estivesse com enxaqueca. Isso já tinha acontecido duas vezes. Tinha alguma coisa errada com ele.

Eu queria perguntar à Larissa como o Mike estava. Ele tinha um histórico de ansiedade e, no ensino médio, bebia para lidar com isso, mas eu não tinha certeza se ele havia contado a ela, e não era da minha conta deixar escapar essa informação caso ele não tivesse contado.

Eu teria que conversar com ele para entender o que diabos estava acontecendo, mas por enquanto eu precisava nos tirar daquela floresta.

"Certo", eu disse. "Precisamos descobrir onde estamos e quanto ainda temos que percorrer."

Ela assentiu com a cabeça. "Muito bem. Vamos sentar e nos situar."

Encontramos um lugar com sombra perto da trilha e sentamos em um tronco.

“Estamos no meio”, eu disse, olhando para o mapa. “Estamos quase tão perto da entrada quanto da saída. Um pouco menos se voltarmos atrás.”

“Não quero voltar atrás”, disse ela.

“Vamos sair daqui mais rápido.”

“Sim, mas já vimos isso. Não quero ver de novo. Quero ver o que ainda não vi.”

“Não temos água.”

“Eu tenho água. É nojento, mas é água. Tenho o suficiente para nós dois. Woofarine pode beber no próximo riacho que encontrarmos. Não vamos morrer.”

Olhei para ela. "Você realmente quer continuar?"

Ela deu de ombros. "Sim. Por que não? E se o que está por vir for melhor do que o que já fizemos?"

Eu ri um pouco.

Mais uma vez, a tenacidade.

A mulher tinha cem empregos, nunca tirava um dia de folga. Ela literalmente não diminuía o ritmo. Era como Woofarine, só que sem a vontade de massacrar.

Gostei.

“Está bem”, eu disse. “Vamos continuar.”

“Vamos fazer um inventário do que temos”, disse ela. “Vamos fazer uma pequena pausa, comer um lanche.”

Você tem algum lanche?

“Eu sempre tenho lanches.”

Ela começou a vasculhar a mochila. Tirou uma barra de granola com gotas de chocolate, uma maçã e alguns palitos de pão embalados individualmente, que a Donna usava como acompanhamento para as sopas no trabalho. Ela me ofereceu um.

"Adorei", eu disse, desembrulhando.

“Eu também. Melhor do que biscoitos porque não amassam. Só pego os que os clientes não abrem. A Donna joga fora. Não vou roubar palitos de pão.”

"Eu jamais sugeriria uma coisa dessas", eu disse, dando uma mordida.

“Então, o que tem na sua mochila?”, perguntou ela com um sorriso irônico, apontando com a cabeça para ela. “Algo útil?”

Eu desengatei e entreguei para ela.

Ela colocou a pochete no colo e começou a vasculhá-la. "Benadryl, Band-Aids, álcool em gel, cortisona — isso parece exatamente uma pochete que um

farmacêutico prepara. Ah! Isso pode ser bom." Ela mostrou um pacote de pó eletrolítico com sabor de uva. "Pode melhorar o gosto da água. Posso usar?"

"Vá em frente."

Ela colocou a garrafa de água entre os joelhos, desenroscou a tampa, arrancou um canto com os dentes e despejou o conteúdo.

Ao provar, ela teve ânsia de vômito.

"Ainda está ruim?", perguntei, observando-a fazer uma careta.

“Agora é sangue de uva.”

"Provavelmente devemos beber, por pior que seja. Ainda temos mais algumas horas de caminhada", eu disse.

“Fique à vontade.” Ela me entregou.

Foi a pior coisa que já provei em toda a minha vida. Foi um esforço enorme para engolir.

Maldito Mike.

Dei mais alguns goles e depois devolvi a garrafa para ela. Ela tomou outro gole, estremeceu e colocou a tampa de volta.

Enquanto colocava a água na bolsa, ela apontou com a cabeça para a minha perna. "Acho que você tem um carrapato."

Eu pulei e espantei a criatura, fazendo uma pequena dança.

"Você não gosta de insetos?", perguntou ela.

"Não gosto da doença de Lyme", disse eu, examinando minhas panturrilhas. "Nem dos cervos que a contraem."

“Sim, não vamos esquecer aqueles monstros horrendos. Você ainda acha que este seria um bom encontro?”, perguntou ela, abrindo sua barra de granola e dando uma mordida. Ela sorriu para mim enquanto mastigava.

“Bem, há algo a se dizer sobre o vínculo traumático.”

Ela caiu na gargalhada.

Ela me deu a outra metade da barra de granola, depois mordeu a maçã e me ofereceu. Eu peguei, mordi um pedaço e devolvi.

Ela mordeu um pedaço de maçã e deu para o Woofarine, e eu dei a ele alguns dos petiscos de treinamento que eu tinha trazido. Larissa vasculhou a mochila mais uma vez e encontrou um palito de carne. Ela o ergueu como se tivesse descoberto o Santo Graal e, honestamente, era essa a sensação, aqui no meio do nada.

“Tudo fica mais gostoso quando você está perdido na natureza”, disse ela, enquanto me observava mastigar a minha metade.

"Eu nem gosto disso, e essa é a melhor coisa que já comi."

“Qual foi a sua avaliação do pão?”, perguntou ela, apontando com a cabeça para a embalagem do palito de pão no tronco da árvore entre nós.

“Nota 11 de 10.”

“Viu? Às vezes a felicidade vem dos lugares mais inesperados.”

"Teremos que agradecer ao Mike", murmurei, dando a Woofarine o último pedaço de carne seca.

Reaplicamos o protetor solar, limpamos a bagunça, tomamos mais um gole doloroso da nossa água com sangue de uva e voltamos para a trilha.

A parada foi boa. Me senti melhor. Pronto para encarar os próximos dez quilômetros — na verdade, até ansioso pelos próximos dez quilômetros, percebi.

Não gostei de ser largado na floresta numa aventura épica sem aviso prévio, mas gostei da companhia.

Isso me fez lembrar de programas como The Amazing Race ou Largados e Pelados, onde a pessoa com quem você faz dupla faz toda a diferença.

“Sabe o que isso me faz pensar?”, disse ela.

"O que?"

“Largados e com Medo”.

Eu sorri. "Eu estava pensando a mesma coisa."

"Você toparia participar de um programa desses?", perguntou ela, lançando um olhar para mim.

“Deus me livre. Você faria isso?”

Ela deu de ombros. "Acho que seria legal. Eu aprenderia muito sobre mim mesma."

“Você aprenderia como é a sensação de ter malária”, eu disse.

"Eu aprenderia a valorizar o conforto que tenho em casa. Aprenderia a apreciar as coisas que considero banais. Finalmente, me livraria do vício em cafeína."

"Você aprenderia a sofrer em um mundo com muito mais sofrimento do que o necessário. E teria que ficar nu na frente de um estranho", eu disse.

“E uma equipe de filmagem”, acrescentou ela.

“E depois todas as pessoas assistindo em casa.”

“Sim, mas eles desfocam as coisas importantes. Ninguém em casa veria nada. E os cinegrafistas já estão acostumados com isso.”

"Então você faria isso?", perguntei.

"Quer dizer, eu teria que aprender habilidades de sobrevivência. Na verdade, eu não sei fazer nada disso. Mas sim, eu faria."

"Como se você fosse aprender a dirigir com câmbio manual no

estacionamento?", eu disse, referindo-me ao comentário que ela fez naquele dia no hospital.

“Às vezes, a necessidade nos força a sermos a versão mais eficiente de nós mesmos”, disse ela. “Então você não faria isso, né?”

"Acho que sei demais", eu disse. "Todos esses parasitas estomacais e doenças infecciosas. Eu ficaria estressado o tempo todo. Sabe, algumas dessas coisas causam doenças crônicas para a vida toda. Não vale a pena."

“Christopher, qual é o seu sobrenome?”

“Wright”, eu disse. “Christopher Wright.”

“Então me diga, Christopher Wright, é por isso que você não gosta de veados? Doença de Lyme?”

Sorri para a trilha. "Não."

Senti o olhar dela sobre mim. "Ah, então isso é algo sério, não é?"

Olhei para ela de relance, mas não respondi.

"Um cervo matou sua família?", ela perguntou.

“Como você sabia?”

“Ah. Conte-me. Não vou te iludir. Muito.”

“Como você sabe que é algo pelo qual eu sou alvo de piadas? O Mike te contou?”

“Não! Ele sabe?”

"Ele é meu melhor amigo", eu disse. "Estou surpreso que ele ainda não tenha te contado tudo. Ele adora contar essa história."

“Bom, agora você tem que me contar, porque eu vou descobrir de qualquer jeito.”

Soltei um suspiro pelo nariz. "Fui atacado por um veado."

Ela se virou e piscou para mim. "Você fez isso? Foi para proteger um bebê ou algo assim?"

“Não, estava me lambendo.”

Ela caiu na gargalhada.

Dei-lhe um momento para rir antes de continuar. "Eu tinha oito anos", disse, com um sorriso na voz. "Estávamos na cabana do Mike por uma semana, e eu estava brincando lá fora com ele quando um veado saiu do meio das árvores e começou a lamber meu suor. Ele estava me perseguindo por todo o quintal. O Mike correu para dentro chorando e disse para a mãe dele que um veado estava me comendo."

Larissa estava ofegante. Tive que interromper minha história.

“Isso é uma piada. Você está brincando comigo”, disse ela.

“Não sou. Quando Donna saiu, começou a rir tanto que mal conseguia me ajudar.”

“Então agora você tem fobia de cervos?”

“Sim, são aterrorizantes. Tenho um pesadelo recorrente com três veados empilhados uns sobre os ombros dos outros debaixo de um sobretudo num beco escuro.”

Ela engasgou.

Para ser sincera, eu não gostava muito de contar essa história. Os caras a usavam para me zoar durante todo o ensino médio. Mas eu gostava de fazê-la rir.

"Se algum dia encontrarmos um cervo, eu te protejo, tá bom?", disse ela, ainda rindo baixinho.

Soltei uma risada pelo nariz. "Ah, é? Quantas dessas coisas você acha que conseguiria derrotar numa briga? Números reais aqui."

"Quantos?"

“Sim. Eles andam em bandos. Você já viu menos de dois cervos juntos?”, perguntei. “No mínimo, você estaria em combate corpo a corpo com pelo menos dois. Sendo realista, você estaria lidando com cinco ou seis. Acha que consegue abater cinco ou seis cervos?”

"Os veados correm", disse ela, parecendo divertida. "São animais que fogem."

“Não os que eu conheci. Não os de que estamos falando. Se os cervos vierem atrás de nós, acabou, estamos perdidos. Eles são numerosos, se reproduzem mais rápido que nós. Um cervo adulto chega à idade adulta em três anos. Eles pesam tanto quanto um homem, correm a 48 quilômetros por hora, conseguem pular 2,4 metros, enxergam no escuro, têm audição e olfato superiores, têm espinhos pontiagudos na cabeça—”

Ela deu um suspiro de espanto. "Ai, não, os gravetos pontiagudos não!" Ela fez uma careta fingida de medo.

Tive que me esforçar para manter a expressão séria. "Você está rindo de mim, mas estou falando muito sério. Temos sorte de eles não terem se organizado. Você acha que ainda estaríamos no topo da cadeia alimentar se os cervos finalmente se cansassem das nossas fezes?"

“Eles não têm polegares oponíveis, Chris. Eles não falam, não conseguem conspirar, não têm linguagem.”

“Ainda não. Que saibamos. Você sabe quantas pessoas são mortas por cervos todos os anos?”, perguntei. “Quer dizer, claro, a maioria das mortes são causadas por acidentes de trânsito — ou será que são acidentes mesmo?”

Ela balançava a cabeça. "Você é demais. Veados não são assustadores. Tenha medo de algo que seja realmente assustador."

"Como o que?"

Ela deu de ombros. "Não sei. Gansos-do-canadá? Woofarine?"

Eu ri do comentário sobre o Woofarine.

“Gansos são pássaros. Ninguém vai ser morto por gansos”, eu disse.

“Então você acha que conseguiria lidar com um ganso-do-canadá irritado?”, ela perguntou. “Eles são galinhas-cobra.”

“Não estou dizendo que seria um bom momento, mas sim.”

“E se houvesse um bando inteiro deles?”

“Há mais chances de sobreviver a um ataque massivo de gansos do que a uma emboscada organizada de veados. Sem mencionar que os gansos são uma ameaça sazonal e os veados estão aqui diariamente, vivendo entre nós, patrulhando nossos gramados enquanto dormimos.”

“Algo me diz que você nunca viu a parte de trás de um ganso-do-canadá. Você é convencido demais.”

Eu sorri. "Quero que saiba que eu me colocaria entre você e um cervo, e entre você e um ganso também, porque esse é o tipo de cara que eu sou, mas saiba que eu ficaria apavorado."

"Bem, não é corajoso se você não estiver com medo." Ela balançou a cabeça, ainda rindo muito.

Sorri, olhando para ela por um instante a mais do que devia. Ela tinha uma pequena covinha. Lembrei-me da primeira vez que a notei, na noite em que nos conhecemos. Descalça, pendurada nas costas da Lexi. Divertida. Descontraída.

Seus cabelos loiros estavam ondulados por causa da umidade da multidão. Não estavam frisados. Como se ela tivesse passado um dia na praia. E ela estava tão radiante, com aquele sorriso brilhante de sempre, apesar de todas as coisas ruins que sei que ela enfrenta — um pai péssimo, todas aquelas dívidas e todos os empregos que ela tem para pagá-las.

Não sei se eu seria uma pessoa tão boa se o mundo tivesse me tratado da maneira como a tratou. Mesmo aqui, perdida, com calor, cansada e queimada de sol, ela se manteve positiva e fez o melhor que pôde.

Na semana passada, fui à casa dela buscar o Woofarine. A Larissa estava fora cuidando de crianças, então a Nancy me deixou entrar e me convenceu a conversar por alguns minutos. Eu estava sentada lá, tomando um refrigerante de marca genérica, batendo papo com a mãe dela, olhando em volta, e eu conseguia sentir a presença da Larissa em cada centímetro daquele apartamento. A Larissa

era como uma flor plantada em um monte de lixo. Ela fazia aquele lugar decadente parecer, de alguma forma, alegre e aconchegante. Havia uma manta de arco-íris que a Nancy disse que a Larissa tinha feito, pendurada no sofá, vasos que ela garimpou em brechós, móveis de segunda mão que ela reformou na sala de estar. Ela era tão talentosa — e acho que ela nunca parava quieta. Sei que provavelmente não parece agora, mas a Larissa ia ter sucesso, independentemente do que a vida lhe reservasse. Apesar de tudo. Acho que ela desafiaria o que derruba a maioria das pessoas no final, porque ela tinha a capacidade de dar de ombros e seguir em frente. Continuar sorrindo.

A vida nos enterra. Ficamos cada vez mais pesados com o passar do tempo, sofrendo sob as camadas que acumulamos. Às vezes, essas camadas nos definem como seres humanos, outras vezes, nos transformam em alguém completamente diferente.

Fiquei pensando se o que tinha acontecido com a mamãe tinha começado assim. Pequena e magra, e foi se acumulando até que ela não se reconhecia mais.

E eu nem sabia que ela tinha ido embora até que fosse tarde demais.

Devo ter ficado em silêncio.

"O que houve?", perguntou Larissa, sentada ao meu lado.

Balancei a cabeça negativamente. "Nada. Só estou pensando na minha mãe."

Ela esperou. Eu quase não continuei, mas por algum motivo, ali no meio do nada, senti que podia. Como se talvez pudesse deixá-lo ali na floresta e ir embora sem ele.

"Ela morreu de uma forma que estou tendo dificuldade em assimilar", eu disse.

"O que acontece-"

Woofarine virou bruscamente para a esquerda atrás de algo na grama. Ele pegou. E o momento passou da calmaria ao caos em uma fração de segundo.

Era uma cobra. Uma cobra muito grande. Larissa começou a gritar.

Eu puxei a coleira, mas ele levou a cobra consigo.

“Woofarine! Meu Deus!” gritou Larissa. “Solta ele! Chris, pega ele!”

"Estou tentando!"

Ele se movia tão rápido que tive que pegá-lo pela coleira, na esperança de que a soltasse. Mas não soltou. Woofarine ficou pendurado ali, a um metro e vinte do chão, sacudindo a cobra e rosnando como um texugo-do-mel.

"Você consegue pegar?" ela gritou enquanto o cachorro chicoteava o objeto violentamente de um lado para o outro.

“Não vou tocar numa cobra!”

Woofarine rosnou e deu uma última sacudida supersônica na cobra, depois a arremessou ao chão. Ela estava estripada e se contorcia no asfalto negro.

Fiquei ali parado, ainda segurando meu cachorro pela coleira como se fosse um engradado de cerveja. Ele girava no ar, coberto de vísceras e com um ar de orgulho.

Larissa nos encarava, com os olhos arregalados. Havia respingos de sangue em sua camisa branca.

Um cara de bicicleta tocou a campainha, acenou ao passar por nós e atropelou o réptil quase morto, acabando com seu sofrimento.

Ela ficou um longo tempo sem dizer nada. "Woofarine Christopher Wright", sussurrou.

Olhei para o nosso cachorrinho descontrolado. "Vamos precisar de terapia depois disso", sussurrei.

“Terapia de casal”, disse ela. “Teremos 50% de desconto.”

Foi isso. Eu comecei a rir e ela também.

Nada disso tinha graça. A cobra estava morta, estávamos cobertos de sangue. Tudo aconteceu em menos de trinta segundos e estávamos em choque, mas foi tão bizarro que chegou a ser engraçado.

Eu estava enxugando as lágrimas dos olhos quando finalmente me recompus.

"Coitadinha", disse Larissa, balançando a cabeça para a cobra.

Ela procurou um pedaço de pau e empurrou o corpo inerte para o lado da trilha.

Coloquei Woofarine no chão e ele disparou de novo, mas eu segurei a coleira com a mão e o impedi.

Ela olhou para si mesma. "Que nojo."

“Você tem um pouco… Está na sua bochecha.”

Ela limpou o rosto com as costas da mão e recuou ao ver a mancha.

Tirei um lenço desinfetante da minha pochete e entreguei para ela.

"Woofarine Christopher Wright?", perguntei, observando-a enxugar o rosto.

“Ele é seu filho.”

“Você é a mãe dele.”

“Hoje não.”

Eu sorri.

"Isso não está resolvendo", disse ela, dando leves toques inúteis na camisa.

“Talvez possamos encontrar um riacho”, eu disse.

Caminhamos mais uns oitocentos metros antes de ouvirmos o murmúrio da água. Tivemos que descer um barranco para chegar ao riacho. Fizemos o melhor

que pudemos para nos limpar. A água estava gelada. Lavei o cachorro. Ele parecia um rato molhado quando terminei. Então, Larissa tirou a camisa para enxaguá-la enquanto eu ficava de costas para ela na beira da trilha.

"Desculpe", disse ela atrás de mim. "Não consigo andar mais dez quilômetros com essa sujeira de cobra grudada em mim. Preciso tirar isso." Eu conseguia ouvir o farfalhar das pedras molhadas enquanto ela pulava de um lado para o outro do riacho até chegar à pequena poça de água cristalina que eu tinha usado para lavar o cachorro. "Não acredito nisso", murmurou ela.

“Isso daria um ótimo jogo de ‘Duas Verdades e Uma Mentira’”.

“Hahaha. Meu cachorro matou uma cobra e me cobriu de vísceras quando eu estava perdida na floresta. Eu me formei no ensino médio. Conheci meu namorado enquanto estava descalça depois de um show do Jaxon Waters.”

Meu olhar para o campo desmaiou. "Você nunca se formou no ensino médio?"

“Não.” Mais respingos. “Eca, vai ficar transparente até secar”, disse ela.

"Você quer minha camisa?", perguntei por cima do ombro.

Você me daria sua camisa?

“Se você precisar, sim.”

Ela gemeu. "Talvez eu tenha que aceitar sua oferta. Meu sutiã é de renda. Não quero mostrar nada para ninguém... Ah! Eu tenho meu moletom. Vou usar só ele."

"Não." Eu já estava tirando a camiseta. "Está muito quente. Nem água boa temos, você vai ter uma insolação. Aqui." Entreguei a camiseta sem olhar. Um instante depois, senti ela pegá-la. Ainda bem que eu estava de costas para ela, assim não podia me ver corando.

Eu estava em boa forma, mas meu corpo não se comparava ao do Mike. Por que me ver sem camisa me deixou tão inseguro? Talvez eu me importasse se fosse a Becca ou a Samantha, esposa do Xavier, também?

Mas eu sabia, mesmo enquanto pensava nisso, que não ia acontecer. Esse sentimento era algo muito específico da Larissa, e eu não sabia por quê. Eu me importava se ela não gostasse do que via — e então me sentia tão mal por isso que queria que ela me visse sem camisa e comparasse meu físico lamentável com o do namorado personal trainer dela, como castigo por eu ter sequer pensado nisso. Ao mesmo tempo, eu esperava que ela sentisse nojo ao me olhar e que não.

“Pelo menos é água fria”, disse ela. “Bom para tirar o sangue.”

"Poderia ser pior", eu disse por cima do ombro.

“E como é isso?”

“Poderia ter sido um gambá.”

“Não nos dê azar, Christopher. Este dia ainda não acabou.”

Sorri para o campo de flores silvestres à minha frente. "Você ainda está feliz por termos continuado em vez de voltarmos pelo mesmo caminho?"

"Sim", disse ela atrás de mim. "Sabe no que eu penso muito?", perguntou.

"O que?"

"Li um livro uma vez que falava sobre a psicologia das pessoas em situações de sobrevivência. Como os humanos têm dificuldade em reescrever o roteiro em suas cabeças. Você sabia que, em uma emergência, as pessoas tendem a escapar pela porta por onde entraram, mesmo que não seja a rota mais segura, porque é a porta que conhecem? Elas correm direto para o perigo do qual estão tentando fugir, simplesmente porque é familiar. Penso nisso quase todos os dias. A maioria das pessoas passa a vida inteira assim, escapando pela porta que conhece. Isso realmente mudou a forma como vivo minha vida."

"E aí?", perguntei.

"Eu me pergunto se estou fazendo algo porque é o que estou acostumado, ou se estou fazendo porque é objetivamente a melhor coisa a fazer."

“E seguir um caminho que ainda não tínhamos trilhado era, objetivamente, a melhor coisa a fazer?”

“Bem, era assim naquela época.” Ouvi-a se aproximar por trás de mim novamente. “Vestida.”

Virei-me para olhá-la. Ela estava lá, vestindo minha camiseta e segurando a dela na mão.

"Melhor?", perguntei.

"Ainda bem que a sujeira ficou na minha camisa e não na minha calça."

"Não posso deixar você correndo pelo parque como o Ursinho Pooh", eu disse.

Ela riu e mostrou a camisa molhada. "Eu torci, mas é de algodão. Espero que seque logo."

“Deveríamos pendurá-lo na sua mochila. Assim, ele pegaria sol pleno.”

Eu prendi na bolsa dela, certificando-me de espalhá-la bem.

Quando terminei, ela se virou novamente. Seus olhos se fixaram por uma fração de segundo no meu peito nu. Ela pigarreou. "Você provavelmente deveria passar protetor solar. Eu posso passar nas suas costas."

"Tudo bem", respondi rapidamente. "Farei apenas o que estiver ao meu alcance."

Ela balançou a cabeça. "Você vai se queimar."

“Não, eu não vou.”

Ela me olhou como se eu tivesse enlouquecido, mas de jeito nenhum eu ia deixar ela me tocar.

Mike não se importaria, nem era essa a questão. Eu simplesmente não me sentia bem com isso. De novo, eu sabia que provavelmente deveria analisar isso com mais calma, mas não agora.

“Se passarmos protetor solar nas minhas costas, vamos ficar sem e não sabemos quanto tempo mais vamos ficar aqui fora”, menti. “Por que você não me deixa usar a mochila? Ela vai me cobrir.”

Ela assentiu com a cabeça. "Certo." Ela tirou e entregou. "Tem certeza?"

"Sim, estou bem", eu disse, colocando a mochila nos ombros. "Então, por que você não se formou?", perguntei, tentando mudar de assunto.

“Tive que abandonar os estudos no décimo primeiro ano para poder trabalhar por causa dos problemas com meu pai. Tem certeza de que não quer protetor solar?”

“Tenho certeza. Você nunca pensou em voltar?”

Ela deu de ombros. "De qualquer forma, eu não teria condições de pagar a faculdade, então qual seria o sentido?"

“Você poderia conseguir auxílio estudantil, empréstimos estudantis.”

Ela olhou para mim. "Eu preciso ter três empregos só para conseguir me sustentar, Chris. Não é tão fácil assim."

Não. Acho que não foi. Às vezes eu me esquecia do quão privilegiado eu era quando criança.

Eu precisei trabalhar quando estava na faculdade, mas não precisei trabalhar para pagar meus estudos. Nunca tinha parado para pensar em como seria se precisasse. Talvez eu não fosse farmacêutica agora. Talvez eu fosse a pessoa com três empregos.

Caminhamos em silêncio por um instante. "Quantos anos você tem?", perguntei.

“Vinte e sete anos. Quantos anos você tem?”

“Vinte e nove. Essa história com seu pai vem de tão longe assim?”, perguntei.

Ela inflou as bochechas. "Isso vem de antes mesmo de eu nascer. Ele sempre teve problemas, mas piorou conforme eu fui crescendo. Ele nos deixou em uma casa hipotecada sem um centavo quando eu tinha quatorze anos. O carro, a conta de luz, a conta de telefone — tudo o que você imaginar, ele não pagou. Descobrimos que estávamos sem teto quando o aviso de despejo do banco foi

colado na porta da frente."

Eu a encarei. "Onde ele está agora?"

“Não sei e não me interessa.” Ela arrancou uma folha de um arbusto e começou a enrolá-la entre os dedos. “Como era seu pai? Ele era legal?”, perguntou, sorrindo para mim.

Dei uma risada seca. "Ele foi ótimo. Desculpe."

“É, isso não me surpreende. Você me passa a impressão de ter crescido em uma família normal.” Ela me entregou a folha. Ela a havia enrolado em forma de rosa.

Eu peguei e sorri.

“Eu não tinha uma família normal”, eu disse.

“Por que será?”, perguntou ela.

Meus pais tinham entre quarenta e cinquenta anos quando eu nasci. Não fui planejada. Filha única.

"Seus pais tinham mais de sessenta anos quando você estava no ensino médio?", ela perguntou.

"Sim."

“Nossa! Como foi isso?”

“Me sentindo sozinho? Os filhos de todos os amigos deles já estavam na faculdade quando eu nasci. Não tenho primos. Sinceramente, os caras eram minha família enquanto eu crescia. Eu fazia tudo com eles. Principalmente com o Mike.”

“Hum. Já pensou em se casar com a Janessa?” Ela me lançou um olhar brincalhão.

“Hum, não.”

“Por quê? Não faz seu tipo?”

“Na verdade, não.”

“Qual é o seu tipo, então?”, ela perguntou.

"Não sei."

Ela revirou os olhos. "Você não sabe do que gosta? Ah, qual é."

Eu sabia do que gostava.

Mudei de assunto. "Você quer ouvir minhas duas verdades e uma mentira?", perguntei.

“Não. Quero ouvir o que você ia me contar sobre sua mãe antes de Woofarine cometer o assassinato na trilha.”

Eu ri sarcasticamente.

“Então seu pai faleceu”, ela disse. “E sua mãe morreu recentemente. E você

está tendo dificuldades para lidar com isso. Você conseguiu se despedir dela?”

Olhei fixamente para a frente. "Recebi a ligação e fui até lá. Ela morava na Flórida. Passei algumas semanas com ela enquanto ela estava em cuidados paliativos. Estava com ela quando ela faleceu."

“Foi inesperado?”

"Era."

“Como ela morreu?”

Fiz uma pausa. "Insuficiência hepática."

Ela assentiu lentamente. "Não é uma forma pacífica de partir, suponho?"

“Não. Não é.”

Estavam retirando litros de líquido do abdômen dela. Ela estava coberta de hematomas, amarelada e com muita dor, e o corpo todo coçava. Eu não queria contar isso para a Larissa. Não queria contar isso para ninguém. Eu preferia não saber também.

"Tenho tido pesadelos", eu disse. "Não tenho conseguido dormir direito."

"Ela não conseguiu um transplante de fígado?", perguntou ela.

“Ela não era candidata.”

Depois disso, desisti. Acho que não estava pronto para falar sobre isso na medida em que pensava.

Um trovão ribombou no céu.

Olhei para o céu. "Era para chover hoje?"

“Só verifiquei de manhã. Não pensei que ainda estaríamos aqui depois do almoço”, disse ela.

“Vamos acelerar o passo. Talvez consigamos ultrapassá-lo caminhando.”

Não conseguimos.

Caiu um dilúvio. Um aguaceiro torrencial e estrondoso. Uma daquelas chuvas atípicas de Minnesota que chegam de repente e despejam água em cima de você, com direito a vento e céu escuro.

Woofarine não foi afetado em nada. Ele continuou correndo, puxando a coleira, completamente encharcado e atravessando poças d'água.

Estávamos ali há dez minutos, sem dar sinais de que iríamos parar, quando Larissa apontou com a cabeça para uma clareira entre as árvores. "Olha!"

Era uma latrina. Nunca fiquei tão feliz em ver um banheiro abandonado e assustador no meio do nada.

Corremos e tropeçamos para dentro bem na hora em que outro relâmpago cortou o céu. Fechei a porta com dificuldade e a tranquei. Ficamos ali parados, olhando em volta do pequeno cômodo enquanto a porta batia com o vento.

Era tão nojento quanto você imagina. Chão de concreto com pedaços de papel higiênico, um rolo vazio no dispenser, um aplicador de absorvente usado num canto. Moscas, teias de aranha e uma pele de cobra. Woofarine disparou em direção ao aplicador e eu o levantei pela coleira segundos antes de o atingir, segurando-o contra o meu peito enquanto ele se debatia para se soltar.

Larissa estava parada ali, a uns sessenta centímetros de mim, com água pingando das pontas do cabelo. Ela se encostou na parede, jogou o rabo de cavalo por cima do ombro e o torceu. "Então", disse ela, observando Woofarine espantar uma mosca. "Você acha que já criamos um vínculo traumático oficial ou precisamos encontrar um cadáver ou algo assim?"

“Provavelmente tem um naquele banheiro.”

Ela caiu na gargalhada. Eu ri também.

Estávamos encharcadas e queimadas de sol. Tínhamos pelo menos mais duas horas de caminhada, água com gosto de sangue de uva, sem comida, um cachorro homicida se debatendo nos meus braços na esperança de comer um absorvente usado. O quarto cheirava a merda. Mesmo depois de tudo o que aconteceu naquele dia inacreditável e cheio de merda, tudo o que eu conseguia pensar era que eu não mudaria nada. Nem o que eu tinha contado para ela sobre a mamãe. Nem ter me perdido. Nem mesmo o fato de o Mike não ter vindo.

Principalmente isso.

10

LARISSA

"Onze milhas", disse Lexi, com a maior seriedade.

"Sim", eu disse, enquanto enchia os frascos de ketchup.

"Eu ficaria muito irritada", disse ela, balançando a cabeça por cima dos pacotes de açúcar. "Ninguém me obriga a fazer exercício."

“Não sei, para ser sincero, foi até divertido.”

Ela fez uma careta. "Divertido como? Você acabou de me falar sobre água com sangue de uva, entranhas de cobra e o banheiro de um filme de Jogos Mortais. Parece um sacrifício ritualístico, não um passeio divertido."

Eu ri. "O Chris é legal. Não me importo de passar um tempo com ele."

“Ah, aposto. Então, como você saiu da floresta?”

“Inteira. Saí de lá queimada de sol, vestindo a camisa dele.”

Ela parou com a mão sobre um pote de açúcar. "Ele te deu a camisa dele?"

"Sim", eu disse, começando a olhar os saleiros e pimenteiros.

“O que ele estava vestindo?”

Dei de ombros. "Nada. Minha mochila, para não ter que carregá-la."

Ela balançou a cabeça. "Acho isso tão atraente", disse ela. "Atos de cavalheirismo em situações de sobrevivência. Isso, e quando um homem consegue picar legumes super rápido. Simplesmente me conquista."

“Hum. Eu gosto quando um cara tem mãos grandes e segura um filhote de animal”, eu disse.

“Quando um cara consegue construir uma casa. Ou dar ré com um caminhão.”

"Caras que sabem mexer com carros", eu disse. "Aquele momento em que eles saem de baixo do carro, deslizando para fora daquela coisa com as rodas."

“Essa é boa. Uma vez eu transei com um cara porque ele tinha marionetes. Sabe, aquelas marionetes com fios?”

Parei para ficar olhando para ela, boquiaberto.

"O quê? Foi quente", disse ela. "E é melhor do que transar com ele sem motivo nenhum. E a destreza dos dedos..." Ela fez um gesto como se estivesse dando um beijo de chef.

Balancei a cabeça, rindo.

"Adoro quando um cara tem um hobby incomum", disse ela. "Falando em trabalhos, tenho uma nova dica de renda extra para você."

“Ah, o quê?”

“Inscrever-se em ações coletivas.”

Fiz uma careta. "Sério?"

“Sim, tem um site e tudo mais. É só procurar os produtos que você já usou e se cadastrar. Um processo judicial envolvendo picles acabou de pagar a prestação do meu carro.”

Eu ri.

“Não estou brincando”, disse ela, enfiando Splenda em um carrinho de compras.

"Certo, vou dar uma olhada. Preciso de tudo que puder conseguir."

Meu telefone tocou, então larguei minha caixa de sal e atendi. Era o Mike.

“Ei”, eu disse.

“Onde você está?”

“Continue funcionando”, eu disse, limpando os saleiros com um pano.

“Então, a viagem para a cabana daqui a algumas semanas… Tony quer que eu vá alguns dias antes.”

“Ah”, eu disse. “Para quê?”

“Consertos. Ele quer que o aquecedor de água seja trocado e a campainha não está funcionando, eu acho.”

“Não posso tirar dias extras de folga do trabalho, e acho que meu carro não __”

“Não, não, o Chris pode te levar. Ele também precisa trabalhar.”

"Tem certeza?"

“Sim, eu já perguntei para ele. Você pode ir de carona com ele e depois volta para casa comigo.”

Assenti com a cabeça. "Certo."

“Jantar amanhã?”

"Claro."

“Tudo bem. Vou deixar você ir. Eu te amo.”

Eu paralisei. Ele nunca tinha me dito isso antes. Não sabia o que responder.

"Ok... obrigada", eu disse. E desliguei.

Lexi olhou para mim. "Ele acabou de te dizer que te ama?"

Virei-me rigidamente. "Sim."

“E você agradeceu…”

"Por que ele simplesmente me diria isso pelo telefone?", perguntei. Coloquei as mãos no rosto. "Ai, meu Deus. Que situação constrangedora."

"Você acha mesmo?", perguntou ela.

“Fazer o quê?”

“Amo-o?”

“Não sei! Faz apenas quatro meses.”

"Garota…"

Fiz uma careta. "Ai, o que eu faço?"

“Ligar para ele de volta?”

“E dizer o quê? Eu não quero dizer isso para ele—”

“Então explique para ele por que você não quer contar isso.”

Fechei os olhos com força.

Não é que eu não o amasse. Acho que amava, sim? Ou estava a caminho de amá-lo, só não tinha chegado lá completamente ainda. E eu não diria isso se não fosse verdade.

Senti-me instantaneamente exausta. Por que ao telefone enquanto estava no trabalho? Soltei um suspiro e voltei para meus shakes, estremecendo ao pensar nisso.

“Uma longa viagem de carro com o Chris, hein?” disse Lexi, adicionando Stevia aos seus seguidores. “Então, como ele é sem camisa? Descreva como se eu fosse cega.”

"Ah, pare com isso", murmurei.

"O corpo daquele homem parece melhor a cada vez que o vejo. Será que ele anda treinando com o Mike?"

“Sim, eles passam muito tempo juntos. Não, eu ainda não quero transar.”

Recebi uma mensagem. Por um breve momento, entrei em pânico, pensando que era o Mike. Peguei meu celular e praticamente desabei de alívio.

> Chris: Woofarine tentou arrastar um gambá pela porta dos fundos. Ele estava fingindo de morto.

Eu liguei para ele.

"Onde ele encontrou um gambá?", perguntei em vez de dizer olá. "Você tem

gambás no seu quintal?"

“Aparentemente. Era maior do que ele e estava apavorado.”

“Meu Deus, estou rindo perto da pia da cozinha.”

Ele deu uma risadinha.

"Oiiii, Chris", Lexi chamou. Então ela me lançou um olhar que preferi ignorar e levou sua bandeja de açúcar de volta para a frente da casa.

Apoiei-me no balcão. "Lexi mandou um oi. Então, o Mike disse que você vai me levar até a cabana?"

“Sim. Tenho que trabalhar até o último minuto.”

Assenti com a cabeça, como se ele pudesse me ver.

"Vou tomar Woofarine hoje?", perguntei.

“Se você puder. Vou à academia com o Mike mais tarde. Não estarei em casa. Pode entrar.”

"Certo. Preciso te devolver sua camisa. Preciso lavá-la."

"Em qualquer momento."

Houve um breve instante em que nenhum de nós disse nada.

Fiquei pensando se ele sabia o que o Mike tinha acabado de me dizer. Será que o Mike desligou o telefone, ligou para o melhor amigo dele e contou tudo? Será que pediu conselhos?

Se ele fez isso, Chris não deixou transparecer.

“Vou deixar você ir”, disse Chris.

“Ok. Certo. Tchau.”

Desligamos o telefone e eu fiquei ali parado, mordendo a lateral do meu polegar.

Lexi falou atrás de mim e me deu um susto enorme. "Admita, você cheirou a camisa dele."

Girei com a mão no peito. "Lexi—PARE."

“Não vou parar.”

Respirei fundo, tentando me acalmar.

“Termine seu trabalho para que possamos ir embora”, eu disse, dando-lhe as costas para que eu pudesse terminar de guardar meus saleiros e pimenteiros e ir para casa.

Ainda bem que ela deixou cair.

Essa informação só poderia ser arrancada de mim à força. E sim, eu cheirei a camisa, mas só porque precisei respirar quando a tirei. Foi sem querer.

Mas eu gostei do cheiro.

E você também não conseguiria arrancar isso de mim à força.

11

CHRIS

Joguei minha mochila de ginástica na carroceria da caminhonete do Mike e entrei no banco da frente. Jesse estava no banco de trás.

Olhei para Mike. "Pensei que fôssemos só nós dois."

"O quê, vocês dois estão num encontro ou algo assim?", disse Jesse, dando um tapinha no meu ombro.

Mike riu.

Eu estava tentando falar com o Mike desde o incidente no parque, semana passada. Ele estava me evitando. Ele me mandou uma mensagem hoje de manhã me convidando para a academia e eu presumi que ele estivesse pronto para me explicar por que estava tão bêbado a ponto de nos mandar, a mim e à Larissa, para uma caminhada de 18 quilômetros, mas aparentemente não era isso.

Mike passou o braço por trás do meu banco para falar com Jesse. "Vamos começar com exercícios aeróbicos e depois vamos fazer treino intervalado. Vai ter treino de alta intensidade, e depois vamos para a musculação." Ele olhou para mim. "É dia de treino de pernas. Vocês dois não vão amarelar."

"Sem frescuras", murmurei. "Entendido."

"Preciso conseguir andar amanhã", disse Jesse.

“Não, você não precisa.”

Jesse deu um sorriso irônico.

Mike saiu da calçada com o carro.

"Como vai o trabalho?", perguntou Jesse. "Você tem muitos clientes?"

“Nada mal”, disse Mike, virando à direita. “Está melhorando. Deu uma esfriada depois do movimento do Ano Novo, eu estava trabalhando umas dez horas por semana.”

Jesse inspirou profundamente, passando os dentes pela boca. "Como você está pagando suas contas, mano?"

“Não se preocupe com o que estou fazendo”, disse Mike, bem-humorado.

“Então, eu queria te perguntar uma coisa”, disse ele, olhando para mim. “O aniversário da Larissa é mês que vem. O que você acha que eu deveria dar para ela? Eu estava pensando em um daqueles ursos de pelúcia gigantes? Aqueles enormes?”

“Hum, ela mora em um apartamento…” eu disse.

“Essas coisas são um desperdício de dinheiro, cara”, disse Jesse.

Mike parecia escandalizado. "Como assim? Eles são incríveis pra caralho. Aquela coisa tem tipo, dois metros de altura."

“É, esse é exatamente o problema—a coisa tem tipo, dois metros de altura”, eu disse.

Ele desanimou. "Bem, então o que diabos eu devo comprar para ela?"

"Não sei. Algo pessoal?", eu disse.

"Como o que?"

“Ela é sua namorada. Você conhece sua namorada”, eu disse.

“Não sou bom nessas coisas. Me ajude.”

Soltei um suspiro. "Ela gosta de joias."

“Certo, então eu deveria comprar joias para ela?”

“Não. Ela mesma faz as suas. Talvez você devesse comprar uma caixa de joias para ela?”

Ele assentiu com a cabeça. "Boa ideia. Gostei disso."

Então me veio à mente a imagem dele comprando algo brega.

Soltei um suspiro, peguei meu celular e fui procurar um marceneiro que eu seguia. "Tem um cara em Wakan que faz caixas de joias personalizadas", eu disse. "Não são baratas, mas são muito bonitas, ela vai gostar. Ele pode gravar o nome dela. Se você encomendar agora, provavelmente consegue receber a tempo."

“Legal, me manda essa informação”, disse ele.

“Ela não usa colares”, eu disse. “Só pulseiras e brincos. Diga isso a ele.”

“Sim, sim. Valeu, cara!”

"Larissa está a salvo do maldito urso de pelúcia gigante", disse Jesse. "Bom trabalho, Chris."

Mike bufou. "Talvez eu ainda consiga."

“Não compre isso”, eu disse. “Confie em mim. Isso vai estressá-la.”

"Como você sabe?"

"Porque quando estávamos ensinando a Woofarine a usar o banheiro, ela mal tinha espaço para a caixa de transporte. Você vai acabar dando a ela algo que não cabe nela e ela vai se sentir mal em se desfazer disso."

"Tal como você, Mike", disse Jesse, dando um tapinha no ombro dele.

Mike riu, mas havia algo tenso na risada.

“Como vão as coisas entre vocês dois?”, perguntei, olhando para ele.

“Bom”, disse ele, recuperando-se. “Ótimo. Por que, ela disse alguma coisa?” Ele riu como se fosse uma piada, mas eu o conhecia bem o suficiente para saber que não era. Ele estava sondando.

“Não falamos de você”, eu disse.

“Sobre o que vocês conversam?”, perguntou ele, virando à esquerda.

Dei de ombros. "Não sei. Principalmente livros? Woofarine? Conversamos bastante durante nossa caminhada."

“Sobre o quê?”

“Coisas aleatórias? Objetos diversos? Você tinha que estar lá.”

"Ela ficou brava porque eu não fui?", perguntou ele.

“Acho que não. Ela estava preocupada principalmente.”

Meu celular vibrou.

> Larissa: Woofarine acabou de pegar um pássaro no ar, bem na minha frente.

Eu ri enquanto estava no meu celular.

Mike olhou para mim. "O quê?"

“Nada. Woofarine”, eu disse, digitando.

> Eu: Está morto?
> Larissa: Nem está inteiro.

Apareceu a foto de um pássaro profanado e eu tapei a boca com a mão. Era duas vezes maior que ele. Eu estava morrendo de rir.

"O quê?", perguntou Mike novamente.

Mostrei a foto para ele e ele sorriu.

"Esse cachorro é incrível", disse Mike. "Eu devia levá-lo para correr."

“Você deveria”, eu disse, desligando o celular. “Por favor.”

"Ei, podemos parar e comer uns smash burgers?", disse Jesse, inclinando-se entre os bancos.

Mike lançou-lhe um olhar de nojo. "Não, não vamos jogar Smash — vamos para a academia, cara. Você pode tomar um shake de proteína."

Jesse fez um ruído irritado no banco de trás e Mike balançou a cabeça negativamente.

"Ei, o que aconteceu com aquela médica que estava te paquerando?", Mike me perguntou.

“Quem? Heather?”

"Sim."

Dei de ombros. "Não sei. Não me interessa."

“Devo perguntar à Larissa se ela tem algum amigo”, disse ele.

Instantaneamente recuperei a sobriedade. "Não, estou bem."

"Como assim você está bem?", perguntou Jesse lá de trás. "Com quem você está ficando?"

"Ninguém?", eu disse. "Não estou com vontade de namorar agora."

"Cara, você precisa começar a sair dessa fossa com a sua mãe", disse Jesse. "Ela ia querer que você transasse."

"Hum, ok, não tenho certeza se isso é verdade", eu disse. "E estou tentando entender."

Mais ou menos.

E quanto a namorar, eu estava falando sério, eu não queria. Minha vida estava cheia naquele momento. Eu não tinha espaço para uma namorada. Eu tinha o trabalho e meus amigos. Eu tinha o Woofarine.

Eu tinha a Larissa.

Eu preferia ler um livro a mais com ela do que reservar um tempo para alguém que eu nunca tivesse visto antes. Para quê? Além disso, eu não gostei da ideia dela me apresentar a alguém. Não sei por quê.

"Estou bem", eu disse, guardando o celular. "Vai acontecer quando tiver que acontecer."

"O cara está esperando que o amor o encontre na sala de estar", disse Jesse.

"Que tal você simplesmente cuidar da sua própria vida?", eu disse, virando-me para olhá-lo.

“As pessoas neste carro são da minha conta”, disse Jesse. “E aquele filho da puta na Califórnia também.”

“Que sorte a dele”, disse Mike.

Jesse mostrou o dedo do meio para ele em frente ao espelho e eu ri.

Quando chegamos à academia, Mike nos colocou imediatamente nas esteiras. Não tive um momento a sós com ele, e eu estava começando a perceber que esse era o objetivo. Dez minutos depois de começarmos a musculação, Jesse olhou para o relógio. "Preciso ir."

"A gente nem fez leg press ainda, seu otário", disse Mike.

“Bem, quanto tempo vamos ficar aqui?”

“Até terminarmos”, disse Mike.

Jesse olhou para o relógio novamente. "É, acho que devo ir para casa. A Becca quer vir aqui."

Mike revirou os olhos. "Vaza daqui."

"Na próxima semana?", disse Jesse.

"Se eu tiver tempo", disse Mike, atirando uma toalha de ginástica nele. "Tenho outras coisas para fazer além de treinar essa sua bunda preguiçosa."

Jesse deu um sorriso irônico, cumprimentou-nos com um toque de punho e foi embora.

Mike observou-o partir. "Você acabou de ver a merda que eu aguento. Ninguém tem disciplina — e esse filho da puta estava levando de graça."

Olhei por cima do ombro para ter certeza de que ele tinha ido embora. "Ei, posso falar com você?"

Ele deu um gole em sua garrafa de água. "Sobre o quê? Eu não vou pegar o urso, eu prometo—"

“Não o urso. Outro dia. O parque.”

“Ah, cara, você ainda tá nessa?” Ele acenou com a mão, dispensando-me. “Quer dizer, vocês se divertiram, né?”

“Hum, se você considera ficar perdido na floresta por seis horas divertido? Choveu torrencialmente, não tínhamos água, ela ficou com queimaduras solares __”

“Quem vai fazer uma trilha sem água?” Ele se levantou.

"Microfone-"

“Deixa isso pra lá, cara.”

Ele se virou em direção aos vestiários. Eu fui atrás dele.

"Ei, estou te ligando desde sábado. Pare de me evitar", eu disse olhando para as costas dele.

“Não estou te evitando. Não é nada demais”, disse ele, sem se virar.

“Você estava—” Abaixei a voz quando entramos no vestiário. “Você estava bêbado ao meio-dia. Acha que isso não é grande coisa?”

Ele me ignorou.

"Microfone!"

Ele parou perto dos armários e ficou ali por um instante, de costas para mim. Depois, sentou-se em um banco e inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, olhando por cima do meu ombro para dentro dos

banheiros. "Desculpe, tá bem? É isso que você quer ouvir?"

Parei em frente a ele. "Não. Já é a segunda vez. Que diabos está acontecendo?"

Ele não estava me olhando nos olhos. Alguém passou pelo vestiário em direção aos chuveiros e nós dois ficamos em silêncio. Quando ouvimos a água ligar, ele olhou para mim.

"Tenho tido crises de pânico", disse ele, em voz baixa.

“O quê? Desde quando?”

“Não sei. Uns dois meses.”

Balancei a cabeça negativamente. "Por que você não me contou?"

"Não sei."

Ele esfregou as mãos no rosto e olhou para algum lugar além de mim.

"Você e a Larissa estão bem?", perguntei.

Ele fez uma pausa. "Sim. Sim, estamos bem."

Eu o estudei.

"O quê?", disse ele, olhando para mim.

“Diga-me o quê.”

Ele me observou por um instante, mas não respondeu.

Havia algo de errado. Eu o conhecia desde sempre, e algo não estava certo.

Sentei-me ao lado dele. "O que está acontecendo?", perguntei. "Conte-me."

Ele ficou em silêncio por um longo tempo. "Você já se sentiu como se todo mundo te odiasse?", disse ele.

Inclinei a cabeça. "O quê?"

“Assim que você sai da sala, já estão falando de você. Ou então, fingem rir das suas piadas. Só te convidam porque têm pena de você.”

“Você… você se sente assim?”

Ele permaneceu em silêncio.

“Ninguém te odeia”, eu disse.

O som de metal tilintando perto dos pesos livres do lado de fora do vestiário quebrou o silêncio.

"Não sei por que ela está comigo", sussurrou ele.

Pisquei para ele. "O que você quer dizer?"

“Larissa. Eu não sou inteligente como você”, disse ele, continuando. “Eu não leio livros. Eu não tenho um bom emprego como vocês. Eu não sei que diabos dar de presente de aniversário para ela—”

“E daí? Você se importa o suficiente para pedir ajuda com isso.”

Ele soltou um suspiro.

"Ela te ama", eu disse. "Todo mundo te ama. Quer dizer, vamos lá, você é o Mike."

"Não." Ele olhou fixamente para os chuveiros. "Eu sou o cara engraçado da festa com um abajur na cabeça."

Eu não sabia o que dizer. "De onde está vindo isso?"

Ele ficou em silêncio. "Nunca me senti assim por ninguém", disse ele, quase mais para si mesmo do que para mim. "Nunca. Nem mesmo com a Sylvia. Quando estou com ela, eu simplesmente... sinto que estou recebendo algo que não deveria. Faz sentido? Como se ela fosse perceber que fez besteira e fosse me abandonar. Como se fosse só uma questão de tempo."

“Ela não vai desistir…”

Ele bufou e desviou o olhar de mim. "Ela acha que eu vou substituir o Tony. Que eu vou ter um grande negócio e ganhar muito dinheiro."

“Não é?”

“Não, cara, não quero.” Ele olhou para mim. “Eu não quero. Nunca quis. E ela tem toda essa energia, está sempre fazendo alguma coisa. E eu só…” Seu maxilar se contraiu. “Sabe o que eu estava fazendo? Quando cortaram minhas horas no mês passado? Eu dizia para ela que estava trabalhando. Saía do trabalho e ficava o dia inteiro na academia sem fazer nada. Um babaca, né? Tenho que pedir dinheiro emprestado para minha mãe só para levá-la para jantar fora.”

Encarei-o fixamente. "Mike. Você é um profissional qualificado—"

“Cara, você não entende”, disse ele.

“Sim, eu gosto. Às vezes você tem que fazer coisas que odeia para chegar a um lugar melhor. Você acha que eu gostava de metade das coisas horríveis que tive que fazer para conseguir o emprego que tenho? Eu odeio a Bergmans, mas é um meio para um fim.”

“Não é isso”, disse ele, olhando para mim. “Essa não era para ser a minha vida, Chris.”

A última parte pairou entre nós. Não, não era para ser a vida dele. Eu simplesmente não percebi que ele ainda estava lidando com as mudanças que ocorreram.

Quando eu era criança, não tinha ideia do que queria ser, mas o Mike tinha. Quando o conheci, aos seis anos de idade, ele já sabia que queria ser um atleta profissional. Era tudo o que ele sempre quis, e ele ficou muito triste quando o sonho não se concretizou.

"Você ainda está tomando Prozac?", perguntei.

Ele balançou a cabeça. "Detesto essas coisas. Me deixam apático. Parei de

usar há anos."

"Talvez você precise apenas ajustar sua receita. Consulte seu médico."

"Não gosto de ter que lidar com essa merda."

“É, bem, depressão também não é nada bom.” Inclinei a cabeça para olhá-lo nos olhos. “Você ainda está indo àquele terapeuta?”

Outro longo silêncio. "Não."

“Mike, você precisa cuidar de si mesmo. É mais difícil sair dessa situação do que evitar que ela piore. Você não quer reviver o último ano do ensino médio.”

“Sim, eu sei”, disse ele, um pouco mais incisivo que o normal. “É que o Prozac me deixa mal, me deixa cansado. Não consigo malhar como quero quando estou tomando, e quero estar bonito para ela.”

“Acho que ela não se importa com isso.”

“Todo mundo se importa com isso.”

"Olha, ela te ama. Ela não estaria com você se não te amasse. Seja sincero com ela. Conte o que está acontecendo com você. Volte a tomar seus remédios, volte à terapia. Se você não quer trabalhar para o Tony, tudo bem. Encontre outra coisa. Seja treinador de um esporte, abra sua própria academia, volte a estudar ou encontre um lugar que possa te dar mais de dez horas por semana."

Ele não respondeu.

“Você vai ligar para o seu médico”, eu disse. “Amanhã. E você vai comprar o remédio na minha farmácia.”

Ele se virou bruscamente para me olhar. "O quê? Por quê? Essa merda fica a uns 16 quilômetros daqui!"

"Porque eu quero saber se você está tomando. Eu te amo e quero ter certeza de que você está bem."

Ele olhou para mim. Eu não pisquei.

“Tudo bem”, disse ele finalmente.

"Vou estar por perto com mais frequência", eu disse. "Vamos sair juntos."

Ele respirou fundo. Então olhou para mim. "Obrigado pela caixinha de joias. Mas ainda acho que ela teria gostado do urso."

“Ha.”

“E obrigado por levá-la até a cabana no mês que vem. O Tony vai me pagar pelos reparos, então isso vai ajudar. Vai ficar tudo bem. Só preciso me organizar.”

“Vai ficar tudo bem. Vai dar tudo certo.”

E eu faria tudo ao meu alcance para garantir que continuasse assim. Para ambos.

12

LARISSA

Desliguei o chuveiro e ouvi vozes vindas de fora do banheiro. Mamãe estava rindo. Havia um homem ali.

Phil. Tinha que ser.

Revirei os olhos e enrolei o cabelo numa toalha.

Ela já tinha saído com ele algumas vezes, mas ele nunca aparecia. Eu não gostava dessa situação.

Acabei de chegar em casa depois dos meus trabalhos extras. Já passava das nove. Eu queria preparar o jantar e assistir TV na minha sala, e aí ele apareceu.

O banheiro estava abafado demais e o ventilador não funcionava, porque, claro, não funcionava. Normalmente, eu deixava a porta entreaberta enquanto me arrumava para refrescar o ambiente, mas não podia com ele no apartamento. Passei hidratante nas pernas, irritada.

Eu não conseguia entender o que ela via nele. Ao que tudo indicava, ele estava desempregado. Não era atraente, nem sequer engraçado. Nunca foram.

Uma das coisas que eu gostava no Mike era o oposto dos homens com quem minha mãe saía. O Mike não queria nada de mim. Ele não tinha vícios, tinha a vida organizada.

Mamãe caiu na gargalhada de novo, dessa vez mais alto. Peguei meus fones de ouvido, a um segundo de colocá-los, quando ouvi a risada estrondosa do Mike. Meu humor mudou instantaneamente.

Enrolei um roupão em volta de mim, calcei meus chinelos e abri a porta.

Meu namorado estava na cozinha, agachado no chão, acariciando Woofarine. Phil não estava em lugar nenhum.

“Ali está ela”, disse a mãe, sentada à mesa.

Mike olhou por cima do ombro dela e me lançou um sorriso radiante. "E aí, gata."

Eu sorri. "O que você está fazendo aqui?"

“A Nancy disse que você tem um vazamento.” Ele acenou com a cabeça na direção da pia, com as portas dos armários já abertas.

“Nosso senhorio é um completo idiota”, disse minha mãe. “Já faz semanas que deixo recados para ele.”

“Você não precisa daquele cara. Eu dou conta”, disse Mike, piscando o olho. Ele sorriu para meu fino roupão de seda rosa e ergueu as sobrancelhas para mim. “Eu deveria aparecer sem avisar mais vezes.”

“Ah, haha.” Eu sorri.

Ele se levantou para me dar um beijo rápido. Delicado, com o polegar no meu queixo. Quando terminou, sorriu suavemente para mim.

"Espero que não se importe que eu vá aí", ele sussurrou. "Não quero que você pegue mofo."

"Obrigado."

Mamãe me lançou um sorriso cúmplice por trás dele, como se tivesse orquestrado toda aquela situação de propósito. Pelo menos dessa vez ela mandou mensagem para alguém apropriado.

“O Mike trouxe flores para nós”, disse a mãe, apontando com a cabeça para dois buquês mistos que estavam sobre o balcão.

Eu sorri para o meu namorado. "Awww."

“Vou voltar para a pia”, disse ele.

“E eu vou fumar um cigarro”, disse mamãe, levantando-se. “É melhor você se vestir. Aposto que esse fortão quer nos levar para jantar.” Ela me cutucou com o cotovelo ao sair, com Woofarine logo atrás.

Mike voltou para debaixo dos canos e eu me inclinei na entrada da cozinha para observá-lo trabalhar. Ele tinha suas ferramentas espalhadas ao lado. Ainda estava com a roupa de ginástica: calça de moletom e camiseta verde, combinando com seus olhos. Barbeado, com o cabelo loiro-areia um pouco bagunçado, como se tivesse corrido. Estava bonito.

Eu não tinha falado com ele depois da nossa ligação mais cedo, quando ele me disse que me amava. Eu estava meio receosa de vê-lo porque ainda não sabia o que dizer. Mas isso ajudou. Nos ajudou a retomar o contato sem que fosse estranho.

Talvez seja por isso que ele veio.

Eu o vi pegar uma ferramenta que eu não reconheci e voltar para debaixo da parede. Eu sabia que o trabalho de encanamento era só um serviço temporário para ele no momento, mas adorei que ele o fizesse.

Normalmente, um cara trabalhando meio período seria um sinal de alerta para

mim, mas eu conseguia ver o que o Mike era capaz de fazer se precisasse. O que ele faria um dia, quando o Tony estivesse pronto para lhe dar o negócio. Eu gostei que, por enquanto, ele estivesse apenas curtindo a vida. Ele gostava de ir à academia e se divertia. Acho que ele não precisava de muito mais do que isso e, de qualquer forma, ele sempre poderia ir trabalhar para o Tony se quisesse.

Qual era o sentido de exigir que ele se esgotasse trabalhando só por obrigação? Deus sabe que eu gostaria de não ter que fazer isso. Descansar sempre me pareceu algo que eu precisava merecer. Como se eu só pudesse ter descanso se fizesse o suficiente para merecê-lo. Ele teve sorte. Não tinha aluguel para pagar, nem dívidas estudantis. Era só a prestação do caminhão e a conta do telefone. Provavelmente, ele economizava a maior parte do que ganhava para poder comprar um imóvel próprio quando estivesse pronto. Sem pressa.

Mike não precisou se livrar do peso da pobreza por conta própria.

Eu estava tão cansada de cavar. Estava cansada também de ser despejada em cima de mim.

Pelo canto do olho, vi algo se mexer. Uma traça-prateada saiu correndo debaixo da geladeira. Dei um suspiro baixo e pisei nela com meus chinelos antes que pudesse desaparecer de novo. Olhei para o meu namorado. Ele estava embaixo da pia, não tinha percebido nada.

O calor subiu pelas minhas bochechas. Aquele lugar era constrangedor, com seu carpete marrom feio e achatado, móveis velhos e descombinados de vendas de garagem e um leve cheiro de cigarro.

Se eu soubesse que ele viria, teria acendido uma vela ou pendurado um dos panos de prato mais bonitos em vez daquele velho e gasto com estampa de galo no fogão. Nossa casa estava limpa, só que... não era algo de que eu me orgulhasse.

A casa do Mike era totalmente diferente. A casa inteira era nova. Bancadas de granito, piso de madeira, móveis lindos, muita luz natural. Ele tinha um sabonete líquido caríssimo no banheiro. Eu nunca tinha visto a marca, então pesquisei no Google. Era um frasco de quarenta e três dólares da Neiman Marcus. Quarenta e três dólares. Era o valor de todas as minhas gorjetas do dia no Donna's. Eu, atendendo velhos rabugentos, adolescentes mal-educados e caras esquisitos que davam em cima de mim, gastando tudo em um único frasco de sabonete.

Ele herdou o sabonete da casa da mãe. Não precisava tomar as pequenas e cruciais decisões financeiras que eu tinha que tomar diariamente só para sobreviver. Ele simplesmente podia pegar o que tinha na despensa da mãe, lavar as mãos com um sabonete que me levaria à falência. E quando o sabonete

acabava, ele não enchia a garrafa com água como eu e minha mãe fazíamos para aproveitar até a última gota; ele simplesmente jogava a garrafa fora e pegava outra. Ele nem se dava conta do peso daquele simples privilégio. Ele vivia numa ignorância feliz. Eu invejava isso demais.

Acho que nunca seria do tipo que joga a garrafa fora. Assim que a água com sabão acabasse, eu a encheria com sabão barato para poder conservar a garrafa cara. Não conseguiria justificar pagar mais por algo tão insignificante. Não acho que o dinheiro jamais mudaria quem este mundo me fez ser. Mas gostaria de ter a chance de tentar.

"Tudo pronto", disse ele, tirando-me dos meus devaneios.

Ele saiu de debaixo da pia, levantou-se e abriu a torneira. "Chega de vazamento."

Eu sorri. "Obrigada."

Ele fechou a torneira. "Sempre", disse ele, sorrindo para mim.

"Então, quando o Tony se aposentar, você vai ser a pessoa que vai estar nos outdoors?", perguntei.

Ele enxugou as mãos na toalha de galo e olhou em volta da cozinha. "Essa coisa de rei não é muito a minha praia", disse ele.

"Não? Então é uma mudança de marca? O Príncipe do Vaso Sanitário?", provoquei.

Ele riu, mas havia algo tenso em seu sorriso. Então, ele espiou na sala de estar para se certificar de que a mãe ainda estava lá fora.

“Ei, eu queria falar com você sobre algo que aconteceu mais cedo…” disse ele, em voz baixa.

Mudei de posição. "Ah. Sim, eu só—"

Ele levantou a mão. "Você não precisa dizer nada. Eu te coloquei numa situação delicada. Me desculpe."

Lambi os lábios. "Acho que me movo muito mais devagar, né? Só preciso de mais tempo."

“Está tudo bem”, disse ele. “Eu entendo. Não quero te pressionar. Nem pense nisso, ok?”

Assenti com a cabeça. "Certo."

Ele se inclinou novamente e me deu outro beijo suave.

Então a porta de vidro deslizante abriu e fechou, e a mãe voltou. "Então, onde você vai nos levar para jantar, Mike?", perguntou ela, enquanto borrifava seu perfume corporal.

“Para onde vocês quiserem ir, senhoras”, disse ele.

“Tem aquele restaurante de carnes lá em Arbor Lakes”, disse minha mãe. “Eles têm degustação de vinhos. Sem nozes no cardápio. Eu já liguei.”

Balancei a cabeça negativamente. "Mãe, aquele lugar é muito caro..."

“Ele disse: para onde quisermos ir.”

"E que tal hambúrgueres?", perguntou Mike. "O Jesse mencionou o Smashburger mais cedo e pareceu uma boa ideia."

Mamãe fez uma careta. "Hambúrgueres prensados? Eles têm hambúrgueres de wagyu na churrascaria. Bem melhores."

“Quer dizer, já são quase nove e meia”, disse ele. “Você acha que eles ficam abertos até tão tarde?”

“Eles fecham às onze”, disse a mãe.

Mike assentiu com a cabeça. "Certo. Claro. Deixe-me só... limpar minhas ferramentas."

"Mike, você tem certeza?", perguntei. "É muito chique."

"Entendi, amor." Ele piscou para mim.

Fui me vestir e, quando saí, meu namorado nos levou para jantar.

O lugar era tão caro que me senti mal. Fiquei pensando se o Mike sabia disso quando aceitou. Quer dizer, eu contei para ele, mas talvez ele não imaginasse que seria tão ruim assim? Era o tipo de restaurante para ocasiões especiais. Uma adega que ia do chão ao teto no meio do salão, luzes baixas e cabines pretas, garçons com camisas sociais elegantes. Eu nem estava vestida adequadamente para estar lá, nenhum de nós estava.

Enquanto esperávamos por uma mesa, sussurrei para ele que poderíamos ir a outro lugar, mas ele insistiu. Quando estávamos olhando o cardápio, ele continuava dizendo que eu deveria pedir o que quisesse. O que eu queria era o bife de costela e um mojito, mas acabei pedindo o frango e um copo d'água porque custava um terço do preço — e mesmo assim era demais.

Mamãe, por outro lado, pediu tudo o que quis. Pediu um filé mignon e metade das entradas do cardápio. Fiquei morrendo de vergonha. Tentei impedi-la, mas Mike insistiu que estava tudo bem. Ele só beliscou as entradas e pediu apenas coquetéis Old Fashioned. Mamãe pediu duas sobremesas e um café no final. Quando a conta chegou, ele não me deixou ver.

E quando ele foi pagar, seu cartão foi recusado.

13

CHRIS

Meu telefone estava vibrando.

Apalpei o objeto na mesa de cabeceira e o examinei com um olho só. Eram 23h30, Mike. Levantei-me da cama num pulo e acendi a luz. "Alô?"

"Você está dormindo?", ele perguntou. "Droga, me desculpe."

“Está tudo bem, o que houve? Está tudo certo?”

"Estou com um problema. Você pode vir até aquela churrascaria em Arbor Lakes com um cartão de crédito? Preciso pegar trezentos dólares emprestados."

"O que?"

"Cara, se apressa. Levei a Larissa e a mãe dela para jantar fora e meu cartão foi recusado. Eles estão fechando e não aceitam Venmo nem pagamento com cartão por telefone."

Eu já estava tirando as cobertas do lugar. "Já vou. Chego aí em dez minutos."

Desliguei o telefone, corri para o banheiro, escovei os dentes e lavei o rosto. Depois, olhei-me no espelho.

Eu parecia cansada. E estava cansada mesmo, já era quase meia-noite. Dei uma ajeitada no cabelo rapidinho. Não queria parecer que tinha acabado de sair da cama, mas também não queria parecer que estava me arrumando. Pensei em usar perfume. Aí desisti, porque, afinal, por que eu faria isso? Eu ia ajudar meu melhor amigo e a namorada dele. Não precisava cheirar bem.

Não me passou despercebido que eu queria isso. Ou que eu me importava com o meu cabelo.

Disse a mim mesmo que estava sendo um idiota e fui embora.

Quando cheguei ao restaurante, Mike me encontrou logo na entrada. Os garçons estavam empilhando cadeiras sobre as mesas. "Onde está a Larissa?", perguntei, olhando em volta.

“Ela foi para casa. Eles vieram no próprio carro, graças a Deus.” Ele pegou meu Visa e deu para a recepcionista.

"O que aconteceu?"

“A mãe dela queria jantar no restaurante mais caro da cidade, e foi isso que aconteceu.”

Pisquei para ele. "Por que você os pegou?"

“O que eu deveria dizer? ‘Tenho noventa dólares na minha conta’?”

"Microfone…"

Ele recostou-se no balcão e tomou o último gole de bourbon. Ergueu o copo. "Ei, eu sei que vocês estão fechando, mas posso pedir mais um?", perguntou ao barman.

O cara assentiu com a cabeça e pegou um copo.

Passei a mão na boca. "Ela sabia?", perguntei.

"Ela sabia que meu cartão estava com problemas. Achei que ia dar erro e que eu resolveria depois, mas não deu. Mandei ela ir para casa enquanto eu ligava para a operadora do cartão, e disse que não era nada demais. Acho que ela acreditou, não sei. Nossa, que vergonha!"

Devolveram-lhe o comprovante do cartão e ele me entregou. Dei uma gorjeta e assinei. Depois, ele pegou meu cartão e jogou para o barman.

"Eu te pagarei de volta", disse ele.

"Sim."

"Obrigado."

"Claro. Quantas são?", perguntei, acenando com a cabeça para a bebida que colocaram à sua frente.

“Não sei”, disse ele, pegando o objeto. “Quatro?”

“E como você vai voltar para casa?”

“Estou dirigindo.”

“Hum, não, você não vai. Não depois das quatro.”

Ele virou a bebida em dois goles e colocou o copo no balcão com um tilintar. "Depois de tudo o que aconteceu, não vou pagar por um maldito carro de aplicativo."

"Eu te levo", eu disse.

“Preciso da minha caminhonete amanhã de manhã.”

“Então, volte de carro até lá.”

"Não vou pagar por essa maldita corrida", ele repetiu.

Ele se levantou e tirou as chaves do bolso.

"Não." Estendi a mão para pegá-los, mas ele os afastou e começou a caminhar em direção à porta.

"Microfone!"

Olhei para trás, para o bar, e depois para minha melhor amiga, que vinha apressadamente em direção à saída. O barman ainda estava com meu cartão.

"Droga", murmurei.

Eu o segui.

"Ei! Você não vai dirigir desse jeito, porra!" Eu disse atrás dele.

Ele continuou caminhando.

"MIKE!" Cheguei por trás dele e arranquei as chaves da minha mão. Então ele se virou e me empurrou.

Recuei alguns centímetros e fiquei ali parado, atônito.

Não foi difícil, ele não me machucou, mas o Mike nunca tinha encostado em mim. Nunca. Ele era o tipo de cara que mataria alguém só por me olhar torto no ensino médio. E ele simplesmente me empurrou.

Ele ficou ali parado, ofegante, olhando para mim com os olhos arregalados, como se não pudesse acreditar no que acabara de fazer.

Então ele se virou e saiu correndo na direção de sua casa, me deixando com suas chaves e sua caminhonete no estacionamento.

14

CHRIS

"Que porra você quer dizer com ele te empurrou?", disse Jesse.

Eu tinha acabado de chegar em casa quando Jesse ligou para me avisar que ia buscar o Mike.

“Olha, não quero falar sobre isso”, eu disse, trocando de roupa e vestindo meu agasalho. “Então você vai levá-lo para casa?”

"Quer dizer, sim. Ele me ligou pedindo para eu ir buscá-lo em um posto de gasolina. Eu estava no meio do sono."

“Ótimo”, eu disse. “Vou voltar para a cama.”

“Que diabos aconteceu?”, perguntou ele.

“Deixe que ele lhe diga.”

Eu desliguei.

Eu estava extremamente irritada. Extremamente. Que diabos estava acontecendo com ele?

Deitei na cama e fiquei lá, olhando fixamente para o teto. Eu nunca mais ia conseguir dormir.

Como se os pesadelos não bastassem.

Eu realmente esperava que Larissa não tivesse percebido o que aconteceu. Ela se sentiria mal por a conta ser tão alta e envergonhada por sua mãe ter pedido tanta comida. Eu esperava que ela apenas tivesse tido um bom jantar, comido algo gostoso e estivesse indo para a cama com sobras suficientes para o almoço de amanhã.

Mike era um tremendo idiota.

Acordei na manhã seguinte exausta. Pelo menos não precisei ir trabalhar. Mike apareceu ao meio-dia — no carro de aplicativo em que discutimos na noite

anterior.

Abri a porta sem dizer uma palavra e fui pegar as chaves dele.

Joguei-os nele e me joguei no sofá. Ele ficou parado na entrada como um cachorrinho ferido. "Desculpe", disse ele, com a voz baixa.

"Que diabos há de errado com você?", eu disse, olhando para ele.

Ele simplesmente ficou parado ali.

“O mundo não gira em torno de você”, eu disse. “Eu tenho meus próprios problemas. Você sabe disso, Mike? Coisas que eu nem conto para você—”

“Sobre o que você não me fala?”

Alguma coisa? Como se ele se importasse? Toda vez que eu tentava falar com ele sobre mim, sobre as coisas com a minha mãe, ele mudava de assunto, fazia uma piada, me dava alguma resposta meia-boca. Ele claramente não conseguia lidar com isso por algum motivo qualquer, então eu parei de tentar.

“Sabe de uma coisa? Simplesmente vá”, eu disse.

Ele ficou parado na porta. "Poderia me dar uma carona até meu caminhão?"

Soltei um palavrão baixinho e me levantei.

A viagem de carro foi silenciosa. Quando cheguei ao estacionamento, ele não saiu do carro.

“O que posso fazer para compensar você?”

"Pode me devolver o meu dinheiro", murmurei.

Ele zombou.

“Você pode ir e fazer o que eu disse que você precisa fazer. Volte a tomar seus remédios e a fazer terapia. Trabalhe para o Tony até encontrar outra coisa.”

Ele assentiu com a cabeça. "Certo."

"Estou falando sério."

"Eu sei."

Ficamos sentados ali em silêncio.

"Se isso te fizer sentir melhor, eu corri três quilômetros vomitando."

Dei uma risada seca. Na verdade, isso me fez sentir melhor.

Ele olhou para mim. "Eu te amo, cara. E você tem razão em tudo. Vou me esforçar para melhorar, tá bom?"

Olhei para ele de relance.

Ele parecia arrependido. Um idiota, mas um idiota arrependido.

Soltei um suspiro. "Você compra o remédio na minha farmácia", eu disse, um pouco mais baixo.

“Vou comprar na sua farmácia. Prometo.”

Ficamos sentados ali, olhando através do para-brisa para a traseira da

caminhonete do Mike.

"Que merda você anda aprontando que não me conta?", perguntou ele.

Olhei para ele. Seu rosto estava inchado. Seus olhos estavam vermelhos, com olheiras profundas. Será que ele havia chorado?

"Nada", eu disse. "Estou bem."

Eu não ia despejar meus problemas nele agora que ele finalmente estava pedindo ajuda por se sentir culpado. Mike claramente mal conseguia lidar com os próprios problemas. Ele não conseguiria lidar com os meus.

Percebi que sempre foi assim. Ou pelo menos tinha sido por um tempo.

Deixei que ele dependesse constantemente de mim, sem que a situação se invertesse. E, na maior parte do tempo, isso funcionava bem — até que minha mãe faleceu e eu precisei que a situação mudasse. Eu precisava de alguém com quem conversar e em quem me apoiar, além de alguém que me arrastasse para fora de casa para ir à academia. Eu precisava do meu amigo. E toda vez que eu tentava isso, ele se afastava. Então, parei de tentar. Eu estava protegendo a paz dele enquanto sacrificava a minha, andando na ponta dos pés ao seu redor com medo de lhe dar mais do que ele podia suportar.

E com que diabos ele estava lidando?

Pensei no que Larissa tinha dito sobre a porta, sabe? Voltar pelo mesmo caminho porque era familiar. Acho que Mike estava preso nesse ciclo. E eu não tinha mais paciência nem condições de ajudá-lo. Ele precisava mudar o próprio roteiro.

Estava muito ocupado tentando reescrever a minha própria.

15

LARISSA

Mostrei o biquíni que estava levando na mala para a cabine. "O que você acha?"

Mamãe bateu com o maço de cigarros Newport no pulso. "Que fofo. O Mike vai gostar." Ela colocou um cigarro entre os lábios. "Quando você volta?"

“Domingo à noite”, eu disse, segurando o terno contra o corpo. “Encontrei-o em um brechó. Ainda tinha a etiqueta.”

Eu estava ansiosa por esta viagem.

Eu não conseguiria trabalhar em nenhum dos meus empregos paralelos enquanto estivesse fora, mas esse era justamente o objetivo. Eu precisava de um descanso. Precisava que alguém me levasse para um lugar onde fosse impossível fazer qualquer coisa além de relaxar, dormir e me divertir.

Eu me sentia como um hamster numa roda. Corria, corria e corria, e nunca chegava a lugar nenhum. Me sentia culpada quando não estava correndo, quando tinha um momento livre do meu dia que não era dedicado à produtividade. E estava exausta.

Estava exausta havia tanto tempo que já não me lembrava de mais nada.

Mamãe tossiu. "Talvez eu convide o Phil para vir aqui enquanto você estiver fora", disse ela, parada em seu lugar na porta de vidro deslizante. Ela soprou fumaça na direção das cadeiras de piscina em ruínas. "Sabe, ele me pediu em casamento semana passada."

Me virei bruscamente para olhá-la. "Eca. Aqui??"

Ela deu de ombros. "Por que não? Nós três poderíamos dividir o aluguel. Seria barato—"

"Não quero morar com o Phil", disse eu, horrorizada. "Nem quero que ele venha aqui."

Ela revirou os olhos. "Tá bom, tá bom, tudo bem. Não é como se eu tivesse dito sim." Ela se virou para um barulho no beco. "Oi, Delta!" Mamãe chamou,

acenando. O homem estava se arrastando atrás do nosso prédio, empurrando o carrinho de compras.

“Diga para ele esperar”, eu disse, virando-me em direção à cozinha.

Entreguei uma caixinha de lanches para a minha mãe, e ela a levou até ele usando seus chinelos de casa. Ele deu a ela um sorriso agradecido, com um sorriso discreto, e acenou para mim antes de ir embora.

“Ele é tão fofo”, disse a mãe, apagando o cigarro e se borrifando com perfume. “Então, como é essa cabana?”

Eu sorri. "O Mike me mostrou fotos. É enorme, fica em um lago. Parece um chalé de esqui, de pedra e troncos de madeira, com uma lareira grande. Tem um píer e jet skis."

“E o Chris vai te levar de carro?”

Assenti com a cabeça, dobrando os shorts e guardando-os na mochila. "É, o Mike subiu cedo para consertar umas coisas."

“Quando ele vai te buscar?”

Olhei para o meu relógio. "Vinte minutos?"

"Seria legal passar um tempo com o Mike, né? Ele não vem muito por aqui."

Não, ele não tinha vindo. Na verdade, ele não tinha aparecido desde a noite em que consertou a pia, quase um mês atrás. Ele estava trabalhando muito, fazendo turnos extras para o Tony. Eu via o Chris mais do que via meu namorado ultimamente.

Por falar em Chris, meu celular vibrou com uma mensagem dele.

Li o texto e tapei a boca com a mão. "Meu Deus..."

"O quê?", disse minha mãe, olhando para mim.

Eu estava morrendo. "Acho que vou esperar você ver com seus próprios olhos."

16

CHRIS

Mandei uma mensagem para ela de fora do apartamento e, dez segundos depois, ela abriu a porta. No instante em que ela me viu, a emoção transpareceu em seu rosto.

“Você prometeu que não ia rir”, eu disse, fingindo seriedade.

“Eu sei. Eu prometi.” Ela mordeu os lábios. “É que—”

"O que."

Ela inspirou profundamente, passando os dentes pelo ar. "É muito maior do que você descreveu."

“Ha.”

Nancy se aproximou por trás dela, segurando Woofarine. "Ah, querida... Ainda bem que você é bonitinha o suficiente para aguentar." Ela balançou a cabeça, me entregou a cachorra e voltou para o apartamento, dando uma risadinha.

Larissa inclinou-se para me observar. "Explique-me mais uma vez como isso aconteceu?"

“Eu estava realizando uma campanha de vacinação”, eu disse.

“Hum-hum.”

“A loja contratou uma pessoa para pintar o rosto das crianças, na tentativa de tornar a experiência divertida.”

"OK."

“Uma das crianças perguntou se podia pintar meu rosto.”

Ela estreitou os olhos para mim. "E quantos anos tinha essa criança?"

“Cinco, talvez?”

"Tudo bem."

“Eu disse sim.”

"Claramente."

“Ela usou uma caneta Sharpie.”

Larissa cobriu a boca com a mão e engasgou com o riso.

Eu também estava tentando não rir.

"Como você não sentiu isso?", perguntou ela, balançando a cabeça.

"Pensei que fosse uma daquelas canetas para pintura facial."

“Onde estavam os pais?”

"Não está perto o suficiente para me salvar?", eu disse.

“Você sabe como eles são…”, perguntou ela, semicerrando os olhos para estudar meu rosto mais de perto.

“Eu sei como eles são.”

“Ela estava tentando desenhar balões?” Ela começou a gaguejar na última palavra. “Parece que você dormiu em uma festa de fraternidade—”

"Certo, encontre seu próprio meio de transporte, eu já vou embora." Virei-me para o carro, fingindo que ia sair.

“Chris, espera! Eu vou me comportar!” Ela estava rindo. “Volta aqui!”

Virei-me e lancei-lhe um olhar de falsa indignação. Ela estava parada na porta, curvada, com os olhos azuis brilhando. Quase fez valer a pena a pintura facial que fiz. Quase.

Eu a acolhi enquanto fingia estar brava. Ela vestia uma blusa de mangas curtas, amarrada na cintura, e shorts. Seus longos cabelos ondulados estavam soltos e parcialmente presos com uma presilha. Descalça. De novo.

Ela estava linda. Como sempre.

Aproximei-me de onde ela estava, ainda rindo muito na porta. Ela se endireitou e mordeu o lábio, tentando se recompor.

"Já terminou?", perguntei, tentando parecer sério, mas sem sucesso.

“Sim. Totalmente. Provavelmente.”

Mudei Woofarine para o outro lado. "Já tenho que aguentar abusos suficientes da sua parte."

Ela engasgou. "Eu não abuso de você", disse ela na defensiva.

"Bem, você não é legal comigo."

“Sou tão gentil com você”, disse ela, radiante.

“Sou muito frágil para aguentar você me provocando com isso pelas próximas cinco horas.”

"Quer que eu passe um pouco de maquiagem?", ela perguntou. "Pelo menos eu poderia colorir os balões para que não pareçam pequenos espermatozoides indo em direção ao seu olho."

Eu queria mergulhar para fazer cócegas nela. Mas não me mexi.

“Eu trouxe algo para você”, eu disse. “Mas agora não tenho certeza se você

merece.”

Ela cruzou os braços e esperou.

Sorri, inclinei-me e peguei o matcha gelado de lavanda que havia trazido para ela.

Os olhos dela brilharam. "Como você sabia que eu queria experimentar isso?"

“Senti isso percorrer o vínculo traumático.”

Ela riu novamente e aceitou. "Obrigada. Nunca consigo justificar pagar oito dólares por uma bebida."

Eu sabia disso. Foi por isso que comprei para ela. Eu sabia que ela gostava de matcha e lavanda e também sabia que ela não tinha dinheiro para comprar as bebidas caras que entregava para outras pessoas.

Ela tomou um gole e fechou os olhos. "Meu Deus, está tão bom", sussurrou.

“É tão bom quanto um pedaço de carne assada na floresta?”

"Melhorar."

Senti como um calor no peito. Eu estava vivendo para esse momento desde o segundo em que tive a ideia.

Eu adorava vê-la feliz. Estava se tornando um hobby meu — tanto quanto eu conseguia fazer com que fosse. Eu não podia fazer a maioria das coisas que gostaria, porque o que mais eu poderia fazer sem ultrapassar os limites? Eu vinha pensando muito nisso.

Tenho pensado em muitas coisas ultimamente.

Ela começou a pegar uma sacola do chão. Eu me inclinei e a peguei. "O que mais você tem?", perguntei.

“Só a minha bagagem”, disse ela. “Eu pego.”

“Não. Onde fica?”

Ela me lançou um olhar. "Eu posso carregar minha própria bagagem."

“Tenho certeza que sim. Quarto?”

Sua expressão divertida foi a resposta enquanto eu lhe entregava o cachorro, passava por ela e atravessava o apartamento.

Quando voltei, ela tinha uma expressão interrogativa no rosto. "Como você sabia onde era meu quarto?"

“Sua mãe me mostrou”, eu disse. “Há algumas semanas, quando fui buscar o Woofarine. Você estava fazendo entregas.”

“Minha mãe te mostrou meu quarto?”, disse ela em voz alta o suficiente para Nancy ouvir do sofá. Larissa lançou-lhe um olhar divertido.

"O quê?", disse Nancy, dando de ombros. "Eu queria mostrar a ele as cortinas

que você fez."

Larissa revirou os olhos. "Ela não tem limites."

“Se isso te fizer sentir melhor, são cortinas muito bonitas”, eu disse.

“Ah. Obrigada”, disse ela, calçando suas sandálias de dedo.

“Essa era a caixa de joias que o Mike te deu de aniversário?”, perguntei enquanto ela trancava a porta atrás de nós. “No seu quarto?”

Ela se animou novamente. "Sim! Adorei. Ele comprou de um cara em Wakan. É feito sob encomenda."

O canto do meu lábio se curvou num sorriso irônico.

Ele não tinha me dito que tinha recebido a caixa de joias. Eu não tinha visto muito o Mike. Não desde aquele dia em que o deixei no estacionamento.

Ele me pagou alguns dias depois e se dedicou totalmente ao trabalho para o Tony. Aliás, ele estava trabalhando tanto para o Tony que nem tinha tempo de nos encontrar na academia. Até o Jesse estava reclamando.

Ele não havia comprado o Prozac que tinha prescrito.

Perguntei a ele sobre isso, e ele disse que a consulta mais próxima com seu médico seria em seis semanas. Disse também que a consulta com o terapeuta que havia prometido só estaria disponível dali a três meses. Isso era típico, nosso sistema de saúde mental era péssimo. Eu só fiquei feliz por ele estar tentando.

Coloquei as malas dela no carro e entrei no banco do motorista. Woofarine já estava no colo dela.

"Devo procurar um lugar para comer no caminho?", perguntou ela, pegando o celular.

Ajustei meu espelho. "Já encontrei um lugar no meio do caminho. Nada de nozes na cozinha", eu disse.

“Ah. Obrigada.” O chinelo dela caiu e ela enfiou o pé embaixo do assento.

Senti o olhar dela sobre mim enquanto eu saía da calçada. "O quê?"

Ela estava rindo da minha cara de novo.

"Parar."

“Quero que saiba que estou lutando pela minha vida aqui. Esta será uma viagem muito longa para você.”

"Sabe o que aquela menina fez enquanto fazia isso?", perguntei. "O que ela estava dizendo enquanto eu estava sendo desfigurada?"

"O que?"

“Ela estava narrando, como se estivesse fazendo um daqueles tutoriais de maquiagem?”

Você é um santo. Além da caneta permanente, como tem ido o trabalho?

Soltei um longo suspiro. Não foi bom? "Ontem, uma senhora de noventa anos gritou comigo porque queria que eu renovasse uma receita de quaaludes que ela encontrou em casa, datada de 1972", eu disse.

“Não…” ela disse.

“Sim. Aí um cara me pediu ajuda para escolher um creme de cortisona para uma picada de inseto. Eu fui ajudá-lo e estávamos no corredor quando ele me mostrou a panturrilha — estava inchada e com estrias. Ele estava com celulite.” Entrei na rodovia. “Eu disse a ele que precisava ir imediatamente ao pronto-socorro se quisesse salvar a perna, e ele mandou eu me foder.”

Ela balançou a cabeça. "Por que eles sempre mandam você se foder?"

"Porque trabalho em uma farmácia de varejo? As pessoas estão doentes e feridas, vindo aqui para gastar centenas de dólares em remédios que gostariam de não precisar. Elas já estão de mau humor."

"Não sei como você consegue", disse ela, acariciando Woofarine.

"Já me acostumei." Eu estava acostumado com mais coisas do que gostaria de admitir.

Paramos para abastecer. Eu abasteci e ela entrou. Meu telefone tocou enquanto eu estava encostado no carro. Era o Mike.

"E aí, tudo bem?", respondi.

“Onde diabos vocês dois estão? Vocês sequestraram minha namorada ou o quê?”

Ele estava bebendo. Não bêbado, mas definitivamente bebendo. Isso não era realmente digno de nota — todos nós bebíamos na cabana — mas eram apenas 9h da manhã.

Olhei para Larissa no Circle K. "Tivemos que parar para abastecer. Ainda estamos aqui embaixo."

"Caramba, cara. Anda logo, quero vê-la. Já faz meia semana que estou aqui sem ela."

“Ei, você precisa limpar o congelador e a despensa antes de chegarmos. Livre-se de todas as nozes.”

"Certo", disse ele, visivelmente distraído.

Levei o telefone para o outro ouvido. "Mike, estou falando sério. Faça isso agora. Sua esponja tinha manteiga de amendoim e a garganta dela coçou por meio dia. Se alguém usar isso enquanto ela estiver lá, ela vai ter uma reação."

“Sim, sim, entendi.”

"Quer fazer uma chamada de vídeo comigo da geladeira? Só para garantir que você não perca nada?"

Ele riu. "Cara, acho que sei o que tem nozes dentro. Anda logo, porra."

A chamada foi encerrada.

Soltei um suspiro. Terminei de abastecer, tranquei as portas, liguei o carro automaticamente para a cachorra e fui atrás da Larissa. Encontrei-a no corredor dos salgadinhos, com um pacote de Lay's e pretzels debaixo do braço.

"Twizzlers?", perguntou ela, erguendo os pacotes. "E eu trouxe aquele energético que você gosta."

“Como você sabe que eu gosto disso?”

“Vínculo traumático.”

Eu a observei.

“Eu vi isso na sua mesa de centro quando fui buscar o Woofarine”, disse ela. “Eu não entrei no seu quarto.”

"Ei, é difícil dizer não para a Nancy."

“Ah, eu sei. Você devia ver todas as senhas de streaming que temos.”

Eu bufei. "Deixa que eu levo isso", eu disse, pegando as coisas dela.

Peguei os lanches, peguei uma esponja nova, fui até o balcão e tirei minha carteira do bolso.

“Deixe-me te dar dinheiro”, disse ela, aproximando-se por trás de mim.

"Não."

"Posso pagar a gasolina?", perguntou ela, pairando no ar.

“Também não.”

“Chriss

"Eu pagaria a gasolina estando você no meu carro ou não", eu disse, passando o cartão.

“Então, da próxima vez, vamos usar meu carro.”

“Não. Seu carro é uma porcaria.”

Ela engasgou com o riso. "Nossa! Sabe, não acredito que um dia pensei que você fosse rabugenta."

Tive que desviar o olhar dela. Essa estava se tornando a minha lembrança menos favorita.

Quando voltamos para o carro, ela retomou a conversa de onde tínhamos parado. "Você não precisa pagar por tudo." Ela pegou os salgadinhos na sacola e abriu o pacote de Twizzlers. Colocou um na boca e me ofereceu dois. "Tudo bem se algumas coisas forem negociáveis."

"Deixo você escolher a música", eu disse, mordendo o alcaçuz.

Ela revirou os olhos, mas estava sorrindo. Covinha discreta. Forcei meu olhar a desviar para ligar o carro.

Eu jamais a deixaria pagar nada ou aceitar o dinheiro dela. Jamais. Ela não tinha condições. E o motivo de eu não deixá-la dirigir era porque eu queria que ela relaxasse durante a subida, olhasse pela janela, mexesse no celular se quisesse. Acho que ela nem queria dirigir de verdade, só não queria que fosse injusto. Eu não me importava com justiça. Eu não estava marcando pontos.

E eu não ia deixar ela levar o carro dela. Eu falei sério mesmo — era uma porcaria.

"Sabe, aposto que se você deixar sua barba crescer nos próximos dias, não conseguirá ver a caneta", disse ela.

Levei a mão ao queixo. "Acho que não ficaria bem de barba."

"Aposto que você ficaria com um visual distinto."

"Isso não é distinto?", perguntei, apontando para minha bochecha.

Ela começou a procurar algo na bolsa. "Acho que tenho algo que pode funcionar", disse ela.

"Estou te dizendo, isso não vai sair", eu disse.

“E eu estou lhe dizendo que você não tentou tudo e não podemos andar por aí com isso no seu rosto. E se houver crianças? Ahá!” Ela ergueu um frasco.

Olhei para aquilo. "O que é isso?"

“Óleo de beleza”, disse ela, colocando a bolsa no chão.

Ela pegou um guardanapo do console central, pingou algumas gotas e se aproximou de mim. Recuei e fiquei paralisado, como uma escultura de gelo humana, com as omoplatas grudadas na porta.

Ela piscou para mim, hesitante. "Você vai me deixar fazer isso ou não?", perguntou ela.

“Não. Me dê isso.”

Ela me lançou um olhar, mas deixou que eu pegasse o guardanapo. Graças a Deus. Meu coração estava disparado.

Nós nunca nos tocamos. Nunca. Nem uma vez em todo o tempo que a conheci. Nem um abraço, nem um aperto de mãos. Não sei em que momento decidi que tocá-la era algo que eu jamais faria, mas eu fiz. Evitei tanto que não conseguiria garantir que a ampararia se ela caísse.

Limpei a mancha da caneta enquanto ela observava do banco do passageiro. O óleo tinha um cheiro vagamente familiar, pois era um dos muitos aromas que a compunham.

“Tenho uma história engraçada para te contar”, disse ela, com os olhos fixos no meu rosto.

"Oh sim?"

“Woofarine se meteu em muita encrenca ontem.”

“Que tipo de problema?”

“Ele foi atropelado por uma senhora que empurrava um carrinho cheio de tamales.”

Parei de enxugar o rosto. "O quê?"

“Eu estava sentada lá fora com o Woofarine. Ele estava preso à cadeira de jardim por uma coleira. A mulher apareceu do nada, virando a esquina em alta velocidade, e ele foi em direção ao pneu. Foi atropelado bem na minha frente.”

Eu o observei sentado no colo dela. Ele parecia orgulhoso de si mesmo — e bem. "Ele está bem?"

"Quer dizer, obviamente. Ele saiu completamente ileso. Nem um arranhão, exceto por um pequeno tufo de pelo faltando na bochecha."

Pisquei para ela e ela deu de ombros.

"Não acredito que você não me contou isso", eu disse.

“Eu ia te ver em algumas horas e o que havia para contar? Nosso cachorro é imortal, devemos nos acostumar com isso. Ganhei tamales de graça por causa disso”, disse ela.

"Você não me trouxe nenhum?", brinquei.

“Ah, sim, eu fiz. As de frango que você gosta. Estão no congelador. Você pode pegá-las na próxima vez que vier aqui.”

Eu sorri.

“Aliás, eu trouxe algo para você”, disse ela, voltando a procurar na bolsa. Ela revirou e tirou um livro. “Para você.”

Abaixei o guardanapo. Era um livro de ponto cruz. "Você está me dando o seu exemplar?", perguntei, olhando para ela.

“Não. Comprei um para você. O meu está bem detonado. A lombada está quebrada e tem manchas de água. Eu queria comprar um melhor para você. Achei um em um sebo. Está como novo. Troquei vários dos meus livros de capa dura por ele.”

Coloquei o guardanapo de lado e peguei o livro delicadamente dela. Eu não conseguia acreditar que estava segurando aquilo. "Obrigada", sussurrei.

“De nada. Eu tinha a impressão de que você não me deixaria pagar a gasolina, então tive que te dar alguma coisa.”

Abri o livro e folheei as páginas com reverência.

“Está na página 234”, disse ela.

"O que é?"

“A citação. Aquela que você gosta.”

Fui para a página 234. Lá estava.

Eu escrevi de memória. Acertei. Li em voz alta.

“Talvez esse não seja o tipo de amor que mereça existir. Talvez seja o tipo de amor que inicia guerras. O tipo de amor que derruba impérios e nunca deixa o mundo melhor do que o encontrou.”

Ela sorriu. "É essa mesmo."

~

O óleo removeu a maior parte da tinta da caneta. Fomos ao restaurante que eu havia combinado e chegamos à cabana por volta das 14h.

“Finalmente, porra!”, disse Mike, virando a esquina antes mesmo de termos entrado completamente. Ele estava com uma cerveja na mão.

Ele agarrou Larissa e a abraçou.

"Ai, ai, Mike? Você está puxando meu cabelo", ela sussurrou.

"Ai, droga, desculpa", disse ele, soltando-a.

"Onde está todo mundo?", perguntei, colocando Woofarine no chão. Ele deu um pulo nas canelas de Mike por um instante e depois saiu correndo para dentro de casa.

Mike virou a cerveja na boca. "Eles estão todos nadando no cais. Eu esperei por vocês, vão se trocar." Ele já estava de calção de banho e chinelos. "Vocês querem uma margarita?"

"Eu quero um", disse Larissa.

Ele olhou para mim. "Chris?"

“Não, estou bem.”

“Ah, qual é, é uma festa, caramba.” Ele deu um tapa no meu ombro, um pouco forte demais.

Esfreguei meu braço. "Hum, tudo bem? Talvez só um?"

“Esse é o meu garoto! Encontro vocês dois lá fora.” Então ele agarrou Larissa e a beijou. Com força.

Os olhos dela se arregalaram quando ele a curvou para trás. "Mike..." ela disse contra a boca dele, tentando empurrá-lo. "Mike!"

Ele encostou a testa na dela. "Senti sua falta." E a soltou, indo embora.

Ela cambaleou para trás alguns passos e olhou para mim, despenteada. "Está bem...", disse ela, alisando o cabelo.

"Acho que ele está um pouco... feliz em te ver?", eu disse, sem saber o que responder.

“Sim.” O rosto dela corou. “Acho que vou me trocar?”

"Sim."

Mostrei a ela o quarto que dividia com o Mike, e ela entrou sem olhar para mim novamente. Fui até a cozinha trocar a esponja. Quando terminei, fui verificar a despensa e me deparei com um pote de manteiga de amendoim e uma mistura de frutas secas e oleaginosas — ele não tinha limpado nada. Nem mesmo depois que eu disse a ele.

Ele estava bebendo e não estava prestando atenção em nada. Isso me irritou.

A alergia da Larissa me apavorava. Literalmente me impedia de dormir à noite.

Ela foi cuidadosa, mas mesmo com toda a sua diligência, ainda havia o risco. Eu não contei para ela, mas também tinha trazido uma EpiPen. Pedi para a Heather me passar a receita. Meu plano de saúde não cobria, e custava setecentos dólares, mas eu queria ter, principalmente aqui. Estávamos a mais de uma hora do hospital mais próximo. E se ela tivesse uma reação e a caneta não funcionasse, ou se não conseguíssemos encontrá-la, ou se ela precisasse de outra dose? Eu precisava dela, para minha própria tranquilidade.

Fiquei ali parada por mais um instante, encarando as nozes que ele não jogou fora. Então peguei um saco de lixo e joguei tudo fora eu mesma.

17

LARISSA

Eu conseguia ouvir o Mike lá no cais, da janela do nosso quarto. Ele estava falando muito alto. Acho que ele estava um pouco bêbado.

Eu nunca tinha visto o Mike bêbado antes. Já o tinha visto beber, mas não bêbado.

Eu realmente esperava que ele não ficasse assim o tempo todo. Era um pouco demais. Quando ele me abraçou mais cedo, cheirava a cerveja velha. Meu pai costumava cheirar assim. Phil cheirava assim.

Chris não fez isso.

No carro, durante a subida, seu perfume circulava suavemente pelas saídas de ar.

Tinha um cheiro bom. Como o moletom e a camisa que ele tinha me emprestado e o cheiro do Woofarine quando era a minha vez de ficar com ele.

Achei o cheiro do Chris muito reconfortante. Talvez eu devesse comprar esse perfume para o Mike. Para o aniversário dele, talvez? Mas algo me diz que não ficaria igual nele.

Meu celular emitiu um sinal. Era a Becca.

Você vem?

Olhei pela janela e a vi na ponta do cais com Samantha, perto de um conjunto de boias infláveis. Ela fez um gesto convidativo com as mãos. Dei risada e vesti meu maiô. Parei por um minuto em frente ao espelho antes de sair do quarto. Talvez eu devesse colocar uma saída de praia?

Todo mundo estava de roupa de banho, então não seria estranho se eu saísse sem uma, mas a ideia de Chris me observando fazer aquela longa caminhada pelo gramado até o píer usando apenas um biquíni me deixou constrangida.

Peguei um vestido de verão e o vesti, e ainda bem que fiz isso porque, quando saí do quarto, dei de cara com Chris levando o lixo para fora.

“Ah, olá. Pensei que você já estivesse lá fora”, disse ele, parecendo culpado por algum motivo.

"Nossa, você já está limpando tudo depois de todo mundo e acabou de chegar", brinquei.

Ele deu um leve sorriso, mas não chegou aos olhos. Ele ainda não estava de sunga.

"Você não vai nadar?", perguntei.

“Sim, eu só… precisava fazer isso primeiro”, disse ele, levantando a sacola.

Woofarine soltou um rosnado animado e olhamos para ele. Ele estava encarando a saída de ar no chão, tremendo.

"Bem, isso não é bom", murmurou Chris.

“Você acha que tem alguma coisa viva aí dentro?”

“Ou morto.”

Eu ri um pouco. "Se ao menos todos nós pudéssemos ser amados por alguém tanto quanto Woofarine ama o caos."

Olhei para trás e o vi olhando para mim.

"Posso levar isso para fora." Apontei com a cabeça para o lixo.

Ele puxou o objeto para mais perto de si. "Não, eu consigo."

Peguei a parte de cima. "De qualquer forma, vou sair pela porta dos fundos."

“Está tudo bem—”

“Chris, deixe-me ajudar com uma coisa.”

Ele hesitou por tanto tempo que pensei que fosse dizer não, mas acabou me dando. Não pareceu muito contente com isso.

"Essa é a sua porcaria de apoio emocional?", brinquei. "Te vejo lá fora. Vai se trocar."

Joguei o lixo na lixeira perto da porta dos fundos. Alguém tinha derrubado uma garrafa de ketchup vazia, então peguei e levantei a tampa para jogar fora também — e foi aí que eu vi. A sacola que o Chris tinha me dado abriu e o conteúdo derramou quando eu a joguei lá dentro.

A única coisa que havia ali eram nozes.

18

LARISSA

Becca, Samantha e eu estávamos boiando no meio do lago. Chris, Mike, Xavier e Jesse pareciam do tamanho de bonecas Barbie lá no píer. Becca, Samantha e eu tínhamos amarrado nossas boias juntas e nos deixado levar para longe da margem. Foi ideia minha. Eu precisava dar uma escapadinha. Mike estava dando saltos mortais. Eu estava ali havia duas horas e ele continuava tão animado quanto quando cheguei. Ele já tinha feito três rodadas de margaritas e tomado outra cerveja.

Fiquei pensando em quantos drinques ele tinha tomado hoje. Ele era um cara grande, dois ou três não faziam diferença para ele, então, se ele estava tão alterado assim, quantos seriam? Seis? Sete? Mais? Eu nunca tinha viajado com ele. Talvez isso fosse normal? Acho que eu simplesmente não esperava que ele estivesse tão bêbado. Ou tão barulhento. Tão insuportável.

Mike deu uma risada tão alta que o som ecoou por todo o lago.

Chris finalmente vestiu sua sunga e estava sentado com Jesse e Xavier em cadeiras de praia. Mike e meu cachorro estavam dando saltos da ponta do píer, nadando de volta para a margem e repetindo o percurso. O jeito como Chris estava sentado ali, observando, me lembrou um pai supervisionando os filhos enquanto brincavam no lago. O único que não conseguia se divertir.

"E então, como foi a subida?", perguntou Becca, passando os dedos pela água.

“Foi tudo bem”, eu disse, olhando para Chris.

Estávamos longe demais para que alguém conseguisse dizer para quem eu estava olhando. O que era bom, porque eu queria olhar para ele.

Ele estava usando calção de banho cinza e óculos de sol. Sem camisa. Estava muito bonito. Eu não queria dizer que ele não sabia disso, porque acho que sabia sim. Era bem óbvio que as mulheres notaram.

Quando ele me disse que estivera no meu quarto, não sei porquê, mas senti

um frio na barriga.

Mamãe não deveria tê-lo levado lá, mas, ao mesmo tempo, fiquei feliz que ela o tenha feito. Eu tinha orgulho daquelas cortinas. Queria que ele as visse. Não teria sido apropriado levá-lo lá eu mesma, mas se mamãe o fez…

Eu queria impressionar o Chris com as pequenas bobagens que eu fazia. Era uma bobagem, mas era importante para mim. Talvez porque ele fosse tão talentoso e eu só tivesse cortinas com cerejas bordadas.

Mike gritou de novo e molhou Chris. Estava longe demais para ter certeza, mas juro que Chris pareceu irritado.

"Ele está completamente bêbado", disse Samantha, dando um gole em sua cerveja.

Fiquei muito feliz por não estar lá. Uma parte de mim temia que o Mike resolvesse nadar até nós. Ele provavelmente afundaria minha boia.

Encarei Chris, sentado no cais. Parecia que talvez ele estivesse me encarando de volta.

Ele vasculhou a despensa para jogar as nozes fora. Era para mim, obviamente.

Eu nunca esperei que alguém fizesse isso por mim. Eu era adulta — podia fazer sozinha. Mesmo assim, era bom saber que alguém estava sendo diligente em meu nome. Isso me fazia sentir segura, como se eu pudesse desligar meu cérebro. E eu nunca conseguia desligar meu cérebro. Eu vivia em constante modo de sobrevivência.

Fiquei um pouco triste por ter que dirigir para casa com o Mike e não com o Chris. Por não haver nenhum restaurante pré-selecionado e por ter que encontrar um lugar sozinha. E por o Mike tocar a música um pouco alto demais, porque ele gostava de manter a energia alta enquanto dirigia. Ele cantaria junto com a playlist, batucaria os solos de bateria no volante e abriria o teto solar, fazendo meu cabelo balançar e eu ter que pedir para ele fechar. Eu nunca tinha ficado presa em um carro com o Mike por tanto tempo antes.

"O que houve?" perguntou Becca.

Devo ter feito uma careta.

“Nada”, eu disse.

Mike deu outro mergulho de bomba. Quando a onda chegou até nós, as ondulações quase tinham desaparecido. Mas ainda foi o suficiente para me empurrar um pouco mais para longe.

19

LARISSA

Phil estava na sala de estar.

Acabei de voltar da cabana com todos. Fiquei fora quatro dias e, pelo jeito que o apartamento está, o Phil esteve aqui o tempo todo.

Larguei minha sacola aos meus pés e olhei em volta, franzindo a testa para a bagunça.

Latas de cerveja, caixas de pizza e um cinzeiro. Bem no meio da mesa de centro. O cômodo inteiro cheirava a fumaça.

Soltei um suspiro de raiva.

"Onde está Nancy?", perguntei, em tom seco.

Phil olhou para mim, com os olhos ainda sonolentos, como se só agora tivesse percebido que eu havia entrado. Os botões da camisa estavam repuxando contra sua enorme barriga. "Ah, oi." Ele tossiu sem cobrir a boca.

“Minha mãe?”, repeti.

“Acabei de sair do banho”, disse ele, apontando o controle remoto para a TV.

Entrei no quarto pisando duro e bati na porta dela. "Mãe!"

"O que é isso?", perguntou ela, colocando a cabeça para fora, enrolada numa toalha.

“Você está fumando dentro de casa?”

Ela soltou um suspiro exasperado e empurrou a porta. "Pensei que alguém tivesse morrido, pelo jeito que você está gritando. Entre, fale comigo aqui dentro."

“Nós combinamos que você não fumaria dentro de casa”, eu disse, entrando no quarto.

Ela fechou a porta atrás de mim. "Foram dois cigarros. Estava caindo granizo. Tínhamos um alerta de tornado."

“Mãe, eu moro aqui. Eu pago metade do aluguel. Eu não gosto de fumaça.”

"Bem, eu não gosto de cachorros, mas isso não te impediu de trazer um para

casa."

“Eu te perguntei! Você disse que estava tudo bem.”

Ela enrolou uma toalha nos cabelos molhados. "Você está fazendo tempestade em copo d'água. Vou deixar secar e acender uma vela."

Eu fiz um ruído de frustração.

Agora todas as minhas roupas ficariam com cheiro de batata frita e cigarro Newport.

Cruzei os braços e olhei em volta. Havia latas de cerveja por toda parte. Em cima da cômoda, no criado-mudo. E havia bagagem no canto do quarto dela. Três malas que não eram nossas.

Voltei-me para ela. "De quem são essas coisas?"

Ela não respondeu.

"Mãe…"

“Ele vai ficar um pouco mais”, disse ela, passando loção nas pernas.

“Não, ele não é.”

Ela endireitou-se e ficou de frente para mim. "Com licença?"

"Não!"

Ela levou o punho à cintura. "Estão dedetizando o apartamento dele. Ele precisa sair de lá por alguns dias. Por que você está tão irritado?"

“Porque eu não quero viver assim!”

Ela me olhou como se eu fosse uma criança fazendo birra. "Querida, se você não gosta de dividir espaço com outras pessoas, então arrume seu próprio lugar. Eu tinha o meu na sua idade."

Respirei fundo, tentando me acalmar. "Mãe, eu não tenho crédito. Papai cuidou disso, lembra? Ninguém vai me alugar um imóvel. Eu não ganho o suficiente para morar sozinha—"

“Com você trabalhando em todos esses empregos?”

Levantei as mãos. "Tenho trinta mil dólares em dívidas que nem são minhas! Meu carro quebra uma vez por mês, e eu paguei todas as contas enquanto você se recuperava — como vou economizar? Ou prosperar? E aí eu chego em casa e você está com o Phil? Já estamos dividindo um espaço de 700 pés quadrados e um banheiro só."

Ela suspirou. "Talvez você devesse ir ficar com o Mike esta semana."

Pisquei para ela.

"Por que não?", disse ela. "Ele tem um lugar agradável."

“Acabei de voltar de um fim de semana que passei com ele.”

"E você acha que ele está farto de você?" Ela riu roucamente. "Querida, se

ele está farto de você tão cedo, você está fazendo alguma coisa errada na cama."

“Não, ele não está farto de mim…”

A verdade é que eu estava farta dele. Um pouco.

Não que eu esteja farta dele... isso seria muito duro. Eu só precisava de espaço.

Virei-me, sentei-me na beira da cama dela e coloquei o rosto entre as mãos.

Senti minha mãe sentar-se ao meu lado. "O que aconteceu neste fim de semana?", perguntou ela, em voz mais baixa.

"Nada."

Algo.

“Não sei. Nunca tinha passado tantos dias com ele antes. Foi simplesmente… estimulante demais.”

“E aí, como foi?”

Respirei fundo. "Parece que tudo tem que ser uma festa", eu disse.

“Você não estava em uma festa?”

“Quer dizer, sim, mas… é difícil de explicar. É tipo, é café da manhã, acabamos de acordar, e ele quer fazer Bloody Marys.”

“Parece ser o meu tipo de cara…”

"E aí, de repente, estávamos bebendo cerveja no lago, e ele começou a falar alto demais e queria me jogar lá dentro, e eu só estava tentando ler, e ele começou a me espirrar água e a me apalpar. Sei lá."

“Parece que você precisa aprender a relaxar.”

Eu ri sarcasticamente.

O engraçado é que este fim de semana deveria ter sido ótimo. E foi. Em alguns momentos. Como quando o Mike estava grelhando bifes e o Journey tocava alto nas caixas de som, ou quando estávamos todos jogando cornhole no gramado, ou assistindo aos fogos de artifício enquanto navegávamos no barco flutuante.

O passeio de carro com o Chris foi divertido. Na verdade, todas as partes com o Chris foram divertidas.

Eu simplesmente não gostei de todas as partes com o Mike.

Foi tão injusto, me senti mal só de pensar nisso. O Mike cuidou de mim o fim de semana inteiro, desde o momento em que cheguei. Serviu comida, fez bebidas para mim. Desfez minhas malas, nem me deixou arrumar a cama no nosso quarto. Mas ele estava bebendo o tempo todo. Literalmente o tempo todo. Do momento em que cheguei até a noite anterior à nossa partida. E o Mike não era um bêbado tranquilo. Ele era barulhento e quase agressivo.

Ele estava sóbrio para me levar para casa. Ele nunca dirigiu, foi responsável. Era um fim de semana de feriado. Todo mundo estava bebendo. Ele não estava fazendo nada que os outros não estivessem fazendo. Mas eu não gostei. Me deixou exausta.

"Acho que preciso de férias das minhas férias", disse, mais para mim mesma. "Estou cansada. E não quero ficar perto do Phil."

Ela suspirou. "Bem, não posso expulsá-lo agora", disse ela, em voz baixa. "Eu já disse a ele que podia ficar. Não sabia que você ia ficar tão irritado."

Phil espirrou do outro cômodo. Um espirro gutural, desnecessariamente alto.

Fechei os olhos com força.

Eu não queria ir à casa do Mike.

Foi como sair pela mesma saída por onde entrei. Aquela que não era a melhor escolha, mas era a porta que eu conhecia.

Tive um impulso instintivo muito estranho de perguntar ao Chris se eu poderia dormir no quarto de hóspedes dele por uma noite.

Chris. Eu sabia como seria na casa dele. Silêncio. Leitura. Woofarine. Faríamos o jantar ou ele pegaria algo para nós em algum lugar seguro. Conversaríamos sobre livros, ou não conversaríamos nada, e tudo bem também.

Ele não fazia margaritas, ligava o liquidificador enquanto eu tentava terminar meu livro e depois ficava barulhento e agressivo depois de tomar algumas.

Eu queria relaxar. Queria silêncio e calma.

Mas Chris não era uma opção agora. Ele já tinha sido uma vez, há um milhão de anos, depois de um show. Mas não agora.

Então eu me levantei e fui até a casa do Mike.

20

CHRIS

Tive outro pesadelo.

Elas vinham diminuindo nos últimos meses. As imagens turvas da minha mãe em seu leito de morte, barriga distendida, olhos amarelados, pernas magras. Eram horríveis e me faziam sentar no escuro, ofegante.

Mas não era esse o caso. Este era sobre Larissa.

Acendi a luz e me encostei na cabeceira da cama, ainda tremendo. Woofarine estava comigo. Era um dos meus dias para ficar com ele, porque amanhã eu estaria de folga, graças a Deus. Peguei-o aos pés da cama e o abracei contra o peito, tentando me acalmar. Encostei meu nariz na cabeça dele, na esperança de que ainda restasse um pouco do perfume dela em seu pelo.

No meu sonho, Larissa tinha comido algo com nozes. A garganta dela fechou e eu não conseguia encontrar a EpiPen dela nem a minha. Eu corria de um cômodo para o outro procurando, sabendo que ela estava morrendo e que minhas pernas não se moviam rápido o suficiente e eu não conseguiria salvá-la.

Era a mesma sensação de impotência que eu tinha com a minha mãe.

Eu estava lidando com o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) devido à forma como minha mãe faleceu. A maneira como fui pega de surpresa pelas circunstâncias, a culpa de sobrevivente que eu sentia por isso.

Nos primeiros meses depois, fiz terapia. Também participei de um grupo de apoio. Eu tinha as ferramentas para lidar com o meu luto e ele estava diminuindo com o tempo. Eu estava conseguindo dormir novamente. Mas agora a ansiedade tinha se transferido. Agora era por Larissa.

Levantei-me para jogar água fria no rosto. Acendi todas as luzes, tentando separar o pesadelo da realidade. Não adiantou.

Eram quatro e meia da manhã. Eu queria ligar para ela e ter certeza de que era apenas um sonho e não uma visão. Mas por que eu faria isso? Como eu poderia explicar que tenho me preocupado tanto com ela ultimamente, no meu

dia a dia, que ela estava começando a aparecer nos meus sonhos?

Foi no fim de semana no lago que eu realmente percebi isso. Talvez porque eu nunca tivesse passado tanto tempo com ela? O impulso inconsciente constante de ver se ela estava bem, se estava se divertindo ou se precisava de alguma coisa. E então eu tinha que me lembrar de que não era minha responsabilidade garantir que ela estivesse bem ou se divertindo e que eu deveria parar de me preocupar com isso. Mas eu não conseguia desligar os pensamentos. Era como lutar contra um instinto. Era exaustivo — e agora eu nem conseguia descansar disso enquanto dormia.

Sentei-me aos pés da minha cama e esfreguei as mãos no rosto. Woofarine me cutucou com a pata e lambeu meu queixo.

Ele tinha encontrado um esquilo morto e petrificado ontem e estava comendo-o no quintal. Provavelmente eu não deveria ter deixado ele lamber meu rosto, mas apreciei o esforço para me fazer sentir melhor mesmo assim.

Preocupar-se com uma amiga era normal, certo? Ela tinha uma alergia grave, daquelas que a colocavam em perigo. Era natural se preocupar. E talvez eu me sentisse um pouco responsável por ela porque fui eu quem a levou até lá, e quando chegamos, o Mike não tinha limpado a despensa e eu ainda estava abalada com a perda da minha mãe, o que me deixou hipervigilante.

Mas o que tudo isso tinha a ver com as outras coisas que eu estava começando a notar? Com a vontade de olhá-la. Porque eu queria. Eu queria olhar.

E conversar com ela também. Ou simplesmente sentar com ela onde quer que ela estivesse e ler com ela. Eu gostaria de ter sido eu a levá-la de carro para casa da cabana, para ter tido aquele tempo para ficar com ela sem mais ninguém por perto.

Woofarine olhou para mim. Fiquei pensando se a única vez em que nosso cachorro estava realmente feliz era quando Larissa e eu estávamos no mesmo lugar.

Comecei a achar que era assim comigo também.

21

LARISSA

"Este lugar é incrível", eu disse.

Estávamos numa festa na piscina muito legal em Edina. A casa que tínhamos visitado era enorme e todo o quintal tinha sido transformado num cenário de praia. Eles até trouxeram areia e colocaram duas cadeiras de praia para tirar fotos.

Eu já tinha trabalhado em serviços de catering em eventos como esse. Carregava aperitivos e champanhe em bandejas. Não conseguia acreditar que agora eu era realmente um convidado.

"Então, explique-me para quem é isto mesmo?", perguntei, olhando para Mike.

“Meus primos. Os Maddox. Todos nós passávamos muito tempo com eles quando éramos crianças. Esta é a casa da minha tia Joy.”

“Donna e Janessa vêm?”

“São primos por parte de pai.”

"Ele vem?", perguntei.

“Meu pai? Só se ele pegasse um voo de Maui. Ele meio que faz as coisas do jeito dele.”

“Ah”, eu disse. “E quem vai se casar?”

“Jane e Benny. Vou apresentá-los daqui a pouco.”

Olhei em volta. "Olha, um cachorro. Ele não tem uma pata."

“Esse é o Tenente Dan. Você viu o papagaio? Eles também têm um papagaio.”

"Eles falam?" perguntei, virando-me para ele. "Ele fala?"

“Ele te manda ir se foder.”

Dei uma risadinha disfarçada quando alguém passou com uma bandeja de abacaxi grelhado. Meu estômago roncou. Estava ficando com fome. Mas não podia comer nada ali, porque tinha nozes por toda parte. Até macadâmias

estavam no ponche de frutas. A comida parecia ótima. Tinha mini-hambúrgueres de carne de porco desfiada e uma fonte de chocolate. Talvez eu pudesse provar um pouco da carne de porco, pelo menos?

Mordi o lábio enquanto encarava a mesa do bufê. Até a salada de repolho tinha castanhas de caju. Fiquei desanimada.

Não valia a pena, era muito arriscado.

Eu tinha comido um lanche no caminho e o Mike disse que poderíamos comer um hambúrguer depois, mas isso seria dali a algumas horas. O Mike não estava comendo por solidariedade, o que foi gentil da parte dele. Ele também tinha vindo direto do trabalho, provavelmente estava morrendo de fome. Eu deveria ter me planejado melhor.

"Mike, você deveria comer", eu disse, observando seus olhos seguirem um funcionário do bufê que trazia uma bandeja de arroz tropical.

“Não.”

“Coma, por favor. Estou me sentindo mal.”

“Se você não pode comer, eu também não como.” Ele me apertou. “Desculpa, amor. Eu devia ter pensado em alguma coisa. Podemos sair mais cedo, tá bom?”

Eu assenti com a cabeça e ele beijou a lateral da minha cabeça.

“Eu estava lendo aquele livro que você e o Chris tinham”, disse ele.

Recuei o rosto. "Você fez isso? Qual deles?"

“Aquele negócio de reality show.”

Eu sorri radiante. "Mike..."

“Já li umas setenta páginas. É bom.”

Não foi bom, mas eu apreciei o fato dele tentar gostar das coisas que eu gostava. Tentei me envolver nas coisas que ele gostava também, mas foi um pouco difícil — principalmente porque eu não podia correr dez quilômetros com ele, andar de bicicleta na montanha ou praticar qualquer outro esporte radical que ele curtia. Ele queria me treinar. Fui uma vez, mas quando terminei o trabalho do dia estava exausta e a última coisa que eu queria era ir para a academia. Mas eu planejava torcer por ele na próxima corrida e talvez pudesse pegar uma bicicleta na próxima vez que ele fizesse o percurso de dezessete quilômetros. Preparar um piquenique para nós ou algo assim?

Mike e eu não tínhamos muitos hobbies em comum. Fiquei pensando se ele estava começando a perceber. Talvez seja por isso que ele pegou o livro? Chris e eu estávamos lendo um romance de fantasia agora. Talvez eu devesse sugerir que o Mike lesse esse, poderíamos fazer um clube do livro. Falando em Chris…

"Quando o Chris chega?", perguntei.

“Ele tinha que trabalhar”, disse ele. “Provavelmente mais tarde.”

Eu tinha uma surpresa para ele que vinha planejando desde que Mike me contou sobre a festa, quatro semanas atrás.

"Vou pegar uma água", disse Mike. "Quer alguma coisa?"

“Hum, vou querer um refrigerante.”

Eu o observei partir. Ele estava treinando para um triatlo, então não estava bebendo naquele momento. Senti uma gratidão silenciosa.

Ele não tinha bebido nada desde o fim de semana na cabana, três semanas e meia atrás. Estava seguindo uma dieta rigorosa, rica em proteínas e sem açúcar, e se exercitando constantemente, correndo 18 quilômetros ao redor do parque duas vezes por semana. E eu estava na casa dele. Muito. Principalmente porque eu não suportava ficar no apartamento.

Phil nunca foi embora. Já fazia quase um mês.

Mamãe o convenceu a pagar o aluguel, então pelo menos isso era bom, mas eu odiava ficar em casa agora. Ele era uma presença constante na sala de estar. Não trabalhava e estava sempre lá. O apartamento parecia bagunçado e sujo, e eu ainda não conseguia tirar o cheiro de cigarro das minhas roupas, mesmo ela nunca mais tendo feito isso dentro de casa.

Becca ocupou o espaço que Mike deixou. "Que gracinha", disse ela, acenando com a cabeça para o meu buquê.

Levei a mão até o prendedor de cabelo para tocar. "O Mike que me deu. Ele também trouxe flores para minha mãe."

"Ela ainda está saindo com aquele cara?", perguntou ela, comendo a cereja do seu mai tai.

“Sim. Na verdade, a coisa está ficando um pouco séria.”

“Tão rápido assim?”

"Sim", murmurei.

"Você acha que eles vão morar juntos?", perguntou Becca.

“Eles já têm”, eu disse. “Comigo.”

"Eca!" Ela fez uma careta. "Então você vai morar com o Mike?"

“Não. Eu não quero morar na casa de hóspedes atrás da casa da Donna.”

“Por que não?”, disse ela, falando por cima do canudo. “É um lugar agradável.”

Soltei um suspiro pelo nariz. Alguns motivos? Donna não queria o Woofarine lá, para começar. Mike me deixou trazê-lo de qualquer jeito, porque se ele não viesse nos dias em que eu o teria, eu não viria. Mas toda vez que eu vinha, sentia que ela ia dizer alguma coisa.

Donna não era tão simpática quanto eu pensava. Quanto mais tempo eu passava na casa do Mike, mais fria ela ficava. Não era uma coisa específica, era a energia que emanava dela. Nem cheguei a comentar com o Mike. Simplesmente tive a impressão de que ela não gostava de mim.

Eu e a Becca éramos amigas, mas não éramos próximas o suficiente para eu querer ter esse tipo de problema com ela. Eu não confiava que ela não contaria para o Jesse e que o Jesse não contaria para o Mike.

Eu confiava no Chris dessa forma, o que era meio engraçado de dizer. Eu podia contar para o Chris e tinha plena convicção de que ele jamais diria uma palavra a ninguém se eu pedisse para ele não contar.

Ultimamente, tenho conversado bastante com o Chris. Na verdade, parece que converso mais com o Chris do que com a Lexi e o Mike. Principalmente quando estamos revezando o Woofarine. Geralmente começava falando sobre o livro que estávamos lendo, mas depois mudava de assunto. Phil, minha mãe, Bergmans ou qualquer outra coisa que estivéssemos lendo. Às vezes, ficávamos parados na entrada da casa de quem estivesse nos visitando por tanto tempo que parecia que devíamos sentar, mas nunca sentávamos. Ficávamos lá parados, um de nós segurando o cachorro, colocando o papo em dia até que um de nós precisasse ir embora. Mandávamos mensagens com nossas reações aos livros ou fotos do Woofarine. Fiz para ele a sopa de frango com bolinhos que ele pediu quando ficou doente algumas semanas atrás e pedi para o Mike entregar.

Acho que o Mike gostou muito de termos nos dado bem. Eu também gostei.

O grupo de amigos do Mike era como uma família. Tive a impressão de que, se eles não gostassem de mim, eu e o Mike não duraríamos muito. Mas a Samantha, a Becca e os rapazes me acolheram muito bem.

Eu ainda não tinha dito ao Mike que o amava, mas conseguia me imaginar juntos no futuro. Conseguia visualizar nossa festa de noivado um dia, assim, com todos presentes. O Chris seria o padrinho.

Chris seria o padrinho...

Huh.

Mike voltou e me entregou um copo vermelho de refrigerante da marca Solo.

"Obrigada", eu disse, dando um gole. "Ei, podemos parar e fazer uma compra surpresa no caminho para casa?"

"Para quê?", perguntou ele.

“Quinze dólares.”

Ele deu uma risada. "Querida, isso não vai nem pagar a gasolina do meu caminhão. Vou te dar só os quinze dólares."

“Não quero que você me dê. Quero fazer eu mesmo. Já está a caminho.”

Ele me abraçou. "O que você deveria fazer é vir morar comigo. Aí você não vai precisar trabalhar mais."

Fiz uma careta. "Por que eu não trabalharia?"

“Porque eu vou cuidar de você.”

“Ah. É uma boa oferta, mas não.”

Ele olhou para mim de cima. "Você está falando sério?"

“Por que eu não estaria falando sério?”

“Quer dizer, esse é meio que o meu trabalho, não é? Pagar as contas?”

Becca revirou os olhos. "Você já pensou que talvez ela queira ter a própria carreira, Mike? Não estamos mais em 1950."

Me afastei dele aos poucos. "Não vou fazer o que minha mãe fazia. Quero ter minha própria renda."

"Para quê?" Ele deu uma risadinha. "O que você acha que vai acontecer, querida?"

“O que acontece o tempo todo com mulheres em todos os lugares?”, disse Becca. “Você passa décadas da sua vida criando filhos e cuidando da casa, e então o homem trai, bate em você ou te abandona com crianças pequenas, e você fica sem teto, sem dinheiro e sem como se sustentar? Eu vejo isso literalmente todos os dias. Existem muitas maneiras de cuidar de alguém que não envolvem controle financeiro. Tente de novo.”

Olhei para Becca com gratidão, feliz por ela ter dito aquilo para que eu não precisasse dizer.

Eu sei que Mike tinha boas intenções, mas eu não queria um homem para me sustentar. Eu queria um homem que me desse poder para me sustentar sozinha. Eu não queria fazer as mesmas escolhas que minha mãe fez. Eu não ia ser uma mulher exausta parada atrás de uma porta de vidro, fumando sem parar, enquanto o alcoólatra no sofá bebia cerveja e mudava de canal na minha TV. Eu ia ter uma saída que não fosse a mesma por onde entrei.

“Trabalhar é o que me faz sentir segura. Entendeu?”

Ele levantou as mãos. "Tudo bem, tudo bem. Se é isso que você quer." Ele me puxou de volta para um abraço amigável. "Você não precisava ter trazido seu advogado." Ele piscou para Becca. Ela revirou os olhos novamente, mas sorriu desta vez.

O assunto mudou e a festa continuou. Não voltei a mencionar a loja secreta.

Mas ele também não.

22

CHRIS

Finalmente consegui chegar à festa.

O quintal estava decorado com tochas tiki e havia bolas de praia flutuando na piscina. Uma banda estava tocando.

Cheguei do trabalho com cerca de uma hora de atraso em relação a todos, então corri para casa para tomar banho e vestir minha camisa havaiana. Olhei para o quintal pela janela da cozinha e encontrei Larissa. Ela estava usando um vestido longo sem alças com flores e tinha uma grande flor branca no cabelo. Fiquei parado ali por um instante, apenas admirando-a. Ela estava linda. Eu geralmente não a via tão arrumada — não que ela não fosse linda quando não estava.

Fiquei ali por mais alguns segundos e depois fui para o quintal. Encontrei meu grupo de amigos reunido em volta de uma mesa alta. Passei a perna entre Jesse e Larissa. Quando Larissa se virou e me viu, seus olhos brilharam. "Ei, você chegou!" Ela estava sorrindo. E então eu entendi o porquê.

O rosto da Woofarine estava no vestido dela, misturado às flores. A reviravolta do ano, porque o rosto da Woofarine também estava na minha camisa. Eu a tinha encomendado online e provavelmente compramos no mesmo lugar e escolhemos o mesmo modelo. Nós duas caímos na gargalhada.

Mike fez uma pausa, olhando entre nós. "Caramba, eu não sabia que havia um código de vestimenta", disse ele.

Todo mundo ficou olhando enquanto a gente caía na gargalhada.

"Hum, podemos participar da piada também?", perguntou Becca.

Apontei para os rostos dos cachorros.

"Meu Deus", disse Becca. "Vocês são uns nerds."

"Nem reparei", disse Mike, olhando alternadamente para as nossas roupas.

"Você planejou isso?", perguntou Jesse.

"Não", dissemos em uníssono, o que fez Larissa rir ainda mais.

"Você devia ter me contado. Eu também teria ganhado um", disse Mike.

"Você não teria usado isso", disse Larissa, ainda rindo. "É muito brega para você."

“É, você provavelmente tem razão.” Ele passou o braço livre em volta dela e a apertou. Ela se aconchegou nele e sorriu radiante, e eu aproveitei o momento para observar uma vela de citronela sobre a mesa.

Jesse olhou para o bar. "Ei, vou pedir um daqueles picolés de abacaxi. Alguém quer alguma coisa?"

Mike balançou a cabeça. "Não vou beber esta noite."

Jesse olhou para ele como se ele tivesse duas cabeças. "O quê? Qual é! Eles têm tipo, três drinques especiais lá."

"Estou treinando, seu idiota", disse Mike.

Balancei a cabeça negativamente. "Eu também não estou bebendo."

"Eu quero um", disse Becca.

"Vou querer uma piña colada", disse Larissa.

“Lembre-os da alergia”, eu disse.

Jesse fez um gesto de arma com os dedos. "Entendi."

Jesse foi para o bar e eu fui me servir de jantar.

“Não é lindo?” disse Larissa, aproximando-se por trás de mim enquanto eu observava a mesa de petiscos. Frios e queijos, biscoitos e frutas vermelhas, amêndoas cobertas de chocolate, ervilhas com wasabi e frutas secas. Estava tudo decorado com flores de hibisco, folhas de palmeira e estrelícias.

"Que pena que tenha nozes em cima", eu disse.

"Sim."

“Como estão indo as caixas de lanches?”, perguntei, virando-me para ela.

Ela deu de ombros. "Vou diminuir o ritmo um pouco."

Assenti com a cabeça para a mesa. "Que tal fazermos algo assim?"

Ela torceu os lábios. "Hum. Você acha que as pessoas comprariam?", perguntou. "Tipo, se eu fizesse caixinhas ou bandejas para festas?"

“Ah, sim. Eu compraria.”

Ela analisou a tabela. "Isso parece divertido. Vou adicionar à minha rotina. Estabeleci uma meta de ganhar cem dólares extras por dia nos próximos três meses."

Ergui uma sobrancelha. "Ah, é? Como vai?"

"Não está ótimo", admitiu ela. "Preciso de mais horas no dia."

Eu a observei enquanto ela observava a mesa.

Eu queria que o Mike a ajudasse com essas coisas. Não achava que ela

aceitaria dinheiro dele — ela era independente demais para isso —, mas ele poderia incentivá-la. Ajudá-la a descobrir o que ela queria fazer, ajudá-la a realizar.

Ela vinha ficando na casa dele de três a quatro vezes por semana durante o último mês. Mike estava nas nuvens, era tudo o que ele conseguia falar.

Voltamos para o grupo. Jesse trouxe uma piña colada para ela e eu tinha acabado de comer e jogado o prato fora quando ouvi o som de uma cadeira de rodas elétrica. Eu sabia exatamente o que aquilo significava. Meu primeiro instinto foi me jogar na frente da Larissa, mas Mike a tirou do caminho primeiro, com meros segundos de sobra.

O avô parou bruscamente no meio do nosso grupo, com o cilindro de oxigênio na parte de trás da cadeira de rodas.

"Vovô", disse Mike. "Eu estava me perguntando quando você ia diminuir a velocidade o suficiente para eu poder te cumprimentar."

"Cala a boca e me dá um cigarro", ele disparou.

Eu bufei.

O avô me olhou com desdém. "É melhor você estar rindo, porque você está com os meus Marlboros."

“Não tenho seus Marlboros, mas é bom te ver”, eu disse.

Mike se agachou na frente dele. Então tirou uma mochila do bolso da camisa. "Eu te protejo, velhote."

"Mike está precisando de oxigênio", sussurrou Larissa.

“Todo mundo faz isso”, disse Jesse. “É mais seguro quando ele está fumando, porque ninguém corre o risco de ser atropelado.”

Mike se levantou. "Preciso pegar um isqueiro. Já volto e te levo escondido até o gazebo." Ele piscou para ele.

Ele saiu e o avô voltou sua atenção diretamente para Larissa. "Quem diabos é você?"

Ela sorriu para ele. "Larissa. Prazer em conhecê-lo."

“Você é namorada do Chris?”

“Não. Estou com o Mike”, disse ela.

“Então por que você e o traficante estão usando o mesmo uniforme?”

Ela engasgou.

"Agora sou traficante de drogas?", perguntei, divertido.

Ele estreitou os olhos marejados para mim. Então acelerou. Becca mal conseguiu se esquivar. Observamos enquanto ele abria caminho pela multidão até desaparecer atrás da casa da piscina.

"Alguém precisa arranjar uma corneta para ele", murmurou Becca.

"Como se ele fosse usar isso?", disse Jesse.

Larissa ficou olhando para ele, sem conseguir se conter. "Ele é sempre assim?"

“Desde que o conheço”, eu disse.

“Ele nos ensinou a dirigir”, disse Jesse. “Ele nos usava para levá-lo ao posto de gasolina comprar cigarros para que a tia Joy não o pegasse.”

Eu ri. "Ei, já cumprimos nossas horas de direção."

Mike voltou dez minutos depois com um mai tai. "O vovô já está instalado no gazebo", disse ele, dando um gole na bebida. "Estaremos todos seguros por uns dez minutos."

Encarei a bebida. "O que aconteceu com o treino?"

"O quê? Isto? Eu queria experimentar, só um", disse ele.

Larissa interrompeu sua conversa com Becca e viu o coquetel na mão dele. "Ah. Pensei que você estivesse dirigindo. Por isso pedi a piña colada."

Ele riu. "Querida, eu tenho um metro e noventa e cinco e cento e cinquenta quilos. Isso nem vai me dar um barato."

Ela não parecia muito convencida.

“A última”, disse ele. “Prometo.”

"Está bem." Ela colocou o cabelo atrás da orelha.

Começou o karaokê. Larissa se animou. "Quer cantar um dueto comigo?", disse ela, virando-se para Mike.

“Não.”

"Por favor?" ela implorou. "Vai ser tão divertido!"

“Eu não canto, querida.”

Ela fez aquela mesma carinha de cachorro pidão que me convenceu a ficar com o Woofarine. "Não quero subir sozinha."

“Leve o Chris.” Ele acenou com a cabeça para mim.

Eu paralisei. "Eu... O quê?"

"Ah, Chris, por favor?" Ela olhou para mim.

"Vai lá", disse Mike. "Me ajuda para que eu não precise fazer isso." Ele cutucou a namorada e piscou para ela. Ela revirou os olhos e depois olhou para mim, esperançosa.

“Hum… ok”, eu disse.

"Realmente?"

"Claro."

Ela deu um pulinho. "O que você quer cantar?"

“Você escolhe. Mas vai ser ruim. Eu não tenho uma boa voz.”

"Vou gravar isso com certeza", disse Mike, pegando o celular.

Alguém gritou do outro lado do quintal e olhamos para cima para ver o vovô dando uma volta de três pontos para sair correndo pela pista de dança com um cigarro na boca. Joy estava atrás dele.

“Droga”, disse Mike, virando o resto da bebida. “Vou buscá-lo antes que ele nos prenda. Divirtam-se. Vou gravar do gazebo.” Ele deu outro beijo rápido em Larissa, pousou o copo vazio e saiu.

Ela se virou para mim. "Pronta?"

“Eu esperava que você tivesse esquecido.”

“Ah, pare com isso. Vamos escolher uma música.”

Ela pegou o celular, abriu o Google e pesquisou por duetos de karaokê entre homem e mulher.

“Ah, ‘Ilhas na Corrente’”, disse ela.

Não imediatamente.

Não podia ser uma canção de amor. Isso não seria apropriado. Eu também não queria ter que dizer a ela que não era apropriado, porque aí a situação ficaria estranha.

“Que tal ‘Under Pressure’?”, perguntei.

David Bowie e Queen. Não há nada de errado nisso.

Ela franziu o nariz. "Não."

“Certo…” Analisei a lista com os olhos. Canções de amor. Baladas românticas. Todas elas.

"Que tal 'Something There'? A Bela e a Fera?", perguntou ela. Ela tocou no aparelho e a letra da música apareceu.

De jeito nenhum. Uma música inteira sobre se apaixonar por alguém que você não tinha notado antes.

"Não conheço essa música bem o suficiente para cantá-la", menti.

"Podemos cantar 'You're the One That I Want', do filme Grease?", disse ela, olhando para mim.

Pior ainda.

Limpei a garganta. "Que tal 'Stan'? Eminem."

Ela abaixou o celular e me lançou um olhar horrorizado. "Aquele sobre o fã desequilibrado que cometeu o assassinato seguido de suicídio da namorada grávida?"

“Sim, por que não? Tem uma boa batida e você pode cantar o refrão na voz da Dido.”

“Não vou cantar isso aqui”, disse ela, olhando para mim como se eu tivesse enlouquecido. “Há crianças por perto.”

Estufei minhas bochechas.

Repito, se fosse a Becca, a música não importaria. Repito, eu não saberia explicar por que importava.

"Por que você está sendo tão difícil?", ela provocou.

“Ei, estou te fazendo um favor.”

"Você está?", perguntou ela, com a maior seriedade.

Olhei em volta. "Não vejo mais ninguém na fila para ser seu backing vocal de apoio emocional."

Ela deu um suspiro brincalhão.

“Que tal cantarmos juntos?”, eu disse. “Em vez de alternarmos. Talvez… ‘Sweet Caroline’?”

Ela se iluminou. "Perfeito!"

Jane e sua cunhada Briana estavam cantando "I Got You Babe" enquanto colocávamos nossos nomes na lista de espera. Depois, ficamos aguardando nossa vez perto da mesa de petiscos.

“Então, qual foi a sua avaliação do pão?”, perguntei.

“O rolinho havaiano? Não tive a oportunidade de experimentar.”

Franzi a testa. "O que você quer dizer?"

“Há nozes por todo o cardápio.”

"O Mike se esqueceu de contar para a Joy sobre a sua alergia? Ela teria preparado algo para você se soubesse que você viria."

Ela deu de ombros. "Está tudo bem. Não posso esperar que o mundo se adapte a mim."

Não. Mas Mike deveria ter feito isso.

“O Mike também não comeu”, disse ela. “Ele vai me levar para comer alguma coisa daqui a pouco. Vamos sair mais cedo.”

"Ah", eu disse. "Que droga. Acabei de chegar."

Ela fez beicinho. "Ah, você vai sentir falta do Mike?", provocou.

Não exatamente.

Jane e Briana terminaram a música e todos aplaudiram. O DJ estava nos chamando. "Vocês estão prontos?", perguntei.

"Eu sou."

Enquanto estávamos no palco cantando, vi o Mike no bar pegando seu segundo drinque.

23

LARISSA

"Tem certeza de que ele não se importará com a nossa presença aqui?", perguntei, olhando para os animais empalhados nas prateleiras do escritório de Greg Maddox.

"O Greg não liga", disse Chris, observando um guaxinim de tutu caminhando na corda bamba. "Ele tem orgulho disso. Ele mesmo te mostraria."

O banheiro perto da piscina estava com fila e o Mike estava ocupado contando uma história animada para o primo Jacob perto da fonte de chocolate, então o Chris se ofereceu para me levar a um banheiro dentro da casa. Quando terminei, ele perguntou se eu queria ver a famosa sala de taxidermia. Fiquei feliz por ter uma desculpa para não estar lá fora no jardim, porque eu já estava ficando um pouco irritada com o Mike.

Ele já tinha tomado três drinques.

Eu não me importava se ele bebesse ou não. Quer dizer, eu me importava, porque não gostava de como ele ficava quando bebia demais, mas não era minha regra que ele não bebesse esta noite, era dele. Eu não me importava de tomar drinques sem álcool e me oferecer para dirigir, mas ele tinha me dito que não ia beber nada alcoólico — e agora estava meio tonto. Era isso que me incomodava. Só tomei metade da minha piña colada porque, depois do segundo drinque do Mike, eu parei de aproveitar o meu. Eu já tinha um pressentimento de que isso ia acontecer, por algum motivo.

Algo sobre o fato dele quebrar promessas a si mesmo me deixou em alerta. Um indício de um padrão que eu já tinha visto muitas vezes na minha vida.

Eu tentava me convencer de que não era nada demais. Era uma festa. Eram só três drinques, e ele não tinha bebido nada desde a cabana.

Ele estava falando tão alto que as pessoas começaram a olhar para nós. Ele não parava de me agarrar e me beijar. Da última vez, ele derrubou a flor do meu cabelo sem querer. No instante em que meu cabelo foi puxado, fiquei

irracionalmente irritada e fiz um esforço enorme para não explodir com ele. Sinceramente, quando Chris me tirou de lá, senti como se tivesse sido resgatada.

O karaokê lá fora continuava bombando. Alguém estava cantando rap do Salt-N-Pepa. O grave fazia os animais empalhados tremerem. Chris examinava um gambá empalhado vestido com um traje da Guerra Civil Americana.

"Então foi o Greg que fez tudo isso?", perguntei.

“Sim.” Ele olhou para mim por cima do ombro. “Se você encontrar algum animal atropelado recentemente, me avise. Eu levo para ele.”

“Manda uma mensagem pro traficante se eu encontrar algum corpo. Entendido”, eu disse. “Você acha que a gente podia ir ver o papagaio?”, perguntei. “Antes de sairmos de novo.”

"Claro."

“Ele realmente fala?”

“Ah, sim”, disse ele. “O vovô o ensinou a dizer ‘Socorro! Me transformaram em papagaio!’”

Eu ri.

“Eles também têm um gato”, disse ele, endireitando-se. “Talvez possamos encontrá-lo.” Ele olhou para o relógio.

“Que horas são?” perguntei.

“Dez. Olhem só este.” Ele apontou para alguns lagartos vestidos com roupas vitorianas, dispostos de forma a parecerem estar dançando.

Eu me aproximei dele.

Ele estava usando aquele perfume que eu gostava de novo. Ele cheirava bem.

Eu me perguntei por que Chris não convidou ninguém para sair. Acho que ele não tinha saído com ninguém desde que o conheci. Ou talvez tenha saído e não me contou? Mas acho que isso teria surgido durante nossas conversas sobre a guarda do Woofarine. Com certeza houve uma noite em que ele não quis o cachorro para poder sair.

Ou fique em casa.

Por algum motivo, não gostei da imagem do Chris com uma acompanhante.

Eu o observei enquanto ele examinava os animais empalhados.

Ele estava muito bonito hoje. E aí me senti mal por ter pensado isso — e por ter achado estranho ele estar dormindo com alguém enquanto eu cuidava do nosso cachorro.

Não era da minha conta se o Chris transava com alguém. Também não era da minha conta se ele cheirava bem. Fui para o outro lado do quarto para não sentir o cheiro dele.

"Você viu a cabeça do veado sobre a lareira?", perguntei.

Seus olhos se voltaram para os meus como se ele soubesse que eu estava prestes a provocá-lo.

"O quê?", perguntei inocentemente.

O cervo havia sido empalhado e tinha dentes de tubarão na boca.

"Acho que esta é a primeira vez que vejo um cervo da forma como você os descreveu", eu disse.

“Você não é uma pessoa legal.”

Fiquei boquiaberto. "Isso é estatisticamente falso."

“Eu te contei essa história e você prometeu que não ia zombar de mim.”

“Não acho que tenha prometido isso.”

“Estava implícito”, disse ele.

“Estava implícito que eu iria zombar de você.”

Ele me lançou um olhar e eu sorri.

Ele realmente deveria namorar. Ele era um cara ótimo.

Chris tinha autocontrole. Ele não era impulsivo, não era o tipo de homem que dizia que não ia beber e acabava tomando três drinques em menos de uma hora. Na verdade, ele não parecia ter nenhum vício.

É engraçado como melhores amigas podem ser diferentes. Lexi e eu também éramos opostas, mas isso parecia ser algo maior.

Às vezes me perguntava se Chris e Mike ainda seriam amigos se tivessem se conhecido adultos. Eu achava que não. Não conseguia imaginar o que eles teriam em comum além do passado.

Mas fiquei feliz que eles fossem amigos. Acho que Chris fez bem ao Mike.

Eu esperava que acontecesse o contrário também.

24

CHRIS

Encontramos o gato na biblioteca. Larissa estava sentada no chão acariciando-o. Deixei-a lá para ir buscar algo para ele comer.

O plano de sair cedo para comer transformou-se em Mike não dando sinais de que ia deixar o bar tiki.

Encontrei o responsável pelo buffet na cozinha e perguntei se havia algo seguro para Larissa. Ele disse que o pulled pork só tinha sal temperado e que os pãezinhos havaianos eram de uma padaria que não usava nozes. Ele encontrou um pacote fechado e preparou uma salada de repolho fresca sem castanhas de caju. Acrescentou abacaxi extra à fonte de chocolate, que não estava contaminado. Encontrei uma lata de refrigerante, peguei a comida e voltei para a biblioteca.

“Trouxe algo para você comer”, eu disse.

Ela piscou, olhando para o prato, do lugar no chão onde estava sentada, acariciando o gato. "Onde?"

“Encontrei o chef, contei a ele sobre a alergia. Está tudo seguro.”

Observei a transformação em seu rosto. "Obrigada", ela sussurrou.

Verifiquei a EpiPen dela enquanto ela pegava a comida e dava uma mordida no sanduíche. Ela fechou os olhos enquanto mastigava. "Nossa", sussurrou. "Eu estava com tanta fome."

Meu maxilar estalou.

Larissa foi ótima em se adaptar à sua alergia, mas ela não conhecia os Maddox. Ela não podia mandar uma mensagem para Joy e perguntar sobre o cardápio. Mas Mike podia — e não mandou.

Eu a observei comer como se estivesse faminta.

Eu a conhecia. Era sábado, então ela começou às 6h da manhã e atendeu às mesas até às 14h. Provavelmente fez entregas ou seus trabalhos de cliente oculto até o último minuto, depois correu para casa, se arrumou e veio sem comer.

Talvez tenha comido um lanche ou tivesse palitos de pão na bolsa e uma banana ou algo assim, mas estava com fome.

Tentei reprimir meus sentimentos fingindo que precisava olhar para a EpiPen dela por mais tempo do que o humanamente necessário. Depois de devolvê-la, fui olhar as estantes enquanto ela terminava de comer, só para ter mais tempo para me recuperar.

Greg e Joy tinham uma casa muito bonita. Na verdade, tudo era muito bonito. O lugar era um palácio. Poderíamos nos perder lá dentro e ninguém nos encontraria, que era exatamente o que eu esperava.

Tive a impressão de que Larissa precisava de um tempinho para descansar. Mike estava um pouco alterado, e ela parecia sobrecarregada e exasperada com o barulho dele. Eu não a culpava nem um pouco. Mike sempre ficava assim quando bebia demais. Como um botão que foi girado até o máximo antes de entrar em curto-circuito. Eu tinha experiência demais com isso.

Mike teve um colapso nervoso por três meses seguidos após o acidente no ensino médio. Ele bebia até desmaiar e foi preso por dirigir embriagado na noite do baile de formatura, pouco antes de completar dezoito anos. Ele se recuperou depois disso. Já fazia mais de uma década, mas não é algo que se esquece facilmente.

Depois de tudo o que aconteceu no final do último ano do ensino médio, trabalhar para o Tony era o melhor cenário possível. O padrasto dele era um cara legal, cuidava dele e o mantinha longe de problemas quando nós, os outros, não estávamos lá para ajudar.

Esse era o meu maior medo ao ir para a universidade: não estar lá para garantir que o Mike se saísse bem. Mas ele se saiu. Trabalhou duro durante os primeiros anos, dedicando-se para obter sua licença de mestre encanador e, quer admitisse ou não, era ótimo nisso. Ele era capaz de muito mais do que imaginava. O Mike tinha jeito com as pessoas. Isso não se ensina. Seus colegas de trabalho gostavam dele, o resto da equipe do Tony o respeitava e ele era uma ótima figura para representar a empresa.

Eu só queria que ele quisesse o negócio do encanador. Ou qualquer outra coisa, aliás.

Peguei uma primeira edição de Love Shows Up na prateleira e a levei para o outro lado da sala.

Larissa estava sentada no tapete oriental perto da lareira, comendo o resto do abacaxi.

“Olha só isso”, eu disse, agachando-me para mostrar a ela.

“De Joy Maddox”, disse ela, lendo a capa. “Você já leu?”

“Sim. É bom. Posso te emprestar o meu exemplar.”

“Certo, legal. Obrigada pela comida”, disse ela, colocando o prato vazio de lado. “Estava uma delícia, tipo carne assada na floresta.”

Eu ri baixinho e ela sorriu.

Ela voltou a acariciar o gato e eu fui devolver o livro à estante. Estava colocando-o de volta no lugar quando a porta da biblioteca se abriu e Jesse enfiou a cabeça para dentro.

“Aí está você. Onde está Larissa?”, ele sussurrou.

“Ela está brincando com o gato.”

Ele olhou por cima do meu ombro para se certificar de que ela estava longe o suficiente para não ouvir nada e voltou a falar comigo. "Precisamos levar o Mike para casa."

Franzi a testa. "O quê? Por quê?"

“Ele está completamente chapado”, disse ele, baixando a voz. “Ele estava tomando doses de bebida destilada.”

“Doses?”

"Cara, você perdeu trinta minutos incríveis. Logo depois que você saiu, ele começou a discutir com um cara por causa de proteína em pó. Ele estava gritando muito. Aí ele tomou dois shots de Jägermeister seguidos, fez um monte de flexões, levantou, bateu no peito como um macaco e foi até os arbustos perto do gazebo. Eu e a Becca o seguimos—"

Ele parou.

"Ele se mijou", disse ele tão baixo que quase não o ouvi.

Eu fiquei olhando fixamente. "Ele o quê?"

“Tudo molhado na frente das calças dele”, ele sussurrou. “E aí ele pulou na piscina para ninguém perceber. Tivemos que tirá-lo de lá. Ele está todo molhado, o celular dele está com a tela trincada—”

"Que diabos…?"

"Nem sei." Ele balançava a cabeça. "Foi como o baile de formatura de novo. Ele pirou de vez."

Levei a mão à boca. "Ele voltou a tomar Prozac. Pode deixar a pessoa mais bêbada. E a Larissa disse que eles não comeram nada. Talvez ele simplesmente não tenha percebido o efeito que teria?"

Jesse assentiu com a cabeça, como se quisesse que essa fosse a desculpa. Todos nós queríamos que fosse essa.

"Ele está um caos", disse ele. "Eu o coloquei na caminhonete para levá-lo

para casa, mas Larissa pegou as chaves dele."

"Ela não vai entrar naquela caminhonete com ele", eu disse. Nem houve discussão. Se o Mike era tão instável assim, eu não ia deixar ela chegar perto dele.

“Não, eu concordo”, disse ele. “Você a leva para casa. Eu e a Becca ficamos com o Mike.”

Assenti com a cabeça. "Certo, só um segundo." Fechei a porta.

Fiquei ali parada por um momento, tentando controlar meus sentimentos. Talvez fosse o estômago vazio exacerbando o comportamento de Mike. Ou talvez fossem os três drinques e as duas doses.

Que diabos ele estava pensando? Ele tinha que levar a Larissa para casa. Qual era o plano? E ele ia baixar as calças e urinar no mato? No quintal, na frente de todo mundo? A gente tinha seis anos?

E se nós não estivéssemos aqui? E se Larissa tivesse que lidar com essa merda sozinha?

Talvez ele não tivesse agido assim se estivessem só os dois. Com certeza ele não a teria colocado nessa situação se não houvesse mais ninguém por perto. Ele teria se contido mais, bebido menos ou tido mais autocontrole se não houvesse um monte de outros motoristas designados para tirá-lo da piscina e levá-la para casa em segurança.

Eu precisava acreditar que aquilo era verdade. Porque ficar pensando no que eu realmente achava que teria acontecido era perturbador demais.

Voltei para o canto mais afastado da biblioteca para contar a Larissa. Tentei dar a notícia da forma mais casual possível.

“Ei”, eu disse, dando a volta no sofá. “O Jesse vai levar o Mike para casa mais cedo. Ele bebeu um pouco demais. Preciso das chaves da caminhonete.”

Ela piscou para mim. "O que aconteceu?"

“Nada demais, não é nada demais. Acho que só acho que o estômago vazio não combinou bem com a bebida.”

Ela me analisou como se estivesse tentando decidir se eu estava filtrando as informações. Rezei para que ela não me pedisse mais nada. Por mais irritada que eu estivesse, não queria prejudicá-lo e nem mentir para ela.

Ela começou a se levantar. "Vou para casa com ele—"

“Não, eles o pegaram. Ele só precisa dormir um pouco para se recuperar. Eu te levo para casa.”

"Ele vomitou ou algo assim?"

“Não, não. Ele está pronto para ir.”

Ela me olhou por mais um instante, ainda tentando entender se havia algo mais. Ela deve ter decidido que não queria saber. Pegou a chave da caminhonete na bolsa.

"Já volto", eu disse.

Entreguei os papéis para Jesse por cima da porta. "Me manda uma mensagem quando ele chegar em casa", sussurrei. "Vou ver como ele está amanhã. E se ele estiver muito bêbado, peça para a Donna ou a Janessa ficarem com ele."

Ele assentiu com a cabeça e saiu correndo.

Quando voltei para o quarto, Larissa estava mandando mensagens para alguém. "Ele não atendeu", disse ela.

"Ele está completamente fora de si", eu disse. "Não se preocupe, eles vão cuidar dele."

Ela apertou os lábios formando uma linha e assentiu, com os olhos fixos em um globo antigo no canto. "Ele não faz isso com frequência, né?" Ela olhou para mim. "Beber demais?"

Fiz uma pausa. O que dizer diante disso?

Eu achava que o Mike era alcoólatra? Não. Eu achava que ele tinha tendência a exagerar de vez em quando? Sim. Isso estava começando a se tornar um problema? Talvez.

"Acho que você deveria conversar com ele se isso está te incomodando", eu disse.

Eu também ia falar com ele.

Ela mordeu o lábio e assentiu com a cabeça.

Então ficamos ali parados, sem fazer nada.

“Desculpe por você ter que me levar para casa”, disse ela, olhando para mim. “Eu sei o quanto você detesta isso.”

“Pare com isso.”

“Você é a pessoa mais próxima da minha casa?”, disse ela, apontando com o polegar para o ombro. “Porque eu posso perguntar por aí.”

“Já terminou de me insultar? Podemos ir embora?”

Ela cruzou os braços. "Nossa. Com tanta pressa para se livrar de mim."

“Você me culpa? Veja só como você é cruel.”

Ela estava rindo enquanto passava por mim em direção à porta.

Eu a segui pelo corredor e ela se virou para andar de costas. "Posso te pedir um favor?"

"O que?"

“Podemos fazer um pequeno desvio?”

"Para?"

"Recebi um pedido de cliente oculto para tirar uma foto de um outdoor", disse ela. "Está a caminho."

Olhei para o meu relógio, tentando fingir que a hora importava. "Eu não sei..."

“Por favor, Chris? São quinze dólares.”

Soltei um suspiro dramático. "Você é uma fonte incômoda de transtornos."

Ela sorriu porque sabia que eu estava mentindo e se virou. Eu a segui até meu carro, sorrindo ao sentir o cheiro do seu perfume.

Quinze minutos depois, estávamos em um estacionamento vazio, de frente para um outdoor iluminado da Toilet King.

"É isto que você tem que fotografar?", perguntei.

Ela cruzou as pernas no banco. "Sim. Eles querem uma foto depois das onze. Então, em dez minutos."

“Foi o Tony que pediu isso?”

“Não, a empresa de outdoors.”

Coloquei o carro em ponto morto e desapertei o cinto de segurança.

"O que você acha dele?", perguntei, apontando com a cabeça para o outdoor.

“O Tony? Ele é um cara legal. Ele dá gorjetas muito boas quando vem à lanchonete”, disse ela. “Eu gostaria que o Mike trabalhasse mais para ele.”

Olhei para ela. "Por quê?"

“Parece mais estável do que o treinamento. Ele nem sempre tem clientes.”

Voltei a olhar para o outdoor. "Como é que isto funciona exatamente? Como é que sabemos que outra pessoa não vai aparecer para tirar a mesma foto?"

“Você aceita o trabalho. Depois, você tem um prazo para concluí-lo.”

“Qual é o horário de funcionamento deste?”

“Duas horas. Ninguém mais pode reivindicar uma vaga para a qual você já se inscreveu até que o tempo acabe.”

Estreitei os olhos para o outdoor. "Será que eles querem ver se a luz continua acesa?"

“Provavelmente. Você já viu algum outdoor da Toilet King que não estivesse iluminado 24 horas por dia, 7 dias por semana?”

Balancei a cabeça em sinal de concordância. "Verdade."

Ficamos sentados ali em silêncio, olhando para Tony, vestido com sua fantasia de Henrique Tudor, segurando um desentupidor de vaso sanitário sobre uma bacia cheia de fezes.

“Quer ouvir um pouco de música?”, perguntei.

Claro. O que tem na sua playlist?

"Nada que eu vá tocar para você", eu disse, ligando o rádio.

Ela deu um suspiro de espanto. "Por quê?"

“Você vai zombar de mim.”

“Ah, qual é. Não pode ser mais constrangedor do que gravetos pontiagudos.”

Lancei-lhe um olhar divertido. "Por que você está rindo do meu trauma?"

“Bem, quando você fala assim, eu pareço um idiota. Mas não vou parar.”

Eu ri baixinho.

“São músicas de musicais?”, perguntou ela. “Música eletrônica dançante? A trilha sonora de Frozen—”

"Ei, a trilha sonora de Frozen era excelente."

“Então é isso.”

“O que tem na sua playlist?”, perguntei. “Mostre-me seu celular.”

"Eu te mostro o meu se você me mostrar o seu."

"Tudo bem", eu disse.

"Multar."

Ambos digitamos nossas senhas e depois as entregamos.

Ficamos em silêncio, estudando a lista um do outro.

“São músicas de musicais”, disse ela.

"Então?"

"Estou quase convencido de que você plantou isso aqui."

"Você acha que eu ouvi centenas de horas de Hamilton só para te confundir?"

“Certo. Bom ponto.”

Eu sorri. "Qual é este?", perguntei. "'Sliver', de Lola Simone."

“Toca essa música. É muito bonita. Faz parte do álbum de retorno dela.”

Devolvemos os telefones um ao outro, procurei a música no meu e a reproduzi via Bluetooth.

Uma introdução simples de guitarra, voz constante e etérea. Adorei.

Ouvimos a música, observando as mariposas voarem à luz do outdoor. Nenhum de nós disse uma palavra, apenas apreciamos a canção.

Pensei, sem muita convicção, se isso teria acontecido naquela noite, depois do show, se eu tivesse sido quem a levou para casa. Será que teríamos conversado sobre música, trocado telefones e escolhido uma música para tocar?

Ultimamente, tenho pensado muito naquela noite. Gostaria de não ter pensado tanto.

Não adiantava ficar pensando no que poderia ter sido. Fiz isso com a minha mãe e só me encheu de culpa e arrependimento.

Acho que é assim que o cérebro humano funciona. Repassando os erros que cometemos. Tentando aprender para fazer melhor da próxima vez.

Não haveria uma próxima vez. Nem em nenhum dos dois cenários.

A música terminou exatamente quando o relógio marcou 11 horas. Larissa pegou o celular para tirar uma foto. "Os quinze dólares mais fáceis que já ganhei", disse ela, enviando a imagem para a empresa que a havia solicitado.

“Quanto você arrecadou hoje para atingir a meta de cem?”

Ela torceu os lábios, pensando nisso. "Fiz um pedido de entrega antes da festa e recebi uma gorjeta de dez dólares. Então, vinte e cinco?"

“Há outros pedidos? Para fotos de outdoors?”

“Ah, sim. Muitos. Mas não estão no caminho de casa, estão espalhados por toda parte.”

“E depois das onze é que todos querem tirar fotos? Só isso?”

"É isso."

Coloquei o cinto de segurança. "Vamos lá."

Ela piscou para mim. "O quê?"

“Vamos lá fazer isso. A menos que você precise voltar para casa”, eu disse.

Ela balançou a cabeça. "Não, não quero. Mas... você tem certeza? Quer me levar para dar voltas de carro tirando fotos de outdoors? Você não precisa dormir?"

“Não estou cansado.”

Ela me olhou como se não acreditasse em mim.

"Não, não estou mesmo", eu disse. Mas eu teria feito isso de qualquer maneira, mesmo se estivesse. Eu queria ajudá-la.

Ela me estudou sob a luz tênue do outdoor, como se estivesse tentando decidir se eu estava falando sério.

Pelo jeito como ela sempre recusava ajuda, eu me perguntava se ela não a recebia com frequência suficiente. Não parecia natural para ela aceitá-la. Ela não queria ir ao hospital, eu tive que convencê-la a tomar café da manhã, me espremer para entrar no apartamento dela para pegar sua bagagem. Sempre que aceitava algo de alguém, ela se desculpava e parecia ser o último recurso.

Acho que ela estava sozinha há muito tempo. Acostumada a fazer tudo sozinha. Talvez porque as pessoas a decepcionaram? O pai dela. A mãe dela nem sempre era confiável.

Mike também nem sempre era confiável. Eu detestava dizer isso, mas ele não era.

Eu jamais a decepcionaria. Nunca.

Na verdade, acho que foi esse o momento que consolidou isso para mim. O momento em que eu soube que faria coisas por ela sem que ela pedisse. Sem que ela sequer soubesse. Porque até o ato de aceitar ajuda a desgastava. E a vida dela merecia ser um pouco mais fácil. Mesmo que ela não soubesse quem estava tornando isso possível.

Ou por quê?

25

LARISSA

Você tem que alimentá-lo com a palma da mão aberta", eu disse. "Como se alimenta as cabras em um zoológico de animais de estimação, senão ele vai morder seus dedos."

Chris riu do banco do motorista. "Ele não faz isso comigo."

"Como assim? Ele me morde toda vez que eu lhe dou um petisco. Ele fica muito agitado."

"Você tem que fazê-lo esperar até que ele se acalme", disse ele, mudando de faixa. "Ele tem que se comportar bem para ganhar um petisco."

"Então, o que você está dizendo é que ele é um cachorro completamente diferente com você?", perguntei, sem demonstrar qualquer emoção.

Chris olhou para mim de relance, com os olhos brilhando.

Já fazia duas horas que estávamos dirigindo. Era quase 1h da manhã — muito depois da hora de dormir dele. Estávamos bem longe, perto do Hugo. Levaríamos mais trinta e cinco minutos para chegar em casa, mas ele insistiu em tirar mais uma foto.

Eu me senti mal, mas precisava do dinheiro.

E eu estava me divertindo bastante.

"Vou conversar com o Woofarine quando chegar em casa", eu disse.

"Você acha que é possível negociar com ele?", perguntou.

"Sim. Acho que deveríamos normalizar as discussões com nossos animais de estimação. Aliás, ele vomitou ontem."

"Ele fez isso? O que ele comeu?", perguntou.

"O lugar favorito dele. Lixo. Preciso pegar uma lata com tampa. Ele estava completamente lá dentro. Eu o tirei de lá e ele vomitou. Antes que eu pudesse pegá-lo, ele comeu o vômito."

"Acho que Woofarine diria que é melhor ter comido algo, vomitado e comido de novo do que nunca ter comido", disse ele.

"Sinto que há sabedoria nisso, mas é muito repugnante para eu enxergar."

Ele deu uma risadinha enquanto virava para uma estrada de terra, a entrada para o nosso sexto e último outdoor. Todos eles tinham sido o Rei do Banheiro.

O outdoor ficava ao lado da rodovia, mas não consegui tirar uma boa foto dele passando de carro. O número do outdoor devia estar visível na imagem, e minha câmera não era das melhores, então Chris deu um jeito de chegar lá por um caminho alternativo.

Avançamos lentamente pela estrada de serviço, o carro sacolejando no terreno irregular. Era uma área arborizada e escura. Um coelho cruzou nosso caminho e desapareceu no mato.

"Você não ia me contar uma história sobre trabalho?", perguntei, olhando pela janela para a lua que se escondia entre as árvores.

“Ah, sim. Então, eu estava na Bergmans ontem e um cara entrou para pegar a receita dele. Ele estava furioso porque o plano de saúde dele não cobria o remédio.”

"Sim…"

“Ele chegou com um saco plástico cheio de moedas.”

"Tipo, pagar? O que você disse?", perguntei.

"Eu disse que não ia aceitar. Ele disse que eu tinha que aceitar porque era dinheiro vivo. Eu disse que não e que havia uma máquina de troca de moedas no supermercado do outro lado da rua e que ele podia trocar o dinheiro lá se quisesse, mas que eu não estava considerando isso."

Balancei a cabeça negativamente. "Não consigo acreditar que as pessoas ajam assim. Mas, ao mesmo tempo, consigo."

“Por quê? As pessoas se comportam como idiotas na casa da Donna?”

“Ah. Você não faz ideia”, murmurei.

Ele olhou para mim. "Tipo o quê?"

“Tipo aquele cara que me disse que minha gorjeta era para eu conseguir um emprego melhor? O grupo enorme que vem todo domingo e me deixa panfletos em vez de dinheiro. Ou a senhora que gosta de vir com um grupo de cinco pessoas e me dar três moedas de prata no final.”

"Você está falando sério?"

“Ah, sim. Ela também tem muito orgulho disso. Ela acha que são especiais, então eu deveria ficar animado com a gorjeta de dois por cento. Ela vai ao banco só para pegá-las. Eu nem consigo colocá-las na máquina da lavanderia.”

“Espere”, disse ele. “Por que você está indo à lavanderia?”

“Porque meu prédio não tem uma lavanderia funcionando?”

“Vá até a casa do Mike.”

Olhei pela janela novamente. "A máquina de lavar fica na casa da Donna. Tento não ir lá mais do que o necessário."

Estávamos entrando em uma clareira. O outdoor se erguia no meio, em seu grosso poste de aço, como uma árvore estranha. Chris dirigiu até um ponto onde eu pudesse tirar uma boa foto.

“Por que você não quer ir à casa da Donna?”, perguntou ele, estacionando o carro.

Eu não respondi.

Ele franziu a testa. "Ela é má com você?"

Dei de ombros levemente. "Não é maldade, só... falta de entusiasmo?"

Ele pareceu incomodado com isso.

"Ela nunca disse nem fez nada", eu disse. "Por favor, não conte para o Mike."

“Não vou.”

“Ela está bem, sinceramente.”

Ele ficou em silêncio por um momento. "Você sabe que o Mike não ficaria nada bem com isso se soubesse. Ele conversaria com ela."

"Sobre o quê? Gostar mais de mim?" Fiz uma careta para ele.

Ele apertou os lábios.

"Está tudo bem", eu disse.

“Mas não é bem assim. Ela tem sorte de o filho ter alguém como você. Ela deveria ser grata.”

Eu ri sarcasticamente. "Certo."

“O que isso significa?”

“Eu não sou exatamente um prêmio, Chris.”

Ele olhou para mim como se eu tivesse enlouquecido.

Contei nos dedos: "Abandonei o ensino médio, tenho trinta mil dólares em dívidas, meu pai é um criminoso, minha mãe é minha mãe—"

“E daí? Você cuida dele. Você é inteligente, engraçada, determinada. E você é __”

Ele parou.

"O que?"

"Nada."

“Não, me diga. O quê?”, eu disse.

Ele esfregou a boca. "Eu só estava... quer dizer... você sabe."

“O que eu sei?”

Você é... você é linda.

Eu sorri. "Awwww, você acha que eu sou bonita?", provoquei.

"Parar."

"Sem chance."

“Objetivamente”, disse ele. “Não estou dizendo que acho que—”

“Ah, claro que não.” Sorri novamente e encolhi as pernas junto ao peito, por baixo do vestido. “Obrigada, Chris. Você também é lindo.” Encostei o rosto nos joelhos. Depois, levantei a cabeça de novo. “Se você acha que sou bonita, por que não quis me levar para casa naquela noite? Você nem deu em cima de mim”, brinquei.

“Eu… eu tentei”, disse ele. “Você foi com o Mike.”

Pisquei para ele. "O quê?"

"Quer dizer, eu tentei te levar para casa de carro", disse ele rapidamente. "Não tentei dar em cima de você."

Ele olhou para mim de relance e depois desviou o olhar. Suas bochechas estavam ficando rosadas.

Ele estava mentindo.

Encarei-o fixamente. "Você estava interessado?", perguntei. "Em mim?"

“Não deveríamos estar falando sobre isso—”

“Não, você só parecia irritado. Só estou surpreso. Eu pensei…” Minha voz foi sumindo. “Pensei que você não quisesse. Imaginei que eu não fosse seu tipo, ou que você não estivesse procurando algo assim. Ou que você realmente não quisesse levar um estranho até River Grove”, eu disse, rindo um pouco.

Ele ficou sentado ali, em silêncio. Olhando pela janela do lado do motorista, provavelmente para não ter que me olhar. Eu o observei, como se pudesse deduzir o que ele não estava dizendo apenas pelo canto do seu rosto.

Eu não consegui.

"Então, o cara das moedas voltou com notas?", perguntei, mudando de assunto.

"O cara das moedas despejou o saco inteiro e o jogou no varal em cima do balcão da minha farmácia."

“Ele não fez isso…”

“Tive que chamar a polícia”, disse ele, olhando para mim. “Ele foi preso por agressão. Com moedas de um centavo.”

"Você está brincando?"

"Eu não sou."

"Trabalhar no comércio varejista deveria ser obrigatório. Ninguém me convenceria de que o mundo não estaria cheio de pessoas melhores."

“Encare isso como se fosse um serviço de júri”, disse ele.

“Sim. E eles também têm que dar aula como professor substituto um dia.” Recostei-me na cadeira e suspirei. “Eu adoraria sair do atendimento ao cliente.”

“Eu também. Talvez eu comece a procurar outra coisa.”

"Como o que?"

“Provavelmente um emprego em um hospital. Não terei que lidar com pacientes ou clientes”, disse ele, olhando para o outdoor.

Então a conversa parou. Ficamos ali sentados, olhando para a placa.

Será que Chris estava realmente interessado?

Lembrei-me daquela noite. Mike, sendo Mike. Paquerador e sorrindo para mim. E Chris, com as mãos nos bolsos, uma nuvem escura no rosto.

Mas aí me lembrei de algo. De como ele tinha mencionado que estava mais perto de River Grove do que o Mike.

Naquele momento, interpretei como se ele estivesse me dizendo que eu estaria incomodando mais o Mike do que a ele. Não me pareceu uma tentativa de me convencer a ir com ele.

Mas agora que eu conhecia o Chris, minha visão era diferente. Aquilo foi uma proposta. E eu a perdi.

Chris estava dando em cima de mim, do jeito discreto dele, mas acabou sendo ofuscado por Mike. Ele me queria.

Não sei porquê, mas isso virou minha realidade de cabeça para baixo. Um arranhão de disco.

Eu simplesmente nunca pensei…

Eu nunca pensei que fosse boa o suficiente para alguém como ele.

E foi basicamente isso que decidiu. Sim, ele parecia inacessível. Mas, pensando bem, foi quando Lexi me contou que Chris era farmacêutico que eu escolhi o Mike.

Imaginei que alguém como o Chris preferiria alguém mais inteligente ou mais instruído. Um médico ou algo assim. Alguém do nível dele.

E o que ele pensava agora? Será que me conhecer melhor mudou alguma coisa?

Acho que não fez diferença.

Obviamente, o que tinha que acontecer, aconteceu.

Eu estava com o Mike — e me importava com ele. Muito. Mas não tinha certeza se o amava. Ficava esperando que isso ficasse mais claro, mas nunca ficava.

Talvez o que Lexi disse meses atrás estivesse certo, minha chama estava se

apagando. Eu pensei que as coisas iriam esquentar com o tempo, mas não esquentaram, e eu não sabia o que fazer a respeito. Ou se eu deveria fazer alguma coisa.

Eu não queria ser o tipo de pessoa que se acomoda em um relacionamento razoável e simplesmente se acomoda nele sem nunca mais sair.

Eu não queria cometer erros e continuar cometendo-os como minha mãe fazia. Mas também não queria ser o tipo de pessoa que desiste de algo estável e promissor sem dar uma chance para que se tornasse ótimo. Eu não queria terminar com um bom homem, especialmente porque ele não tinha feito nada de errado. E talvez em seis meses eu me sentisse diferente, soubesse com certeza para que lado estava pendendo. Mas, independentemente de qual fosse o caminho, essa era a direção que eu havia escolhido e Chris estava certo: não fazia sentido falar sobre isso agora. Éramos amigos. Ele era o melhor amigo do meu namorado. Qualquer "e se" que pudesse ter acontecido não aconteceu e nunca aconteceria.

Talvez não fosse para ser assim.

Ficamos olhando para a placa por um instante. Eu precisava tirar a foto, mas não queria. Assim que tirasse, a noite teria acabado e eu não estava pronto. Talvez eu quisesse a aventura, ou a adrenalina de ganhar dinheiro, ou talvez eu simplesmente não quisesse voltar para o meu apartamento minúsculo, apertado e cheio de fumaça.

Ou talvez fosse outra coisa.

“Obrigado por me levar para fazer isso”, eu disse.

“Sem problema”, disse ele, sem olhar para mim.

Sorri suavemente para o Rei. "Posso lhe pagar a gasolina?", perguntei.

“Não. Senão, você não vai atingir sua meta.”

"Por favor?"

"Não."

Eu queria discutir, mas achei que não adiantaria. E de qualquer forma, ele tinha razão. Eu realmente não podia me dar ao luxo de ceder a ele.

"Detesto estar sem dinheiro", disse eu, tão baixinho que fiquei surpresa por ele ter me ouvido.

“Nem sempre será assim”, disse ele.

"Como você sabe?"

“Porque você é muito trabalhador.”

“Muitas pessoas trabalhadoras vivem na pobreza.”

“Sim, mas você tem outras qualidades. O senso de negócios, a tenacidade, a

intuição.”

"Você consegue deduzir tudo isso só por compartilhar um cachorro comigo?", brinquei.

“Não, eu sei porque estou vendo.” Ele se virou para mim e olhou nos meus olhos.

O canto do meu lábio se contraiu.

"Posso correr atrás da vida que quero ou posso me contentar com a vida que tenho, Chris. E eu nunca vou me contentar. Isso não significa que algum dia chegarei a algum lugar. Significa apenas que nunca vou desistir de tentar."

Ele me observou em silêncio, e eu respirei fundo e expirei.

“Às vezes, quando estou com pena de mim mesmo”, eu disse, “penso em como eu seria rico quinhentos anos atrás. Eu poderia tomar café todas as manhãs, importado de terras estrangeiras. Teria açúcar à disposição e frutas fora de época.”

“Os tecidos mais finos”, disse ele, apontando para o meu vestido havaiano com o rosto de Woofarine estampado.

Eu ri e encostei a cabeça no assento. "Quinhentos anos atrás, vocês estariam colando sanguessugas nas pessoas e fazendo encantamentos para livrá-las de demônios."

“A gente ainda faz essa coisa de sanguessuga”, disse ele. “Eu seria um boticário. Provavelmente cultivando minhas próprias ervas. E fazendo coisas demoníacas.”

"Eu seria uma garçonete de bar", murmurei.

“Não, você não faria isso”, disse ele. “Você seria o dono da taverna.”

Eu sorri levemente. Não acreditei, mas apreciei que ele tivesse dito aquilo.

“Isso ajuda a colocar as coisas em perspectiva”, eu disse. “Pensando bem, sou uma pessoa de sorte.”

Ele não me respondeu e voltamos a ficar em silêncio.

Levantei meu celular, tirei a foto e enviei. E então ficamos ali sentados, com o zumbido da rodovia ao nosso redor.

Foi estranho porque, tecnicamente, já deveríamos estar dirigindo para casa, mas ele não fez nenhum movimento para ir embora, e eu também não queria ir. Era como nossas conversas na porta, aquelas que simplesmente não acabavam.

"Como têm sido os pesadelos?", perguntei, olhando para ele. "Você ainda os está tendo?"

Ele ficou em silêncio por um longo instante. "Sim."

“Eles vão melhorar”, eu disse.

"Eventualmente", disse ele. "Ou pelo menos é o que dizem."

Olhei novamente para o outdoor.

“Minha mãe morreu de tanto beber.”

Olhei para ele. "O quê?"

“Ela morreu de cirrose hepática. Ela era alcoólatra.”

Pisquei para o lado do rosto dele. "Chris..." sussurrei.

“Eu nunca disse essas palavras para ninguém fora da terapia. Nunca.”

Franzi a testa. "Você ainda não contou para o Mike?"

"Não."

"Por que?"

"Eu simplesmente não sabia", disse ele, virando-se para mim. "Não tenho vergonha dela. Não é por isso. Entendo que é uma doença e que havia coisas fora do controle dela. Tenho vergonha de mim mesmo porque eu deveria ter sabido."

“Você não fez isso?”

“Não. Eu não fiz isso.”

Eu o observei em silêncio.

“Nem parecia que ela bebia muito”, disse ele. “Ela tomava uma mimosa no café da manhã. Um drinque no almoço, duas ou três taças de vinho no jantar — quer dizer, ela estava aposentada. Estava com os amigos, simplesmente aproveitando a vida.”

"É só isso que precisa?", perguntei, surpreso.

“Sim. Cinco drinques por dia durante cinco anos, é tudo o que basta. Principalmente para mulheres. Eu nunca, em toda a minha vida, a vi bêbada ou sequer um pouco alterada. Quer dizer, agora que penso nisso, provavelmente é porque a tolerância dela era muito alta. Ela sempre gostou de vinho, mas nunca foi um problema. Ela era médica hospitalista, uma pessoa incrivelmente funcional.”

Seus olhos estavam tristes. "Por que eu não percebi? Eu deveria ter sabido. Sou farmacêutico. Entendo de vícios, sei reconhecer a dependência."

“Chris…”

“Enviei vinho para ela no aniversário dela”, disse ele, quase mais para si mesmo do que para mim. “Isso me assombra agora. Como se eu tivesse enviado um veneno caro de presente.”

Virei-me na cadeira. "Ok, em primeiro lugar, você não deveria se sentir culpada por ter permitido algo que você nem sabia que estava acontecendo", eu disse. "Ela era médica, certo?"

Ele assentiu com a cabeça.

“Você está me dizendo que ela não percebeu? Que ela não sabia o que poderia acontecer? Que não houve momentos em sua piora em que ela poderia ter tomado medidas para se salvar? Que não havia médicos ou amigos que estivessem com ela muito mais do que você e que a alertassem sobre isso? Que tentassem intervir?”

“Havia, mas—”

"Perdi a voz de tanto gritar para o meu pai mudar. Eu nunca conseguia gritar alto o suficiente para ele me ouvir. E você provavelmente também não conseguiria. A realidade é que a maioria das pessoas com dependência química não faz o que precisa fazer por ninguém além de si mesmas. Elas precisam querer fazer isso por si mesmas, precisam chegar ao fundo do poço e decidir salvar suas próprias vidas. Você não sabia, Chris. E parece que ela não queria que você soubesse. Não é sua culpa."

Nos encaramos por cima do console central, e eu observei minhas palavras o atingirem. O olhar quase desesperado em seus olhos se transformou em algo mais suave e esperançoso. Como se talvez o que eu tivesse dito fosse verdade. Talvez ele não fosse responsável pelas ações de todos ao seu redor, afinal.

Chris assumiu muitas responsabilidades. Eu vi isso. O jeito como ele sempre cuidava do Mike. O jeito como ele tratava tão bem o Woofarine.

A maneira como ele cuidou de mim.

Pensei nas nozes que ele jogou no lixo na cabana. Esse pensamento não me saía da cabeça. Nem me surpreendeu que ele tivesse verificado a despensa para mim. Não me surpreendeu que ele tivesse me trazido algo para comer hoje, ou que tivesse me levado para tirar essas fotos. Aliás, me surpreenderia se ele não tivesse feito isso.

Chris amava com todo o seu coração. Ele se entregava completamente às pessoas que amava.

E ele se importava comigo.

Eu conseguia ver. O jeito gentil como ele me olhava às vezes me lembrava um pouco do jeito como o Mike me olhava, mesmo sabendo racionalmente que não era nem de longe a mesma coisa. E eu não conseguia explicar como sabia, mas dizer a ele que a morte da mãe não tinha sido culpa dele significava algo para ele, porque o que eu pensava importava. É por isso que ele me contou e a mais ninguém. Minhas palavras tinham um peso diferente para ele, e eu não conseguia imaginar por quê. A menos que talvez eu fosse para ele o que ele tinha se tornado para mim. Uma amiga. Talvez até uma das mais próximas que ele tinha.

Eu o observei à luz do outdoor. Ele me observou de volta.

"Acho que ela teria gostado muito de você", disse ele em voz baixa.

"E eu teria agradecido a ela por ter criado um ser humano tão bom", eu disse.

Algo passou rapidamente por sua expressão, mas desapareceu antes que eu pudesse entender o que era.

"Eu não sou bom nisso", disse ele. "Acredite em mim. Nem sempre faço a coisa certa."

“Mas você sempre tenta.”

Ele exalou como se o elogio tivesse lhe tirado algo. Parecia tão vulnerável sentado ali. Senti uma vontade enorme de abraçá-lo. De colocar minha mão sobre a dele ou sentar em seu colo e segurá-lo.

Eu não percebi que o Mike não tinha estado presente para ele. E talvez essa tenha sido a minha culpa. Agora que eu estava na vida do Mike, talvez eu estivesse ocupando um espaço que, de outra forma, poderia ter sido do Chris.

Quem consolou Chris quando ele precisou? Ninguém.

E isso partiu meu coração.

Algo se moveu além da base do outdoor e interrompeu o momento.

Virei-me e inclinei-me para a frente para olhar através do para-brisa, iluminado pelos faróis.

Havia um animal preso na cerca de plástico laranja fluorescente que delimitava o estacionamento. Soltei um suspiro de surpresa e desapertei o cinto de segurança.

"O quê?" perguntou Chris.

"Tem alguma coisa presa na cerca", eu disse, saindo. "Acho que é um filhote de veado."

26

CHRIS

Merda, merda, merda, merda, merda. Saí do carro e comecei a correr atrás da Larissa.

“Ei, espere!”

Ela já estava a meio caminho da cerca. O pequeno veado a viu e começou a balir e a debater-se para se libertar.

Meu coração deu um salto.

"Está tudo bem", disse ela gentilmente, aproximando-se da cerca. "Vou te tirar daqui."

“Larissa, deixa isso pra lá.”

“Christopher, eu não vou abandonar este bebê aqui”, disse ela, continuando a caminhar.

Olhei em volta, nervosa. O chamado de socorro ia atrair a mãe. E a mãe ia ser agressiva.

"Me ajude a tirá-la daqui", disse ela, agachando-se.

"Acho mesmo que não devemos mexer nisso."

Ela examinou a cerca enquanto o pequeno animal se contorcia. "Awww! Ele tem pintinhas." Ela se virou para me olhar. "Se você não me ajudar, vai para o inferno."

“Acho que talvez já tenhamos chegado lá.”

Ela riu. "PARE. Vá verificar seu carro. Você deve ter alguma coisa lá dentro para ajudá-la a sair."

Soltei um suspiro. Depois fui até o carro para ver se tinha um cortador de unhas.

Dez minutos depois, ela segurava o filhote de veado imóvel enquanto eu fazia cortes na tela plástica, um pouco de cada vez. A cerca estava encostada em arbustos, então nossas cabeças estavam escondidas entre as folhas.

"Provavelmente vamos ficar cobertos de carrapatos", resmunguei.

“Bem, você vai precisar que alguém a examine”, disse ela. “Pobrezinha. Imagino há quanto tempo ela está aqui. Ela é tão pequenininha, provavelmente tem apenas alguns dias de vida. E se a mãe não voltar para buscá-la?”

“O que me preocupa é a volta da minha mãe.”

Ela olhou para ele com ternura. "Provavelmente deveríamos levá-lo a um centro de reabilitação de animais selvagens."

“Não vou colocar isso no meu carro.”

Ela me lançou um olhar de reprovação. "Você colocou o Woofarine no seu carro. Ele estava muito mais sujo."

“Este é um animal selvagem, Larissa.”

“Woofarine também.”

Eu bufei.

“É nossa responsabilidade, como aqueles que possuem polegares oponíveis, resgatar animais presos em armadilhas mortais criadas pelo homem”, disse ela.

"Você resgataria um gambá?", perguntei, cortando o assunto.

Ela pensou a respeito. "Talvez."

“E quanto a uma tartaruga mordedora?”

Ela me encarou.

“Que tal um guaxinim espumando pela boca—”

“Ok, parem. Não é nada disso. É um filhote de veado indefeso.”

Assim que ela disse "indefesa", eu ouvi. Um som que me arrepiou. Larissa também ouviu — sua cabeça ergueu-se bruscamente.

Ali, na orla da mata, sob a luz suave do Toilet King, estava uma única cerva, furiosa e bufando.

Senti o sangue fugir do meu rosto.

Larissa engoliu em seco. "Ela sabe que estamos ajudando", disse ela. "Continuem."

Não havia outra opção. Fiquei paralisado. Congelado de medo.

Ela olhou para mim. "Chris?"

"Não posso…"

Ela olhou para minha mão trêmula, depois para meu rosto pálido, e piscou para mim. "Você... você realmente tem medo de veados?"

“Sim, eu te disse”, respondi.

"Pensei que você estivesse brincando! Meu Deus, Chris, eu jamais teria zombado de você se soubesse que você estava realmente com medo!"

Eu nem sequer consegui responder.

“Me dê isso”, disse ela, pegando a máquina de cortar cabelo. “Volte para o

carro.”

“Eu não vou te deixar.”

“Por favor, já está quase pronto. Aguarde no carro.”

"Não."

Ela olhou para a mãe. "Tudo bem. Terminaremos em um instante. Segure-a."

Eu segurei o filhote enquanto Larissa cortava a tosa em uma velocidade que parecia câmera lenta.

Gotas de suor começaram a se acumular na minha testa.

“Estamos quase lá”, disse ela calmamente. “O bebê está quietinho. A mamãe está só observando.”

O cervo bufou novamente, e meu coração disparou, batendo forte no peito.

"É isso aí", sussurrei. "Vou morrer à uma da manhã ao lado de uma rodovia, em frente a um outdoor do Rei dos Banheiros."

“E vestindo uma camisa com o rosto do Woofarine estampado.”

Eu ri nervosamente, apesar de mim mesma.

“Só mais algumas, e aí podemos fazer um buraco grande o suficiente para ela sair”, disse ela. “Pronto!”

Ela puxou o plástico, eu soltei e o animal ficou livre.

Ele cambaleou, levantou-se, com o rabinho entre as pernas, e se afastou de nós aos tropeços.

Larissa se levantou, e eu me levantei também, me sentindo tão resistente quanto o cervo que acabamos de salvar.

"Conseguimos!" Ela exclamou, radiante.

“Ótimo”, consegui dizer. “Carro.”

Começamos a voltar para o meu veículo. Eu me mantive entre ela e o cervo, que ainda estava parado, imóvel, junto à linha das árvores. Estávamos quase lá — então ele atacou.

"Vai!" gritei. "Vai, vai, vai!"

Larissa gritou e disparou em direção à porta. Mantive-me firme e bati o pé no chão para dar a Larissa uma chance de escapar. A corça girou e deu a volta para fazer outra investida, com a cauda branca erguida. Peguei um punhado de terra e pedrinhas do chão e joguei como estilhaços inúteis. A corça deu um pulo para trás, bufando.

Vi Larissa se apressar para entrar no banco da frente. Assim que ela estava em segurança, corri para o outro lado. Mergulhei no lado do motorista e bati a porta, ofegante.

Larissa olhou para mim com a mão no peito, os olhos arregalados.

Vimos o filhote cambalear até a mãe, que o acariciou e lambeu. A corça nos lançou mais um olhar maldoso e, em seguida, desapareceram na mata.

Eu desabei sobre o volante.

“Meu Deus…” Larissa sussurrou, ainda ofegante. “Chris, aquilo foi…”

Comecei a rir. Não consegui evitar. Era uma mistura de alívio e delírio pós-pânico.

Ela piscou para mim do banco do passageiro enquanto eu ria tanto que minha barriga doía. Então ela começou a rir também.

Meia hora depois, estávamos em uma lanchonete aberta 24 horas.

“Acho que sua namorada vai ficar muito impressionada com o que você fez aqui hoje à noite”, disse ela, falando comigo, mas olhando para o cardápio.

“Qual parte? E qual namorada?”

“Me salvando de Bambi. Kendra Watson, da terceira série.”

Dei-lhe um sorriso divertido.

“Você foi muito corajoso”, disse ela. “Você salvou um filhote de veado e derrotou o chefe final dos veados.”

“Sabe, tudo o que fizemos esta noite foi aumentar o número deles.”

Ela revirou os olhos. "Na verdade, toda essa aventura desmente sua teoria sobre os cervos", disse ela.

Olhei para ela. "E como é isso?"

Ela deu de ombros. "Se eles são tão espertos e astutos quanto você diz, por que precisaram que nós tirássemos aquele filhote de veado da cerca?", perguntou ela inocentemente.

"A menos que fosse uma armadilha para nos atrair para a morte", eu disse. "E você caiu direto nela."

Ela deu um suspiro brincalhão e eu sorri.

A garçonete veio até nós e nos serviu café. Larissa ainda tinha folhas no cabelo. Seu prendedor de cabelo de flor estava pendurado por alguns fios. A mulher ignorou isso e a carinha de cachorro estampada em nossas roupas. "Vou dar um minuto para vocês", disse ela, com um tom entediado, e saiu.

Voltei ao cardápio. "Era bem bonitinho", murmurei para mim mesma.

Larissa abaixou a ponta do cardápio. "Desculpe, o quê?"

Levantei os olhos para os dela. "O filhote de veado era fofo."

Ela sorriu. "E a mamãe cervo era assustadora."

“Então você admite.”

“Admito. Veados são aterrorizantes.”

Eu sorri para ela.

“Precisamos parar de ter encontros com animais selvagens”, disse ela.

“Woofarine teria espantado aquele cervo.”

"Woofarine com certeza teria espantado aquele cervo. Ele teria voltado arrastando alguma parte do corpo dele. Ou como o líder deles."

Sorri ao ver o cardápio.

“Não vou contar para o Mike”, disse ela.

Meus olhos se arregalaram. Imediatamente me lembrei da quase-confissão que havia feito mais cedo no carro.

"Você tem medo de veados", disse ela. "Não quero que ele zombe de você."

Eu relaxei novamente.

Eu nunca deveria ter dito aquilo. A parte em que eu a achava bonita e a parte em que eu queria levá-la para casa naquele dia. Por que diabos eu mencionei isso?

Ela achava que eu era uma boa pessoa.

Eu não era. Ou talvez eu fosse uma boa pessoa que desejava algo ruim. Porque eu desejava.

Eu gostava dela de um jeito que não deveria. Não sei em que momento desta noite percebi isso — ou aceitei a situação —, mas eu gostava.

Eu jamais agiria de acordo com esse sentimento. Nunca. Ninguém jamais saberia, só eu. Eu lidaria com isso e, com sorte, com o tempo, esse sentimento passaria.

Esperançosamente.

Fizemos o pedido. Comemos e rimos sobre o cervo e o Woofarine, depois paguei e a levei para casa. Acompanhei-a até a porta, pois já eram quase 3h da manhã, e fiquei pensando em como ela parecia um anjo quando a luz suave da lâmpada da varanda iluminou seu lindo rosto antes de ela entrar. Como a ausência dela no carro deixou uma sensação de vazio no caminho para casa, como o perfume dela ainda pairava no ar onde ela havia se sentado. Senti uma forte vontade de mandar uma mensagem de boa noite para ela. De fazer planos para amanhã.

Não fiz nada. Em vez disso, fiquei deitada na cama, olhando para o teto.

Esta noite foi de longe o melhor encontro que já tive. Todas as vezes que passei um tempo a sós com ela, foi o melhor encontro que já tive.

Mas aquilo não era um encontro. Ela nunca poderia ser um encontro.

Essa era a namorada do meu melhor amigo.

27

LARISSA

Quando entrei, minha mãe estava sentada à mesa da cozinha contando as gorjetas. Phil estava dormindo, graças a Deus. Eu conseguia ouvi-lo roncar daqui. Woofarine pulou do sofá quando me viu e ficou pulando aos meus pés até que eu o pegasse no colo.

“Ah, oi, querida, você acabou de chegar?” disse a mãe, começando uma nova pilha de notas de cinco. “Pensei que você estivesse no seu quarto, dormindo.”

Sentei-me na cadeira em frente a ela e coloquei minha bolsa no chão.

"Você se diverte com o Mike?", ela perguntou.

“Sinceramente, mal o vi a noite toda. Eu estava com o Chris.”

Ela parou diante da pilha de pilhas.

“O Mike ficou bêbado e o Chris me deu uma carona para casa”, expliquei.

“São três horas da manhã…”

“Eu sei. Ele me levou para fazer algumas compras secretas e depois fomos jantar fora.”

Eu fiquei mexendo num guardanapo que estava sobre a mesa.

Senti que ela me analisava. "Está tudo bem?"

"Sim." Assenti com a cabeça. "Não. Você sabia que o Chris tinha uma queda por mim?", perguntei, olhando para ela.

Ela piscou para mim.

“Bem, não”, corrigi. “Não é uma paixão. Não deveria chamar assim. Naquela noite em que conheci o Mike? Ele meio que admitiu que queria me levar para casa. Ele me disse que me acha bonita.”

Ela endireitou as notas de cinco e as colocou de lado. "O melhor amigo do seu namorado te contou isso?"

“Não foi bem assim. Estávamos apenas conversando, e simplesmente saiu.”

“E o que você acha disso?”, ela perguntou.

Dei de ombros. "Sinceramente, não sei."

Ela assentiu com a cabeça. "Bem, se você pudesse voltar atrás e reviver aquela noite, sabendo o que sabe agora, depois de ter passado todo esse tempo com os dois, com qual deles você iria para casa?"

“Isso não importa, mãe. Eu fiz uma escolha.”

“Só me diga. Se você pudesse voltar atrás e fazer tudo de novo, qual seria?”

Apertei meus lábios.

Ela tirou os cigarros do bolso e bateu com a maço no pulso. "O fato de você não ter dito 'Mike' imediatamente me diz tudo o que você precisa saber."

"Mãe…"

“Não estou dizendo que você precisa fazer alguma coisa a respeito. Na verdade, vou dizer que você não deveria. Não é como se você pudesse voltar atrás. O Chris não vai te tocar nem com uma vara de dez metros, não com o melhor amigo dele em jogo.”

Ela tirou um cigarro da caixa. "Mas eu gosto dele. Teria sido bom saber que ele estava interessado, quando isso importava. Esses espertinhos nunca falam alto o suficiente."

Ela se levantou e saiu para fumar.

Encarei uma mancha queimada na mesa, onde mamãe tinha colocado uma panela quente alguns anos atrás. Eu pretendia lixá-la e envernizá-la novamente, mas nunca cheguei a fazer isso. Cobri a mancha com o vaso de flores que Mike deu para mamãe, levantei e fui para o meu quarto.

Eu também gostava do Chris. Mas ela tinha razão. Eu e o Chris nunca daríamos certo. Nunca mesmo. Não que ele quisesse, mas hipoteticamente.

Eu tinha feito minha escolha — e estava feliz com ela. Meu relacionamento estava bem. Sim, tinha alguns probleminhas. Às vezes eu queria que o Mike bebesse menos, mas, para ser justa, eu nunca tinha pedido para ele parar. Tenho certeza de que se eu conversasse com ele sobre isso, ele levaria numa boa. Ele era um bom homem.

Ainda.

Havia uma parte de mim que eu não queria admitir, que se perguntava se, podendo voltar atrás, teria escolhido de forma diferente.

Recusei-me a pensar nisso.

Não fazia sentido ficar remoendo coisas impossíveis de mudar.

28

CHRIS

Bati na porta de leve. Não mandei mensagem antes, não queria acordá-la. Esperava que fosse a mãe dela. Eram só dez e meia e a Larissa provavelmente ainda estava dormindo da noite anterior, considerando que eram 3h da manhã quando a encontrei em casa.

A corrente roçou na porta e Nancy espiou. "Ah, oi, querido!" Ela abriu a porta de repente. "O que você está fazendo deste lado da cidade? Entre, entre."

“Só vou deixar cair uma coisinha—”

“Entre aqui. Você está deixando as moscas entrarem.”

Ela me puxou para dentro e fechou a porta atrás de mim.

“Larissa ainda está dormindo. Vou buscá-la.” Ela se virou em direção ao quarto.

“Não, não faça isso. Estou apenas deixando uma coisa aqui.”

Ela se virou para me olhar. "Tem certeza?"

“Sim, com certeza.”

Ela voltou e deu uma espiada na bolsa que eu estava segurando. "O que você tem aí?"

Então ouvi um barulho vindo do fundo do apartamento. Meu cachorro saiu correndo do quarto da Larissa e ela saiu atrás dele de pijama. "Ah. Chris", disse ela, paralisada no corredor. Ela parecia desarrumada. Seu cabelo estava bagunçado. "Você vai buscar o Woofarine? Achei que fosse minha vez—"

“Não, eu trouxe algo para você. Não é nada demais. Só achei melhor entregar logo. Não queria te acordar.”

“Você não me acordou.” Ela sorriu. “Tem alguma coisa para mim? Deixa eu escovar os dentes, me dá um minuto.”

Ela foi ao banheiro e eu peguei meu cachorro no colo.

"Quer um café?", perguntou Nancy, abrindo o armário para pegar uma caneca.

Balancei a cabeça negativamente. "Não, tenho café e o café da manhã no carro. Vou para a casa do Mike agora."

"Larissa, café?" ela gritou, servindo-se de uma xícara.

“Sim, por favor.”

Woofarine se remexeu nos meus braços, animado por me ver, e eu cocei embaixo do queixo dele.

Um minuto depois, Larissa saiu, caminhando em silêncio pelo corredor.

“Então, o que você ganhou?”, perguntou ela, pegando a caneca que sua mãe lhe entregou.

“Não é nada demais”, eu disse, colocando Woofarine no chão. Tirei o conteúdo da sacola e coloquei sobre a pequena mesa da cozinha. “Parei na seção de bolos de uma loja de artesanato no caminho. Comprei isso para você.”

Coloquei sobre a mesa uma pilha de caixas de doces brancas achatadas, com janelinhas transparentes na parte superior, três rolos de fita de cores diferentes e algumas etiquetas para presentes. "Assisti a alguns vídeos ontem à noite sobre as tábuas de frios que comentamos, e elas vêm nessas caixas bonitas? Comprei algumas para você. Sabe, para protótipos."

Ela olhou para as coisas que eu coloquei sobre a mesa. "Você comprou tudo isso para mim?"

“Quer dizer, você não precisa usar. Só pensei que, se você quisesse experimentar, eu poderia usar. Eles colocam esses encaixes de papelão lá dentro para a caixa não ficar bamba. Comprei dez de cada, de alguns tamanhos diferentes, para você ver o que funciona. Você fecha com a fita e depois coloca a etiqueta. Dá para trocar a fita de acordo com as estações — você provavelmente já sabe disso. Você é melhor nisso do que eu…” Olhei para ela. Ela havia ficado em silêncio.

“Chris, isso é… isso é tão atencioso.” Os olhos dela encontraram os meus.

"Eu só... quero te ajudar", eu disse.

Nós nos entreolhamos.

"Obrigado."

Eu não queria ficar olhando para ela, então peguei nosso cachorro de novo e fingi que precisava acariciá-lo.

Eu queria trazer mais coisas para ela. Queria comprar café da manhã e um latte para ela. Na verdade, eu queria levá-la para jantar fora. Sentar em uma mesa em frente à dela, ficar um tempão. Um dos livros que gostamos estreou nos cinemas semana passada e eu queria levá-la para assistir ao filme também.

Mas havia uma linha tênue entre o que eu podia fazer por ela e o que eu devia

fazer por ela.

E foi aqui que foi desenhado.

Eu a observei examinando tudo.

Eu não conseguia parar de pensar na noite passada. No que ela disse sobre eu levá-la para casa.

A diferença era mesmo tão pequena? Se eu tivesse sorrido mais naquele dia, se tivesse sido mais assertivo, se tivesse ficado menos triste, talvez ela tivesse entrado no meu carro em vez do dele.

E teria feito diferença?

Talvez ela ainda estivesse com o Mike, não importa com quem ela fosse para casa naquela noite.

Mas acho que o que me incomodava era saber que ela não faria isso.

Larissa e eu tínhamos muita coisa em comum. Nos dávamos muito bem. Acho que eu a teria convidado para sair. Acho que ela teria aceitado. E não consigo imaginar que aquele encontro teria corrido de outra forma que não fosse perfeita.

Isso não quer dizer que eu acreditasse que ela tivesse algum sentimento por mim agora. Ela não tinha, éramos amigos. Só acho que as coisas poderiam ter sido diferentes.

Mas não aconteceu.

Afastei esses pensamentos da minha mente.

“Chris?”

Eu olhei para ela.

“Qual o nome da sua mãe?”, ela perguntou.

“Julia. Por quê?”

“Esqueci de perguntar”, disse ela, olhando para as caixas. “Obrigada por isso. Mais uma vez.”

Eu sorri. Então me despedi e dirigi até a casa do Mike.

Ele não respondeu quando bati na porta. Eu estava segurando cafés e uma sacola de comida e tive que colocar tudo no degrau para pegar a chave reserva no vaso de plantas e entrar.

"Microfone?"

Sem resposta.

Não tinha notícias dele desde a festa de ontem à noite. Ele não atendia minhas ligações nem respondia minhas mensagens, o que não me surpreendeu. Jesse mandou uma mensagem depois que o deixaram em casa dizendo que ele estava vomitando, mas lúcido o suficiente para ser deixado em paz.

Provavelmente estava dormindo para passar o efeito.

Coloquei a comida no balcão e olhei em volta. As roupas molhadas dele da noite passada estavam empilhadas no meio da cozinha.

Peguei-as e coloquei-as do lado de fora, na entrada da casa, para levar até a casa da Donna para serem lavadas, e fui bater na porta do quarto dele.

"Microfone…"

Como ele não respondeu, entrei e acendi a luz.

Ele gemeu, um volume coberto por um cobertor na cama.

“Estou aqui para ver como você está.”

“Porra”, ele gemeu, levantando a cabeça para me encarar com os olhos semicerrados. “Que horas são?”

"Onze."

"Merda", murmurou ele.

Cruzei os braços e me inclinei no batente da porta. "Você não atendeu o telefone."

"Acho que quebrei", disse ele, esfregando os olhos. Olhou em volta, grogue. "Você pode mandar uma mensagem para a Larissa? Não quero que ela venha aqui."

Soltei um suspiro. "Claro. Eu trouxe comida."

Você pode me trazer água?

Voltei para a cozinha e enchi a garrafa de água dele. Peguei também alguns comprimidos de Motrin. Quando voltei, ele estava mexendo na tela quebrada do celular. Ele desistiu, jogou o aparelho na cama e se inclinou para a frente com a cabeça entre as mãos.

“Aqui está”, eu disse, colocando a água e os comprimidos na mesa de cabeceira.

“Quanto ela viu?”, perguntou ele, em voz baixa.

“Nada disso? Jesse e Becca te levaram para casa. Eu dirigi para a Larissa.”

Ele assentiu com a cabeça. "Obrigado."

"O que aconteceu?", perguntei. "Pensei que você não estivesse bebendo."

"Não sei." Ele respirou fundo, depois se aproximou rapidamente e tomou os comprimidos, fazendo uma careta de dor.

“Você sabe que não deveria beber assim com a medicação que está tomando __”

“Agora você me diz.”

Fiquei ali parada, observando-o. "Esta é a terceira vez que você a deixa nessa situação."

Ele olhou para mim com os olhos semicerrados.

“Ela estava com fome”, eu disse. “Você deveria tê-la levado para comer. Você era a pessoa que a levaria para casa.”

"Ela conseguiu alguma coisa?", perguntou ele.

“Sim, ela fez isso. Você a deixou no parque e faltou à cirurgia da mãe dela—”

"Porra, cara, o que você quer de mim?", disse ele, num tom seco.

"Quero que você melhore", respondi rispidamente.

Ele piscou para mim.

Limpei a boca com a mão. "Não sei como te dizer isso com delicadeza, então vou direto ao ponto. Você vai perdê-la se não se recompor."

“Ela disse alguma coisa?”

“Não. Mas eu a conheço. A única razão pela qual você ainda tem uma namorada esta manhã é porque ela não viu a merda que você fez ontem à noite.”

Ele me encarou com os olhos vermelhos.

“Ela merece coisa melhor do que isso”, eu disse.

“Foi uma festa. Só não sabia que o estômago vazio e o Prozac iam multiplicar a dose e contaminar os outros. Confie em mim, isso não vai acontecer de novo—”

“Ótimo. Porque ela precisa de estabilidade.”

“Como você sabe do que ela precisa?”

“Porque eu falo com ela? Porque eu sei com o que ela cresceu? Porque eu vejo como ela vive? Ela vai embora. Entendeu? E você não terá uma segunda chance.”

E então, qual era o objetivo?

Um de nós teve uma chance. Só uma. E se ele a desperdiçasse? Era esse cara. Esse era o campeão, era ele quem ela escolheu. Ele tinha que fazer dar certo porque se não desse…

Eu nem conseguia pensar nisso. Se ele desperdiçasse isso…

E o pior de tudo era que ele nunca superaria isso. Ele não seguiria em frente e não encontraria outra pessoa. Nunca haveria um momento em que talvez eu pudesse…

Ela seria aquela que escapou pelo resto da vida dele. Porque se fosse comigo, eu me sentiria da mesma forma.

Talvez eu já tenha feito isso.

Ele expirou pelo nariz e nós dois permanecemos ali em silêncio.

“Mike, se você precisar de ajuda, eu posso te ajudar a conseguir”, eu disse.

"Eu não preciso de ajuda, cara. Só preciso fazer escolhas melhores. E vou

fazer."

Ele esfregou as mãos no rosto.

Dei uma olhada em seu quarto arrumado. Havia um livro sobre o reality show que Larissa e eu tínhamos lido na mesa de cabeceira. Ele estava na metade.

Mike não leu.

Ele estava tentando. Eu percebia que ele estava se esforçando. Eu sabia que ele a amava, mas precisava resolver o que quer que estivesse enfrentando.

Me dei conta de que a única vez que Mike decepcionou Larissa foi quando estava bebendo. Quando estava sóbrio, ele era ótimo. Confiável, atencioso.

Mas e a bebida? Ele ia perdê-la por causa disso.

E talvez ele devesse.

Eu detestava pensar nisso, mas talvez ele não estivesse pronto para um relacionamento. Ele precisava resolver seus problemas antes de poder ser um bom parceiro para alguém.

“Obrigado por levá-la para casa”, disse ele, sem olhar para mim. “Ela ficou irritada?”

“Não. Eu a levei para fazer compras misteriosas”, eu disse.

“Obrigada. Ela tem tentado ganhar um dinheiro extra.”

“Eu sei. Ela me contou.”

Ele olhou para mim. "Agradeço por você ter me acobertado."

"Sim."

“Gosto que ela goste de você”, disse ele.

Dei uma risadinha irônica por dentro.

“É importante para mim”, disse ele.

“Isso também é importante para mim.”

“Estou falando sério sobre ela. Eu me vejo casando com ela.”

Tive que desviar o olhar. A ideia dele se casar com ela me deu um nó no estômago.

Eu seria o padrinho. Teria que fingir felicidade quando me contassem. Teria que ajudar. Eu organizaria a despedida de solteiro. O Mike ficaria bêbado, e eu o levaria para casa. Mandaria mensagens para a Larissa avisando que o Mike estava dormindo e que estava bem. Seria eu quem garantiria que a comida do jantar de ensaio estivesse segura. Seria eu quem diria ao Mike qual presente comprar para ela antes do casamento, para onde levá-la na lua de mel.

Imaginei Woofarine como o porta-alianças. Nosso cachorro, correndo pelo corredor carregando uma almofadinha. Ele a levaria para Larissa? Ou para mim, ao lado do noivo? Haveria um momento constrangedor em que eu teria que

entregá-la ao meu amigo e os convidados ririam, e eu teria que fingir que era engraçado, quando não haveria absolutamente nada de engraçado nisso?

Ele se levantou. "Vou tomar banho." Estendeu a mão e apertou meu pescoço. "Obrigado."

Eu não conseguia nem olhar para ele.

Não voltamos a falar sobre isso. Levei-o para trocar a tela do computador, deixei-o lá e rezei a Deus para que, se eles se casassem, isso acontecesse muito tempo depois de eu já não me importar mais se isso aconteceria ou não.

29

LARISSA

Lexi limpou o balcão do café. "Não foi meu melhor momento, mas às vezes você tem que fazer isso pela história, sabe?"

Ela tinha se envolvido com um dos cozinheiros.

O restaurante estava fechado e estávamos fazendo nosso trabalho extra. Era novembro. O café estava decorado com folhas de outono, mas flocos de neve caíam suavemente lá fora.

Balancei a cabeça negativamente. "Vai ser estranho trabalhar com ele agora."

"Como?"

"Você já o viu nu?", perguntei.

"E daí? Ele me entrega meus pedidos urgentes mais rápido."

Eu me engasguei com uma gargalhada.

"O que aconteceu com o rapaz que veio aqui semana passada?", perguntei. "Pensei que você estivesse trocando mensagens com ele", respondi, ainda sorrindo.

"O cara das finanças? Nem pensar. Ele me mandou uma foto do pênis dele em preto e branco."

Fiz uma pausa com um frasco de xarope na mão. "Preto e branco?"

"Sim. Super estilizado, tipo um ensaio de noivado, só que com um pênis? Ele usou o modo retrato."

Eu caí na gargalhada.

“A audácia masculina está em seu auge”, disse ela. “Estou na linha de frente aqui fora — você não tem ideia.”

“Nossa, ainda bem que não estou em aplicativos de namoro.”

“Que época maravilhosa para se estar vivo.”

Ela jogou o pano no balde com desinfetante e foi pegar os potes de açúcar, e eu parei e olhei meu celular. Chris me mandou uma foto da Woofarine. Eu sorri.

Na semana passada, ele também enviou uma foto dele dentro.

Eu não salvei a foto no meu rolo da câmera como costumo fazer quando recebo fotos do Woofarine porque me senti estranha salvando uma foto do melhor amigo do meu namorado. Mas continuei voltando à conversa para olhar. Ela estava subindo cada vez mais no feed conforme mais mensagens entre nós chegavam. Seria mais fácil salvá-la, colocá-la em uma pasta onde eu pudesse encontrá-la.

Eu não fiz isso. Porque eu não deveria querer encontrar. Não sei por que fiz.

Eu não o tinha visto muito ultimamente. Nós dois estávamos ocupados, eu mais do que ele.

Comecei a trabalhar com a tábua de frios logo depois da festa de noivado, três meses atrás, e isso estava consumindo todo o meu tempo livre. Não tinha tido tempo para ler, então também não estávamos compartilhando livros. E eu não estava levando o Woofarine comigo tanto quanto de costume, porque a Donna comentou sobre ele estar na casa de hóspedes. Eu não podia tê-lo em casa porque o Phil não gostava de cachorros. Ele tinha derrubado o Woofarine do sofá alguns meses atrás e o Woofarine o mordeu. Depois disso, deixei o Chris ficar com ele na maior parte do tempo. Eu me sentia mal. Eu tinha concordado em compartilhar a criação dele com ele e não estava cumprindo. Eu ainda ia passear com ele depois do trabalho quando o Chris estava de plantão, mas o Chris não estava lá quando eu ia, então eu não o via.

Senti falta de vê-lo. Senti muita falta.

No mês seguinte, iríamos todos para a cabana novamente para o Natal e ficaríamos até o Ano Novo. Mike chegaria cedo, como da última vez, e eu pegaria carona com Chris novamente porque precisava trabalhar. Eu estava mais animada com isso do que com a própria viagem. Queria reencontrá-lo, saber o que ele tinha feito.

Eu estava nervoso em relação ao resto.

Conversei com o Mike sobre a questão da bebida, como o Chris tinha sugerido. O Mike se desculpou, assumiu a responsabilidade e, desde então, não bebeu nada. Mas ele beberia na cabana, e eu estava com medo de sair de lá me sentindo como da última vez.

As coisas com o Mike estavam bem, tudo estava ótimo. Eu até tinha finalmente dito a ele que o amava — e amava mesmo. Só que, por algum motivo, tudo parecia frágil, como se qualquer coisinha pudesse me fazer mudar de ideia.

Eu sempre ficava em cima do muro em relação ao Mike. Eu era indiferente em relação a nós o tempo todo.

Nós nunca brigamos, nunca discordamos de nada. Ele era atencioso e bom para mim. Mas eu não era louca por ele. Lexi tinha razão.

No início, isso não me incomodava. Respeito mútuo, nos divertirmos juntos — essas coisas eram mais importantes.

Mas será que eu conseguia nos ver juntos a longo prazo? Eu não estava mais perto de saber isso do que três meses atrás. E isso estava começando a importar mais do que nunca, porque eu estava prestes a tomar uma decisão enorme sobre o nosso relacionamento, que seria muito difícil de desfazer.

Olhei para o relógio. Donna ainda não tinha voltado da loja. Eu tinha uma pergunta e havia prometido a mim mesma que hoje seria o dia em que finalmente a faria. Estava tão preocupada com o que ela poderia dizer que nem contei para o Mike.

"Ei, você ainda está fazendo aquele negócio de cliente misterioso?" Lexi perguntou da sala de jantar.

"Não."

Ela virou a esquina com sua bandeja de açúcar. "Por quê?"

"Estava desgastando demais o meu carro. Não fazia sentido", eu disse, limpando um frasco de molho picante.

“Não foi o Chris que te levou de carro para lá e para cá?”

“Ele só me levou uma vez.”

“Então o Mike começou a te levar para passear?”

Balancei a cabeça negativamente. "É gasolina demais para a caminhonete dele."

Ela revirou os olhos. "Por que esses homens que não precisam de caminhonetes compram caminhonetes?"

“Ele precisa disso. Para o serviço de encanamento.”

“O serviço de encanamento? Aquele que ele na verdade não faz?”

“Ele faz isso”, eu disse na defensiva.

"Ah, é? Quando?" Ela inclinou a cabeça para o lado.

“Não sei, o tempo todo. Ele fez aquela coisa no Mall of America e trabalhou muito para o Tony na primavera…” Minha voz sumiu quando me dei conta de que isso já tinha acontecido há mais de seis meses e que o Mike não trabalhava para o Tony desde então. “Bem, quem se importa se ele fizer?”, eu disse. “Ele vai fazer quando o Tony se aposentar.”

"Acho que não", disse ela, colocando o adoçante Sweet'N Low no carrinho. "Ouvi a Janessa dizer que ele não quer."

Parei para olhar para ela. "O que você quer dizer?"

“O Mike não quer. Ela disse que o pai dela vai deixar para o sócio dele.”

“Tem… tem certeza?”

“Quer dizer, foi isso que ela disse.”

Me remexi desconfortavelmente. "Certo. Talvez ele só queira trabalhar lá e não ser o dono. Ser dono de um negócio é difícil."

Ela me lançou um olhar. "Amiga, ele também não quer trabalhar lá. Ele não trabalha lá. Você está namorando um personal trainer — com um emprego de meio período — e uma caminhonete enorme que ele não precisa."

Eu fiquei olhando para ela.

"Como você não sabia disso?", perguntou ela. "Quer dizer, sobre o que vocês conversam?"

“Não sei, muita coisa…”

"Claramente não é suficiente", murmurou ela.

Mordi o lábio. O Mike era um pouco evasivo às vezes. Eu fazia perguntas e ele simplesmente contava uma piada ou mudava de assunto. E, sinceramente, quando eu saía do trabalho, fazia todos os meus bicos e chegava lá, estava cansada demais para tentar arrancar alguma informação dele quando era óbvio que ele não queria falar sobre o assunto. Nunca me passou pela cabeça que ele não estivesse me contando nada importante.

A porta dos fundos se abriu e Donna e Janessa entraram com as compras.

"Ei", Lexi e eu dissemos ao mesmo tempo.

“Olá”, disse Donna, com a voz tensa. Ela colocou as sacolas sobre a bancada de aço inoxidável em que estávamos trabalhando. “Vocês dois podem guardar isso? E depois preciso que alguém limpe a máquina de gelo antes de vocês irem para casa.”

“Eu posso ficar”, eu disse.

“Ótimo. Obrigada”, disse ela, sem me olhar nos olhos.

Respirei fundo e reuni a coragem que vinha tentando juntar a semana toda. "Aliás, eu queria saber se poderia te pedir um favor."

Donna olhou para o relógio. "O quê?"

Lambi os lábios. "Tenho feito essas caixas de petiscos. Tipo aquela que levei para o aniversário do Tony mês passado? E tenho recebido muitos pedidos e não tenho muito espaço na bancada em casa, então queria saber se posso usar a cozinha — depois que fecharmos, claro. Eu limpo tudo. Vocês nem vão perceber que eu estive aqui."

Ela olhou para mim, entediada. "E suponho que você também vai precisar da geladeira?"

“Só por uma noite. Eu entregaria tudo no dia seguinte. Ou, se preferir, eles podem vir buscar. Provavelmente comprariam outras coisas enquanto estivessem aqui. Doces, ou talvez sentassem para comer. Eu tenho uma página comercial. Tem muitos seguidores. Poderia ser bom para o café também.”

Tentei não me mexer muito.

Por favor.

Não tinha como eu continuar fazendo as caixas de petiscos em casa — nem as minhas, nem as do Mike. A gente não tinha espaço. E eu estava ganhando dinheiro com elas. O negócio estava decolando e era o único trabalho extra que eu não odiava.

Donna me olhou de cima a baixo, como se soubesse o que aquilo significava para mim e pudesse dizer não só por causa disso. Eu não conseguia entender por que ela não gostava de mim.

"Tudo bem", disse ela, como se estivesse dizendo isso contra a sua vontade. "Vou te dar o código do alarme."

Soltei um suspiro de alívio. "Obrigada!"

Ela murmurou algo que soou como um "De nada" e eles foram embora. Janessa nem sequer disse olá.

Lexi revirou os olhos ao ver a porta. "Elas são umas vacas."

Soltei um suspiro de espanto. "Shhh! Não diga isso aqui dentro", sussurrei.

“Por quê? Se eles me demitirem, talvez eles tenham que trabalhar de verdade, e sabemos o quanto esses dois detestam isso.”

Não, elas não trabalhavam muito. Janessa era gerente, mas passava a maior parte do tempo no escritório fazendo, sei lá, o quê. Donna quase nunca aparecia. Quer dizer, era o negócio dela, ela podia administrar como quisesse, mas mesmo assim...

"Acho que a Donna não gosta de mim", eu disse baixinho.

“Hum, não. Ela tem essa estranha relação parasitária com o filho, em que sente necessidade de competir com você pela atenção dele.”

Fiz uma careta. "Você acha?"

“Ninguém é bom o suficiente para o bebê dela”, disse ela sarcasticamente. “Se você casar com ele, vai ser um pesadelo. Ela vai usar um vestido branco no seu casamento, aposto mil dólares nisso.” Ela limpou o ketchup de um pote de açúcar. “Então, o negócio da tábua de carnes está indo bem, hein?”

Dei de ombros ao falar do meu trabalho extra. "Não achei que fosse fazer sucesso, mas as pessoas gostam. Não é sazonal como as caixas de lanches. São ótimos presentes."

“Quanto você está cobrando?”, perguntou ela, jogando o pano de volta no desinfetante.

Abri meu celular, fui até minha tabela de preços e mostrei para ela. Ela deu uma olhada.

“Acho que você pode aumentar o preço em pelo menos dez dólares por caixa”, disse ela. “Vinte dólares nas caixas grandes. E se você comprar em grandes quantidades, conseguirá preços melhores. Você é membro de algum clube de compras por atacado ou algo assim?”

Guardei o celular. "Não tenho dinheiro para pagar a assinatura."

"Ser pobre é caro", murmurou ela. "Então, quando você ia me contar?"

“Quer saber?”

“Que você vai morar com o Mike”, ela disse.

Parei para olhá-la. "Como você sabia?"

“Donna e Janessa estavam conversando sobre isso.”

Respirei fundo. "Não é nada demais. Minha mãe vai se mudar para Dakota do Sul com o namorado dela."

“Eles não te convidaram para vir?”

“Sim, eles fizeram. Prefiro dormir no meu carro.”

Ela arqueou uma sobrancelha. "É tão ruim assim?"

"Você não faz ideia. Ele é sujo, preguiçoso. Eu nem consigo ficar na minha própria sala quando ele está lá. Honestamente, a saída deles foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Está me forçando a tomar decisões que eu deveria ter tomado há muito tempo."

"Mas você vai morar com o Mike? Não quer ter seu próprio apartamento?"

Dei uma risada seca. "Meu crédito está tão ruim que nem consigo que as empresas respondam às minhas candidaturas. Se eu morar com o Mike, não preciso pagar aluguel. Finalmente posso começar a pagar as contas, sair do vermelho de vez em quando, ou tirar um dia de folga de verdade sem me preocupar em afundar financeiramente enquanto estiver fora. Além disso, ele está me pedindo isso. Ele realmente quer — faz todo o sentido agora."

“Se minha irmã não precisasse da minha ajuda, eu teria me mudado para sua casa em um segundo. Então, como estão as economias?”, ela perguntou.

Dei de ombros. "Ótimo. Consegui que as empresas de cartão de crédito perdoassem metade da dívida."

Ela se animou. "Você fez isso?"

"É. Agora só me devo quinze mil." Revirei os olhos.

Eles iam cobrar o resto do meu pai. Eu estava, na verdade, conseguindo

reduzir a dívida aos poucos. Em seis meses, se eu mantivesse o ritmo das refeições no pasto, conseguiria quitá-la. Também consegui remover a restrição do meu crédito, então estava me recuperando disso também. Eu poderia estar em uma situação completamente diferente em seis meses. Literalmente.

“Quando você vai se mudar?”, ela perguntou.

“Pouco antes do Natal.”

Ela apertou os lábios. "Isso vai ser muito bom ou muito ruim."

“A casa dele é um milhão de vezes melhor do que a minha. A mãe dele tem academia e piscina. A vizinhança é ótima.”

“É, mas você tem que morar perto da Donna e da Janessa.” Ela fez uma careta. “Não sei, amiga.”

“Estamos juntos há nove meses, Lexi. Estou dormindo na casa dele metade da semana. Nem vai ser tão diferente assim. Ele vem me implorando para morar com ele há um tempo. E eu não te contei porque não preciso de sermão. Nós dois sabemos o que você pensa sobre mim e o Mike.”

"Está bem", murmurou ela. "Justo."

Ela deixou para lá e eu voltei ao meu trabalho extra. Mas o que ela disse antes ficou me incomodando.

Se o Mike não fosse ser encanador, o que ele ia fazer? Porque se as coisas dessem certo entre nós, se morarmos juntos levasse nosso relacionamento para onde eu esperava, nós acabaríamos nos casando. Teríamos filhos. E eu não ia fazer isso na casa no quintal da Donna.

Eu queria independência. Queria um parceiro que também quisesse isso.

Uma coisa era se apoiar na família enquanto você se estabilizava, enquanto economizava, pagava as contas, estudava ou esperava para assumir os negócios da família que você havia prometido. Mas se Mike não estava fazendo nada disso, então o que ele estava fazendo? Simplesmente... morando com a mãe? Aos trinta anos? Trabalhando quinze horas por semana?

Eu não gostei disso. De jeito nenhum. Me lembrou muito do meu pai. Do jeito como ele estava sempre quase sem emprego, minha mãe tendo que ser o sustento da casa e nós sempre passando por dificuldades.

E havia mais uma coisa.

Não foi só para a Lexi que eu não contei que ia morar com o Mike. Eu também não contei para o Chris.

Parte do meu raciocínio era que imaginei que Mike contaria para ele, e eu não tinha visto Chris muito ultimamente. Mas era mais do que isso.

Conversar sobre o Mike com o Chris simplesmente parecia... errado. Eu não

conseguia explicar. Simplesmente parecia. Nós nunca falávamos sobre o Mike. Nunca. Talvez porque eles fossem melhores amigos e eu sentisse que o Chris não gostaria de saber de algo que ele pudesse se sentir na obrigação de contar? Ou talvez eu quisesse respeitar a privacidade do Mike e não falar sobre ele com a pessoa mais próxima dele. Deixá-lo contar as coisas para o melhor amigo, quando ele se sentisse à vontade. Eu só não queria colocar o Chris numa situação delicada. Ele provavelmente também não queria me colocar numa situação delicada. Nós só queríamos manter nossa amizade separada. Só isso.

Mas a sensação era de que não era só isso.

Para ser sincera comigo mesma, não contei para o Chris pelo mesmo motivo que não contei para a Lexi. Porque ele ficaria decepcionado — o que seria um absurdo.

Por que Chris ficaria decepcionado se eu fosse morar com meu namorado, o melhor amigo dele? Ele ficaria feliz por nós. A casa do Mike era mais perto da dele, então seria mais fácil trocar de lugar com o Woofarine. Chris viria aqui o tempo todo — seria incrível.

Mas eu não conseguia me livrar da sensação de que estava fazendo algo errado. Tomando a decisão errada. Não sei por quê. E eu não tinha contado para a Lexi porque não queria que ela se intrometesse e reforçasse a incerteza com a qual eu já estava lidando.

Se morar com o Mike não desse certo, eu poderia procurar outro lugar. Morar junto era o próximo passo no nosso relacionamento, fazia sentido.

Então, por que quando penso em morar com o Mike, só me lembro do Chris?

30

CHRIS

Eu estava deitada na cama, encarando o teto. Eram 3h03 da manhã. Acordei meia hora atrás e não conseguia mais dormir. Desta vez, não eram pesadelos.

O inverno começou mais cedo este ano. Já nevou umas seis vezes e ontem à noite caiu uma nevasca de novo. Quinze centímetros de neve pesada e molhada. O prédio da Larissa não tem estacionamento coberto, e o carro dela provavelmente ficou soterrado.

Cada vez que isso acontecia nas últimas quatro semanas, eu repetia o mesmo pensamento: Mike vai desenterrá-la. Não preciso me preocupar. Não é problema meu, não é minha responsabilidade. Ele vai se lembrar desta vez.

Mas ele nunca o fez.

Na primeira vez que ela mencionou que teve que desenterrar o carro da neve, achei que fosse um caso isolado. Brinquei com o Mike no dia seguinte, na esperança de que ele entendesse a indireta. Naquela noite, nevou mais oito centímetros, e ele também não saiu de casa.

Ela leva uma hora para desenterrar o carro antes do trabalho, e tem que fazer isso às cinco da manhã, no escuro total. O bairro da Larissa não é lá essas coisas. Ele devia buscá-la e levá-la para o trabalho na caminhonete. É mais seguro do que o carro dela, até as ruas serem limpas. Ele devia levar café para ela. Ela gostava daqueles lattes de biscoito de açúcar que tinham nessa época do ano. Depois de deixá-la no trabalho, ele devia ir desenterrar o carro dela. É isso que eu teria feito.

Ele provavelmente faria isso hoje. Nevou demais para ele esquecer de novo — pelo menos uns quinze centímetros. Talvez das outras vezes não tenha nevado o suficiente para ele atravessar a cidade?

Ele vai chegar. Eu deveria voltar a dormir.

Não consegui voltar a dormir.

Talvez eu devesse mandar uma mensagem para ele e lembrá-lo de que o carro

da namorada dele precisa ser limpo?

Ótimo. E aí eu poderia explicar por que estou acordada às 3 da manhã pensando no carro da namorada dele. Perfeito.

Eu poderia mandar uma mensagem no grupo dizendo "Droga, levamos um fora" e torcer para que ele visse. Acordaria todo mundo, menos o Mike, porque nunca na vida do meu melhor amigo uma mensagem ou ligação o acordou de verdade. Ele consegue dormir até com a sirene de um tornado tocando.

Encarei a escuridão. Merda.

Joguei os cobertores para o lado e fui vestir calças de neve.

Eu simplesmente passava de carro e, com sorte, veria o Mike já lá fora, limpando a neve, e ele não me veria, então eu continuaria dirigindo, voltaria para casa e iria dormir.

Se ele não estivesse lá, eu mesma faria isso rapidinho. Era a coisa certa a fazer; ela não precisava estar parada em um monte de neve antes do sol nascer, tirando meia tonelada de neve com uma pá.

Ninguém precisava saber que era eu. Na verdade, ela provavelmente pensaria que era o Mike, o que, francamente, não tinha problema nenhum. Pelo menos eu não teria que dar explicações.

Quando cheguei ao prédio da Larissa, o Mike não estava lá.

Comecei a cavar.

Quanto mais tempo demorava, mais irritado eu ficava.

Não porque eu tivesse que fazer isso — eu não me importava com isso — mas porque ele não deveria aceitar que ela fizesse isso sozinha. Larissa era uma mulher capaz, ela podia desenterrar um carro. Mas por que diabos ela deveria ter que fazer isso? O que ele estava fazendo para garantir que a vida dela fosse mais fácil? Ou mais segura? Por que isso não o incomodava?

Não era minha responsabilidade me preocupar com ela. Era responsabilidade dele. E era assim que ele fazia. Não sei por que ele continuava errando o alvo, e eu estava começando a não me importar mais com qual era o problema dele.

Eu não queria julgar meu melhor amigo nem sentir ressentimento por ele, mas eu sentia. Eu queria que ele fosse bom o suficiente para ela. Eu queria que ele estivesse lá, limpando a neve do carro dela. Eu queria que ele se esforçasse mais, mas ele simplesmente não se esforçava. Tentei guiá-lo para que fizesse as escolhas certas, ajudá-lo a fazer o que era melhor para ela, lembrá-lo, dar sugestões — fazer tudo sozinha e deixar que ele levasse o crédito. Porque, no fim das contas, tudo o que realmente importava era que Larissa estivesse feliz, segura e que as coisas ficassem um pouco mais fáceis para ela. Mas isso estava

me fazendo odiá-lo.

Eu ficava pensando que o Mike ia aparecer por trás de mim. Ouvia um barulho fantasma de coisas sendo mastigadas e me virava bruscamente para não ver ninguém. Acho que era melhor assim, porque eu não fazia ideia do que diria se ele me pegasse fazendo isso. Eu não fazia ideia do que diria se ela me pegasse fazendo isso. Minha adrenalina estava a mil o tempo todo, e não por causa do cansaço.

Limpei o carro, raspei o gelo do para-brisa e abri caminho com a pá da porta da frente até a vaga de estacionamento dela. Queria ter as chaves para poder aquecer o carro para ela.

Terminei às quatro e meia, fui para casa, tentei voltar a dormir e não consegui. Disse a mim mesmo que era por causa do exercício, mas na verdade eu sabia qual era o problema.

Eu também não queria que a Becca ficasse exposta ao tempo às 5 da manhã, mas não teria feito o mesmo por ela. Com a Larissa foi diferente, e eu nem queria admitir o porquê.

Meus sentimentos por ela não estavam melhorando como eu esperava.

Eu não a via há um mês. Em parte porque ela estava ocupada, mas também porque eu estava fazendo questão de não estar por perto.

Algum instinto de autopreservação me dizia que eu precisava me afastar, porque quanto mais tempo eu passava com ela, pior eu me sentia. Só que não vê-la de jeito nenhum era ainda pior.

Eu também não tinha visto o Mike.

Ela estava hospedada na casa dele e eu não conseguia me obrigar a ir até lá. Era muito cansativo.

Quando conheci o Mike na academia, tudo o que ele queria fazer era falar dela, e eu não queria ouvir. Então, inventei desculpas, não respondi às mensagens, cancelei minha ida à festa de Halloween do Jesse porque ela estaria lá com o Mike.

E eu sentia falta dela. Pensava nela o tempo todo.

Fiquei pensando se eu teria esses sentimentos se o Mike estivesse fazendo o que deveria. Talvez eu não me sentisse tão protetora com ela se não precisasse. Talvez eu pensasse menos nela se não precisasse cuidar dela quando ninguém estivesse olhando.

Mas mesmo enquanto pensava nisso, eu sabia que não importava. Porque, no fundo, eu sabia que se a preocupação desaparecesse, a causa subjacente continuaria lá. Aquilo que causava a preocupação continuaria existindo. E seria

ainda mais difícil para mim fingir que não era o que era.

Eu queria cuidar dela. Ajudá-la. Fazê-la feliz.

E eu queria fazer isso, não importava o que acontecesse comigo.

31

LARISSA

Mike carregou uma caixa até a caminhonete e minha mãe ficou olhando enquanto ele ia embora, de roupão, na porta do meu quarto. Eu estava começando a levar minhas coisas para a casa dele hoje. Eu só ia sair do apartamento daqui a duas semanas, mas queria empacotar o máximo que pudesse com antecedência para facilitar o dia da mudança. Eu estava desmontando minhas estantes e encaixotando minhas roupas de verão.

“Sabe, você podia vir com a gente”, disse minha mãe, enquanto me observava empilhar livros de bolso.

"Eu sei. Agradeço por ter perguntado. Vai ser melhor para todos se eu ficar aqui", eu disse.

"Vou sentir sua falta por perto", disse ela.

“Venha nos visitar.”

"O Mike tem aquela banheira de hidromassagem chique", disse ela, apertando o roupão ao redor do corpo. "Talvez eu faça a viagem."

"Onde está o Phil hoje?", perguntei, puxando outra pilha de livros. "Ele geralmente já está no sofá a esta hora."

Houve uma pausa. "Phil foi preso por dirigir embriagado ontem à noite."

Parei para encará-la.

“É a terceira vez dele. Eu não o tirei dessa situação. Ele deveria saber disso.”

"Mãe…"

"Eu sei, eu sei. Você me contou." Ela suspirou.

“E você ainda está morando com ele?”

“A culpa foi minha. Eu deveria tê-lo buscado, e Gary me reteve.”

Fechei os olhos com força. "Você não está cansada, mãe?"

"Bem, eu não estou nada contente com isso. Mas dessa vez ele vai perder a carteira de motorista. Ele vai aprender a lição. Às vezes, as pessoas precisam chegar ao fundo do poço."

Balancei a cabeça e fiquei olhando para a capa do livro no topo da minha pilha. E quando minha mãe chegaria ao fundo do poço? Quantos desses homens seriam necessários?

Fiquei feliz por estar indo embora. Fiquei feliz por ter a opção de ir embora. Senti como se estivesse fugindo de uma enchente.

“Mãe…” Olhei para ela. “Ficar sozinha é difícil, mas odiar a própria vida por não estar sozinha também é.”

Ela sustentou meu olhar, mas não conseguiu responder. Mike voltou. "Esta aqui?", perguntou, apontando com a cabeça para uma caixa.

"Sim."

Ele a pegou sem esforço e a deixou flutuar para fora.

Mamãe o observou partir. Então, ela se inclinou para perto dele. "Você está feliz, não é?", sussurrou.

"Sim." Funguei. "Por quê?"

“Não sei. Só fico preocupada. O que o Chris acha de vocês dois morarem juntos?”

“Nada? Por que ele pensaria alguma coisa?”

"Fico pensando no que você disse naquela noite", ela sussurrou. "Sobre ele talvez estar apaixonado por você."

“Eu não disse isso”, falei em voz baixa. “Quer dizer, eu disse, mas esclareci. Somos amigos. Não há nada acontecendo entre nós. E, de qualquer forma, eu ainda não contei para ele.”

“Você não contou para ele? O homem não sabe que você vai se mudar?”

“Não o vi.”

Mike voltou e nós desistimos.

"Ei, você conhece alguém que seja sócio de um clube de compras por atacado?", perguntei a ele.

“Minha mãe”, disse ele, pegando outra caixa.

“Ah, não quero perguntar para sua mãe”, eu disse.

Ele parou na porta. "Por que não?"

"Porque ela já está fazendo muito por mim", eu disse, sem querer revelar o verdadeiro motivo. "E eles não deixam mais pegar cartões emprestados. Você precisa ser o titular da conta ou estar cadastrado nela para usá-la, e eu não quero que ela tenha que ir às compras comigo quando eu precisar."

“Ah. Vou perguntar aos rapazes. Talvez algum deles tenha um.”

“Obrigado. Ah, e obrigado por limpar a neve do meu carro hoje.”

Ele parecia confuso. "Hã?"

“Meu carro. Você limpou a neve?”

“Eu não limpei a neve do seu carro, amor.”

“Ora, se você não fez isso, quem fez?”

Ficamos todos ali parados, olhando uns para os outros.

"Talvez alguém tenha limpado sem querer?", disse minha mãe. "Sabe como é, não dá para saber de quem é o carro até chegar perto."

“Mas eles abriram caminho até a nossa porta da frente com uma pá”, eu disse, olhando para ela. “Eles sabiam que era minha.”

"Talvez Delta?", disse a mãe.

"Aquele sem-teto?", perguntou Mike.

Balancei a cabeça negativamente. "Não o vejo há semanas. Acho que ele está no abrigo para passar o inverno."

“Bem, ele deve ter vindo até aqui só por sua causa”, disse a mãe.

"Em quinze centímetros de neve pesada e molhada?", perguntei. "Com aquela coisa na perna que ele tem?" Olhei para os dois. "Isso é muito assustador. Quem faria uma coisa dessas?"

"Talvez você tenha um admirador secreto", provocou Mike.

"Mike, isso não tem graça", eu disse. "Quem fez isso estava lá fora às quatro da manhã. E se alguém estiver me perseguindo? Não quero nenhum estranho mexendo no meu carro."

"Você sempre pode vir morar comigo antes", disse Mike, piscando para a mãe. "Eu vou te proteger."

Isso não me fez sentir melhor.

Eu sabia o trabalho que dava para limpar aquela neve. Quem fez isso ficou lá fora por pelo menos uma hora. Uma hora. Eu mesmo fui lá às 5 da manhã, preparado para o esforço, só para descobrir que já tinham feito. Quem não gostaria de levar o crédito por isso? Me avisar que foi ele?

Mike me observou morder o lábio.

"Amor, tudo bem. Provavelmente foi um vizinho ou algo assim, algum cara tentando ser gentil. Eu mesma teria feito, mas estava com enxaqueca hoje de manhã. Eu pego da próxima vez. Chega de caras esquisitos mexendo no seu carro, tá bom?"

Assenti com a cabeça, mas ainda estava perturbado.

Ele beijou minha testa e voltou para o caminhão com a caixa que carregava.

Mamãe se inclinou para o corredor para vê-lo partir. Então, ela se virou para mim. "Era o Chris", disse ela, tão baixo que murmurou a última palavra.

Pisquei para ela. "O quê?"

“Chris!”

“Chris… Por que ele faria isso?”

Ela me lançou um olhar do tipo "Você está brincando comigo?".

"Ele não disse nada", sussurrei.

"O que ele vai te dizer? 'Eu limpei seu carro porque seu namorado não faz isso'? Ele não vai dizer nada sobre isso, acredite em mim."

Soltei um pequeno suspiro pelo nariz. Não, o Mike normalmente não limpava meu carro. Mas ele morava do outro lado da cidade e eu precisava pegar a estrada cedo para chegar ao trabalho. Não esperava que ele acordasse às quatro da manhã para tirar a neve do meu carro.

Mas alguém fez. Chris?

E mesmo enquanto tentava me convencer de que não era, eu sabia que era verdade.

Eu já tinha comentado com ele antes que precisava desenterrar meu carro. Ele sabia onde eu morava, sabia que o Mike não ia fazer isso.

Então ele fez isso?

Senti uma pontada no peito. Precisei tapar com a mão.

Era ele.

E ele nem me contou. Já tínhamos trocado mensagens hoje sobre o Woofarine, e ele não mencionou uma palavra sequer. Eu nem o via há um mês e ele veio até aqui para fazer isso? Por minha causa?

Por que?

Sentei-me sobre os calcanhares.

Ele estava lá fora, com uma temperatura de dez graus negativos — a poucos metros de onde eu estava, do outro lado do muro, dormindo — limpando a neve do meu carro em uma hora imprópria da manhã. E ainda levou quinze minutos extras para limpar a calçada e a entrada da garagem.

Não consegui parar de pensar nisso a manhã inteira.

Cada vez que meu celular vibrava, eu esperava uma mensagem dele dizendo: "Ei, esqueci de te dizer que limpei seu carro."

Mas a mensagem nunca chegou.

Mike pegou as caixas que eu lhe dei e foi para casa. Ele tinha que trabalhar mais tarde.

Aspirei o pó de todos os livros que tinha mudado de lugar. Tomei um banho. E me senti incomodada o tempo todo. Com a questão da neve e com mais alguma coisa.

Eu ainda não tinha conversado com o Mike sobre o que a Lexi disse ontem.

O fato dele não trabalhar para o Tony não ia mudar o fato de eu estar morando com ele em duas semanas. A mudança já estava em andamento e eu não tinha outra opção. O emprego do Mike não era um empecilho. Tenho certeza de que ele tinha um plano. Ele precisava ter um plano. Talvez ele quisesse um tipo diferente de carreira e eu pudesse ajudá-lo nisso? Nós poderíamos nos ajudar mutuamente?

Mas e se ele não tivesse um plano? O que aconteceria então?

Eu me livrei disso.

Isso era só nervosismo. Era normal antes de uma mudança tão grande quanto a que eu estava fazendo. Tenho certeza de que todo mundo que vai morar junto com o parceiro tem algum tipo de dúvida de última hora.

Voltei a pensar na outra coisa que me incomodava. O Chris limpando meu carro às quatro da manhã sem me avisar.

Isso me fez pensar em quais outras coisas ele não estava reivindicando como mérito.

32

CHRIS

Eu estava atrás do balcão, preparando receitas com meu técnico de farmácia, Waylon.

“Ei, a Heather entrou de novo perguntando por você”, disse ele.

“Hum”, respondi com desdém.

Ele olhou para mim. "Ela é gata, cara. Qual é o seu problema?"

"Não sei. Simplesmente não estou com vontade de namorar agora", murmurei.

Não era mentira. A ideia simplesmente não me agradou.

Não quis olhar para aquilo muito de perto.

Waylon balançou a cabeça. "Ela é médica, cara. Inteligente, linda. O que mais você faz?"

Acordar às três da manhã para limpar a neve do carro da namorada do meu melhor amigo?

"Ei."

Ao ouvir a voz, levantei a cabeça bruscamente. Larissa estava do outro lado do balcão.

Fui atingido por uma tonelada de tijolos. Completamente atordoado pela visão inesperada dela.

“O que você está fazendo aqui?”, perguntei.

“Preparando pedidos de entrega.” Ela acenou com a cabeça por cima do ombro. “Tenho um no supermercado daqui a pouco.” Ela sorriu para mim. “O que você está fazendo aí atrás?” perguntou, olhando por cima do balcão.

“Contando comprimidos para pressão arterial.”

“Nossa! Você é um traficante de drogas.”

Soltei uma risada seca.

Covinha discreta. Linda.

Então, simplesmente nos entreolhamos. Ou talvez fosse eu que estivesse

olhando para ela.

Eu não sabia como agir sem aviso prévio e sem tempo para me preparar. Eu conseguia manter minha fachada nos lugares onde costumávamos nos encontrar. Minha casa, o apartamento dela. Mas eu não tinha essa armadura no trabalho. Não a tinha praticado aqui. E eu não sabia o que pensar sobre o quanto eu gostava que ela tivesse vindo aqui e entrado para me procurar, ou o quanto era bom vê-la.

“Trouxe algo para você”, disse ela. Colocou um saco de papel branco no balcão. “Você não precisa abrir agora. A menos que queira.”

"Tenho tempo", eu disse, puxando-o para perto de mim.

A sacola continha uma moldura embrulhada em papel de açougueiro. Retirei a fita adesiva, desdobrei o papel e soltei um suspiro de surpresa.

Era uma técnica de quilling em papel. Flores e trepadeiras em volta do nome Julia.

Nome da mãe.

Era lindo. Me deu um nó na garganta. "Obrigada", sussurrei, olhando para aquilo.

Ela deve ter levado dias para fazer isso. Semanas, talvez. Era tão complexo.

“Achei que você gostaria de ter algo para ajudar a se lembrar dela”, disse ela.

Eu nem conseguia falar. Não era tanto pelo fato de ser para a mamãe. Era pelo fato de ela ter reservado um tempo para fazer isso por mim, quando tempo era algo que Larissa nunca teve.

Para ela, tempo era dinheiro. Essa era uma conta que ela poderia ter pago. Moedas para a lavanderia, pedidos extras de entrega para poder cobrir o saldo devedor dos cartões de crédito.

Em vez disso, ela fez isto.

Fiquei tão comovido que não sabia o que dizer.

Acho que ela percebeu que eu estava com dificuldades. "Deixe-me terminar de enrolar para você", disse ela gentilmente.

Ela tirou da minha mão.

Precisei me recompor.

“Ei, não sei se o Mike já te perguntou”, disse ela, fechando a moldura com fita adesiva novamente. “Mas você tem cartão de sócio do clube de compras?”

Limpei a garganta. "Sim. Por quê?"

"Preciso começar a comprar em grandes quantidades, mas ainda não tenho dinheiro para a assinatura. Você acha que eu poderia ir com você na sua próxima viagem?", perguntou ela.

“Eu… Claro. Quando você precisa ir?”

“Assim que puder”, disse ela. “O negócio da tábua de frios tem sido muito corrido. Tenho comprado tudo no supermercado, e isso acaba saindo caro. Além disso, eu estava esperando que pudéssemos conversar um pouco.”

“Sobre o quê?”

“Só coisas. Colocando o papo em dia. Faz tempo que não te vejo.” Ela me olhou de soslaio. “E daí?” disse ela. “Você pode?”

“Hum… sim, posso ir hoje”, eu disse. “Saio do trabalho daqui a uma hora.”

Ela se iluminou. "Sério?"

"Claro."

"Certo. Vou fazer minhas compras no supermercado e te encontro aqui."

“Vamos dirigir separadamente”, eu disse. “Assim você pode sair de lá.”

Ela assentiu com a cabeça. "Certo. Boa ideia. Te vejo daqui a pouco." Ela se virou em direção à frente da loja.

“Larissa…”

Ela parou e olhou para trás, para mim.

“Obrigada”, eu disse. “Adorei.”

Ela sorriu e algo naquele sorriso me fez sentir como se eu não conseguisse respirar.

"De nada."

Eu a observei sair. Então me virei para Waylon. "Ei, preciso fazer uma ligação."

Fui até o canto dos fundos e chamei o Mike.

"E aí."

“Ei”, eu disse, em voz baixa. “A Larissa acabou de estar aqui. Ela quer ir às compras.”

“Ah, sim, eu ia te perguntar. Valeu, cara.”

“Você quer se encontrar conosco lá?”

Ele deu uma risadinha. "Por que diabos eu iria te encontrar lá?"

Porque não me sinto bem sozinha com ela? Porque não quero sequer analisar o que significa me sentir assim?

"Não sei", eu disse. "Para ajudá-la a levar tudo para casa?"

"Não, você pode me substituir? Tenho clientes até às oito."

Passei a mão pelos meus cabelos.

“Agradeço por tê-la levado”, disse ele.

“Você deveria comprar uma assinatura para ela”, eu disse.

“Não posso, preciso apertar o cinto. Estou juntando dinheiro para comprar

uma aliança de casamento agora que ela vai morar comigo.”

Eu paralisei. "Ela... vai se mudar para cá?"

"Putz, eu não te contei, né? Cara, onde você estava? É, finalmente tomamos a decisão."

Minha boca secou. "Quando vocês decidiram isso?"

Imaginei um encolher de ombros.

“Não sei. Há algumas semanas?”

Algumas semanas? Ela não me disse.

Senti-me completamente enganada, sem nem sequer saber porquê. Não era da minha conta. Estavam juntos há quase um ano. Sem brigas, sem motivo para terminar — por que me surpreenderia que fossem morar juntos? Certo? Era o próximo passo. A solução lógica.

Então, por que eu senti que ia vomitar?

Ele falou com alguém ao fundo. "Ei, preciso ir. Meu compromisso das quatro horas chegou. Obrigado pela dica das compras."

E ele desligou.

Fiquei ali parada, segurando meu celular até a tela ficar preta.

Por que eu odiava tanto isso? Eu queria que o Mike a tirasse daquele maldito apartamento. O bairro era perigoso, o lugar tinha cheiro de mofo, e só Deus sabia o que saía pelos dutos de ventilação. Ela odiava o Phil. A mudança dela era uma coisa boa — então por que eu me sentia tão mal? Por que me dava um nó no estômago? Por que minhas pernas pareciam que iam ceder, como se o meu mundo estivesse acabando?

Mas eu sabia porquê.

Eu não queria admitir isso, nem mesmo para mim mesma, mas eu sabia o porquê.

Era por isso que eu deixava o toque do meu celular ligado à noite, caso ela precisasse de mim. Era por isso que eu adorava o cheiro do pelo do Woofarine depois que ela o teve. Era por isso que eu não namorava. Por causa dela. Ir com a Larissa comprar queijo era mil vezes mais atraente para mim do que passar tempo com qualquer outra pessoa. Eu não apenas gostava dela.

Eu estava apaixonado por ela.

A verdade invadiu minha consciência como uma ferida fatal. Permeou tudo. Infiltrou-se nos recônditos da minha alma. Algo tão óbvio que a única explicação para eu não ter aceitado antes era a negação, porque que tipo de pessoa se sente assim em relação à mulher com quem seu melhor amigo vai se casar? Que tipo de escroto se deixa chegar a esse ponto?

E eu não conseguia mais fazer isso. Não conseguia mais me sentir assim por alguém que eu jamais poderia ter.

Não importava se Mike nunca soubesse disso, e nem ela. Eu sabia.

Estava errado, era inútil e tinha que parar.

Como eu poderia sequer olhar Mike nos olhos? Os sentimentos que eu tinha eram uma falha no meu caráter.

Acessei o site do meu clube de compras por atacado. Comprei uma assinatura para ela, enviei as informações por mensagem, disse que não estava me sentindo bem e saí do trabalho dez minutos mais cedo para não estar lá caso ela voltasse.

Então consegui o número da Heather e liguei para ela.

33

LARISSA

Chris me ignorou completamente.

A última vez que falei com ele foi na farmácia, há duas semanas. Ele me mandou uma mensagem com o número de um cartão de fidelidade, disse que não estava se sentindo bem e já tinha ido embora quando voltei. Desde então, ele mal respondeu às minhas mensagens. Ele disse que estava doente, então, no dia seguinte à ida à farmácia, preparei uma sopa de frango com bolinhos só para ele e fui até a casa dele para entregar. Ele não atendeu a porta. Deixei a sopa na varanda e, uma hora depois, ele me pagou pelo Venmo com um "Obrigado" genérico. Eu não queria que ele me pagasse — a sopa era um presente. Quando mandei uma mensagem para ele dizendo isso, ele não respondeu.

Havia algo errado, mas eu não sabia o quê e não tinha tempo para descobrir.

Trabalhei sem parar, empacotando o resto das minhas coisas e vendendo os poucos móveis de quarto que eu tinha, já que não precisaria deles.

Eu ia morar oficialmente com o Mike amanhã. E estava nervosa de um jeito que nunca tinha sentido antes. O alívio de não ter mais que morar com o Phil tinha desaparecido, substituído por uma estranha sensação de pavor. Eu ficava me dizendo que provavelmente era só a mudança que estava me deixando inquieta, mas acho que era outra coisa.

Eu estava prestes a depender de um homem pela primeira vez desde meu pai, e estava apavorada.

Passei as últimas duas semanas em casa em vez de ir para a casa do Mike. Queria passar o máximo de tempo possível com a minha mãe antes que ela se mudasse para um lugar a seis horas de distância. Mas também tinha um pressentimento ruim de que estava cometendo um erro, mesmo sabendo que me mudar com a minha mãe e o Phil para Dakota do Sul também seria um erro. Deixar a Lexi, meu emprego, a clientela que construí nos últimos anos, meu cachorro, o Chris. Deixar tudo isso ou ir morar com o Mike. Essas eram as

opções. Eu tinha que escolher uma, e era óbvio qual era a escolha certa. Eu conseguiria economizar dinheiro, moraria em um lugar legal para variar, e não precisaria morar com o Phil.

Mas a minha ansiedade não se importava. Meu cérebro estava em alerta máximo, disparando alarmes sem parar.

Mike sairia cedo amanhã para a cabana para fazer alguns reparos. Eu poderia desempacotar e me instalar em paz. Talvez eu me sentisse melhor depois de me acomodar? Tudo ficaria bem.

E aí, na véspera de Natal, o Chris ia me buscar. E eu ia perguntar para ele como limpar a neve do meu carro.

Eu não tinha contado ao Mike sobre minha suspeita de que o Chris tinha me tirado da fossa com a pá. Se o Chris não tinha contado para ele, era porque não queria que o Mike soubesse, provavelmente pelo mesmo motivo que a mamãe disse: faria o Mike se sentir mal por não ter feito isso ele mesmo.

Foi engraçado porque eu não tinha visto o Chris ou o Mike nas últimas duas semanas, mas era com o Chris que eu mais estava ansioso para passar um tempo. Senti um vazio onde normalmente havia essa amizade.

Eu não percebi o quanto ele havia se tornado parte da minha vida até que ele não estivesse mais por perto. E nada preencheu esse vazio. Nem o trabalho, nem a Lexi, nem a minha mãe.

Ou Mike.

Talvez eu estivesse só um pouco deprimida. A separação da minha mãe, a depressão sazonal, o estresse da mudança, o cansaço do novo negócio de tábuas de frios e todas as horas que eu trabalhava na lanchonete e nos meus trabalhos extras. Eu estava meio perdida.

Me joguei no meu colchão inflável e tentei ler um livro, mas não consegui, então fiquei ali deitada, sozinha, olhando para o teto de gesso empoeirado.

Talvez eu devesse ir ao Mike's hoje à noite.

Mamãe tinha saído com o Phil para comprar bebidas, então não era como se eu fosse passar minha última noite com ela de qualquer forma. Eles voltariam barulhentos e bêbados e me acordariam. Qual era a graça de dormir no chão quando eu podia dormir com meu namorado em uma cama de verdade? Eu poderia dar uma passada lá e me despedir da mamãe antes que eles partissem no caminhão de mudança amanhã.

A praticidade falou mais alto. Levantei e fui até a casa do Mike.

Mandei uma mensagem para ele antes de entrar no carro e liguei durante o caminho, mas ele não atendeu. Provavelmente estava dormindo. Ele vinha indo

dormir cedo a semana toda. Mas não importava, porque eu tinha a chave.

Quando cheguei, notei que todas as luzes da sala estavam acesas. Coloquei minha bagagem perto da porta da frente, larguei minha bolsa e andei pela casa, acendendo e apagando as luzes. Ao chegar na cozinha, vi uma sacola de fast-food vazia e uma dúzia de embalagens de taco amassadas no balcão, ao lado de uma garrafa de dois litros de água com gás e uma garrafa de vodca vazia.

Isso foi estranho.

Mike não comia fast food. Talvez Jesse estivesse lá?

Peguei a garrafa de vodca e joguei na lixeira de reciclagem. Coloquei a água com gás de volta na geladeira, joguei o lixo fora e apaguei a luz da cozinha. Virei a esquina em direção ao quarto e parei abruptamente. Mike estava desmaiado no chão do corredor. Dormindo no próprio vômito, completamente bêbado.

34

LARISSA

Lexi, você pode vir aqui?

Era a manhã seguinte à minha mudança para a casa do Mike. Eu estava chorando. Eu sabia que ela tinha percebido.

"O que aconteceu?"

“Só preciso que você traga seu limpador a vapor. Você tem um, não é?”

“Sim, eu tenho um. Estamos limpando um corpo? Preciso saber que sapatos usar porque não vou jogar meus tênis fora de novo.”

“Eu explico quando você chegar. Só venha.”

Meia hora depois ela apareceu. Abri a porta e vi em seu rosto quando o cheiro a atingiu. "Que merda aconteceu aqui? Achei que o cachorro fosse adestrado."

“É ele mesmo”, eu disse, pegando a máquina. Eu nem queria parar para contar a história para ela. Só queria tirar a bagunça do tapete primeiro.

Passei a meia hora seguinte lavando o tapete freneticamente com xampu. Parecia que eu não conseguia passar a mão o suficiente. O produto devia estar bem no enchimento, não havia como tirar tudo.

Assim que o reservatório esvaziava, ela o pegava e o enchia com sabão e água quente enquanto eu ia ao banheiro esvaziar o balde e começar tudo de novo. Quando finalmente fiquei sem xampu, parei. Fiquei parada ao lado da máquina, com a adrenalina que vinha sentindo nas últimas doze horas pulsando nas minhas veias.

Lexi me encarou. "Garota, se você não me contar que merda aconteceu..."

Eu ri e chorei ao mesmo tempo.

"Sente-se", disse ela.

“Não quero ficar sentado aqui.”

“Então vamos até meu carro. Vamos lá.”

Estávamos sentadas no Toyota dela, na entrada da garagem da Donna, com o

aquecedor ligado no máximo, olhando para a casa de hóspedes. Todos os meus medos tinham se confirmado. Tentei organizar meus pensamentos de uma forma coerente.

“Decidi me mudar um dia antes. Quando cheguei, o Mike estava desmaiado de bêbado.”

"Bêbado?"

"Bêbado."

Ela piscou para mim. "Ele foi a uma festa ou algo assim?"

Balancei a cabeça negativamente. "Não. Ele estava em casa. Sozinho. Ele comeu um monte de besteiras e bebeu uma garrafa de vodca, Lexi. Tudo. Achei o recibo na calça dele. Ele comprou duas horas antes de eu chegar. Não consegui acordá-lo — ele estava completamente apagado, dormindo no próprio vômito. Eu estava com muito medo de dormir, preocupada que ele fosse vomitar de novo e se engasgar. Fiquei no sofá para poder vigiá-lo, e quando acordei hoje de manhã, ele estava vomitando no banheiro. Eu ia ver como ele estava e pisei em algo molhado." Parei nessa parte. Eu nem queria admitir em voz alta. "Ele fez xixi no tapete. Enquanto estava deitado lá."

Ela parecia horrorizada. "O que ele disse?"

“Nada. Ele entrou no chuveiro e depois foi para a cabine. Saiu com a mochila e uns óculos de sol, disse que estava com enxaqueca, me deu um beijo de despedida e foi embora. Foi como se ele nem se lembrasse de nada.”

"Ele provavelmente não sabe, porra", disse ela. "Você ligou para o Chris?"

“Não. Eu não queria acordá-lo. Já era tarde.”

“Você precisa falar com o Chris. Mande o funcionário dele aqui para resolver isso.”

Ela ficou sentada em seu assento, olhando fixamente pelo para-brisa, antes de se virar para me olhar novamente. "Mas o Mike bebe bastante."

Recuei o rosto. "Não, ele não faz isso."

Ela me lançou um olhar. "Hum, é, meio que sim."

"Ele não é alcoólatra", eu disse, sentindo-me na defensiva por algum motivo.

“Tem certeza disso? Porque isso aqui”—ela gesticulou em direção à casa de hóspedes—“parece coisa de alcoólatra.”

Minha boca estava seca.

“Você me contou o quanto ele bebe”, disse ela. “Você não parava de falar sobre aquela história da cabana.”

“Sim, mas depois ele passa meses sem. Só acontece em festas.”

"É, isso se chama beber em excesso, querida. Claramente você nunca foi para

a faculdade."

Eu nem conseguia responder. Estava exausta e traumatizada demais para processar aquilo. E fazia muito sentido.

Coloquei a cabeça entre as mãos.

“Poderia ser pior”, disse ela.

"Como?" murmurei.

"Ele poderia ter se cagado nas calças."

Eu me engasguei. "Viva os fluidos corporais preferíveis."

Eu nunca havia me sentido tão pouco atraída por alguém como naquele momento. Não porque ele tivesse sofrido um acidente, mas porque ele se deixou chegar a esse ponto.

Eu sabia o que era viver com um homem que não conseguia controlar seus impulsos. Meu pai arruinou nossas vidas. Toda aquela história com o Mike me fez reviver a infância e a forma como a instabilidade do meu pai me afetava. Eu estava envergonhada. Não queria contar para a minha mãe nem para ninguém o que tinha acontecido, era muito traumático. Por algum motivo, quase não quis contar para o Chris. E eu e o Mike tínhamos acabado de ir morar juntos.

"Como é que eu não vi isso?", sussurrei.

"Porque os homens são especialistas em esconder quem realmente são? Eles mentem para te levar até a linha de chegada e então—BAM."

Tive que me controlar para não começar a chorar.

“Não ajuda nada que a gente normalize essa merda”, disse ela. “Dia de jogo — bebida. Casamento — bebida. Cortar a grama com uma cerveja, beber no barco, beber no brunch. É tão esperado que ele seja criticado por não beber.”

Eu me importava com o Mike, estava preocupada com ele e queria que ele ficasse bem, mas havia um outro lado muito real de mim que não conseguia fazer isso. Eu já havia esgotado a parte de mim capaz de amparar um homem durante sua fase autodestrutiva. Eu já tinha vivido isso uma vez com meu pai e com todos os namorados da minha mãe, e eu estava apavorada com a ideia de que era isso que o Mike estava prestes a me fazer fazer.

Nos dois dias seguintes, Mike me mandou mensagens rápidas da cabana para saber como eu estava. Ele estava completamente alheio a tudo. Era tudo como sempre, e ele dizia: "Oi, amor, estou com saudades, amor".

Senti que teria que explicar para ele o que aconteceu, como se ele estivesse possuído e eu precisasse convencê-lo de que tinha feito aquilo. Precisava falar com ele, mas toda vez que ligava, estava completamente bêbado. Claro que estava bêbado. Jesse chegou cedo também, e os dois estavam completamente

bêbados. Só que agora o que Lexi disse me corroía por dentro.

Senti como se finalmente estivesse vendo o que sempre estivera ali.

Mike nem sempre bebia, mas quando bebia, bebia mais do que dizia que beberia. Todas as vezes. Um drinque virava três. Às vezes, três viravam seis. Era como se ele não conseguisse tomar só um. Um era a porta de entrada para dez.

E o mais incrível é que ele era a pessoa mais saudável que eu conhecia. Ele nem comia pão. Corria, malhava, estava em ótima forma física. Então, quando ele queria beber, eu relevava, porque aquilo era um prazer para ele.

Lexi tinha razão. Eu realmente precisava falar com Chris.

De alguma forma, eu sabia que Chris daria um jeito. Ele teria ideias, alguma intuição, algo assim.

Ele ia me buscar para irmos até a cabana e eu poderia conversar com ele então. Teríamos o dia todo para eu contar tudo a ele durante a viagem. Ele saberia o que fazer.

O cheiro ainda estava no tapete. Era inverno, então eu não podia abrir as portas e janelas para arejar. Aquilo tudo me deu nojo.

Eu não conseguia imaginar o Mike me excitando depois disso. A visão dele ali deitado, roncando no próprio vômito e urina... Eu estava enojada.

Borrifei o tapete com uma solução de vinagre, depois polvilhei com bicarbonato de sódio e deixei agir por dois dias antes de aspirá-lo. Mesmo assim, o cheiro persistiu.

Quando chegou o dia em que Chris viria me buscar, eu estava louca para falar com ele. Quando ele parou em frente de casa, saí antes mesmo de ele engatar o freio de estacionamento. Mas, quando cheguei lá, havia outra pessoa no banco da frente.

Parei na passarela congelada, segurando minha bolsa e olhando fixamente para a morena que mexia na franja pelo espelho do quebra-sol.

“Ei”, disse Chris, saindo do carro. “Por que você não esperou? Eu ia te ajudar com a sua mala.”

“Vamos deixar alguém em algum lugar?”, perguntei.

Ele abriu o porta-malas. "Eu ia te contar", disse ele, pegando minha mochila. "Minha namorada, Heather, vai subir com a gente."

A palavra namorada me atingiu em cheio. Tirou todo o ar dos meus pulmões.

“Você… você tem namorada?”

Ele jogou minha bolsa lá dentro e fechou o porta-malas. "É, vou apresentar vocês. Entrem, está congelando."

Fiquei ali parado, estupefato.

Eu não queria entrar. A sensação de luta ou fuga com a qual eu vinha lutando nos últimos três dias se intensificou.

Eu queria me virar e correr de volta para casa — a casa da qual eu também queria fugir. Eu não queria ser levada até o Mike. Eu não queria ficar sentada no banco de trás enquanto o Chris me levava até a cabana, sem poder bolar nenhum plano de como lidar com o que estava acontecendo. E ele tinha namorada?

Por que ele não me contou? Ele estava namorando alguém e nem sequer mencionou isso?

"Você está bem?", perguntou ele, olhando para mim.

Não. Eu definitivamente não estava bem. Tinha uma sensação estranhíssima no peito. Como se estivesse sendo traída.

Este era o nosso momento. Nosso passeio de carro. Como ele pôde convidar outra pessoa para se juntar a nós?

Mas não era nada nosso. Era apenas um passeio.

Não sei porquê, mas essa verdade me atingiu mais profundamente do que o episódio com o Mike. Outra pessoa em quem eu achava que podia confiar e depender me decepcionou e mentiu sobre a verdadeira natureza das coisas.

Eu tinha plena consciência de que essa era uma reação irracional. Chris não era meu namorado, não me devia nada, principalmente explicações sobre com quem estava saindo. Mas mesmo assim me senti traída.

Chris me analisou. "Ei..."

Estava congelando. O vento chicoteava meus cabelos, ardia em minhas bochechas. Hesitei, tentando decidir o que fazer. Minha mala já estava no porta-malas. Woofarine estava no carro. A ideia de voltar para aquela casa com aquele cheiro e o carpete úmido... eu não conseguia. Então, entrei no banco de trás.

Meu cachorro estava sentado no colo da Heather. Ele subiu no console e se atirou em mim assim que entrei. Eu o abracei como se estivesse agarrando um bote salva-vidas.

“Olá, eu sou Heather”, disse a mulher, virando-se para sorrir para mim enquanto Chris entrava no banco do motorista.

“Larissa”, consegui dizer. “Prazer em conhecê-la.”

Não foi nada agradável conhecê-la. Eu não a queria aqui. Eu a odiava, mesmo sem conhecê-la.

Senti náuseas.

Eu nunca tinha tido um ataque de pânico antes, mas senti que ia ter um agora.

Eu contava com a possibilidade de conversar com o Chris durante a viagem para que ele me dissesse o que fazer em relação ao Mike. Agora, não consegui

ter essa conversa. Eu ia aparecer na cabana sem nenhum plano — e nem queria ver o Mike. Amanhã era Natal. Eu deveria… o quê? Fingir que estava tudo bem na frente de todo mundo? Abrir os presentes, tomar chocolate quente e agir como se nada tivesse acontecido?

Chris não pediu para ver minha EpiPen como sempre fazia quando me levava a algum lugar.

Naquele momento, tive vontade de chorar. O fato de Chris não ter verificado meus remédios foi como um golpe fatal. Como se ele tivesse parado de se importar se eu estava bem. E eu não estava bem.

Dirigimos em silêncio por meia hora. Ou melhor, Chris e eu ficamos em silêncio, enquanto Heather falava sem parar.

O carro do Chris tinha o mesmo cheiro de sempre, o cheiro dele, do couro dos bancos e do aromatizador de talco que ele sempre usava quando lavava o carro. Mas eu não conseguia tirar do nariz o cheiro úmido, de xampu, urina e vômito do carpete. Era como a fumaça do cigarro do Phil, um lembrete olfativo de que algo tinha mudado, e não para melhor.

Chris e Heather estavam de mãos dadas entre os assentos. Eu não conseguia desviar o olhar.

“Encontrei um ótimo lugar para almoçar”, disse Chris, olhando para mim pelo retrovisor. “Fica em Duluth. Você pode esperar duas horas para comer?”

“Não estou me sentindo bem”, eu disse.

Heather se virou para me olhar novamente. "Você está bem? Eu sou médica."

Eu ri, na verdade. Bem na cara dela. Ela era bonita, inteligente e médica? Claro que ele namoraria uma mulher mais do nível dele. O que mais eu poderia esperar? Alguém como eu?

"Estou apenas enjoada do carro", eu disse.

“Precisa que eu pare?”, perguntou ele, já diminuindo a velocidade.

“Não. Eu só quero chegar lá.”

"Podemos simplesmente fazer um drive-thru", disse Heather para Chris. "Chegamos lá mais rápido."

Chris ficou em silêncio por um instante. "É isso que você quer fazer?", perguntou, olhando para mim pelo retrovisor.

“Sim”, eu disse, desviando o olhar.

Eu não suportava a ideia de me sentar em frente aos dois em um restaurante.

Isso estava errado. Tudo estava errado.

Eu queria brigar com alguém. Queria ter uma discussão daquelas, aos berros. Mas não com o Mike. Eu queria brigar com o Chris. Queria jogar coisas nele,

exigir uma explicação. Queria um pedido de desculpas, e nem saberia dizer por quê. Eu estava mais chateada com o Chris do que com o meu próprio namorado depois de tudo o que ele fez.

Olhei para Woofarine no meu colo. Ele tinha uma marca de batom rosa na testa.

Senti um frio na barriga.

O cheiro forte de carpete no meu nariz.

De mãos entrelaçadas entre os assentos.

A mala Louis Vuitton dela ao lado da minha velha mochila desbotada no porta-malas.

Pior ainda. A bolsa Louis Vuitton dela no quarto que eles dividiam na cabana.

As paredes eram tão finas…

Afastar o cachorro foi meu, me inclinei para a frente para pegar a garrafa de água do Chris no porta-copos, arranquei a tampa e vomitei.

35

CHRIS

Empurrei a porta da cabana para deixar Larissa e Heather entrarem. Woofarine correu para dentro antes de nós, enquanto sacudíamos a neve dos nossos casacos e os pendurávamos. Então Mike apareceu na esquina e esbarrou na namorada. Ele a abraçou forte e sussurrou no ouvido dela o quanto sentia falta dela, e eu tive que fingir estar muito interessado em tirar as botas para que ninguém percebesse a minha cara.

Eu odiei tudo. Cada segundo daquela viagem de carro. Cada segundo do agora.

Eu não conseguia tirar Larissa da cabeça. Nada melhorava a situação. Nem mesmo ter um encontro. Por mais que eu tentasse me convencer de que estava superando o término, a triste realidade era que eu não estava.

Senti como se tivesse sido roubada — e eu mesma tinha feito isso.

Tudo o que consegui de Larissa foram pequenos momentos roubados. E foram roubados porque, se ela soubesse por que eu os queria, jamais os daria a mim. Aquele passeio de carro foi precioso, e eu o arruinei de propósito. E para quê? Para fingir que Heather era algo mais do que uma substituta?

Senti-me extremamente culpado por tê-la trazido aqui. Perdi o tempo dela, perdi o meu tempo. Soube disso no instante em que Larissa entrou no carro.

Eu estava preocupada com ela. Ela estava doente e eu nem podia ver como ela estava, porque, afinal, por que eu veria? Mike estava aqui. Heather estava aqui.

“Este lugar é tão bonito”, disse Heather, olhando em volta. “Poderia me mostrar tudo?”

"Claro", respondi com a minha melhor voz de quem não estava nada de errado, tentando não olhar para Mike, que estava beijando sua namorada pálida a poucos centímetros de mim.

Becca surgiu do nada vestindo um suéter de rena e um colar de luzes de Natal

piscantes, com meu cachorro pulando aos seus pés. "Ei! Você deve ser a Heather. Chegou na hora certa! A Samantha está fazendo mimosas de cranberry na cozinha. Chris, os rapazes perderam no pedra, papel e tesoura para decidir quem vai limpar a neve do deck para podermos usar a banheira de hidromassagem. O Jesse já está lá fora. Ele disse para vocês virem ajudar."

Mike soltou a namorada para me dar um abraço. "Obrigado por dar uma carona a ela."

"Sim", eu murmurei.

Becca tirou Larissa do saguão às pressas. Tive que engolir o nó na garganta.

Simulei o ritual de mostrar a cabana para Heather, tentando parecer feliz por estar ali. Terminei no nosso quarto. Abri a porta e mostrei para ela do corredor como se fosse um depósito de vassouras onde eu não quisesse entrar.

Ainda não tínhamos transado. Tínhamos saído seis vezes nas últimas duas semanas. Uma espécie de atalho desesperado que eu havia colocado para tentar acelerar a fase de "esquecer a Larissa" que eu tanto esperava alcançar. Eu e a Heather tínhamos nos beijado, mas nunca passamos do primeiro beijo. Eu tinha essa visão de que esta semana seria uma viagem transformadora. Eu veria a Larissa e não sentiria nada. A Heather brilharia mais que ela, eu ficaria apaixonado e tudo estaria como deveria estar.

Eu nem queria estar aqui com ela.

Ela deslizou a mão pelo meu peito. "Quer dar uma escapadinha rapidinho?", sussurrou, olhando para meus lábios.

"Não posso", eu disse, olhando por cima do ombro dela para Larissa, que estava sentada na cozinha no final do corredor. "Tenho que tirar a neve com os homens."

“Vamos lá…” Ela ficou na ponta dos pés e me beijou. Os olhos de Larissa se ergueram por uma fração de segundo e encontraram os meus antes de desviar o olhar. Senti um enjoo.

"Estou com dor de cabeça", eu disse. E nem era mentira.

Heather fez beicinho com o lábio inferior. "Quer um Advil?"

"Não."

Becca me salvou. "Heaattther! Pronta para tomar uns drinques?"

Heather deixou-se levar, e eu peguei minha jaqueta e botas e saí pela porta dos fundos para me juntar aos rapazes sem olhar para Larissa novamente, sentindo vergonha por ter tido vontade de olhar para ela.

“Ali está ele”, disse Jesse, enfiando a pá na neve.

Xavier acenou com a cabeça para mim e continuou a cavar.

O convés estava enterrado. Ótimo. Eu queria trabalhar até a exaustão. Queria estar tão cansado que não conseguisse pensar no que estava sentindo.

Jesse balançou a cabeça. "Conseguimos pelo menos um metro."

“Ótimo, vocês dois filhos da puta precisam fazer exercícios aeróbicos”, disse Mike, me entregando uma pá.

A porta de vidro deslizante se abriu e Larissa colocou a cabeça para fora. "Quem quer chocolate quente?"

Ela olhou para mim primeiro. "Estou bem, obrigada", murmurei.

Mike foi até ela. "Vou querer um toddy quente." Ele se inclinou para dentro da porta aberta, e eu desviei o olhar e tirei a pá da mesa para não ter que vê-los se beijando de novo.

Só me senti segura para levantar a cabeça depois de ouvir a porta fechar e as botas de Mike rangendo na neve enquanto ele voltava.

“E então, como foi a viagem até lá?”, perguntou Mike.

"Tudo bem", menti.

“Vocês chegaram rápido”, disse Jesse.

“Eles não quiseram parar para comer”, eu disse.

Aquilo me destruiu. Eu nem tinha me dado conta do quanto aquela parte da viagem significava para mim até a Larissa dizer que não a queria.

Havia tão poucas coisas que eu podia fazer por ela em público. Eu havia escolhido aquele restaurante para ela como se fosse uma tarefa sagrada, passei dias procurando um lugar para ir. Certifiquei-me de que era seguro, li avaliações, consultei sites sobre alergia a nozes para ver se alguém tinha tido uma experiência ruim lá, liguei antes.

E eu tive que continuar dirigindo, a imagem que eu tinha dela animada para jantar fora porque não precisaria se preocupar com a comida, se desfazendo assim que passamos pela saída.

Samantha abriu a porta de correr. "Ei, vocês podem fazer o caminho até a fogueira?"

“Sim, faremos isso em seguida”, disse Jesse.

“Você pode fazer isso agora?”, ela perguntou. “Queremos fazer uma fogueira antes de entrar na banheira de hidromassagem.”

Mike suspirou dramaticamente. "Certo, vamos nos separar. Jesse, vamos embora."

Eles desceram os degraus em direção ao lago, no quintal. Eu continuei a cavar. Havia um ritmo quase frenético. Eu queria sentir meus músculos queimando e esperava que doesse. Eu merecia.

Z olhou para mim. "Você está bem?"

“Sim. Só quero terminar logo.”

Ele voltou a cavar. "Você está sendo óbvio", disse ele.

Não levantei o olhar. "O quê?", murmurei.

“Você está sendo óbvio”, disse ele novamente, olhando para a neve, mas falando comigo.

Parei e pisquei para ele.

Como não respondi, ele cravou a pá na pilha de neve e fixou os olhos em mim.

Nós nos encaramos e eu soube naquele instante que ele sabia.

Olhei para o quintal e vi Mike e Jesse tirando a neve com a pá.

“Por quanto tempo?”, perguntou ele.

Fiquei ali parada em silêncio. "Não sei", disse eu, com a voz tão baixa que mal conseguia ouvi-la. "Há muito tempo. Acho que senti isso antes mesmo de perceber que sentia."

“E ela?”

Olhei-o nos olhos. "Ela não fez nada. Ela não sente isso por mim. Quer dizer, eu não perguntei a ela. Eu simplesmente sei que não."

Ele não respondeu. Me estudou com aquele olhar inexpressivo que ele tinha. "Isso nunca vai acontecer. Você sabe disso, não é? Não importa se eles terminarem. Mesmo se ele a deixar. Não importa quanto tempo passe. Nunca vai ficar tudo bem."

“Eu sei”, eu disse.

“Isso o mataria.”

“Eu sei”, repeti.

Ficamos ali em silêncio por alguns segundos.

"Como você sabia?", perguntei finalmente.

“Você nunca deve tocá-la.”

Olhei para ele por um instante antes de desviar o olhar.

Não, eu nunca a toquei. Porque eu sabia que tocá-la me causaria uma reação irreparável.

“Você precisa resolver isso”, disse ele. “Pare de sair com ela—”

“Nós compartilhamos um cachorro—”

"Dê um jeito", ele repetiu. "Vai ficar ainda mais difícil quanto mais tempo você passar com ela."

Engoli em seco. "Eu sei."

Mas algo me dizia que ia ficar mais difícil de qualquer maneira. Não

importava o que eu fizesse.

36

LARISSA

Amor, está tudo bem entre nós?

Mike me encurralou no nosso quarto. Já era quase hora do jantar. De alguma forma, eu tinha conseguido evitá-lo durante a maior parte das últimas seis horas.

Ele estava me olhando agora, parado em frente à cama, com uma expressão preocupada.

Fiquei pensando se valeria a pena tentar discutir isso. Quanto ele já tinha bebido hoje? Quatro drinques desde que cheguei. Pelo menos, foi o que eu vi.

Eu era o tipo de pessoa que contava as bebidas naquela época.

Eu me sentia completamente esgotada. Como se tivesse envelhecido dez anos nos últimos três dias, e cinco deles tivessem sido na viagem de carro até lá.

"Você está brava comigo?", ele perguntou. "Você está meio estranha."

"Mike, você realmente não se lembra da outra noite, antes de vir para a cabana?", perguntei.

Ele me lançou um olhar inquisitivo.

“Cheguei em casa e você estava bêbado. Você desmaiou. Você…” Precisei me recompor para lhe dizer isso. “Você fez xixi no chão todo. E dormiu nele.”

Observei a transformação em seu rosto. A cor subindo por suas bochechas.

"Você se lembra de ter comprado a garrafa de vodca?", perguntei.

Ele assentiu lentamente. "Eu me lembro", disse ele em voz baixa.

Ele ficou me encarando por um longo segundo. Depois se virou e sentou na cama.

"Mike, eu não vou ficar com alguém que faz isso", eu disse olhando para as costas dele. "Não posso."

"Eu sei." Ele encarou um apanhador de sonhos de crochê na parede. "Desculpe. Nem sei o que dizer. Simplesmente me escapou."

"Como você escapou de mim? Estava sozinha em casa, bebendo sozinha?

Quer dizer, eu entenderia se estivesse numa festa ou algo assim, mas... sozinha?"

Ele não respondeu.

"Você... você faz isso com frequência?", perguntei.

Ele soltou um suspiro. "Às vezes."

Envolvi-me em meus braços. "Há quanto tempo isso vem acontecendo?"

Ele fez uma pausa. "Intermitentemente, durante alguns anos."

Meus braços caíram. "Por quê?"

"Não sei", disse ele. "Ajuda."

“Ajuda em quê?”

“Tudo? Dormir. Conversar. Ser eu mesma.”

Eu não respondi.

“Você não merecia isso. Estou envergonhado e peço desculpas”, disse ele. “Não vai acontecer de novo.”

Como não respondi, ele se virou para me olhar.

Lambi os lábios. "Você é alcoólatra, Mike?"

“O quê? Amor, não!”

“Você disse que estava com enxaqueca quando saiu. Quando você me diz que está com enxaqueca, é mesmo enxaqueca? Não minta para mim.”

Mas ele não precisava. Eu podia ver a resposta em seu rosto.

A verdade veio à tona como vinho tinto num tapete branco.

Quantas vezes nos últimos dez meses ele bebeu tanto a ponto de ficar incapacitado?

Isso vinha acontecendo desde o começo — no dia em que minha mãe foi para o hospital, no dia em que me perdi no parque com o Chris, em todas as vezes que ele não atendeu o telefone de manhã. Enquanto o Chris estava lá fora, limpando a neve do meu carro — era isso? Ele estava de ressaca?

Fiquei horrorizada. Senti-me enganada. Mentiram-me por omissão. E o Mike tinha mentido, na minha cara.

Ele mentiu da mesma forma que o pai mentia.

“Mike, acho que não consigo fazer isso com você…”

O pânico estampou-se em seu rosto. "Amor, o quê... Não! Só me dê uma chance de consertar isso..."

"Não posso."

“Você vai terminar comigo? Por causa disso? Posso parar quando quiser. Não é nada demais. Eu errei, admito. Nunca mais vai acontecer—”

"Você mentiu para mim", eu disse. "E se não fosse nada demais, você não teria escondido. Você tem um problema, Mike."

“Não. Posso parar quando quiser. Você já me viu fazer isso. Por favor”, implorou ele. “Só não vá embora.”

Ele se irritou com a última palavra.

Eu nunca o tinha visto chorar. Nunca o tinha visto quebrar sua fachada feliz e encantadora. Uma pequena parte de mim se despedaçou.

Coloquei o rosto entre as mãos. "Você sabe com o que eu cresci", sussurrei.

"Eu sei."

“Não consigo lidar com o segredo e a autodestruição. Não consigo.”

“Larissa, deixa que eu conserto. Eu consigo consertar.”

Olhei para ele, cansada. "Como assim? Sinto que nem te conheço—"

“Eu errei. Eu só estava tentando lidar com as coisas sozinha. Eu fico pensando demais. Eu estava ansiosa com a sua mudança para cá—”

“Então por que você me perguntou?!”

“Não é isso”, disse ele. “Eu quero que você fique comigo. É como se… é como se eu tivesse tanto medo de que você simplesmente fosse embora—”

Levantei as mãos. "Por que eu iria embora?"

“Porque eu não sou bom o suficiente para você!” Ele me olhou com lágrimas nos olhos. “Eu não tenho nada. Mal tenho um emprego, não sou inteligente como os outros caras. Meu cérebro não para de pensar, estou tentando ler este livro para você e não consigo prestar atenção. Estou tentando e não consigo…”

"Microfone…"

“Você tem todas essas ideias e eu sei que você vai ser alguém e eu não, e você vai me deixar.”

“Você tem o Tony! Você é encanador, Mike. Como assim você mal tem emprego?”

Ele não respondeu.

Meu rosto se fechou. "Você não vai trabalhar para ele, vai?"

Silêncio.

"Você me fez acreditar nisso, mas você nunca foi", sussurrei.

O olhar sofrido que ele me lançou foi a resposta.

Eu me senti mal.

Alguém bateu na porta. Era Samantha.

“Larissa? Vamos entrar na banheira de hidromassagem.”

"Estou indo. Encontro você lá", gritei, tentando não deixar que ela percebesse a falha na minha voz.

Os olhos de Mike examinaram meu rosto, e eu desviei o olhar dele.

"O Chris sabia que você estava bebendo?" Quase tive medo de perguntar.

“Não”, disse ele.

"Tem certeza?", perguntei, voltando-me para ele.

“Talvez um pouco. Não tudo. Por favor. Não termine comigo.”

“Preciso pensar, Mike.”

“Por quanto tempo?”

"Não sei."

Eu não tinha mais para onde ir. Eu estava morando com esse homem.

Eu nem sequer tinha a segurança da minha própria casa para me distanciar um pouco de nós, pensar com clareza e tomar uma decisão racional sobre o que fazer em seguida. Eu estava presa.

Como foi que eu cheguei a essa situação? Jurei que nunca seria essa mulher. Eu já deveria ter aprendido a reconhecer os sinais, mas não aprendi, e essa foi a realidade mais difícil de todas: eu não conseguia confiar nem no meu próprio julgamento, meus instintos estavam tão falhos apesar de todas as minhas experiências com homens como esse.

Homens que estavam se afogando e se recusavam a chutar.

Peguei meu maiô, dei a volta nele e fui embora.

37

CHRIS

Mike não tinha limpado a despensa. De novo.

As mulheres estavam todas na banheira de hidromassagem. Os rapazes estavam na sala de estar bebendo perto da lareira e eu aproveitei a cozinha vazia para me certificar de que Mike tinha jogado as nozes fora. Ele não tinha.

Eu me sentia tão cansada. Exausta até os ossos.

Peguei uma caixa de barras de proteína Clif com manteiga de amendoim e joguei no lixo. Depois, verifiquei a geladeira e o freezer. Troquei a esponja. Estava limpando a bancada quando Mike chegou por trás de mim. "E aí?"

"O quê?", respondi secamente, sem me virar.

Você tem um minutinho? Quero te mostrar uma coisa.

Senti um frio na barriga ao ouvir o tom conspiratório da sua voz.

Talvez ele fosse pedir a Larissa em casamento. Talvez ele quisesse que eu visse o anel. Íamos passar o Ano Novo aqui, então fazia sentido. Estava todo mundo aqui, as pessoas ficam noivas durante as festas de fim de ano.

Eu não queria ver o anel. Eu não queria ir à festa de noivado. Eu não queria participar do casamento.

A ideia me deixou fisicamente enjoado.

O ódio que eu sentia por mim mesma por me sentir assim estava me consumindo. Eu me odiava. E uma pequena parte de mim o odiava também.

Segui Mike até seu quarto, preparada para a notícia. Mas quando chegamos lá, ele fechou a porta e tirou um presente de Natal.

Soltei um suspiro silencioso de alívio.

“Queria te mostrar o que comprei para a Larissa”, disse ele. “Sabe como ela adora comida? Tipo, coisas especiais? Comprei esses biscoitos franceses para ela.”

Ele abriu a parte superior de uma caixa rosa. Dentro havia um pacote transparente embrulhado com um laço vermelho, contendo duas dúzias de

biscoitos recheados com as cores do arco-íris.

"Mandei entregar", disse ele, orgulhoso. "Foi caríssimo. O que você acha? Bom, né? Ela vai adorar?"

Pisquei. "Mike..." eu disse. "Isso tem nozes dentro."

Ele pareceu confuso. "Não, não têm. São de limão, baunilha e outras coisas. Não comprei nada com nozes."

“Estes são macarons parisienses. São feitos com farinha de amêndoa.”

Seu semblante se fechou.

Algo se agitou dentro de mim. Uma pequena faísca de raiva.

Dez meses. Eles namoravam há dez meses. Moravam juntos e ele ainda não sabia como parar de comprar coisas com nozes para ela?

Senti meu maxilar ficar tenso.

“Você precisa perguntar”, eu disse, tentando manter o tom de voz calmo. “Você pergunta especificamente, sempre que recebe a comida dela. Você pede para falar com o gerente para que ele verifique novamente.”

“Eu sei, cara. Mas olha só pra eles. Eles não parecem... Droga.” Ele fechou a tampa da caixa com força e a jogou na cômoda. Colocou as mãos na cabeça. “O que eu vou fazer? Essa merda é para amanhã de manhã. Não consigo comprar nada até amanhã. Nada está aberto.”

Olhei para o meu relógio. Eram quase 19h na véspera de Natal. Estávamos na zona rural do norte de Minnesota. Não tínhamos uma grande loja de departamentos, nada.

"Eu sou tão idiota", disse ele baixinho. "Tão idiota." Ele apertou os cabelos. "A gente não está bem agora."

Franzi a testa. "O que você quer dizer?"

Ele parecia arrasado. "Ela está brava comigo. É uma bobagem. Eu só... não posso estragar tudo."

“Por que ela está brava com você?”

“Eu estraguei o tapete”, disse ele.

"Como?"

“Foi um acidente.”

Esperei, mas ele não disse mais nada.

Isso não parecia ser a cara da Larissa. Ela não se irritava com acidentes.

Me dei conta de que, se eu não tivesse trazido a Heather, já saberia dessa história. Mais uma coisa para me arrepender.

“Vá dar uma volta de carro”, eu disse. “Veja o que está aberto.”

"Não posso ir embora. Ela vai saber o que estou fazendo. Ela vai pensar que

eu esqueci de comprar um presente de Natal para ela e agora sou aquele cara que sai correndo de última hora para comprar alguma coisa."

"Eu vou com você. Só diga a ela que preciso ir às compras", eu disse.

“Ela vai querer vir.”

“Talvez não. Ela está saindo com a Becca e a Samantha.”

“Mas e se ela fizer isso?”

Fechei os olhos com força.

Então agora ela não teria nada para abrir. Todos os outros receberiam seus presentes, menos ela.

"Tudo bem. Vou sozinha", eu disse. "Vou ver o que consigo encontrar."

Ele me lançou um olhar de gratidão. "Valeu, cara. Você me salvou."

Assenti com a cabeça para a caixa. "Dê isso para a Donna quando você chegar em casa. Não deixe ninguém pegar aqui. Vai ficar tudo cheio de farelos de amêndoa."

Ele assentiu. "Certo. Boa ideia. Sério, obrigado."

"Sim."

Saí sorrateiramente pelos fundos para que ninguém me perguntasse aonde eu ia e ninguém visse meu rosto, porque eu tinha quase certeza de que estava prestes a ter um ataque de pânico. Entrei no carro, dei ré até o final da entrada, parei no acostamento da rodovia e estacionei.

Minha respiração estava ficando superficial, então entreabri a janela e arranquei o cinto de segurança, ofegante.

Ele não a protegeu.

Ela estava em perigo com ele, seu namorado, por causa da própria imprudência dele.

E se ela não soubesse que os macarons eram feitos com farinha de amêndoa? Ela sempre foi muito cuidadosa em verificar, mas e se ela confiasse que Mike tinha verificado e comesse um?

Ele poderia tê-la matado.

Com ou sem EpiPen, ainda assim poderia matá-la.

Eu não tinha verificado a EpiPen dela. Será que ela sequer a tinha? E o Benadryl? Eu vinha tentando estabelecer limites melhores para mim mesma em relação a ela, e agora tudo o que eu me perguntava era se a caneta estava vencida ou se ela a tinha esquecido em casa. Estávamos no meio do nada. Era mais de uma hora até o hospital. Quanta estupidez eu tinha que ter para—

Curvei-me e tentei acalmar a respiração.

Se tivesse sido a Becca, se a alergia fosse dela e o Jesse tivesse feito isso, eu

teria ficado decepcionada. Teria balançado a cabeça e dito para ele ter mais cuidado. Mas não teria sentido o medo desenfreado e a raiva fervilhante que senti quando foi a Larissa.

Quando era a Larissa, algo primitivo dentro de mim aflorava.

Eu não tinha controle nenhum sobre o que sentia. Nenhum.

O amor se sustenta por si só. Ele não enfraquece nem morre quando você não o alimenta. Mesmo quando o guardei, o tranquei, o fechei nos recônditos mais profundos do meu coração, eu ainda o amava na escuridão. Eu podia amá-lo à distância. Eu podia amá-lo em silêncio. Eu podia amá-lo sem nem mesmo querer.

E eu fiz.

Eu passaria a minha existência nutrindo em silêncio uma paixão por uma mulher que eu nunca teria. Alguém que eu nunca beijaria ou sequer daria as mãos. Essa era a minha maldição. O futuro ao qual eu estava condenado. Nunca ser verdadeiramente feliz — ou ser feliz por ele. Porque ele não a merecia.

Saí do carro às pressas, apoiando-me nos joelhos para tentar recuperar o fôlego.

O ar frio açoita meu rosto e faz as lágrimas brotarem dos meus olhos, e durante todo o tempo, tudo em que eu conseguia pensar, além do cenário apocalíptico de ela se machucar, era que amanhã era Natal e ela não teria nada para abrir se eu não me organizasse e fosse ver o que estava acontecendo.

Foi isso que finalmente me fez mudar de ideia.

Após alguns minutos respirando fundo, entrei no carro. Liguei o motor e dirigi por toda a pequena cidade.

Finalmente, encontrei uma loja de ferragens com um viveiro de plantas que ainda estava aberto. Na seção de jardinagem interna, encontrei um vaso hidropônico para ervas e tomates-cereja. Ela gostava de cozinhar. Usava manjericão e endro nas tábuas de frios. Eu sabia que ela ia gostar.

Eu comprei. Peguei papel de embrulho num posto de gasolina. Contrabandeei para a cabana e embrulhei eu mesma, já que quando voltei o Mike já estava na banheira de hidromassagem com todo mundo. Eu não fui com eles.

Eu estava o mimando. Eu sabia que estava, e agora conseguia aceitar isso. Não estava ajudando em nada, não estava mudando o comportamento dele. Eu não fazia nada além de limpar a bagunça que ele fazia, e eu não sabia como ia parar, porque parar significava deixá-la se machucar, e eu não conseguia me obrigar a deixar isso acontecer.

Eu teria que me mudar. Sair de Minnesota para não saber o que estava

acontecendo, porque se eu soubesse, não suportaria. Não suportaria nada disso — nem estar aqui assistindo, nem estar aqui de jeito nenhum.

Fui para a cama sem contar a ninguém. Não conseguia encarar Heather depois de ter feito ela perder tempo, nem Xavier, que sabia do meu segredo mais profundo, mas acima de tudo, não conseguia encarar Mike e Larissa.

Ou o pensamento de que eu estava falhando com ambos.

38

LARISSA

"O Mike é um amor", disse Heather, enquanto secava uma assadeira. "Adorei o vaso de plantas que ele te deu."

"Sim", eu disse, sem olhar para ela enquanto limpava a bancada.

Tínhamos passado o dia inteiro na cabana. Era Natal. Tínhamos aberto os presentes uma hora antes, os rapazes tinham preparado o café da manhã e estávamos arrumando tudo.

Os homens estavam lá fora preparando as motos de neve. Eles iam sair para andar de moto de neve em meia hora, e o resto de nós ia ficar para trás fazendo quebra-cabeças ou algo assim. Eu não ligava. Queria ir embora. Se eu tivesse meu próprio carro, já teria ido ontem. Eu até pagaria um carro de aplicativo se tivesse motorista por aqui.

Eu mal tinha falado com o Mike desde ontem à noite, o que era difícil porque estávamos dividindo o quarto. Nós dois estávamos fingindo que estava tudo bem na frente de todo mundo. Eu abri o presente que ele me deu e consegui sorrir e parecer que nada estava errado. E, para ser sincera, eu adorei o vaso de plantas.

Às vezes, parecia que eu estava namorando duas pessoas diferentes.

Não conseguia conciliar o homem que estava completamente bêbado na própria urina há alguns dias com a pessoa que sempre me dava presentes atenciosos.

Mike não tinha bebido nada desde que conversamos. Ele recusou gemada na noite anterior e mimosas no café da manhã.

Eu não fiz isso.

Pela primeira vez, eu queria ser a pessoa que ficaria bêbada o dia todo. Estava tão cansada de sempre ter que estar no controle. Nunca conseguia descansar a mente. Não conseguia me desligar mentalmente. Queria ficar bêbada até ficar completamente inútil. Bebi tudo o que me ofereceram ontem à noite até cambalear até a cama.

Me arrependi completamente. Me senti péssimo quando acordei hoje de manhã. Não sei como o Mike — ou qualquer outra pessoa — consegue fazer isso com frequência.

Chris entrou vindo do terraço dos fundos. Woofarine pulou do chão, perto dos meus pés, e começou a pular nos meus tornozelos.

“Estamos prestes a decolar”, disse ele, pendurando o casaco.

Heather largou o pano de secar roupa para ir até ele e lhe deu um beijo rápido.

Talvez fosse a ressaca, mas eu me senti um pouco enjoado.

Pedi licença para ir ao banheiro. Mas não fui ao banheiro. Fui até a sala e fechei a porta.

Eu só precisava ficar sozinha. Não devia ter vindo para a cabana. No instante em que vi Heather no carro, devia ter dado meia-volta e voltado para dentro.

Eu deveria ter feito muitas coisas.

Morar com qualquer pessoa, menos com um homem com quem eu namorava há menos de um ano. Eu deveria ter protegido meu crédito quando meu pai roubou a identidade da minha mãe.

Eu deveria ter pegado uma carona com o Chris depois do show, em vez de com o Mike.

Sentei-me no sofá de couro marrom e coloquei o rosto entre as mãos.

Eu não sabia o que fazer. Mike era uma boa pessoa, e eu me importava com ele, mas eu não tinha vocação para isso. Eu não seria como a minha mãe, um lar adotivo para homens problemáticos. Eu não queria consertar ninguém. Eu não queria alguém que precisasse de conserto, eu queria alguém que quisesse se consertar, e não porque eu o pressionasse.

Para onde eu iria agora?

Mamãe estava em Dakota do Sul com o Phil. Lexi ajudou a irmã com as contas, então não pôde se mudar para o meu apartamento. Já éramos seis pessoas morando em um apartamento de dois quartos. Eu não podia nem pedir para dormir no sofá enquanto procurava um colega de quarto que relevasse meu histórico de crédito.

Eu poderia alugar um quarto em um motel barato para estadias prolongadas.

Foi onde moramos depois que papai perdeu a casa. Ficamos pulando de um lugar horrível para outro, dois anos sem endereço fixo, recebendo correspondência em uma caixa postal, pagando mais por aquele quarto do que pagaríamos por um apartamento inteiro, mas sem escolha por causa do crédito ruim, da falta de poupança e da falta de renda.

Eu tinha voltado no tempo.

Eu finalmente consegui reverter a minha situação. E o que aconteceria com as minhas amizades agora? Com a Becca? Com a Samantha?

Chris…

Eu gostaria de pensar que as coisas com o Chris não mudariam depois disso, mas, sendo realista, eu sabia que mudariam. Ele era o melhor amigo do meu namorado, as coisas nunca mais seriam as mesmas. Seria estranho se continuássemos amigos sem o Mike. E que desculpa haveria para sair comigo, afinal? Não teríamos mais nossas viagens de carro até a cabana. Não teríamos mais os churrascos, as festas de aniversário e as viagens que todos faziam juntos. Teríamos o Woofarine, mas isso provavelmente também acabaria. Eu nem tinha para onde ir, como eu poderia ter um cachorro? Se eu me mudasse para Dakota do Sul, o que provavelmente teria que fazer, nunca mais veria nenhum dos dois.

Não compartilharíamos mais livros.

Nós jamais daríamos uma nota ao pão.

A última vez que ele verificou minha EpiPen foi a última vez.

E foi isso que finalmente me destruiu. Eu ia perder o Chris. E de alguma forma isso era pior do que tudo. Foi isso que finalmente me fez chorar. Coloquei o rosto entre as mãos e desabei em lágrimas.

Eu queria falar com ele. Sentia que ele podia resolver isso ou me fazer sentir melhor por saber que não tinha solução. Gritei o nome dele na minha cabeça. Eu o queria ali, naquela sala, para me dizer como lidar com o Mike. Eu odiava não tê-lo visto em um mês, não termos dado nossa carona e ele ter uma namorada sobre a qual não me contou nada — e que eu gostava dela. Ela era ótima, na verdade. E isso me fez chorar ainda mais, sem nem saber por quê, porque ele merecia alguém maravilhoso. Eu queria isso para ele.

Então por que doeu tanto?

A porta se abriu e minha cabeça ergueu-se bruscamente. Chris espiou para dentro.

Você me ligou?

Encarei-o por um segundo. Apenas piscando em meio às lágrimas.

“Achei que tinha ouvido você me chamar”, disse ele. “Você está bem?”

Soltei um suspiro trêmulo e balancei a cabeça negativamente. "Não."

Ele entrou e fechou a porta de correr. "O que está acontecendo?"

Limpei a região abaixo dos olhos. "Nada. Como você sabia que eu estava aqui?"

“Vínculo traumático?”

Ele conseguiu me fazer rir.

Ele me entregou alguns lenços de papel, sentou-se no sofá ao meu lado e inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. Parecia cansado.

Eu também.

Senti uma vontade enorme de encostar a cabeça no ombro dele. Queria que ele me abraçasse. Queria fechar os olhos, sentir o seu cheiro e me sentir segura, como sempre me sentia com ele.

Percebi que Mike não me fazia sentir segura. Não que me fizesse sentir insegura, mas eu nunca conseguia desligar meu cérebro com ele como conseguia com Chris. Quando Chris dirigia, eu podia tirar um cochilo ou mexer no celular. Não precisava ficar de olho na estrada. Quando Chris dizia que ia dirigir, eu não precisava ficar de olho para ver o quanto ele tinha bebido. Não precisava largar minha bebida caso precisasse assumir o volante. Eu sabia que haveria um lugar seguro para comer no caminho e que o carro seria tranquilo e silencioso.

Talvez o paraíso fosse apenas uma viagem infinita de carro com o Chris. Ele ao volante. Nós deixando tudo e todos para trás. Woofarine no meu colo, Minnesota no retrovisor. Recomeçando. Voltando.

Escolher certo.

Mas não há como voltar atrás. Você só pode parar de cometer os mesmos erros.

Ficamos sentadas em silêncio enquanto eu enxugava as lágrimas. "A Heather é legal", eu disse, fungando.

Ele grunhiu em resposta.

"Ela não é legal?", perguntei.

“Ela é. Só não acho que vá dar certo.”

“Então por que você a trouxe aqui?”

Ele zombou. "Não sei. Não sei por que ainda faço alguma coisa." Ele olhou para mim. "Posso lhe oferecer algo?"

Balancei a cabeça negativamente. "Não."

“Como posso melhorar isso?”

“É melhor só com você aqui”, eu disse.

Ele me analisou como se estivesse tentando descobrir se eu estava mentindo. Eu não estava.

"Comprei Dramamine para você usar na viagem de volta", disse ele.

"Eu odeio Dramamine."

"Bem, eu detesto que você tenha vomitado. Então... Não causa sonolência."

Revirei os olhos. "Você vomita no carro de um cara uma vez—"

“Tecnicamente, você não vomitou no meu carro. Você vomitou na minha garrafa de água. Você me deve uma nova.”

Eu tossi, rindo, e ele esboçou um sorriso.

Ele me obrigava a tomar Dramamine.

Eu adorava que ele não me deixasse fazer o que eu queria. Não, eu não posso dirigir. Não, eu não posso pagar. Não, eu não vou te deixar na sala de espera do hospital enquanto sua mãe está na cirurgia.

Mike nunca me disse não. De repente, isso me pareceu um sinal de alerta. Algum impulso de agradar aos outros que o impedia de me dizer o que realmente pensava ou quem ele realmente era.

Só agora me dei conta de que a confiança dele era falsa. Por baixo da bravata, Mike era frágil e inseguro — e tudo bem. Ser vulnerável é normal. Mas ele nunca se mostrou vulnerável na minha frente como deveria. Nunca me permitiu ajudá-lo ou compreendê-lo. Esquivava-se das minhas perguntas e fingia não saber quem era e do que precisava.

Não admira que eu nunca tenha tido certeza sobre ele. Eu nem o conhecia.

Talvez nem ele mesmo soubesse.

Chris olhou fixamente para a estante de jogos que ia do chão ao teto. "A gente assistia a filmes aqui quando era criança", disse ele distraidamente. "Os adultos ficavam com a sala de estar. Quando eu comecei a vir aqui, só tinha fita VHS e dois filmes: Faces of Death e Anne of Green Gables."

“Que seleção e tanto…” eu disse.

“Sim. Aí a gente pegou um tabuleiro Ouija e invocou demônios no quarto do Mike.”

“Ah.” Olhei para ele. “Então este lugar foi a cena do crime, hein? O ataque do cervo que resultou em um transtorno de estresse pós-traumático para o resto da vida?”

Ele soltou um suspiro. "Você pensaria que eu já teria superado isso."

“O tempo muda as coisas, mas não muda as pessoas. As pessoas é que têm de mudar a si mesmas.”

Ficamos sentados em silêncio.

“Faz tempo que não te vejo”, eu disse.

Ele assentiu com a cabeça, mas não olhou para mim. "Você ainda está fazendo as compras misteriosas?"

“Não, estou muito ocupada com as tábuas de petiscos”, respondi. “E você? O que tem feito?”

“Nada”, disse ele. “Eu trabalho. Leio.”

A coisa da leitura doeu.

Sempre compartilhávamos o que líamos. Líamos tudo juntos. E agora ele estava lendo sem mim? Acho que simplesmente pensei que, se não estivéssemos lendo juntos, essa parte da vida dele deixaria de existir. Mas não deixou. Aparentemente, ele não precisava de mim para nada. Nem para isso.

Ele pigarreou. "Tinha um livro que eu acho que você ia gostar—"

"Não", interrompi-o.

Ele parecia perplexo. "Não?"

“Não quero nem ouvir falar disso.”

Ele piscou para mim. "Por quê?"

“Simplesmente não.”

Seu semblante se fechou. Ele parecia ferido. Eu não me importei. Ele me feriu primeiro.

Saber que ele estava lendo coisas sem mim me fez sentir como se tivesse sido traída. Ele havia perdido o privilégio de discutir livros comigo. Pelo menos aqueles livros.

"Você está me castigando?", brincou ele.

"Isso seria um castigo para você?", perguntei.

Ele me analisou. "Sim. Seria."

“Então, sim, eu sou.”

Senti um estalo de… alguma coisa. Tensão.

Essa foi a situação mais próxima de uma desavença que já tivemos. Não uma daquelas pequenas discussões que às vezes tínhamos, mas uma desavença de verdade.

Bom.

Eu queria brigar com ele.

Eu queria acusá-lo de tudo aquilo que eu guardava contra ele e fazê-lo se defender e explicar. Exigir que me dissesse por que de repente estava doente demais para ir às compras comigo. Fazê-lo admitir que me ignorou no último mês, enquanto, ao mesmo tempo, pensava em mim o suficiente para dirigir até meu apartamento e limpar a neve do meu carro. Eu queria colocar provas diante dele e desafiá-lo a negar, cutucá-lo até que não pudesse mais mentir para mim.

"Você limpou a neve do meu carro?", perguntei.

Ele olhou para mim sem expressão.

"Você fez isso?", perguntei novamente. "E se fez, por que fez? E por que não me contou?"

Eu o observei engolir em seco. Depois, ele olhou novamente para a estante de

livros.

"Não posso", disse ele em voz baixa.

"Você não pode o quê?", perguntei, apontando para o lado do rosto dele.

Ele ficou em silêncio por um longo momento.

“Você me deve duas verdades e uma mentira”, eu disse.

Ele olhou para mim.

“Desde aquele dia no parque”, eu disse, “você nunca me deu o seu.”

Ele olhou para mim, com os olhos tristes. "E eu nunca vou conseguir."

Nós nos entreolhamos e juro que os olhos dele se fixaram nos meus lábios.

Por que?

Por que eu não o escolhi quando podia? O que havia em Mike que ofuscava Chris? Porque agora eu simplesmente não conseguia entender.

"Você já parou para pensar por que nos sentimos atraídos pelas pessoas que nos atraem?", eu disse baixinho.

“Às vezes”, disse ele. “Às vezes é simplesmente química e não dá para explicar de jeito nenhum.”

“Você não consegue explicar química?”

“Na verdade, não. O problema com a química é que simplesmente não sabemos muita coisa.”

“Como isso é possível?”

Ele olhou fixamente para a estante de livros. “Temos teorias, mas muito poucas coisas foram comprovadas. Sabemos que as coisas ‘são’, mas não sabemos realmente por quê. Sabemos que os opostos se atraem — prótons atraem elétrons — mas não sabemos a razão. A maior parte da química se baseia em evidências e dados sólidos, não em provas. Temos algumas regras gerais, mas”—ele deu de ombros—“esse é o problema da química.” Ele olhou para mim. “Você não pode explicá-la. Ela simplesmente é.”

É simplesmente assim…

Mesmo que você preferisse que não fosse assim.

Nossos olhares se cruzaram. Observei seu belo rosto. O jeito suave como seus olhos me percorriam. O arco do cupido no lábio superior. Como seu cabelo estava sempre bagunçado o suficiente para parecer que ele não tinha feito nada com ele, embora eu soubesse que sim.

Mas a coisa mais linda de todas era o seu coração. Ele era uma boa pessoa. Gentil. Atencioso. Delicado.

E não é meu.

Ele não me pertencia. Nunca pertenceria.

Levantei-me sem dizer mais nada e o deixei sentado ali.

Fui para o meu quarto. Estava fugindo dos dois. Mas quando abri a porta, Mike estava sentado na cama. Ele estava com a calça de neve, o capacete ao lado dele, em cima do edredom. Ele se levantou quando me viu. "Amor..."

“Mike, não quero conversar agora.” Passei por ele na ponta dos pés e fui para o banheiro.

Ele me seguiu. "Larissa, por favor."

Me virei para ele. "Por favor, o quê? O que foi, Mike?" Balancei a cabeça negativamente. "Você não pode me dar nem vinte e quatro horas?"

“Só preciso saber—”

“Precisa saber o quê?”

“Se você vai ficar, eu não consigo... não aguento mais ficar sem saber. Por favor, me diga logo. Isso está me matando e eu não aguento mais.”

Seus olhos me imploravam.

Eu não queria fazer isso. Não aqui. Não agora. Não presa nesta cabana, não com Chris e Heather se beijando na cozinha e fazendo coisas no quarto deles — e por que diabos isso importava?

Mas aconteceu.

Talvez Mike não fosse o único a mentir para si mesmo. Talvez eu também estivesse fazendo isso. E eu não queria mais fazer isso, não queria mais nada disso.

Balancei a cabeça negativamente. "Não, Mike. Eu não vou ficar."

Eu o vi definhar. Aquele homem alto, forte e viril murchou diante de mim.

“Larissa, eu posso mudar…”

“Ótimo”, eu disse. “Então troque de lugar com outra pessoa.”

39

CHRIS

"Espere, calma, o que você quer dizer?", eu disse.

Tínhamos passado duas horas andando de moto de neve e finalmente chegamos ao bar. Mike estava quieto quando saímos, não tinha dito uma palavra durante o passeio, e agora estava andando de um lado para o outro em frente ao banheiro masculino, nos contando que Larissa tinha terminado com ele.

"Terminei com você? Por quê?", perguntou Jesse.

Mike parecia abatido. Ele não respondeu.

"Diga-me apenas o que aconteceu", eu disse.

"Cara, vocês estavam morando juntos há literalmente cinco segundos. Como vocês conseguiram estragar tudo tão rápido?", disse Jesse.

Xavier olhou para mim de relance, com uma expressão indecifrável no rosto.

"Quando isso aconteceu?", perguntei.

“Pouco antes de partirmos”, disse Mike.

Balancei a cabeça negativamente. "Mas por quê?"

Ele passou os dedos pelos cabelos e os apertou. "Não quero falar sobre isso."

"Talvez ela te aceite de volta?", disse Jesse. "Só peça desculpas."

"Eu fiz. Acabou." Mike esfregou as mãos no rosto. "Ela terminou comigo, cara."

Todos nós trocamos olhares enquanto Mike permanecia de pé com as palmas das mãos sobre os olhos.

"Quero uma bebida", disse ele.

“Não acho que seja a melhor ideia”, disse Xavier.

"Eu também não. Estamos em motos de neve", eu disse.

Ele tirou as mãos do rosto. "Que se dane. Não me importo." Então se virou para o bar.

"Toma só uma cerveja!" Jesse gritou atrás dele. Mike o ignorou.

“Caramba, o cara está um desastre”, disse ele, observando-o partir. “Eu dirijo.

De qualquer forma, vamos em dupla.”

Apertei a ponte do meu nariz. Que diabos estava acontecendo?

Larissa estava chorando, Mike disse que eles estavam brigando, e agora terminaram? Olhei com cansaço para o bar decadente.

“Vamos até lá. Ele não precisa ficar bêbado agora”, eu disse.

Chegamos ao bar bem na hora em que o Mike estava tomando um shot.

“Está bem, chega”, eu disse.

"Vai se foder", ele murmurou.

"Ei..." disse Xavier, lançando-lhe um olhar de desaprovação.

Mike ignorou. "Me dá outro", disse ele, batendo no balcão.

“NÃO”, dissemos nós três em uníssono.

“Vocês não são minhas babás, porra”, disse Mike. “Mais uma.”

O barman olhou para nós, depois para o Mike. Em seguida, encheu o copo de dose novamente. Mike virou o copo de uma vez e se levantou.

"Quero jogar dardos", disse ele, empurrando o balcão. "Quem quer jogar dardos comigo?", perguntou, elevando a voz para a sala cheia de estranhos. Ninguém respondeu, então ele foi até lá e começou a jogar sozinho.

"Por que estou pensando que ele não deveria estar atirando objetos cortantes agora?", perguntou Jesse.

“Precisamos levá-lo de volta para a cabana”, disse Xavier, em voz baixa.

"Com a Larissa lá?" perguntou Jesse. "Não."

"Talvez eu devesse levá-la para casa?", eu disse.

“Provavelmente não é uma má ideia”, disse Xavier.

Mas tirar o Mike do bar estava fora de questão. Ele se recusava a sair. Passamos as duas horas seguintes tentando controlá-lo como se fosse uma criança mimada. Ele pulava do jogo de dardos para a mesa de bilhar, interrompendo em voz alta as conversas de estranhos, até que nós três estávamos exaustos.

Ele pediu doses de bebida alcoólica apesar dos nossos protestos, até que ficou tão insuportável que o barman o interrompeu, o que piorou ainda mais a situação. Quando ele mandou o barman se foder, finalmente fomos expulsos. Depois, tivemos que dar um jeito de levá-lo para casa.

Estávamos no interior de Minnesota, num barzinho escondido, no Natal. Uma das mulheres tinha levado uma hora para nos buscar de carro, mas todas tinham bebido quando saímos — exceto a Larissa, que estava fora de cogitação por motivos óbvios. Então, fomos de moto de neve. Nós três tivemos que vestir o Mike com as roupas de neve como se ele fosse uma criança, para garantir que ele

não congelasse na volta, e o colocamos na moto de neve do Jesse, agradecidos por ele estar pelo menos lúcido o suficiente para se segurar.

Esperava que as duas horas de caminhada na trilha, com pausas frequentes para água e xixi, o deixassem sóbrio o suficiente para que pudéssemos nos comportar quando chegássemos à cabana.

Não era.

Ele entrou cambaleando na casa, gritando por Larissa. Xavier e Jesse o levaram para o quarto e ficaram de guarda do lado de fora, enquanto eu fui direto avisar Larissa e Heather para arrumarem as coisas. Eu as encontrei na banheira de hidromassagem.

“Ei”, eu disse, abrindo a porta traseira. “Precisamos voltar mais cedo. Vocês podem arrumar suas coisas e ir para o carro?”

As quatro mulheres olharam para mim como se eu tivesse enlouquecido.

"Hum, é dia de Natal?" disse Becca. "Vamos ficar até o dia primeiro."

"O que houve?" perguntou Larissa.

Eu conseguia ouvir Mike discutindo com Xavier no corredor.

“O Mike está um pouco agitado. Acho que é melhor irmos embora.”

Larissa já estava saindo.

"Está tudo bem?", perguntou Heather, seguindo-a.

Os gritos ficaram mais altos.

Larissa pegou uma toalha, enrolou-se nela e entrou em casa. "Minhas coisas estão no quarto."

Merda.

"Sai de cima de mim, porra!" gritou Mike.

Larissa me olhou com preocupação. Então Mike desceu o corredor em direção à cozinha, seguido de perto por Xavier e Jesse. Ele parou na porta e viu sua ex-namorada. Seu rosto se contorceu no instante em que a viu.

Eu já tinha visto meu melhor amigo com o coração partido antes. Eu o vi durante o divórcio dos pais dele, durante términos de relacionamento. Eu estava com ele naquele dia no hospital quando o médico disse que ele nunca jogaria profissionalmente. Vi todos os seus objetivos, aspirações e sonhos se desfazerem em fumaça. Mas eu nunca o tinha visto sofrer tanto assim.

Ele olhou para ela como se ela tivesse morrido. Como se sua alma tivesse sido arrancada de seu corpo.

“Amor”, ele ofegou. “Por favor…”

Larissa olhou para ele com os olhos arregalados.

"Por favor, amor, não me deixe..." ele murmurou, com a voz arrastada.

Ela deu um passo para trás. "Mike..."

Xavier agarrou o braço dele, mas Mike se desvencilhou. Ele passou por mim, encurralou Larissa contra o balcão e colocou o rosto dela entre as mãos. "Eu posso ser melhor", sussurrou. "Deixe-me tentar, eu prometo."

"Mike, sai de cima de mim..." ela disse, com um toque de pânico na voz.

Ele encostou a testa na dela.

Ela tentou se desvencilhar. "Mike, estou falando sério, me solta."

"Ei, Mike, solta ela", eu disse, colocando a mão no braço dele.

Ele me ignorou.

"Eu te amo", disse ele. "Eu te amo muito. Não sei o que há de errado comigo. O que há de errado comigo?"

Ela o empurrou inutilmente. "Mike!"

Ele a puxou para perto e a beijou.

Os olhos dela se arregalaram. Ele a envolveu num abraço apertado e a beijou com mais intensidade.

Ela emitiu um som desesperado na garganta e eu agarrei o braço dele. "Já chega, solta ela!"

Ele era como um torno de tortura feito de músculos sólidos como pedra. Eu não conseguia movê-lo. Woofarine começou a rosnar e a puxar a barra da calça. Jesse e Xavier o seguraram pelos cotovelos e nós três conseguimos soltá-lo, soluçando. No instante em que ele a soltou, Larissa cambaleou para trás, apoiando-se no balcão da cozinha, recuperando o fôlego, e eu me coloquei entre ela e meu melhor amigo, que estava completamente bêbado. Heather, Samantha e Becca estavam entrando, a rajada de ar frio da porta de correr invadindo a cozinha enquanto Woofarine latia.

Mike estava gemendo. Gemidos guturais, de coração partido.

“Vai buscar suas coisas”, eu disse por cima do ombro. “Agora. Vai agora.” Larissa não se mexeu. Virei-me para olhá-la. Ela estava com os dedos na boca.

"O quê?", perguntei.

"Você comeu nozes?" perguntou Larissa, com a voz trêmula. "Meus lábios estão formigando. Mike, você comeu nozes?"

A sala inteira ficou congelada.

Mike não respondeu. Estava perdido em seus próprios pensamentos, com lágrimas escorrendo pelo rosto, bêbado demais para sequer compreender a situação.

Olhei para ele. Ele tinha migalhas na camisa. Migalhas coloridas.

Meu coração começou a disparar.

"Mike, você comeu os macarons?", perguntei.

Ele olhou para mim com os olhos vermelhos. "O quê?"

“Você comeu os malditos macarons no seu quarto?!”

Ele ficou ali parado, ofegante.

"Vou lá ver", disse Jesse, correndo pelo corredor. Voltou um instante depois segurando a embalagem transparente. Metade dos biscoitos havia sumido.

Não... Ele comeu os malditos biscoitos que teve a descuido de comprar para ela e depois a beijou.

O olhar que Larissa me lançou era de puro terror.

"Onde estão seu Benadryl e sua EpiPen?", perguntei, tentando manter a calma.

Samantha entrou em ação imediatamente. "Vou encontrar a bolsa dela." E disparou pelo corredor.

Heather correu para o lado dela. "Vamos lavar sua boca. Fique calma", disse ela.

Ela e Becca a inclinaram sobre a pia e abriram a torneira. Eu não esperei por Samantha. Corri para pegar minha bagagem. Peguei minha EpiPen e voltei para a cozinha em menos de dez segundos.

Mike estava andando de um lado para o outro, com as mãos na cabeça, tendo percebido, pelo menos em parte, o que acabara de fazer. "Porra! Porra, porra, porra!!!"

Puxei uma cadeira para perto da pia e, quando Heather terminou de enxaguar a boca de Larissa, sentou-a. Samantha tinha voltado com Benadryl. "Não consegui encontrar a bolsa dela, mas isso estava no armário de remédios."

Despejei o líquido rosa na tampa, com as mãos tremendo. Larissa pegou e engoliu a dose. Ela parecia pálida.

“Como você está se sentindo?”, perguntei.

Ela balançou a cabeça negativamente.

Manchas.

Urticária surgindo em seu peito e pescoço nus. Seus lábios pareciam inchados.

Então ela começou a ofegar. Eu conseguia ouvir mesmo por cima do barulho que o Mike estava fazendo.

Ela estava entrando em anafilaxia.

"Vamos ter que te dar sua EpiPen, ok?", eu disse.

Ela assentiu com a cabeça, com medo nos olhos.

Retirei a tampa da caneta. "Isso vai ser rápido", disse suavemente.

Coloquei a palma da mão na coxa nua dela. Encostei a ponta da EpiPen na pele dela entre o polegar e o indicador. Apertei. Cliquei. Segurei por dez segundos.

Larissa estava chorando.

Eu sempre dizia a mim mesmo que jamais poderia tocá-la. Que isso me causaria uma reação irreparável.

Sim, aconteceu.

Coloquei a EpiPen vazia no balcão da cozinha. Virei-me lentamente para Mike. Então, atravessei a sala a passos largos, puxei o braço para trás e dei um soco na cara dele.

40

LARISSA

Acordei no banco da frente do carro do Chris. A jaqueta dele estava jogada sobre mim, e eu estava usando um dos moletons dele como travesseiro. Woofarine estava enrolado no meu colo.

Estava escuro lá fora. Heather tinha ido embora.

Nós nunca fomos ao hospital. Bem, não entramos. Eu não queria ir, não tinha dinheiro. Discuti com Heather e Chris com unhas e dentes e finalmente eles concordaram que, se eu ainda estivesse bem quando chegássemos lá, eu não precisaria entrar.

Já haviam se passado seis horas desde o beijo, e o inchaço e a urticária quase tinham desaparecido. Eu estava grogue, dolorida, mental e emocionalmente exausta, e tinha um hematoma na coxa por causa da injeção de epinefrina.

Chris me perguntou se eu queria registrar uma queixa na polícia contra Mike por agressão. Eu não quis. Eu só queria ir embora.

Dormi a maior parte do caminho de volta, dopado com Benadryl. Acordei brevemente quando Chris parou num drive-thru para comprar comida (eu estava grogue demais para comer), e depois de novo quando Heather chegou. Agora estávamos chegando na casa do Mike. A última parada.

Chris estacionou o carro, com os faróis iluminando as janelas da pensão com o carpete fedorento.

Eu não queria entrar lá. Sinceramente, considerei abandonar tudo o que possuía para nunca mais pôr os pés naquela casa.

Eu não conseguia acreditar em quanta coisa tinha mudado em apenas alguns dias. Minha mãe foi embora do estado. Eu fiquei sem-teto. Terminei com meu namorado.

Eu quase morri.

Dei uma risadinha irônica.

"O quê?", disse ele.

"Nada", murmurei. "A Heather provavelmente acha que estamos filmando um reality show."

Ele deu uma risadinha, mas não havia alegria nela.

“Ela fez a triagem de toda a viagem”, disse ele.

“Bem, há algo a se dizer sobre o vínculo traumático.”

Um suspiro.

Chris olhava fixamente pelo para-brisa. Parecia um zumbi. Seus nós dos dedos estavam envoltos em gaze.

Aqueles quinze minutos caóticos ainda estavam frescos na minha memória confusa. O beijo. A percepção de que eu estava entrando em anafilaxia, a expressão no rosto de Chris.

Microfone.

Quase todos tiveram que intervir para tirar Chris de cima dele. Ele tinha perdido completamente o controle.

E Mike ficou ali deitado. Ele nem sequer reagiu. Apenas cobriu o rosto e deixou Chris espancá-lo até que Jesse e Xavier o separaram.

Ficamos sentados em silêncio, e Chris olhou para a casa de hóspedes. O relógio no painel do carro marcava 23h16.

"Não acredito que ainda é Natal", disse eu, cansada. "Parece o dia mais longo da história."

“Quero que você venha ficar comigo”, disse ele.

Virei-me para ele. "O quê?"

"Só preciso que você esteja onde eu possa cuidar de você", disse ele. "Por favor. Estou exausto e um pouco traumatizado, e eu só... preciso que você esteja onde eu possa te ver e saber que você está bem."

“Como o Mike vai se sentir em relação a isso?”

“Sinceramente, não me importo.” Ele olhou-me nos olhos. “Não me importo mais com nada.”

Olhei para ele, para a expressão abatida em seu rosto. Ele parecia refletir como eu me sentia. Eu não sabia qual seria meu próximo passo e estava cansada demais para pensar nisso.

"OK."

"Posso te levar para buscar seu carro amanhã", disse ele. "Podemos pegar suas coisas lá também."

“E se ele estiver em casa amanhã? Eu não quero vê-lo—”

“Os rapazes levaram as chaves dele. Eles me avisarão quando ele estiver voltando. Temos tempo.”

Olhei para trás, para o de Mike.

"Preciso entrar lá", eu disse. "Quero meu porta-joias."

Eu não fazia ideia do que o Mike ia fazer, principalmente porque agora eu percebia que não o conhecia de verdade. Pelo que eu sabia, ele ia reter minhas coisas ou tentar me encurralar quando eu voltasse para buscá-las. Talvez até queimasse tudo no jardim num acesso de fúria bêbado. Não havia muita coisa de que eu gostasse dentro daquela casa. Eu tinha minha mochila para a cabana com roupas para uma semana, toda a minha maquiagem, minha melhor jaqueta e botas de neve. Mamãe levou as fotos com ela para Dakota do Sul, e eu tinha vendido a maior parte dos meus móveis. Meu porta-joias era a única coisa que eu não conseguiria viver sem perder — mesmo que tivesse sido o Mike quem me deu. Eu o amava demais.

“Posso entrar correndo e pegar”, disse ele.

"Tem certeza?", perguntei.

"Tenho certeza."

“O tapete está com um cheiro ruim”, avisei.

“Ele disse que estragou tudo?”

Eu tossi, rindo, e fechei os olhos com força.

“O que aconteceu?”, perguntou ele.

Eu contei tudo para ele. Quando terminei, ele conseguiu parecer ainda mais exausto do que já estava.

“Você não me contou…”

Lancei-lhe um olhar. "Quando é que eu ia te contar, Chris?"

Ele assentiu lentamente. Houve um longo momento de silêncio antes que ele falasse novamente.

"Eu nunca deveria tê-la trazido", sussurrou ele. "Me desculpe."

"Você está arrependido por ter uma namorada?", eu disse.

“Sinto muito por muitas coisas.”

Começaram a cair flocos de neve macios. Aterrissaram delicadamente no para-brisa. "É melhor irmos", eu disse. "Não quero que Janessa ou Donna nos vejam aqui fora." Eu não queria explicar o que estava acontecendo. Ou pior, que elas ligassem para o Mike.

Peguei minha bolsa do chão para procurar as chaves de casa. Então minha mão roçou algo familiar. Peguei e virei, examinando. Minha EpiPen.

Não foi utilizado.

"Você não usou a minha caneta?", perguntei, olhando para ele.

"Não", disse ele, esfregando a testa.

“Bem, de quem era?”

“Era meu.”

“Você tinha uma EpiPen? Para quê?”

Ele fez uma pausa. "Eu só... tomei um."

Você comprou?

Nada.

Girei-me na cadeira para olhá-lo de frente.

“Deveríamos ir”, disse ele.

“Chris—”

“Não é nada demais—”

“É verdade. É um medicamento de setecentos dólares para o qual você não tem receita médica.”

“Heather me escreveu uma. Não quero falar sobre isso agora. Nós duas estamos cansadas. Vamos só pegar seu—”

"Não." Balancei a cabeça negativamente. "Se você quer que eu vá ficar com você, me diga a verdade. Estou farta de mentiras."

“Eu não minto para você—”

“Não, você simplesmente não me conta as coisas.”

Ele pressionou os lábios, formando uma linha.

"Por que isso é um segredo?", perguntei. "Por que você está se escondendo, jogando nozes fora, comprando remédios caros de emergência e limpando a neve do meu carro, se eu sei que foi você?"

Ele não respondeu. E eu cansei. Que se dane todo mundo. Até ele. Desabotoei o cinto e comecei a sair.

“Larissa—”

“Não!” Virei-me para ele. “Diga-me a verdade!”

Ele me estudou como se estivesse avaliando os prós e os contras de me desmascarar.

“Sim”, disse ele finalmente. “Eu fiz essas coisas.”

"O que mais."

"Não sei-"

“Sim, você tem. O que mais?”

“Muitas coisas”, disse ele, erguendo as mãos. “O tempo todo. Desde o começo.”

Pisquei para ele.

“Eu fiz o Mike pagar para consertar seu carro”, disse ele. “Eu disse para ele te trazer a caixa de joias — eu comprei seu presente de Natal porque ele te deu

aqueles malditos biscoitos com os quais ele quase te matou. Eu carrego uma EpiPen porque a pior coisa que poderia me acontecer é algo ruim acontecer com você. Eu morri todos os dias por quase um ano vendo ele te prejudicar repetidamente e tudo o que eu posso fazer são essas pequenas coisas estúpidas que tornam sua vida melhor, mais fácil ou mais segura… A EpiPen não é nada. A neve não é nada. Não é nem…” Ele parou de falar e limpou a boca com a mão. “Eu faria qualquer coisa por você”, sussurrou. “Se eu tivesse alergia a nozes, eu provaria sua comida para ter certeza de que é segura e, se não fosse e eu morresse, eu morreria feliz porque teria morrido te protegendo. Você entende?”

Eu o encarei, com o coração batendo forte no peito. Ele me olhou com olhos vermelhos, quase pedindo desculpas, como se tivesse acabado de me dar uma má notícia. E, de certa forma, tinha mesmo.

Todo esse tempo... Era ele.

E no instante em que ele disse isso, eu soube que era verdade. Como se eu sempre tivesse sabido, mas tivesse escolhido acreditar na mentira.

Tudo o que eu amava no Mike, os gestos atenciosos e altruístas que me aproximavam dele, que me cativavam, que me faziam pensar que ele era uma pessoa diferente do que realmente era. Era o Chris. Sempre foi o Chris.

E agora isso jamais aconteceria.

Você entende?

Sim, eu sabia. Eu entendia exatamente o que aquelas palavras significavam. O que ele estava me dizendo sem me dizer diretamente.

Meu coração se despedaçou em mil pedaços.

"Você deveria ter me deixado vê-lo como ele realmente era", sussurrei.

"Eu só queria que você fosse feliz", disse ele, tão baixinho que mal consegui ouvir.

Olhei para ele com os olhos marejados. Nossos olhares se cruzaram por cima do console central. Tanta coisa dita sem que nada fosse dito.

“Eu teria sido mais feliz com você.”

41

CHRIS

Acordei às quatro e meia depois de mais pesadelos. Só que estes não eram sobre a mamãe ou sobre cenários vagos de Larissa se machucando. Eram flashbacks do que realmente tinha acontecido no dia anterior.

A ansiedade me invadiu, me despertou sobressaltada. E então fiquei ali deitada pensando em todas as coisas horríveis e terríveis. Bater no Mike. Os lábios da Larissa inchando. O som da sua respiração ofegante.

As palavras anafilaxia bifásica não me saíam da cabeça. Uma reação alérgica tardia.

Larissa estava no quarto de hóspedes do outro lado do corredor. Ela estava bem quando foi dormir, e eu estava a dez segundos de distância se ela precisasse de mim. Tentei usar esse fato para me acalmar, mas não foi suficiente.

Eu queria estar em um lugar onde pudesse ouvi-la caso ela começasse a ofegar novamente ou me chamasse, e havia duas portas entre nós — muitas.

Nos últimos dez meses, aprendi a conviver com a vontade insuportável de estar perto dela quando não podia, mas o pensamento de que ela estivesse em perigo se sobrepunha à minha própria vontade. Como uma descarga elétrica percorrendo meu corpo, me dizendo para ir até onde ela estava, para abrir caminho através de paredes se fosse preciso. Os piores cenários possíveis rondavam minha mente e, por mais cansado que eu estivesse, não me deixavam voltar a dormir.

Eu não estava brincando quando disse que estava traumatizada. Estava mesmo.

Não conseguia começar a processar os acontecimentos de ontem.

Grande parte daquilo nem parecia real. Como se fosse um estranho sonho febril e eu fosse acordar de volta na cabana sem nenhuma casquinha nos nós dos dedos.

Não sei por que contei a ela o que contei mais cedo. Acho que estava

simplesmente exausto e sem forças, sem filtro. Ou talvez estivesse cansado de não dizer o que queria dizer. Cansado de acobertar o Mike, fingir e mentir para ela por omissão. E a Larissa tinha dito que teria sido mais feliz comigo. Eu deveria ter ficado aliviado por os sentimentos não serem totalmente unilaterais, mas não fiquei. Saber só piorou as coisas.

Não houve final feliz para mim. Nem para ninguém.

Sentei-me e acendi a luz, tentando trazer meu sistema de volta à realidade. Normalmente, depois de um pesadelo, Woofarine ajudava, mas ele tinha escolhido dormir com ela. Larissa não o levava ultimamente, e a ausência do seu peso no pé da cama parecia estranha.

Tudo estava errado.

Ontem ocorreu uma mudança em mim.

Eu não sabia se minha amizade com Mike voltaria a ser como antes.

Eu não sabia se queria que isso acontecesse.

Nunca antes eu tinha sentido que talvez tivéssemos nos distanciado. Que talvez o Mike fosse alguém de quem eu não gostaria hoje se não o conhecesse há tanto tempo. Eu continuava me apegando a quem o Mike era para mim em uma vida passada, ignorando quem ele era agora, e eu estava cansada de tentar me agarrar a isso.

Somos constantemente condicionados a acreditar que nunca devemos desistir daqueles que amamos. E eu amava o Mike. Mas não era minha função sustentá-lo enquanto ele decidia se queria ou não continuar. Gritar para que ele mudasse até perder a voz.

Eu me sentia esgotado.

Talvez em alguns dias, quando o choque inicial do que aconteceu passasse, eu me sentisse diferente, mas por enquanto eu estava com raiva. E a raiva me fazia querer nunca mais vê-lo.

Eu odiei o que tinha feito.

Eu nunca tinha batido em ninguém antes. Só de pensar nisso, eu já sentia vergonha.

Mas eu também sabia que, na mesma situação, faria tudo exatamente da mesma forma. Eu detonaria alguém por fazer metade do que ele fez naquela cozinha ontem.

A imagem do medo em seus olhos ficaria comigo para sempre.

Minha mão na coxa dela, tendo que machucá-la para salvá-la. O jeito como eu só queria tirá-la dali, colocá-la no meu carro e continuar dirigindo sem olhar para trás. Mas eu não podia. Não importa o que acontecesse agora com o Mike,

eu nunca conseguiria, porque mesmo que ela quisesse, mesmo que, numa reviravolta colossal, ela me quisesse do jeito que eu a queria, eu nunca ficaria bem em destruí-lo. E destruiria. Até mesmo contar a ela o que eu fiz seria uma traição.

Se Jesse e Xavier soubessem o que eu contei para ela, provavelmente nunca mais falariam comigo, e eu não os culparia. Seria a mesma coisa que se eu tivesse declarado meus sentimentos por Becca ou Samantha. Seria imperdoável.

Mesmo a permanência dela aqui não era aceitável, principalmente agora. Mas, por causa disso, eu simplesmente não me importava.

Existiam limites intransponíveis que eu jamais ultrapassaria, porque fazê-lo, por mais que eu desejasse, iria contra a minha consciência e os meus valores. Mas eu a confortaria. Eu cuidaria dela depois do que aconteceu. Nós duas tínhamos passado por algo terrível, e naquele momento eu não me importava se a presença dela ali gerasse olhares de reprovação dos meus amigos e familiares. Naquele momento eu precisava me sentir segura. Eu precisava que ela se sentisse segura. Eu precisava ficar quieta por um tempo, para que ela ficasse quieta, para me recuperar emocional e mentalmente do que tínhamos vivenciado. Eu lidaria com o resto depois, quando estivesse em um lugar melhor para processar tudo. E se isso irritasse alguém, eu não ligava.

Saí debaixo das cobertas e me levantei para ver como ela estava. Eu só ia entreabrir a porta, ouvir se ela estava respirando. Só para me tranquilizar sabendo que ela ainda estava bem, e aí talvez eu conseguisse voltar a dormir. Mas quando abri a porta, ela estava saindo do quarto dela.

Pisquei para ela. "Ei, está tudo bem? Você não está—"

"Estou bem", disse ela, abraçando o próprio corpo. "Não consegui dormir."

Assenti com a cabeça. "É", disse baixinho. "Nem eu."

Woofarine saiu de trás dela e sentou-se, cansado, entre nós, olhando para nossos rostos como se estivesse tentando entender por que seus pais estavam acordados antes do sol nascer.

Larissa me observava na penumbra do corredor. Ela vestia um moletom com capuz e calças de moletom. Seu cabelo estava preso em um coque desarrumado. Eu já a tinha visto de pijama antes, mas desta vez era diferente.

Ela nunca deveria ter estado aqui assim.

Minha casa.

Só nós dois.

Mais um momento roubado. Algo que eu não deveria ter tido.

Limpei a garganta. "Ia ver como você estava", eu disse.

Ela assentiu lentamente. "Você faz isso com frequência."

Eu não sabia o que dizer diante disso.

“Eu ia ver como você estava”, disse ela.

“Estou bem—”

"Você é?"

Seus olhos se voltaram para minha mão enfaixada.

“Deve ter sido difícil enfrentá-lo daquele jeito”, disse ela. “E acobertá-lo como você fez. Por tanto tempo.” Seus olhos voltaram a encontrar os meus. “Me desculpe”, ela sussurrou.

“Nada disso é culpa sua—”

“Sim. É verdade. Eu deveria ter escolhido melhor.”

“Não. Eu deveria ter sorrido mais.”

Ela me deu uma risadinha, apesar de si mesma.

Este pequeno reconhecimento do elefante na sala. Eu teria ficado mais feliz com você…

Nos contemplamos na escuridão.

“Como você está se sentindo?”, perguntei suavemente. “Tem urticária? Chiado no peito?”

Ela balançou a cabeça negativamente.

Estendi a mão e a coloquei em seu rosto para ver se ela estava corada. Ela se aconchegou em meu rosto e meu coração se partiu ao meio.

Eu só queria abraçá-la. Fugir com ela. Consertar tudo em seu mundo e protegê-la de tudo que pudesse lhe fazer mal.

"Fico pensando que minha garganta vai fechar", ela sussurrou.

“Você quer que eu fique com você?”

Ela assentiu com a cabeça, apoiando o rosto na minha palma.

"Está bem", eu disse baixinho. "Posso dormir no chão do seu quarto."

Mantive minha mão em seu rosto. Principalmente porque ela parecia não querer que eu a movesse, e tocá-la me acalmava. Ela olhou para mim com aqueles lindos olhos. Centímetros entre nós. Oceanos nos separando.

Eu queria beijá-la. Pressionar meus lábios suavemente contra os dela, encostar minha testa na dela e sussurrar que eu a protegeria e faria tudo ficar bem. Eu queria acabar com esse maldito pesadelo, o pesadelo de não estar com ela.

Mas o pesadelo continuaria.

Depois do que conversamos no carro, não discutimos o que aconteceria em seguida. Porque nada aconteceria. Nós entendíamos isso, e o que está entendido

não precisa de explicação.

Eu a amaria. Ela se arrependeria de ter escolhido o Mike. E nós nunca faríamos nada além disso, porque qualquer coisa além de amizade magoaria todas as pessoas de quem eu gosto. Independentemente do que acontecesse, mesmo que minha amizade com o Mike continuasse depois de hoje.

Eu nunca poderia beijá-la. Nunca poderia chamá-la de minha ou deitar com ela no escuro.

Então a abracei e a confortei. Algo que eu jamais teria imaginado fazer apenas 24 horas antes. Não que agora estivesse tudo bem. Na verdade, não estava, principalmente depois do que eu tinha dito a ela. Era que eu simplesmente não me importava. Ela precisava de um abraço e eu precisava abraçá-la. Não era romântico, não era sexual. Era amizade. Duas pessoas se confortando mutuamente após algo traumático e assustador. Eu precisava senti-la em meus braços para me lembrar de que ela estava segura, que estava comigo, que estava tudo bem.

Esta noite, agi por instinto primitivo, dizendo-me para fazer o que me dava prazer e pensar nas consequências morais depois. Como roubar comida quando se está morrendo de fome.

Aproveitando momentos preciosos.

Ela expirou e eu aconcheguei sua cabeça sob meu queixo e fechei meus olhos com força.

Por enquanto, ela estaria bem cuidada. Eu não precisava me preocupar com o que Mike estava fazendo ou deixando de fazer. Eu podia garantir a segurança dela. Fazê-la feliz. Ajudá-la em tudo o que ela precisasse.

Seja amiga dela.

Eu poderia fazer isso sem prejudicar ninguém.

Exceto talvez eu mesmo.

42

LARISSA

"Hum, o que você está fazendo aqui?", perguntou Lexi, parando de se debruçar sobre a mesa enquanto servia o café.

Eu tinha acabado de entrar na casa da Donna. Era o dia seguinte a tudo, 26 de dezembro. Peguei um carro de aplicativo até a casa do Mike e arrumei todas as minhas coisas em menos de uma hora. Tudo o que eu possuía estava no porta-malas do meu carro.

Saí de fininho esta manhã antes que Chris acordasse, passando por cima dele na ponta dos pés. Ele estava exausto e eu queria que descansasse, mas principalmente não sabia se estava pronta para conversar com ele durante o dia sobre as coisas que foram ditas à noite.

Custou-me muito não me deitar no chão e dormir ao lado dele.

Chris me acalmou. Só de estar no mesmo cômodo que ele, era como um sussurro suave. Eu queria me aconchegar ao lado dele, encostar a cabeça no ombro dele e deixar que ele me abraçasse até pegarmos no sono — e ele provavelmente teria deixado. Tive a impressão de que ele estava tão assustado com o que aconteceu ontem quanto eu e precisava da mesma coisa que eu.

Mas eu não me aconcheguei com ele no chão. Tudo o que eu conseguia pensar era no que Mike, Xavier ou Jesse pensariam se nos vissem. Se eles sequer soubessem que eu passei a noite na casa dele.

Uma coisa era deixar o Chris me ajudar por um ou dois dias, mas eu não podia ficar lá. Deixando de lado nossos sentimentos um pelo outro, a situação estava péssima. A ex do Mike morando com o melhor amigo dele? Eu não queria que todos ficassem bravos com o Chris, por isso eu precisava voltar ao trabalho. Precisava decidir para onde ia e como ia pagar a viagem.

Lexi pousou a cafeteira. "Amiga, aconteceu alguma coisa?", sussurrou. "Pensei que você estivesse na cabana."

"Te ligo mais tarde", eu disse. "Não posso falar sobre isso aqui. Tem algum

turno que eu possa pegar? A escala já foi divulgada?"

Eu não estava escalada para trabalhar até depois do Ano Novo porque pedi folga para ir para a cabana, mas agora eu estava desesperada. Eu faria qualquer coisa. Turnos duplos, sem folga. E eu ia aceitar o máximo de encomendas de pasto que conseguisse. Eu precisava economizar, precisava de uma reserva financeira.

Lexi acenou com a cabeça por cima do ombro. "Donna está trabalhando nisso. Ela está no escritório. Grande surpresa." Ela revirou os olhos.

Geralmente, Janessa era quem fazia a escala. Mas talvez ela estivesse de folga por causa do feriado?

Contornei o balcão e fui até o fundo da loja.

Quando cheguei ao escritório, bati no batente da porta. "Oi", eu disse, colocando a cabeça para dentro.

Meu chefe me encarou, sem demonstrar nenhuma emoção.

Nunca conheci uma pessoa tão fria em toda a minha vida. Mike era muitas coisas, mas era caloroso e amigável, e eu não conseguia imaginar que tivesse herdado isso da mãe.

"Gostaria de saber se você precisa de alguém para cobrir algum turno?", perguntei. "Voltei mais cedo."

“Sim, eu sei por que você voltou. E bem a tempo, aliás, porque temos um cardápio novo.” Ela se inclinou, tirou algo da impressora e me entregou. “Podemos começar agora mesmo.”

Analisei as novas ofertas especiais.

> Panquecas de manteiga de amendoim, rabanada de banana com nozes, frittata de espinafre com queijo feta e pinhões—

“O que é isto?”, perguntei, abaixando o papel.

"O que você quer dizer?" Ela inclinou a cabeça para o lado.

Não sei quanto tempo fiquei congelado ali. "Não posso servir isso. Não posso usar a cozinha se estivermos preparando isso. Não posso comer aqui..."

“Awwww.” Ela fez beicinho.

Meu coração começou a disparar.

"Isso é... Você... Você está me demitindo?", perguntei.

“Claro que não. Você poderia receber seguro-desemprego se eu te demitisse sem justa causa, e não queremos isso. Mas parece que você precisa pedir demissão se não consegue cumprir as suas funções.”

Eu fiquei olhando para ela.

“Donna, eu trabalho aqui há quase dois anos…” respirei fundo. “Sou uma boa funcionária—”

"Eu não ligo para isso. Este lugar precisa ser seguro para o meu filho. Não me importa se é um lugar seguro para você."

Senti um nó na garganta. Virei-me e saí correndo.

Lexi me viu virando a esquina. "Ela te pegou no—"

Enfiei o novo cardápio na mão dela e saí antes que Donna tivesse a satisfação de me ver chorar.

43

CHRIS

Quando acordei, ela tinha ido embora. Deixou um bilhete perto da cafeteira dizendo que não queria me acordar e que ia pegar suas coisas. Tomei banho, pedi o creme de café que ela gostava e comida para a geladeira. Coloquei toalhas limpas no banheiro de hóspedes e deixei o livro que eu queria que ela lesse na cama dela. Estava guardando as compras quando meu telefone tocou. Era ela.

"Ei-"

“Chris…”

Eu paralisei. Ela estava chorando.

“O que aconteceu?”, perguntei.

“Acabei de perder meu emprego.”

Pisquei e entrei na cozinha. "Na casa da Donna? Pra quê?"

"Ela acrescentou um monte de nozes ao cardápio", ela chorou. "Ela me obrigou a pedir demissão."

Meu maxilar se contraiu enquanto ela me contava tudo o que Donna havia dito.

“Onde você está?”, perguntei.

“Estou sentado no meu carro. Preciso fazer entregas—”

“Não. Volte para casa.”

“Não posso, Chris. Tenho que trabalhar.”

“Hoje não. Volte para casa.”

Houve um momento de silêncio.

“Preciso de dinheiro. Não tenho onde morar”, disse ela. “Não posso ficar com você por—”

“Você pode ficar aqui o tempo que quiser. Pode ficar aqui para sempre. Não precisa pagar aluguel, não precisa pagar nada.”

“Não posso fazer isso—”

“Você vai conseguir.”

"Por que?"

“Porque eu quero o serviço conveniente de cuidar do meu cachorro?”

Consegui fazê-la rir.

Levei o telefone para a outra orelha. "Olha, eu sei que é difícil para você aceitar ajuda—"

“Como você sabe disso?”

“Porque eu te conheço”, eu disse.

Ela ficou em silêncio do outro lado da linha.

“Quero te ajudar”, eu disse. “Quero você aqui. Esta é a sua casa pelo tempo que precisar. E acho que você não deveria trabalhar agora. Apenas volte, vista algo confortável, leia um livro, abrace seu cachorro. Você não precisa resolver tudo hoje.”

“Minhas contas. Vou me afogar, Chris—”

“Não, você não vai. Eu não vou deixar.”

E eu estava falando sério.

Com ela, a resposta era sim, mesmo quando eu não sabia a pergunta. Eu faria qualquer coisa, sacrificaria qualquer coisa para cumprir minhas promessas a ela.

E eu jamais esquecerei o que Donna fez.

Senti um abismo se abrir entre mim e aquela família. Uma divisão que eu jamais conseguiria transpor. Meus amigos e suas famílias eram tudo o que me restava, mas eu não toleraria que ninguém maltratasse Larissa. Era uma ofensa a mim mesma.

E que maneira desonesta e perversa de fazer isso.

O que Mike disse que levou a isso? Porque eu não conseguia imaginar que, se ele tivesse contado a verdade sobre ter ficado bêbado e quase ter matado a ex-namorada, Larissa seria a vilã da história.

Isso me deixou ainda mais irritado com o Mike do que eu já estava.

“Volte para casa”, eu disse novamente. “Deixe-me cuidar de você.”

Houve um longo momento antes que ela respondesse: "Certo."

44

LARISSA

Abaixei o quebra-sol e enxuguei as bochechas. Estava inchada, com manchas e olheiras profundas. Chris já tinha me visto pior. Fechei o espelho e voltei dirigindo para a casa dele.

Ele estava esperando logo na entrada quando cheguei.

Ele me ajudou a tirar a jaqueta e a pendurou no gancho enquanto Woofarine pulava aos meus pés. Tirei minhas botas de neve, me virei, dei uma olhada na expressão gentil de Chris e desabei em lágrimas.

Ele me abraçou ali mesmo na entrada enquanto eu soluçava em seu ombro.

Eu não conseguia recuperar o fôlego.

Eu ainda não estava me sentindo bem por causa da epinefrina e da reação alérgica de ontem, e não tinha dormido bem. Estava passando de uma crise para outra sem fim à vista. Estava exausta até a alma.

Eu nunca tive um descanso.

Eu começava cada dia obrigada a juntar os cacos do dia anterior. Nunca me sentia verdadeiramente segura, protegida e estável, porque as coisas ruins nunca paravam de acontecer. E o mais assustador de tudo era que, pela primeira vez na vida, eu sentia vontade de desistir. Como se a força interior que me impulsionava, a única coisa que me mantinha viva, com abrigo e comida, finalmente tivesse se esgotado.

“Ei, shhhh…” Ele alisou meu cabelo.

"O que eu vou fazer?", perguntei, soluçando.

“Você não vai fazer nada. Apenas fique parado por alguns dias.”

“Eu não consigo. Eu nunca consigo ficar parado, eu nunca consigo parar de me mexer.”

“Ei, olha para mim.” Ele se afastou e ergueu meu queixo. “Você vai ficar bem”, disse ele suavemente. “Vamos descansar. Ler, assistir TV. Só isso. É tudo o que vamos fazer pelas próximas 24 horas.”

"E depois?", perguntei, fungando.

“E então conversaremos sobre isso. Resolveremos a situação. Talvez possamos fazer uma sopa. Eu pico qualquer legume horrível e doloroso que você quiser.”

Ele me fez rir e chorar ao mesmo tempo.

“Vou preparar o seu almoço”, disse ele. “Vá vestir algo quente.”

Eu o encarei. Sua expressão serena, aqueles olhos castanhos calorosos. O olhar que ele me dirigia parecia mais íntimo que um abraço. Como se alguma barreira, firmemente estabelecida desde o dia em que o conheci, tivesse se desfeito da noite para o dia.

Meu cérebro estava em pane. Eu estava triste, atordoada e em pânico. Mas Chris tinha razão: eu não precisava resolver isso hoje. Então, relutantemente, assenti e ele me deixou ir.

Quando saí, dez minutos depois, sentei no sofá e ele me deu um cobertor e me entregou um café. Ele o preparou do jeito que eu gosto. Tinha meu creme de leite. Chris bebeu café preto. Ele deve ter pegado enquanto eu estava fora.

Fiquei pensando em quantas pequenas coisas atenciosas que fiz nos últimos dez meses foram, na verdade, obra do Chris, quando eu achava que era do Mike. Coisas que talvez eu nem tenha notado, mas que me deixaram mais confortável, ou mais segura, ou menos chateada por causa delas.

Eu não conseguia parar de pensar nisso. As lembranças vieram à tona agora que eu sabia o que procurar.

Ele ligando o rádio enquanto dirigia para o hospital com a mãe.

Uma esponja nova na casa do lago.

Um prato de comida sem nozes aparece em uma festa.

Como ele me levou embora naquela mesma noite porque o Mike estava bebendo — quão ruim tinha sido, na verdade? Ruim a ponto de eu estar deitada num tapete encharcado de xixi?

Algo me dizia que sim.

E era mais do que apenas coisas tangíveis. Eu sabia disso. Mais do que a EpiPen, o vaso para plantas aquáticas e a caixa de joias. Provavelmente também envolvia conselhos e orientação. Ele provavelmente fez do Mike uma pessoa melhor de maneiras que eu jamais saberei.

E eu queria saber.

Eu queria assistir aos últimos dez meses em terceira pessoa. Atribuir o mérito a quem o merecia, para que eu pudesse decidir como me sentir a respeito. Mas agora eu não conseguia nem começar a processar tudo. Então, acariciei meu

cachorro, tentei ativamente me acalmar. Tomei meu café, deixei o som de Chris se movimentando pela cozinha me tranquilizar, e o ciclo de desespero na minha cabeça começou a diminuir.

Eu já estava me sentindo um pouco melhor quando Chris se sentou ao meu lado com duas tigelas de macarrão com queijo. "Obrigada." Encarei a comida por um instante. "Não consigo acreditar que esta é a minha vida", sussurrei.

"Você odeia tanto macarrão com queijo assim?", disse ele, dando uma mordida e sorrindo para mim.

“Ah. Você sabe o que eu quero dizer.”

“Você ainda tem as tábuas de frios”, disse ele. “Faça isso em tempo integral, use a cozinha.”

Eu funguei. "Não posso. Vocês não têm espaço. Não para a quantidade de encomendas que eu precisaria fazer para conseguir me sustentar com isso."

“Quanto espaço isso ocupa?”, perguntou ele.

Cutuquei o macarrão. "Preciso de espaço na mesa para fazer as caixas em uma linha de montagem. Preciso de prateleiras para armazenar produtos secos, geladeiras—"

“Quantas geladeiras?”

Dei de ombros. "Eu enchia a impressora side-by-side da Donna toda semana, e precisaria do dobro do volume para substituir todos os meus outros trabalhos. Sua sala de estar e cozinha inteiras teriam que ser convertidas em espaço de produção para que isso funcionasse."

“Certo. Que tal abrir uma loja física?”

Dei uma risada seca. "Bem, em primeiro lugar, não tenho crédito. Ainda não. Mas mesmo se tivesse, não conseguiria arcar com a reforma."

Ele comeu enquanto pensava nisso. "E se fizéssemos grandes eventos?"

"Como o que?"

“Como a mesa na festa na piscina.”

Adoraria. Uma encomenda grande para entregar em vez de cinquenta pequenas pelo mesmo preço. Três ou quatro dessas mesas por semana e eu ganharia muito dinheiro.

Eu já tinha pensado em fazer mesas de frios completas antes, mas nunca tive tempo de organizar tudo. Era mais difícil de vender do que as caixas. Eu teria que fazer muita propaganda. Atualizar o site, definir uma tabela de preços. Levaria algumas semanas para deixar tudo pronto. E eu precisaria de fotos. Esse era o grande obstáculo. Era como o dilema do ovo e da galinha. A maioria das pessoas não gastaria dois mil dólares em uma mesa de frios a menos que visse

fotos de montagens anteriores do serviço, então eu nunca tinha recebido nenhum pedido. E eu não tinha dinheiro para montar uma mesa falsa só para tirar fotos. Uma mesa de frios era composta por centenas de dólares em comida, só a montagem da maquete já era mais do que eu podia pagar.

"Daria certo", eu disse. "Mas também não tenho o dinheiro inicial para isso. E mesmo que eu conseguisse, poderiam se passar meses até eu receber encomendas e começar a produzir alguma coisa." Soltei um suspiro profundo. "Acho que preciso desistir. Talvez eu devesse procurar outro emprego de garçonete. Um lugar com bar." Fiz uma careta.

Ele balançou a cabeça. "Não, você não vai desistir. Eu vou te ajudar. De quanto você precisa?"

Lancei-lhe um olhar. "Não."

"Quanto?"

“Chris, não—eu consigo resolver isso sozinho.”

Ele me olhou com aqueles olhos gentis. "Eu sei que você consegue. Mas deixe-me ajudá-la mesmo assim."

Eu o observei enquanto ele esperava que eu respondesse.

"Eu precisaria de tábuas de madeira e alguns pratos bonitos", eu disse. "Tudo para as caixas é descartável, mas para uma mesa de petiscos eu precisaria de estruturas permanentes para exibir a comida. Isso vai representar a maior parte do custo. Para a maquete, eu precisaria de flores, carnes e queijos, frutas — o suficiente para servir pelo menos vinte e cinco pessoas para ficar impressionante... Mil dólares?"

“Posso te dar isso.”

Balancei a cabeça negativamente. "Não. Não vou aceitar dinheiro de você."

Tivemos um pequeno duelo de olhares. Ele deu uma mordida cuidadosa no macarrão com queijo e mastigou enquanto eu observava seu cérebro funcionando.

Ele engoliu em seco. "E se..."

“E se o quê?”

“E se você me pagar de volta?”

Ele não me deixou pagar de volta. Eu sabia disso sem nem pensar, era uma armadilha.

“Olha”, disse ele. “Nunca haverá um momento melhor para tentar isso. O universo tomou a decisão por você: reescreva o roteiro. Não volte a ser garçonete. Escolha uma porta diferente.”

Meus olhos percorreram seu rosto. Sua expressão sincera. Ele realmente

queria fazer isso. Ele genuinamente queria me ajudar — mas, na verdade, ele sempre quis, mesmo quando eu não sabia.

Todos os homens em quem já confiei me decepcionaram. Todos, exceto um.

"Tudo bem", eu disse. "Vou tentar. Mas não vou pedir dinheiro emprestado a você. Vou deixar você ser meu fiador. Se você estiver disposto."

“Será que é porque eu não deixo você me pagar de volta?”

“Sim, com certeza absoluta.”

Ele soltou uma risada tossida. "Certo. Iremos ao banco amanhã."

Ele voltou a comer e eu fiquei sentada observando-o, com a tigela no colo. Ele ligou a TV e começou a mudar de canal enquanto uma dor aguda crescia no meu peito. Ela se espalhou pelo meu corpo como uma enchente lenta, com as palavras que ele disse na noite anterior pairando na superfície.

Você entende…

Eu fiz.

Na verdade, foi a única coisa em muito tempo que realmente fez sentido.

Esse homem me amava.

Muitos homens afirmavam que sim, mas é assim que o amor se parece. E eu quase me alegrei por ter visto o que o amor não é durante toda a minha vida, para que eu soubesse o que era quando finalmente o visse.

Coloquei minha tigela na mesa e me aconcheguei em seus braços. Ele nem hesitou. Me envolveu em seus braços, e eu o abracei com os olhos cerrados, enquanto ele me puxava para mais perto, me aconchegando em seus braços. Ele tinha acabado de sair do banho. Eu podia sentir o cheiro do sabonete que ele usou, e ele estava vestindo o moletom que eu tinha usado aquela vez. Eu sabia como era usá-lo, e agora eu sabia como era ser abraçada por ele quando ele o vestia, e tudo o que eu conseguia pensar, sentada naquele sofá em seus braços, era que eu também o amava.

Esse sentimento não era frágil. Não era aquela tênue coisa que eu sentia por Mike. Eram raízes, tronco e galhos que se estendiam até o céu. Estava embaixo, em cima e no meio, e vinha crescendo há mais tempo do que eu imaginava.

Estava tão exausta que não conseguia desvendar o que estava acontecendo, decidir o que significava ou o que deveria fazer a respeito. Eu só sabia que sentia aquilo. Estava reduzida a um mero resquício de mim mesma, destruída e à beira de desistir. Tudo estava ruim, tudo arruinado.

Talvez seja assim que se aprendem verdades sobre si mesmo, quando se está reduzido a nada, de modo que fica fácil ver o que restou. E Chris era isso. Ele era o raio de luz que entrava por uma fresta na porta de um quarto escuro. O

cheiro de casa, um pouso suave, um porto seguro na tempestade. A única pessoa no mundo em quem eu confiava para me amparar quando eu estivesse caindo. E como não amar alguém assim? É inevitável, mesmo que você queira.

45

CHRIS

Larissa estava hospedada na minha casa há mais de uma semana. Fazíamos todas as refeições juntos e passávamos quase todos os minutos conversando.

Foi o período mais feliz da minha vida, talvez até o mais triste. E, de alguma forma, também o mais triste.

Eu não tinha falado com o Mike.

Xavier me mandou mensagens atualizando-me sobre o Mike, dizendo que ele tinha voltado da cabana alguns dias atrás. Ele chegou em casa com um olho roxo e uma leve concussão por causa do soco que eu dei nele, e descobriu que Larissa tinha se mudado.

Pensei em mandar uma mensagem para ele. Aí me lembrei de como ele quase a matou e de como Donna a tratou depois, e mudei de ideia.

Em vez disso, concentrei-me em ajudar a Larissa a ter tudo o que precisava. Conseguimos o empréstimo para pequenas empresas e passamos a última semana comprando tábuas e pratos para a sua mesa de petiscos. Fomos a lojas de antiguidades, boutiques e brechós à procura das peças perfeitas para a sua visão. Depois, eu a levava para almoçar em algum lugar novo, com um menu que ela ainda não conhecia. À noite, cozinhávamos juntas. Líamos.

Falou.

Às vezes, conversávamos por horas. E depois, quando íamos para a cama, trocávamos mensagens de texto dos nossos quartos. Eu conseguia ouvi-la rindo através da parede.

Na última quinta-feira, véspera de Ano Novo, fomos às compras e compramos os frios, frutas e queijos que ela precisava. Depois, passamos a noite juntos no sofá, enrolando salames em formato de rosas e assistindo à Times Square na TV. Quando a bola desceu, ela me abraçou e me deu um beijo na bochecha. Eu ainda sentia o beijo, dias depois. Como se os lábios dela tivessem deixado uma marca na minha pele.

Eu não tinha liberdade para amá-la. Mas pelo menos agora eu tinha liberdade para cuidar dela. Eu podia ajudá-la sem precisar esconder ou fingir que era outra pessoa. Eu podia passar tempo com ela, olhar para ela e ser o que ela precisava.

Eu estava na cozinha preparando ovos para nós enquanto Larissa tomava banho. Íamos a um brechó mais tarde para comprar mais pratos. Eu estava em pé perto do fogão quando o telefone tocou.

Era o Mike.

Encarei a tela, debatendo se deveria responder. Se estava pronta para ouvir o que ele tinha a dizer.

“Olá”, eu disse, atendendo após o quarto toque.

Houve um longo silêncio e pensei que já fosse tarde demais para responder. "Ei", disse ele finalmente.

Ele parecia mal. Não bêbado. Apenas mal.

Apaguei o fogo, tirei a panela do fogão e fui até a garagem.

“Eu queria te ligar”, disse ele.

Assenti com a cabeça como se ele pudesse me ver. Fechei a porta atrás de mim e sentei nos degraus, olhando para a lateral do meu carro.

"Você está bem?", perguntou ele.

"Multar."

“Ela está bem?”

“Ela também está bem”, eu disse.

“Ela vai ficar com você?”

"Ela é."

“Ótimo”, disse ele. “Obrigado.”

Outro silêncio.

“Minha mãe disse que ela saiu do café—”

Eu ri sarcasticamente. "Foi isso mesmo que ela disse? Sua mãe colocou nozes no cardápio. Larissa não teve escolha."

“Espere… o quê?”

"Sim."

"Tem certeza-"

“Tenho muita certeza”, eu disse.

Eu conseguia sentir a tensão através do telefone. "Eu não sabia que ela fazia isso. Não estou bem com isso."

“Não? Porque pareceu que você disse a ela que Larissa merecia isso.”

“Eu não contei nada para ela. Ela viu a Larissa nas câmeras pegando as coisas dela em casa, me perguntou, e eu disse que tínhamos terminado, só isso.

Você acha que eu quero que minha mãe saiba por que ela foi embora?” A voz dele falhou um pouquinho. Ele parou um instante para se recompor. “Vou falar com ela”, disse.

"É mesmo? Já que está nisso, fale com a Janessa também. Não se esqueça de perguntar para as duas como a trataram durante todo o tempo em que vocês namoraram."

“Como assim? Eles foram gentis com ela. Mamãe deixou ela usar a cozinha —”

"Certo. O que eu sei?"

Foi mais curto do que ele merecia e mais cruel também, mas ele aguentou a provocação. Depois, mergulhamos novamente no nada.

“Como está sua mão?”, perguntou ele depois de um tempo.

“Como está seu rosto?”

"Que pena. Eu queria que você tivesse me batido com mais força."

Ele conseguiu arrancar um sorriso meu, mesmo que não tenha chegado aos meus olhos.

“Posso ir aí?”, perguntou ele. “Para vê-la.”

"Não."

“Você pode dizer algo para ela por mim?”, perguntou ele.

“Diga você mesmo a ela.”

“Ela me bloqueou.”

“Então essa é a sua resposta”, eu disse.

Uma longa pausa. "Certo. Eu mereço isso. É justo."

Ficamos sentados ali em silêncio por um longo tempo.

A porta da garagem se abriu atrás de mim e Larissa espiou. "Aí está você... Ah, você está ao telefone", sussurrou ela. "Desculpe. Vou terminar o café da manhã." Ela voltou para dentro e fechou a porta.

Mike a ouviu. Eu pude sentir isso através da linha.

Eu sabia como era estar do outro lado da linha. Ouvir a voz dela do outro lado. Era assim que se sentia a saudade.

Eu não invejava aquele sentimento dele, mesmo que ele o merecesse.

"Tem certeza de que ela é boa?", disse ele, com a voz embargada.

“Ela é boa.”

“Ela precisa de dinheiro ou—”

"Não."

Ela aceitou, mas nunca aceitou nada dele. Ela mal aceitou minha ajuda.

Outro oceano de silêncio.

“Você me disse”, ele disse baixinho. “Você me disse tantas vezes e eu não sei por que simplesmente não ouvi. E quero que você saiba que estou buscando ajuda para isso. Entendeu? E me desculpe. Você tinha todo o direito de me bater. Eu te conheço e sei que você se sente mal por isso, e eu nem quero que você se sinta, ok? Foi tudo culpa minha e eu sei disso.”

Encarei o chão de concreto da garagem entre meus pés.

“Se ela precisar de alguma coisa, por favor, me avise. Eu consigo para ela”, disse ele. “Ela não precisa saber que fui eu quem providenciou. Qualquer coisa que ela precisar.”

Eu ri sarcasticamente por dentro.

Agora era ele quem queria cuidar dela em segredo.

Ele pigarreou. "Eu te amo, irmão. Só queria ligar para dizer isso."

Fechei os olhos com força. "Está bem."

"A gente se vê em breve, beleza? Te ajudo a voltar a pegar nos pesos."

"Claro", eu disse, sabendo que não era sincero.

Desligamos o telefone.

Fiquei sentado ali por um instante. A luz com sensor de movimento da garagem se apagou e eu permaneci no escuro.

Isso foi um término de relacionamento.

Não a que existe entre ele e Larissa, mas sim a que existe entre mim e Mike.

Minha opinião não havia mudado durante o tempo que tive para pensar sobre isso. A amizade como a conhecíamos havia acabado. Era pior que um divórcio, porque era tudo o que eu conhecia. Não havia um "antes" do Mike.

Eu estava em território desconhecido. O chão sumindo debaixo dos meus pés, os alicerces da minha vida se desintegrando. Mamãe e papai mortos, meu grupo de amigos se dispersando. Xavier tinha ido embora e Jesse estava sempre com a Becca. Eu quase nunca saía com ele sem o Mike, de qualquer forma.

Eu também tinha terminado com Donna e Janessa, o que significava, por consequência, com Tony, e provavelmente com a família Maddox também, porque eles eram primos do Mike, não meus. Eles ainda me convidavam para as festas, mas não me sentiria bem indo se não fosse com o Mike. Eu perderia o casamento do Benny e da Jane. Nada de Dia de Ação de Graças na casa do Mike. Nada de Natal ou verão na cabana. Eu cresci lá e não veria mais aquele lugar, e nem queria. Era a cena de um crime agora.

Esse foi um momento crucial na minha vida e eu soube disso em tempo real.

Eu estava à deriva. Levado pelo vento, sem nada que me ancorasse além dela.

E ela era suficiente.

Se Larissa fosse a única amiga que me restasse neste mundo, eu poderia conviver com isso, porque a realidade era que já vinha sendo assim há algum tempo.

Mike deixou de ser meu melhor amigo há muito tempo. Em algum momento, a situação se inverteu e eu passei a ser o seu protetor.

Ela era minha melhor amiga.

E eu só estava percebendo isso agora porque nunca me passou pela cabeça que alguém pudesse ocupar o lugar do Mike. Era uma verdade quase tão antiga quanto eu, algo que eu nem questionava. E talvez devesse ter questionado. Porque eu estava me sentindo sozinha há muito tempo.

Quando voltei para dentro, Larissa estava no fogão preparando os ovos no prato. "Quem era aquele?", ela perguntou.

"Microfone."

Percebi que ela ficou tensa. "Ele não vai vir aqui nem nada, vai?", perguntou ela, me entregando um prato.

“Não”, eu disse, pegando-o.

“Porque eu sei que é a sua casa e ele é o seu melhor amigo e—”

“Ele não virá para cá.”

Ela se encostou no balcão da cozinha. "Certo. Não sei por quê, mas só de pensar em vê-lo me dá vontade de vomitar."

Devo pegar minha garrafa de água?

Ela deu um suspiro e isso quebrou um pouco a tensão. Então seu rosto voltou a ficar sério. "Chris, eu realmente não quero ser o motivo de você e o Mike estarem estranhos."

"Nossa situação é estranha porque ele a tornou estranha", eu disse. "Ele não é minha prioridade agora."

“E o que é?”

"Você", eu disse, sem nem pensar duas vezes.

“Christopher… Você não precisa fazer tudo o que está fazendo”, disse ela. “Eu agradeço, mas é muita coisa.”

Coloquei meu prato na mesa e me virei para ela. "Tenho pensado muito. Sobre o que você me contou naquela noite em que fomos às lojas misteriosas, que você perdeu a voz gritando com seu pai para ele se trocar."

Fiz uma pausa, tentando pensar em como eu queria dizer isso.

“Por muito tempo me senti responsável pela minha mãe. Me senti responsável pelo Mike—”

“E agora você quer ser responsável por mim?”

“Não. Quero te ajudar a ser responsável por si mesmo. Quero que você tenha tanto sucesso que nunca mais precise de mim nem de ninguém.”

"Você não quer que eu precise de você?", perguntou ela.

"Não."

"Por que?"

“Porque é isso que você quer”, eu disse simplesmente. “É isso que te faz sentir seguro. E é o que você faz pelas pessoas de quem gosta. Você as incentiva e as ajuda a serem a melhor versão de si mesmas. Por muito tempo, achei que era isso que eu estava fazendo pelo Mike, mas não era. Eu só estava o mimando, me colocando em um copo furado e é simplesmente—”

"Esvaziar?", perguntou ela.

"Sim", eu disse baixinho. "Exaustivo."

Ela se abraçou e ficamos em silêncio.

“Minha mãe é assim”, disse ela, depois de um tempo. “Exaustiva.”

Assenti lentamente com a cabeça. Sim, eu conseguia ver isso.

"Tenho tanto medo de ser como a minha mãe", ela sussurrou.

Balancei a cabeça negativamente. "Você nunca poderia ser sua mãe."

“Não? Porque eu escolhi o mesmo tipo de homem que ela sempre escolhe.”

“Isso não faz de você ela. Você tem o direito de cometer erros. Você não escolhe ser quem é se mudar. E de qualquer forma, Mike mentiu sobre quem ele era. E eu sinto muito por qualquer participação que eu tenha tido nisso.”

Ela assentiu com a cabeça e desviou o olhar de mim. "Eu entendo por que você fez isso", disse ela.

Eu a estudei. "Estuda?"

“Sim. Provavelmente eu teria feito a mesma coisa. Às vezes, a linha entre ajudar e prejudicar é tênue.” Seus olhos voltaram a encontrar os meus. “E você também tem o direito de cometer erros.”

Dei um pequeno sorriso. Fiquei feliz por ela ter dito aquilo, para me livrar de parte da culpa. Quanto a Mike e à minha mãe, eu os amava, mas não estava disposta a me culpar pelo que aconteceu com eles. Não mais.

Você não pode amar alguém mais do que essa pessoa se ama.

A menos, é claro, que fosse ela.

Eu poderia amar Larissa independentemente de qualquer coisa. Isso estava fora do meu controle.

Nos observávamos. Ela encostada no balcão e eu em pé ao lado da mesa.

Por um breve instante, eu poderia jurar que os olhos dela se fixaram na minha boca.

Talvez sim.

Eu teria sido mais feliz com você.

Ela se virou e foi se servir do café da manhã, e o momento passou. Sentei-me para comer, fingindo que estava bem. Mas não estava. Não de verdade.

Eu quis dizer exatamente o que disse: eu não queria que ela precisasse de mim. Eu queria que ela me quisesse. Não era a mesma coisa.

Mas mesmo que ela fizesse isso, não faria diferença.

46

LARISSA

"Isso parece incrível", disse Lexi, enquanto rolava as fotos das mesas de petiscos no meu celular. Estávamos em uma loja de chá de bolhas em Brooklyn Park. Era a primeira vez que eu via minha melhor amiga em mais de um mês. Eu estava ocupada e ela conseguiu dois empregos novos do outro lado da cidade.

Lexi saiu do restaurante da Donna uns três minutos depois de mim, e o cozinheiro com quem ela estava saindo foi com ela. Donna e Janessa tiveram que voltar a trabalhar como garçonetes porque estavam com metade da equipe desfalcada. Isso me dava uma sensação de justiça toda vez que eu pensava nisso.

“Obrigada. E aí, gostou dos restaurantes novos?”, perguntei, tomando um gole do meu chá de bolhas.

Ela deu de ombros, como quem não quer nada. "Meu trabalho de manhã é no Pancake Disco. Pelo menos é mais perto de casa. E o da noite tem um bar. As gorjetas são melhores. Para ser sincera, só fiquei tanto tempo na casa da Donna porque você trabalhava lá."

Dei-lhe um sorriso suave.

"O Chris fez isso com você?", perguntou ela, dando zoom na foto da tábua de frios.

“Sim, ele fez.”

Chris dedicou cada momento livre para me ajudar com isso, até o fim de suas férias, quando precisou voltar ao trabalho. Depois disso, ele continuou me ajudando quando voltou para casa e em seus dias de folga.

Mandei fazer cartões de visita para deixar nas mesas em qualquer evento que eu venha a fazer. E criei um nome: Board & Sweet, um buffet sem nozes da Larissa.

Montamos seis mesas de degustação. Reaproveitamos as mesmas carnes e queijos em todas elas para economizar. Estavam quase rançosos quando

finalmente conseguimos tirar todas as fotos necessárias, já que toda a produção fotográfica levou uma semana para ser concluída.

Montamos as mesas em locais diferentes. Uma na bancada de mármore da cozinha do vizinho do Chris, outra em um salão de eventos de um hotel onde um dos meus antigos clientes trabalhava. Tivemos que montar tudo às 21h, depois que o último evento deles já tinha terminado, o que foi um saco porque eu e o Chris só chegamos em casa depois da meia-noite, mas valeu a pena. As cadeiras ao fundo ainda tinham as capas chiques do casamento, o que deu a impressão de que eu tinha feito o buffet de um evento de verdade. As três últimas fotos foram tiradas na sala de estar, com closes para que não desse para perceber onde estávamos.

Decorei cada uma de forma diferente. Usei flores diversas, cupcakes de cores variadas. E fiz uma decoração em quilling para cada uma delas. O quilling foi um passo extra. Levei horas para fazer cada uma, mas tornou minhas mesas especiais e diferentes de tudo o que havia por aí. Eu cobraria um valor adicional por isso, mas a decoração poderia ser personalizada para o evento e os clientes ficariam com ela.

Calculei o preço de cada mesa para vinte e cinco, cinquenta e setenta e cinco pessoas, com a opção de entrar em contato para solicitar um orçamento para grupos maiores.

Esta manhã enviei por e-mail a todos os meus antigos clientes de tábuas de frios e caixas de petiscos um link para o novo site. Todas as pessoas que compraram comigo ao longo dos anos e que, espero, me considerem para seu próximo evento especial.

Então esperei.

E a espera foi terrível.

O custo total foi o dobro do que eu imaginava. Quase dois mil dólares — e o Chris foi fiador de tudo.

As mesas de sobremesas e sanduíches não estavam nos meus planos originais, mas quando contei minhas ideias para o Chris e mostrei a ele as montagens de sanduíches em camadas do meu painel de inspiração, ele quis que eu as tivesse. Ele disse que, se íamos fazer, deveríamos fazer direito e que mais opções significariam mais pedidos. Então, como se ele já não estivesse fazendo o suficiente, cheguei em casa depois de fazer entregas algumas semanas atrás e encontrei uma parede de prateleiras de arame perto da cozinha. Ele tinha enchido a sala de estar com mesas dobráveis para montar a mesa de frios e comprado duas geladeiras extras para a garagem. Eu nem queria pensar em quanto ele tinha

gasto e, claro, ele não me contou. Mas isso mudou tudo.

Agora que eu tinha o que precisava, pude me dedicar integralmente à produção de tábuas de frios em casa — e mal conseguia atender à demanda. Como não precisava mais pagar aluguel, finalmente estava conseguindo quitar minhas contas. As contas do meu pai, claro, mas ainda assim.

Chris acreditou em mim de uma forma que eu jamais conseguiria acreditar em mim mesma. E isso realmente me fez acreditar em mim. Como se ele tivesse visto algo que eu não via.

Pela primeira vez, me senti segura, porque Chris estava lá para me amparar se eu caísse da corda bamba em que eu caminhava. Ele não balançava a corda como todos os outros sempre faziam. Ele me levava para fazer entregas quando não estava trabalhando e, quando estava, me fazia trocar de carro com ele e pegar o dele porque era mais seguro. Ele trocou meus pneus sem nem me avisar — provavelmente porque sabia que eu não deixaria. Nunca houve uma vez sequer em que eu entrasse em qualquer um dos veículos com o tanque vazio. Ele encarava a ideia de eu parar em um posto de gasolina como se fosse um ataque à sua própria reputação.

Ele sempre pensava no futuro por mim. Sempre. Sabia do que eu precisava antes mesmo de eu precisar. E eu adorava isso.

Adorei tudo.

Voltar para casa e encontrá-lo. Ele voltar para casa e encontrar-me. Ficar acordados até tarde conversando, compartilhando o mesmo espaço, compartilhando nossas vidas.

E a dor agora vivia dentro de mim.

Eu nunca tive um momento de paz. Eu sentia isso quando o observava sentado no sofá lendo ou quando ele me levava para fazer entregas. Eu sentia isso quando encostava um de seus moletons no nariz quando ele não estava em casa. Eu sentia isso quando ele acordava de manhã, um pouco desarrumado, parado na cozinha de pijama xadrez preparando meu café da manhã, e novamente depois que ele se arrumava para o trabalho e eu o via sair.

Às vezes, quando ele ia trabalhar, eu sentia tanta saudade que dirigia até lá para levar o almoço para ele, só para ter uma desculpa para vê-lo. E quando os olhos dele brilhavam ao me ver, isso também doía.

Isso é algo que eu nunca senti por Mike.

Era isso que eu tentava criar. Só que com o Chris era real.

E não havia nada que pudéssemos fazer a respeito. Eu não o magoaria perseguindo-o e sujeitando-o à perda de todos que ele amava, e ele não magoaria

Mike perseguindo-me, porque esse era o Chris. Então não adiantaria nada, não importava o que quiséssemos.

Lexi tomou um gole de sua bebida enquanto olhava as fotos da minha mesa de petiscos. "Você sabe que o Mike não está falando com a mãe dele, né?"

Inclinei a cabeça para o lado. "Ele não é?"

“Não. Por causa do jeito que ela te tratou. Janessa também. E o que se comenta por aí é que ele também vai sair da casa de hóspedes. Ele está trabalhando em tempo integral para o Tony, largou a academia. Acho que você mudou a química cerebral daquele cara.”

“Bom.”

Você já falou com ele?

Balancei a cabeça negativamente. "Não. Não estou pronta."

Fiquei feliz por ele estar fazendo algo da vida. E apreciei muito que ele tivesse me defendido perante a mãe dele. Isso significou muito para mim.

“O Chris acabou de te mandar uma mensagem”, disse ela, devolvendo-me o celular.

Eu li a mensagem.

> Chris: Três palpites sobre por que nosso cachorro está encharcado?

Havia uma foto de Woofarine sentado ao lado de um vaso sanitário aberto, parecendo um rato afogado.

Eu ri olhando para a tela.

> Eu: Nãoooo

Ele mandou um emoji de cabeça para baixo e eu caí na gargalhada.

“Então, o que está acontecendo com o Chris?”, ela perguntou, observando-me sorrir para o meu celular.

"Não muito", eu disse, colocando a tela virada para baixo.

"Eu literalmente não sei como você não está transando com aquele cara. Acho atos de serviço incrivelmente atraentes."

Respirei fundo. "Igualmente. Mas não é bem assim", disse, mexendo minha bebida.

Ela me lançou um olhar. "Menina, seja sincera. Aquele cara está

completamente a fim de você."

"Não quero ser o motivo pelo qual Chris perca todos os seus amigos depois de ter acabado de perder sua mãe, Lexi."

"Ele está mesmo falando com o Mike?"

“Não. Mas esse não é o ponto. Ele não quer magoá-lo. Eu também não quero magoá-lo. Ele não estava bem mentalmente antes de terminarmos, provavelmente perderia o controle se eu e o Chris voltássemos a ficar juntos…” Minha voz foi sumindo. “Eu simplesmente não consigo.”

“Mas você quer mesmo?”

Soltei um longo suspiro. "Sim", eu disse. "Sim, eu sei."

Tive que tentar não pensar nisso.

A verdade é que eu pensava nisso constantemente de qualquer maneira.

Eu o beijei na bochecha no Ano Novo e juro que ainda conseguia sentir a pele dele contra a minha boca um mês inteiro depois.

Eu fantasiava com ele. Imaginava atravessar o corredor e me enfiar debaixo dos lençóis dele no meio da noite, só para ver o que aconteceria.

Ele estava tão fofo com aquele jaleco branco na farmácia. Era ridículo o quanto eu gostava dele. Eu ficava com ciúmes toda vez que ele beijava o cachorro. Eu estava um caos.

"Ei, eu te contei sobre aquele vídeo do marido fiel que eu vi?", ela disse.

"Não…"

“Essa terapeuta listou as três profissões com menor probabilidade de trair: contador, agricultor e farmacêutico.” Ela franziu os lábios ao ler a última.

“Nem me surpreende.” Dei um gole no meu chá de bolhas. “Por que os agricultores, você acha?”

"Porque eles não querem que ninguém fique com metade da fazenda deles?"

Eu caí na gargalhada.

"Ele é leal", eu disse. "Jamais imaginei que ele me trairia."

"Ele é um bom colega de quarto?", ela perguntou.

“Muito bom. Sabe o que aconteceu outro dia?”, eu disse.

Ela cutucou o gelo. "O quê?"

“Adormeci no sofá. Quando acordei, Chris tinha colocado meu celular para carregar e me coberto com um cobertor.”

“Que fofo.”

"Sim. O mais estranho é que eu não tiro cochilos. Nunca. Não consigo. Sinto que não consigo parar de me mexer quando tenho trabalho a fazer, e agora, de repente, posso parar e é muito estranho. Não é como se eu tivesse menos coisas

para fazer porque estou muito ocupada com os negócios."

“Você saiu do modo de sobrevivência”, disse ela, falando por cima do canudo.

Pisquei para ela. "O quê?"

“Você saiu do modo de sobrevivência, querida. O cortisol parou de ser produzido. O cérebro reptiliano do homem das cavernas desligou. Seu corpo te considerou a salvo da consciência constante.”

Recostei-me na cadeira. "Meu Deus..." sussurrei. "Acho que você tem razão."

“Aquele cara te deixou relaxada. Imagine o quão relaxada você ficaria com uma boa transa à moda antiga.”

Eu me engasguei.

“Ele também deve estar pensando nisso”, disse ela.

"Nem pense nisso", murmurei. "Se eu pensar que ele está pensando em mim, vou pegar fogo."

Ela riu.

"Não sei por quanto tempo mais consigo viver com ele", disse, quase para mim mesma. "Não é saudável."

“Você gosta de morar com ele?”

“Sim. Gosto mesmo. Não há nada nele de que eu não goste.”

"Você poderia?", disse ela. "Se mudar, se quisesse?"

Olhei para ela por cima da mesa. "Sabe de uma coisa? Sim. Eu poderia."

Eu finalmente tinha recuperado meu crédito. Ainda não estava ótimo — eu ainda precisava melhorá-lo —, mas a dívida do meu pai finalmente tinha sido quitada e era o suficiente para eu conseguir alugar um imóvel. Eu estava ganhando dinheiro suficiente com as tábuas de frios para poder ter meu próprio apartamento, se quisesse. E com conforto.

Pela primeira vez na vida, a pobreza não me obrigou a viver com alguém com quem eu não queria. Eu tinha escolha. Era algo que eu tentara explicar uma vez para o Mike, algo que o Chris parecia entender instintivamente.

É assim que o amor se parece.

É como dar apoio a alguém, mesmo sabendo que isso significa que essa pessoa pode sair dessa situação.

"Não há literalmente nenhum outro lugar onde eu queira estar e ninguém com quem eu queira estar", eu disse.

“Então, finalmente chegou a hora”, disse ela, sorrindo por cima do canudo.

Brinquei com o rótulo de papel do meu copo. "É como se nós dois soubéssemos e reconhecêssemos que há algo ali, mas não pudéssemos fazer nada

a respeito."

“Vocês já conversaram sobre isso?”

"Na verdade, não", eu disse. "Não depois daquela primeira noite. Talvez um dia, quando tudo isso com o Mike ficar para trás e ele seguir em frente... Não sei. Simplesmente não consigo imaginar todo mundo aceitando isso numa boa."

Meu celular vibrou na mesa. Peguei-o pensando que seria o Chris de novo com mais uma atualização do Woofarine. Não era. Endireitei-me na cadeira.

"O quê?" perguntou Lexi.

Balancei a cabeça, sorrindo. "Nada."

Chris merecia ouvir isso primeiro.

47

CHRIS

Quando ouvi a chave na fechadura, Woofarine saltou da almofada do sofá para encontrá-la e eu imediatamente me sentei e sorri para a porta.

Larissa entrou radiante. "Você não vai acreditar no que acabou de acontecer", disse ela, tirando o casaco.

"O que?"

“Consegui um pedido para a mesa de petiscos!”

Meus olhos se animaram. "Você fez isso?"

“Eles querem três”, disse ela, pendurando o casaco. “Uma para a festa de noivado, uma menor para o jantar de ensaio e uma grande para o casamento, para servir cento e cinquenta pessoas!”

Eu sorri para ela e me levantei.

Ela praticamente pulava enquanto eu atravessava a sala.

“Isso equivale a um mês inteiro de renda”, disse ela. “Sabe o que isso significa? As pessoas vão pegar meus cartões de visita. E eu terei mais fotos.”

Ela levou as mãos à boca.

Entrei e a abracei.

Eu não a tocava desde o abraço que lhe dei um mês atrás, no Ano Novo, quando ganhei um beijo na bochecha. Mas agora a abracei com tanta força que mal conseguia respirar.

Eu estava muito orgulhosa dela.

“Vou conseguir pagar o empréstimo”, disse ela, com o queixo apoiado no meu ombro.

"Graças a Deus."

Ela riu e se afastou para me olhar. Seus olhos brilhavam.

Eu pagaria dois mil dólares e enrolaria dois mil salames de novo todos os dias só para ver aquela expressão no rosto dela.

"Eu sabia que isso ia acontecer", eu disse.

Ela deu uma risadinha.

“Tenho uma ideia para comemorar”, eu disse.

"O que?"

Que tal eu te levar para comprar livros?

Ela deu um suspiro de espanto.

“Vocês têm dois minutos para pegar quantos livros conseguirem carregar”, eu disse.

"Você está falando sério?"

“Totalmente.”

"Eu poderia simplesmente colocar os livros em uma cesta e você os compraria", disse ela.

“Isso mesmo.”

Ela me lançou um olhar. "Christopher, eu poderia causar muito estrago em dois minutos. Acho que você não tem noção da minha força. Consigo carregar muitos livros."

"Bom."

"Posso dar uma olhada na loja antes do início das atividades?", perguntou ela.

"Claro."

Ela bateu palmas alegremente.

Balancei a cabeça negativamente. "Adoro como você não aceita meu dinheiro, mas me leva à falência numa livraria."

“É algo totalmente diferente”, disse ela.

“Será mesmo?”

“Sim. Os livros são para nós.”

Eu a encarei.

Nós.

Eu gostei muito dessa palavra. Mesmo que ela não significasse o que eu gostaria que significasse.

Duas horas depois, estávamos estacionados em frente a um outdoor da Toilet King, comendo tacos de um food truck no estacionamento de uma loja de materiais de construção.

“Admita, você está impressionada”, disse ela, sorrindo enquanto tomava um gole de seu refrigerante.

“Subestimei enormemente a sua força na parte superior do corpo.”

Ela pegou livros no valor de seiscentos dólares. Em dois minutos.

Ao contrário do que eu vinha gastando ultimamente, eu não tinha uma conta bancária inesgotável. Eu ganhava um salário decente e, graças aos meus pais,

não tinha dívidas estudantis. Mas tinha uma hipoteca, a prestação do carro e outras contas.

Minha mãe me deixou uma pequena herança quando faleceu. Era o que eu estava usando para as despesas iniciais da Larissa e para as compras. Valia a pena.

Mamãe teria adorado que o dinheiro fosse destinado a isso.

Às vezes, quando me permito focar em outras coisas, quando me distraio como aconteceu quando estava com a Larissa, esqueço que a mamãe não está aqui. Dá vontade de pegar o telefone e ligar para ela. Contar a ela sobre a Larissa.

Conte a ela sobre o Mike.

O que ela pensaria de tudo isso?

Minha mãe sempre dizia que a maioria de nós vive vidas normais e sem grandes acontecimentos durante a maior parte da vida. São aqueles raros e pequenos momentos em que somos chamados à ação que nos definem. O que ela diria sobre o que estava acontecendo entre mim e o Mike? Ou sobre o que eu estava fazendo pela Larissa? Eu era uma pessoa boa ou má? Boa por fazer o que era certo para a Larissa. Má por me sentir como me sinto, mesmo que a única coisa que eu tenha feito com isso tenha sido tornar a vida dela melhor.

Mas mesmo o bem que fiz por Larissa não compensou totalmente o mal. Porque se não fosse pelo que senti depois da forma como ele a tratou, eu ainda seria amiga do Mike. E não acho que isso tenha melhorado a vida dele.

Quem realmente sabe qual foi a melhor ou a pior coisa que você já fez? Porque você nem sempre está presente para ver o impacto que isso causa.

Às vezes, uma pequena decisão, uma pequena grosseria, pode ser a pedrinha que rompe a represa na alma de alguém, causando a inundação que a afoga. Eu nunca quis ser a razão da inundação de alguém. Eu não queria afogar o Mike. Mas estava ficando cada vez mais difícil, a cada dia que eu passava com a Larissa, não sentir que eu mesma estava me afogando, tentando honrar o que eu achava certo para ele.

Se não fosse pelo Mike, eu já a teria beijado cem vezes. E a teria convidado para mil encontros.

Eu desejava que existisse um mundo onde ninguém mais existisse além de nós. Onde ninguém pudesse ser ferido por nada que fizéssemos.

Larissa acenou com a cabeça para a fileira de árvores perto do estacionamento. "Veados."

Tranquei as portas e ela riu.

“Você é demais”, disse ela, dando uma mordida em seu taco.

"Ainda?" perguntei, alternando o olhar entre ela e a janela. "Depois da experiência de quase morte no ano passado?"

“Todos os animais são protetores de seus filhotes”, disse ela.

"Prefiro encontrar um urso na floresta", eu disse, levando o canudo à boca.

“Ah. Devíamos repetir essa caminhada, mas desta vez com suprimentos.”

"Sem água de sangue de uva?", perguntei.

“Talvez um pouquinho? Só por tradição?”

Eu ri baixinho.

“Como foi o trabalho hoje?”, perguntou Larissa entre uma garfada e outra.

"Uma senhora entrou na loja procurando por Imodium. Ela disse que estava com tanta vontade de evacuar no caminho que ligou o pisca-alerta porque não sabia o que mais fazer."

Ela fez uma careta. "Detesto dizer isso, mas às vezes acho que meu trabalho é melhor que o seu."

“Ah, quer dizer que ninguém tentou te subornar com queijo coalho para conseguir Percocet hoje?”

Sorri ao ouvir sua risada.

“Estes estão ótimos”, disse ela, acenando com a cabeça para a comida em seu colo.

“Sim. Um dos meus food trucks de tacos favoritos.” Olhei para ela. “Eu provavelmente teria te trazido aqui naquela noite depois do show, sabia?”

"Ah, ótimo, perdi ainda mais coisas?", disse ela.

“A culpa é sua por ter escolhido o cara que parece um modelo de cueca”, eu disse, espremendo limão sobre minha carne assada.

"Você teria me convidado para sair naquela noite?", ela perguntou. "Se eu tivesse ido com você?"

Balancei a cabeça negativamente. "Não. Definitivamente não. Provavelmente nem teria pedido seu número. Sou tímida demais."

"Então você me daria os melhores tacos da minha vida e depois simplesmente desapareceria depois de me deixar em casa?", ela provocou.

Lancei-lhe um olhar divertido. "Você teria saído comigo? Se eu tivesse convidado?"

“Depois desses tacos? Sim.”

“Ha.”

Ela terminou de comer e amassou o guardanapo. "Eu não estava realmente procurando um relacionamento. Mas sim, provavelmente teria saído com você.

Eu teria gostado de você."

"Eu não teria perguntado. Eu estava lidando com essas coisas com a minha mãe. E eu teria ficado intimidada demais."

Ela deu uma gargalhada. "Pare."

"Uma coisa é oferecer uma carona para casa, outra bem diferente é te convidar para sair. Teria sido algo muito importante e eu teria amarelado."

"Você teria me perguntado", disse ela com desdém. "Se tivéssemos ido comer tacos e estivéssemos nos dando bem. E o quão intimidadora eu poderia ser? Eu nem estava de sapatos."

Eu caí na gargalhada. "Não. Mas eu teria ido à casa da Donna na esperança de te ver. Eu teria ido só para te ver. Eu teria criado coragem para te perguntar. Eventualmente."

“E veja só, você não tem problema nenhum em me dar ordens.” Ela inclinou a cabeça. “Viu só o quanto você evoluiu?”

Soltei um som de indignação. "Eu não mando em você."

“Christopher, eu nem sequer tenho permissão para dirigir meu carro.”

“Isso é para sua segurança. Eu não conseguiria viver comigo mesmo se algo acontecesse com você”, eu disse, dando a última mordida no meu taco.

“Você disse isso mesmo.” Ela apoiou a cabeça no assento para me olhar. “Eu também não conseguiria viver comigo mesma se algo acontecesse com você.”

Dei-lhe um sorriso suave.

"Eu teria te encontrado online ou algo assim depois que você me deixasse em casa e te seguido", disse ela. "Te mandaria uma mensagem direta."

"Realmente?"

“Ah, sim. O fato de você ser difícil de conquistar teria me feito te querer ainda mais.”

“Ha.”

“Você também me intimidou”, disse ela.

Recuei o rosto. "Eu? Como?"

“Porque eu sei o quão inteligente você é.”

"Você é tão inteligente quanto eu", eu disse. "Mais inteligente."

Ela olhou para mim. "Eu não estaria nem perto de onde estou se não fosse por você."

"Você sempre seria alguém", eu disse. "Só teria levado mais tempo." Amassei meu guardanapo também. "Mas eu me considero um empresário muito esperto, com faro para bons investimentos."

“Pare com isso”, ela riu.

Nós sorrimos uma para a outra. Então, os cantos dos lábios dela se curvaram levemente para baixo. "Posso ver sua mão?", ela perguntou. E então estendeu a mão para pegá-la.

O reflexo de não tocá-la havia desaparecido. Deixei que ela pegasse minha mão e observei-a passar o polegar sobre as cicatrizes brilhantes onde antes ficavam as crostas das pancadas que eu dava no Mike. Meu coração não disparou como eu imaginei que aconteceria com o toque inesperado dela — em vez disso, doeu.

"Eu gostaria que isso cicatrizasse melhor", disse ela, com tristeza.

"Elas vão desaparecer", eu disse enquanto ela franzia a testa para as marcas nos meus nós dos dedos.

Eu queria muito entrelaçar meus dedos nos dela.

Eu queria me inclinar sobre o banco e beijá-la.

Se este último mês me ensinou alguma coisa, foi que Larissa nunca seria apenas mais uma mulher para mim. Acho que sempre foi para sermos nós dois. Mas ela escolheu um caminho diferente e, mesmo tendo nos reencontrado, não podia ser como deveria.

Percebi que existem muitas maneiras de amar alguém.

Você poderia passar a vida inteira sem nunca tocá-la e isso não anularia o sentimento. Ela poderia ser o amor da minha vida, mesmo que tivéssemos apenas isso.

Jantando com ela todas as noites, os suéteres dela no encosto das minhas cadeiras. Woofarine sempre com o cheiro dela.

Eu me sentia privilegiada só por poder conversar com ela sempre que quisesse. Por poder ajudá-la, ser útil a ela de qualquer forma. Por poder abrir um pote para ela, comprar algo na loja e trazer para casa, lavar sua xícara de café e colocar suas roupas na secadora.

É assim que deve ser com as pessoas que amamos. O desejo incessante de cuidar delas.

A dor e a saudade quando você não pode.

Adorei que ela tenha se aninhado na minha casa. Espalhou coisinhas coloridas por toda a casa, como fazia no apartamento com a Nancy. Deixou tudo com a sua cara. Eu conseguia senti-la em todos os cômodos, menos no meu, e isso me fazia nunca querer ir para a cama. Ela acendia velas com cheiro de biscoito, organizou a biblioteca no quarto dela e colocou os trabalhos de quilling da mamãe no meio da prateleira. Mamãe teria adorado, ser lembrada, aconchegada junto com todos aqueles livros no quarto onde ela sempre ficava

quando vinha nos visitar.

Larissa iluminou minha vida. Eu estava começando a me esquecer de como era antes de ela chegar.

Eu não queria me lembrar.

"Eu teria colocado minhas luvas em seus pés antes de carregá-la até o carro", eu disse baixinho.

Seus olhos voltaram a encontrar os meus. "Quando? Depois do show?"

“Sim. Não consegui acreditar que ele não te cobriu.”

Algo de triste transpareceu em sua expressão. "Você teria começado a ser você mesma desde o início, não é?"

Eu não respondi.

“Por que você parou de falar comigo?”, ela perguntou. “Quando você começou a namorar a Heather?”

Soltei um suspiro lento. "Porque era muito difícil. Ver você com ele."

"Fiquei com tanta inveja quando vi a Heather no carro."

Pisquei para ela. "Você estava?"

“Ah, sim. Eu a odiava.”

"Pensei que você estivesse enjoado(a) no carro."

"Acho que fiquei com o coração partido, na verdade."

Eu sorri, mas o sorriso não chegou aos meus olhos. Era estranho conversar sobre isso. Os "e se". A verdade. Ter tudo ali, exposto, às claras. Nós dois sabendo. Reconhecendo.

Ela olhou fixamente para a minha mão em silêncio, como se talvez estivesse pensando em entrelaçar os dedos nos meus também.

Em vez disso, ela me soltou.

“Como foi a Lexi?”, perguntei, mudando de assunto.

Ela deu de ombros. "Ótimo. Ainda estou saindo com aquele cara. Estou trabalhando em Minneapolis. Sabe o que ela disse?"

"O que?"

“Que eu saí do modo de sobrevivência.”

Olhei de novo para o outdoor. "Você é?"

Ela assentiu com a cabeça. "Sim."

“Acho que eu também.”

“Você estava em modo de sobrevivência? Por quê?”

“Porque eu me preocupava com você. Não preciso mais fazer isso. Quer dizer, eu ainda me preocupo com você”, eu disse, olhando para ela. “Só que agora é diferente. Com você aqui.”

Ela me estudou.

“Sabe o que eu percebi hoje?”, disse ela.

"O que."

"Eu passaria por qualquer porta com você."

Virei-me para olhá-la. Ela retribuiu o olhar, com algo sincero em sua expressão.

E então simplesmente ficamos ali, refletindo sobre isso. Porque o que mais poderíamos fazer?

~

Meia hora depois, Larissa e eu estávamos levando as últimas sacolas de livros para a estante no quarto dela quando alguém bateu na porta da frente. Woofarine começou a latir.

"Está esperando alguém?", perguntou ela, parando.

"Não."

Ela se virou e olhou pelo olho mágico. "Ah, é o Jesse." Ela colocou a bolsa no chão e abriu a porta. "Oi", disse ela, sorrindo, dando um passo para o lado para deixá-lo entrar.

“E aí”, disse ele, batendo a neve das botas. “Caramba, tá frio lá fora.”

“Ei”, eu disse, colocando minha bolsa no chão. “Não sabia que você ia passar por aqui.”

Ele olhou ao redor da sala enquanto tirava o casaco, com nossa cachorra pulando a seus pés. "É, bem, você não está muito no grupo de bate-papo, então... Achei que devia me certificar de que você está viva." Ele olhou para Larissa. "Como você está? Tudo bem?"

“Sim. E você?”

“Só estou na correria.” Ele acenou na minha direção. “Ei, você se importa se conversarmos por alguns minutos?”

Larissa olhou para mim. "Claro", disse ela. Pegou meus livros, foi para o quarto dela com Woofarine e fechou a porta.

Jesse pendurou o casaco e se juntou a mim no sofá.

“Então, o que você está fazendo?”, perguntou ele, sentando-se.

“Nada demais. Quer beber alguma coisa?”

“Não. Obrigado.” Ele examinou a sala de estar. Seus olhos pousaram no suéter de Larissa, que estava pendurado no encosto de uma cadeira. “Você anda meio sumida”, disse ele, olhando para a peça. “Não tem ido à academia.”

“Não estou com vontade.”

Ele olhou para mim. "Também não almoçou conosco outro dia."

“Eu também não tive essa sensação”, respondi.

Já fazia mais de um mês desde a cabana. Eu não tinha visto ninguém. E não era por falta de tentativas.

Mike foi quem mais se esforçou.

Xavier ligou duas vezes. Mandei para a caixa postal. Eu não sabia sobre o que ele queria falar, mas tinha minhas suspeitas.

"Então você vai simplesmente ignorar todo mundo, é isso?" Jesse provocou.

Eu não respondi.

Ele se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. "Ele não está bravo com isso, sabia? Ele sabe por que você o bateu. Ele te perdoa—"

"Eu não o perdoo", eu disse.

"Ele estava muito perturbado, cara."

"Eu simplesmente não estou pronta para falar com ele agora", eu disse. "E você me pressionando não vai mudar isso."

“Você nem sequer quer saber se ele está bem?”

"Ele está mesmo?", perguntei.

Ele deu de ombros, como quem encolhe um ombro só. "Defina 'ok'. Ele está trabalhando para o Tony. Ele odeia isso, mas está fazendo. Saiu da casa da Donna também. Alugou um apartamento em New Hope. Tem um terapeuta."

Desviei o olhar dele. "Ótimo."

“Ele está fazendo isso por ela, sabe?”

Olhei para trás. "Fazendo o quê?"

“Tudo isso. Ele a quer de volta. Acho que essa esperança é a única coisa que o mantém firme. Acho que é o único motivo pelo qual ele ainda não está no último ano do ensino médio. Ou pior.”

Assenti lentamente. "Você sabe que isso não vai acontecer, né?"

Ele estufou as bochechas. "É. Eu imaginei. Mas se a esperança é o que o ajuda a superar isso, que ele tenha esperança."

Ficamos sentados ali em silêncio.

Ele se inclinou na minha direção. "Por quanto tempo ela vai ficar aqui?", sussurrou.

Pisquei para ele. "Contanto que ela queira."

“Olha, cara, eu entendo por que você está ajudando ela”, disse ele, em voz baixa. “Mas é meio inapropriado, não é?”

“O que há de inapropriado? Somos amigos.”

“Ela está morando com você.”

Apertei meus lábios. "E?"

“Não estou te acusando de nada”, disse ele em voz baixa. “Sei que você nunca faria isso. Mas pense em como isso faz o Mike se sentir. Quer dizer, ele não disse nada, mas você mal está falando com ele e a namorada dele está aqui __”

“Ela não é namorada dele. E eu vou ajudá-la pelo tempo e na medida em que ela precisar.”

Ele me estudou. A conversa não estava indo como ele esperava. Mas eu não ia negociar quando se tratava da Larissa. Não mais. Eu ia fazer o que era certo para ela — e eu realmente não me importava se era certo para o Mike, já que a culpa era dele por ela precisar de ajuda.

“Você entende como ela chegou aqui, não é?”, eu disse. “Você estava lá.”

“Sim, mas ela não tem amigas com quem possa ficar? Deve haver outra opção—”

“Não há”, eu disse.

Ele soltou um suspiro pelo nariz. "Certo. Sabe, não sou o único que diz isso. O Tony acha estranho. E a Donna não está nada contente com você agora—"

"Não me importo nem um pouco com o que Donna pensa."

"Bom, minha mãe também pensa assim. Não é legal, cara. Eu ficaria puto da vida se eu e a Becca terminássemos e ela estivesse morando aqui. Você tem que ver isso, né?"

“Se você quase matasse a Becca, eu também não ligaria para o que você pensasse.”

“Ah, é? Porque estou começando a achar que Larissa e Becca são bem diferentes quando se trata de você.”

Eu me irritei. "O que exatamente você está tentando dizer?"

“Acho que você sabe o que estou dizendo.”

Ele olhou-me diretamente nos olhos.

"Acho que você vai fazer o que vai fazer, né?" Ele se apoiou nos joelhos e caminhou até a porta. "Só queria dar uma passada e compartilhar meus pensamentos. Caso você ainda se importe."

“Eu não sou o babaca aqui.”

Ele calçou as botas novamente. "Tem certeza?" Pegou o casaco e saiu.

48

LARISSA

Fiquei no meu quarto, colocando os livros novos na estante só para ter algo para fazer enquanto Jesse e Chris conversavam.

Jesse disse que Chris não estava respondendo no grupo de bate-papo. Eu sabia que ele não estava realmente falando com Mike, mas não sabia que ele não estava falando com todos.

A culpa foi minha.

Ele estava fazendo isso por minha causa.

Acho que, oficialmente, não foi uma boa ideia eu estar aqui. Talvez eu realmente precise encontrar outro lugar para morar. Eu sabia que haveria um limite de tempo para minha estadia e sei que ele diria para eu não ir, mas até que ponto eu o deixaria se sacrificar por mim?

Eu não queria arruinar a vida dele nem ser o motivo pelo qual ele escolheu a ruína. Em algum momento ele teria que voltar a se dedicar a isso, afinal, aqueles eram os amigos dele.

A ideia de ir embora me deu vontade de chorar.

Eu sabia que essa situação de moradia não duraria para sempre. Só pensei que, quando chegasse a hora de ir embora, eu estaria pronto.

Algo me dizia que eu nunca estaria pronto.

Sentei-me na beira da cama, ouvindo murmúrios ininteligíveis vindos da sala de estar.

O exemplar de Ponto Cruz que comprei para o Chris estava com a capa virada para fora na estante. Era o único livro que não estava jogado em uma pilha caótica quando cheguei. Havia um pequeno pedaço branco saindo da parte de baixo dele.

Levantei para ver o que era, pensando que talvez tivesse deixado o recibo entre as páginas sem querer. Mas não era o recibo. Era o guardanapo do primeiro dia no restaurante para onde ele me levou. Aquele em que tínhamos avaliado o

pão. As notas dele e meu desenho floral nas bordas.

Ele o guardou.

Deixei-me cair de volta na beira da cama, olhando para aquilo na minha mão.

Ele sempre soube.

Demorei um ano para chegar aqui, mas Chris já tinha percebido isso desde o primeiro dia.

Coloquei o rosto entre as mãos. Como não o reconheci à primeira vista? Como meu coração não o reconheceu no instante em que o vi, porque agora eu o reconheceria no escuro.

Eu nunca tinha desejado tanto mudar algo na minha vida. Eu jamais conseguiria parar de me arrepender de ter escolhido errado, e agora tudo estava um caos. Não havia saída, nem um caminho a seguir que não destruísse alguém.

Ouvi a porta da frente bater e o alarme do carro do Jesse disparar lá fora. Levantei-me, espiei pelas persianas e o vi entrar e sair. Quando voltei para a sala, Chris estava no sofá com a cabeça entre as mãos.

"Está tudo bem?", perguntei da porta.

Ele se endireitou. "Tudo bem", disse ele.

“O que ele disse?”

"Nada-"

“Chris, podemos fazer um acordo?”, eu disse. “Agora mesmo. Que paremos de esconder as coisas em voz alta. Quero saber a verdade. Sempre. Se a minha permanência aqui for um problema—”

“Não é.”

“Não quero atrapalhar suas amizades.”

“Não estamos fazendo nada de errado”, disse ele.

“Será que eles pensam que somos?”

Ele fez uma pausa. "Sim."

Soltei um longo suspiro.

“Eles não gostam disso”, disse ele.

Não. Claro que não fariam isso.

“Chris, acho que está na hora de eu ir embora—”

Ele balançou a cabeça. "Não. Eu não quero que você faça isso. Eu gosto de você estar aqui. E essa é a verdade."

Desviei o olhar dele. "Eu também gosto de estar aqui", disse baixinho.

Aproximei-me e sentei-me ao lado dele no sofá. Ficamos ali em silêncio por um longo tempo.

"O que estamos fazendo?", sussurrei finalmente.

Ele parecia tão cansado. "Não sei", disse ele, com a voz baixa.

“Chris, eu te amo”, eu disse.

Eu vi as palavras o atingirem.

Fiquei maravilhada com a facilidade com que as palavras saíram. Como aquela palavra, que era tão difícil para mim dizer ao Mike, simplesmente brotou dos meus lábios para o Chris.

"Não quero ouvir que isso não é permitido", eu disse. "Porque é sim. Você é tão bom em me fazer te amar, que eu quase me apaixonei por outra pessoa simplesmente porque vi você nela. Se você quiser fingir, pelo bem do Mike, que isso não está acontecendo, então eu finjo com você. Mas quero que você saiba a verdade. E a verdade é que estou apaixonado por você."

Ele olhou para mim com uma expressão de dor. "Eu também te amo."

Me invadiu. Penetrou meu peito e apertou meu coração até que a dor com a qual eu vinha convivendo estivesse em cada célula do meu corpo.

"Eu sei que não podemos agora", eu disse. "Mas posso esperar por você. Esperarei o tempo que for preciso."

"Isso nunca vai ficar bem", disse ele em voz baixa.

“No fim, tudo vai ficar bem—”

“Ninguém nunca vai aceitar isso”, disse ele. “Não importa quanto tempo dure. Simplesmente não se faz isso—”

Balancei a cabeça negativamente. "Então, o que acontece? A gente se ama, mas não quer ficar junto? Você está me dizendo que não quer?"

“Claro que sim—”

"Você está bem em simplesmente não me tocar? Em não me deixar te tocar? Em não me beijar? O Mike pode seguir em frente e namorar outras pessoas, e nós dois temos que nos esquecer?"

“A única coisa que o mantém estável é a esperança de que um dia ele volte para você”, disse ele. “Se fizéssemos isso, o mataria. Eu já vi o quão mal ele fica. Não quero machucá-lo—”

“Eu também não quero magoá-lo, mas com quem eu namoro não é da conta dele. E a verdade é que nos amamos. Independentemente de agirmos de acordo com esse amor ou não, ele existe, está acontecendo e não é culpa nossa. A única razão pela qual não o magoa é porque ele não sabe disso. E talvez esse seja o caminho que tenhamos que seguir. Talvez o que temos só possa ser nosso agora e não possamos compartilhar com o resto do mundo ou com as pessoas de quem gostamos. Eu aceitaria isso, porque prefiro ter você em segredo do que não ter você de jeito nenhum. Mas eu quero mais do que isso, Chris. Quero te tocar, te

beijar e dormir ao seu lado. Quero chegar por trás, te abraçar e segurar sua mão. Quero dançar agarradinho com você e te aconchegar no sofá — e não quero esperar anos para fazer isso até que o Mike não se importe mais. A escolha é sua. Todas as responsabilidades são suas, você decide. Mas se não vamos ficar juntos, "Acho que não consigo continuar vivendo aqui assim, porque é muito difícil..." Minha voz falhou na última palavra.

Chris me encarou, o peito subindo e descendo um pouco rápido demais. Mas ele não disse sim. Não disse absolutamente nada. Esperei por uma resposta e… nada. O silêncio era um não.

Meu coração se partiu.

Quebrou por aquilo que poderia ter sido e por aquilo que deveria ter sido. Quebrou por Chris e até um pouco por Mike.

Eu sabia que isso era impossível. Eu sabia o que estava pedindo e não o culpava por não mudar de ideia. Mas pelo menos eu lhe disse como me sentia.

Levantei-me e fui para o meu quarto começar a arrumar as malas.

Eu ficaria alguns dias em um hotel, depois procuraria um lugar para morar. Voltaria para pegar minhas coisas do trabalho e retirar tudo, deixando dinheiro em algum lugar da casa para reembolsá-lo por tudo que ele gastou com as mesas dobráveis e os cabideiros. Tentaria deixá-lo o mais satisfeito possível, mesmo que eu nunca me sentisse assim.

Eu estava colocando minhas roupas na mala quando ele entrou pela porta atrás de mim. "O que você está fazendo?"

"Estou indo embora", eu disse, sem me virar.

"Para onde?"

“Ainda não sei. Vou encontrar alguma coisa.”

Fui ao banheiro, peguei minha maquiagem e o secador de cabelo e joguei tudo lá dentro enquanto ele observava. Esvaziei a última gaveta e fechei a bolsa.

Quando me virei, a expressão no rosto dele era de puro pânico.

"Por favor, não faça isso", ele sussurrou.

"Não faça o quê, Chris?"

“Fique. Você não precisa ir embora—”

“Não consigo viver assim. Talvez você consiga, mas eu não.”

“É melhor do que nada—”

“Não, não é. Você e eu nunca seremos felizes se continuarmos assim. Só vamos tornar a convivência mais difícil para nós e irritar todo mundo no processo. Qual é o sentido disso?”

Ele me encarou com um olhar sombrio.

“Você está me dizendo que não podemos ficar juntos”, eu disse. “Que nunca vai dar certo. E enquanto isso, você está sumindo da vida dos seus amigos, e por quê? Para eu morar no apartamento em frente ao seu? Para ser sua colega de quarto? Você fez o que queria, me ajudou a me reerguer. Estou bem agora, volte para a sua vida.”

“Eu não quero essa vida—”

“Então, o que diabos você quer?!” Levantei as mãos. “Alguém vai se machucar. Não importa o que façamos, alguém vai perder.” Balancei a cabeça. “Acho que a coisa menos egoísta a se fazer seria sermos nós.” Peguei a alça da minha mala. “Me liga daqui a alguns anos, quando estiver pronto.” Comecei a passar por ele, aos poucos.

Ele me parou no batente da porta. "Larissa, por favor."

Ele parecia devastado. Olhei para ele com o coração partido.

"Talvez este não seja o tipo de amor que mereça existir", sussurrei. "Talvez seja o tipo de amor que inicia guerras. O tipo que derruba impérios e nunca deixa o mundo melhor do que o encontrou."

Seu olhar penetrou o meu e eu vi o exato momento em que ele desistiu.

“Então que tudo queime.”

Ele diminuiu a distância entre nós e me beijou.

49

LARISSA

Por um instante, suas mãos pairaram a poucos centímetros do meu rosto, como se ele ainda tivesse medo de me tocar. Então, ele diminuiu a distância e acariciou suavemente minhas bochechas com suas palmas quentes, e tudo acabou. Eu era areia entre seus dedos. Eu era sua namorada e sua esposa. Eu era a mãe de seus filhos, a testemunha de sua existência, a última palavra que ele pronunciou. Tudo em um segundo. Tudo em um beijo.

Não sei como pensávamos que poderíamos lutar contra isso. Ninguém conseguiria.

Soltei a alça da minha mala, envolvi meus braços em volta do pescoço dele e ele me encostou no batente da porta, me beijando com avidez, como um homem que acabara de desistir de tentar se matar de fome.

Eu queria subir nele, mordê-lo, rasgar suas roupas. Eu queria fazer todas as coisas que não pude fazer por tanto tempo, passar minhas mãos por cada centímetro do seu corpo, abraçá-lo, prová-lo, observá-lo dormir.

Mas, mais do que isso, eu queria cuidar dele. Ser para ele o que ele era para todos os outros, dar a ele o que ele merecia, a vida que ele merecia. Eu o amava profundamente. Cada parte dele. Porque ele era digno disso.

Ele se afastou depois de alguns minutos para recuperar o fôlego.

"Eu te amo", sussurrei.

"Eu também te amo", ele sussurrou. "Sou péssimo em não te amar."

“Nunca se torne bom nisso.”

Inclinei a cabeça para trás e o beijei novamente.

Ele mordeu meu lábio inferior e o sugou suavemente. Uma inspiração curta, e então abriu a boca, mordiscando, sua língua roçando a minha. Sussurramos, sorrimos e respiramos o ar um do outro. Ele entrelaçou meus cabelos distraidamente nos dedos, parava para acariciar meu pescoço e roçar os lábios em minha mandíbula.

Deslizei minhas mãos pelo seu peito e levantei a barra do seu moletom. Passei a palma da mão pela pele quente e nua da sua barriga e senti seu corpo reagir ao meu toque, sua respiração falhar. Então, sua mão deslizou pelo meu quadril, passou por trás do meu joelho e envolveu minha perna em sua cintura. Ele me ergueu contra si e me carregou até seu quarto.

Não sei como pensávamos que poderíamos lutar contra isso. Mas fiquei feliz por finalmente termos desistido de tentar.

50

CHRIS

Eram duas e meia da manhã. Woofarine estava enroscada no pé da cama e Larissa dormia ao meu lado. Eu estava deitada com a cabeça no travesseiro, observando sua respiração suave na penumbra. Eu poderia me inclinar e beijá-la. Cobri-la com os cobertores, abraçá-la. Dizer-lhe como me sentia, ouvi-la dizer o mesmo. O mundo estava exatamente como deveria estar, e de cabeça para baixo ao mesmo tempo.

Esta noite, renunciei a cada pedacinho de quem eu era. Minha determinação, minha consciência, meus valores. Abandonei tudo.

Afinal, o que era certo? Que tipo de pessoa eu deveria ser? A quem eu devia lealdade? Se todos iriam me condenar de qualquer maneira, e ela estivesse certa, qual era o sentido?

Se Larissa não me quisesse como eu a queria, eu teria conseguido lidar com isso. Teria conseguido seguir em frente com o que restasse de mim depois das partes que ela levou, mas eu não aguentava mais um minuto sabendo que ela me amava também, sabendo que, ao tentar não magoar Mike, eu acabaria magoando-a. Eu jamais conseguiria magoá-la. Mesmo que ela me pedisse.

E eu fiquei aliviado.

Senti como se estivesse lutando contra a anestesia, tentando me manter acordada, e a dose só aumentava, aumentando cada vez mais, até que eu perdesse a batalha. A parte de mim que podia decidir não ser essa pessoa havia desaparecido.

Eu teria morrido por aquele beijo na porta, se esse fosse o preço. Beijei-a a poucos passos do sofá onde Jesse estivera sentado, me acusando exatamente daquilo dez minutos antes. E me senti inteiro, mas com um buraco no peito ao mesmo tempo.

Eu não conseguiria compartilhar isso com o mundo.

Não poderíamos postar fotos nossas nas redes sociais, nem andar de mãos

dadas em público, nem sair juntos em um encontro duplo com nossos amigos. Ninguém celebraria nosso noivado. Ninguém com quem eu cresci viria à nossa festa de noivado ou confirmaria presença no nosso casamento um dia. Ninguém para ficar ao meu lado no altar enquanto ela caminhava até o altar, nem para fazer um discurso de padrinho com histórias da nossa infância. A partir daquele momento, seríamos apenas nós. E seríamos os vilões.

Se eles soubessem, desvalorizariam tudo. Diriam que só esperamos seis semanas, nos acusariam de sempre haver algo entre nós.

E tudo isso, absolutamente tudo, seria verdade.

51

LARISSA

Parar."

Eu sorri de forma irônica. "Não."

Ele me lançou um olhar brincalhão do outro lado do sofá e eu sorri.

"Se você continuar me chutando, não vou mais dividir o cobertor com você", disse ele.

Voltei a olhar para o meu livro. "Aposto que sim."

Enterrei meus dedos dos pés embaixo dele novamente, e ele colocou o livro na mesa de centro e agarrou meu tornozelo. Gritei e tentei me desvencilhar, mas ele passou por cima de mim e me imobilizou enquanto eu ria.

Seus olhos se fixaram na minha boca. "Você vai parar?", ele sussurrou.

“Não. Meus pés estão gelados.” Fiz beicinho. Ele se inclinou, sorrindo, e o mordeu suavemente. A mordida se transformou em um beijo e eu o abracei pelo pescoço, puxando-o para cima de mim. Meu livro escorregou do sofá e caiu no tapete com um baque surdo.

“Então deixa eu ver se entendi…” sussurrei. “Você pode me morder, mas eu não posso te chutar.”

Movi meus quadris contra a saliência que pressionava meu estômago. Senti-o sorrir contra minha boca.

"Pode me chutar, mas haverá consequências", disse ele.

"Como?"

Ele se sentou e começou a me fazer cócegas.

Eu ri baixinho. "Tá bom, tá bom!"

Ele parou, puxou-me pelas coxas e sentou-se entre as minhas pernas. Passou os lábios pela minha mandíbula e eu fechei os olhos até que a boca dele voltasse a encontrar a minha.

“Você está sorrindo”, eu disse.

“Estou prestes a pedir minha camisa de volta…”

Eu ri e deixei que ele elaborasse a situação, fazendo-a transparecer na minha cabeça.

Ele jogou a sacola por cima do ombro no chão e ela caiu em cima do Woofarine. Ele recuou até a mesa de centro e saiu correndo da sala, parecendo um fantasminha duende. Nós rimos e o Chris me puxou para debaixo dele e me deu beijinhos suaves na bochecha.

"Ei, o que você acha de fazermos uma viagem?", perguntei.

Ele ergueu a cabeça para me olhar. "Para onde?"

Sentei-me apoiada nos cotovelos e dei de ombros. "Não sei. Algum lugar suficientemente distante para que possamos ficar juntos sem nos preocuparmos com quem nos verá. Algum lugar diferente."

Eu disse isso casualmente, mas a verdade é que eu vinha pensando nisso há algum tempo. Eu queria tirá-lo daqui.

Chris fingia estar bem. Ele estava feliz por estar comigo, eu sabia disso, mas ele estava triste. Eu conseguia ver.

Já haviam se passado três semanas desde que nos tornamos oficiais.

No começo, todo mundo tentava entrar em contato com ele. Ele dava desculpas o tempo todo. Aí os caras mandaram mensagem perguntando o que ele queria fazer no aniversário de trinta anos. Ele disse que estava ocupado e já tinha planos. O silêncio que se seguiu no chat foi ensurdecedor. Eu quase esperava que o Mike ligasse para ele. Mas ele não ligou.

Acho que eles poderiam justificar o distanciamento do Chris nos últimos meses, considerando o que aconteceu no Natal, mas isso foi uma declaração.

Ninguém mais lhe enviou mensagens depois disso.

Eles não o estavam punindo pelo que ele tinha feito, eles não sabiam de nada. Eles estavam apenas entendendo a indireta. E mesmo sabendo que isso ia acontecer de um jeito ou de outro, quando de fato aconteceu, o impacto foi maior do que ele imaginava.

Ele sentia falta do Mike. Sentia falta dos amigos. Tentei convencê-lo a entrar em contato com pelo menos o Xavier, mas ele não quis. De todos, o Xavier foi quem mais se esforçou para manter contato com ele e já sabia de algumas coisas que estavam acontecendo. Mas o Chris disse que, se o Xavier perguntasse sobre mim, ele não queria mentir, e se contasse, não achávamos que o Xavier aprovaria. No fim, o Chris não conseguiu se decidir a entrar em contato porque, para ser sincera, eu não achava que ele aguentaria a rejeição. Então, ele simplesmente seguiu em frente com a vida dele.

Isso por si só já era bastante difícil, e o isolamento não ajudou em nada.

Estávamos tão determinados a manter nosso relacionamento em segredo que nem sequer ousávamos dar as mãos no supermercado. Eu tinha medo de visitá-lo no trabalho, com receio de que Mike, Jesse ou algum outro conhecido aparecesse para pegar um remédio, e uma pequena parte de mim se preocupava toda vez que nos abraçávamos no sofá ou andávamos de roupa íntima, com medo de que algum dos rapazes batesse na porta ou espiasse pelas persianas. Precisávamos ser um casal fora daquelas quatro paredes. Mesmo que fosse só por alguns dias.

Ele se ajeitou para deitar ao meu lado e se apoiou no cotovelo. "Sair da cidade parece divertido. Quando?"

“Vamos comemorar seu aniversário. Você tem dias de folga, certo? Posso tirar alguns dias de folga esta semana. Não tenho nenhum pedido até o fim de semana.”

“Certo”, disse ele. “E quanto a Michigan?”

“Eu nunca estive lá.”

“Eu costumava ir com meus pais quando era pequeno. Podemos ir de carro”, disse ele. “São talvez dez horas?”

Eu sorri. "Sempre adorei dirigir com você. Eu costumava desejar que pudéssemos continuar dirigindo. Mesmo antes de saber por quê."

Ele se inclinou e encostou a testa na minha. "Eu odiava chegar lá. E depois você não podia voltar para casa comigo."

"Agora sempre voltarei para casa com você", eu disse baixinho.

Seu rosto suavizou.

“Podemos ficar no Lago Michigan”, disse ele. “Talvez em Traverse City?”

"Vou encontrar um lugar onde aceitem cachorros", eu disse. "A água vai estar muito fria para nadar, mas podemos alugar uma casa com vista."

Ele assentiu com a cabeça. "Certo. Vamos fazer isso."

Dois dias depois, no caminho, ouvimos um audiolivro. Estava chovendo e fazia frio quando chegamos, mas não nos importamos. Era um lugar onde podíamos ir ao cinema, entrar num café e dividir uma mesa sem nos preocuparmos em sermos vistos. Um lugar que não o fizesse lembrar de Mike ou dos amigos com quem ele não estava comemorando seu aniversário.

O apartamento que alugamos tinha uma pequena varanda com mesa e cadeiras e vista para o Lago Michigan. Havia uma banheira grande, espaçosa o suficiente para nós dois.

Depois de descarregarmos a bagagem, deixamos o Woofarine na caixa dele e fomos para a cidade. Compramos livros na pequena livraria, demos uma olhada nas boutiques e jantamos. Cantei parabéns para ele enquanto comíamos uma

fatia de bolo de chocolate com uma vela.

Mais tarde, depois de tomarmos um banho de espuma e experimentarmos a cama, ficamos deitados nus, enroscados um no outro sob o edredom, com a chuva batendo forte no teto. Tínhamos acendido a vela de capim-limão que compramos em uma das boutiques em que paramos, e ela tremeluzia, projetando uma luz quente na parede. Chris me beijava suavemente e tudo parecia calmo, tranquilo e perfeito.

Há algo especial em viajar com alguém. Perceber como o amor existe em todos os lugares, como algo que você carrega consigo aonde quer que vá e não apenas um produto do mundo em que foi criado. Ir juntos ao supermercado, a uma loja desconhecida, decidir em qual restaurante novo querem comer, explorar tudo juntos, e tudo parece diferente e novo, exceto pela presença dessa pessoa. Ela é a constante. O porto seguro.

"Quase te acordei ontem à noite", eu disse, desenhando círculos preguiçosos em seu peito nu.

Ele colocou um braço atrás da cabeça. "Por que você não fez isso?"

“Eu não queria te acordar, mas também não queria que você continuasse dormindo. Lembra daquele passeio em que você me mostrou sua garrafa de água?”

"Sim."

"Eu vi sua barriga", eu disse. "Gostei."

“Você viu tudo naquele dia. Eu tirei a camisa.”

"Sim, mas tive a sensação de que não era para eu ter visto aquilo", eu disse.

Ele sorriu com os olhos fechados. "Na primeira semana em que você morou comigo, você estava pegando um copo no armário e seu short subiu."

Soltei um suspiro de brincadeira. "E você olhou?"

“Não consegui evitar.”

“Hum”, eu disse. “Fiz isso de propósito…”

Senti a risada vibrar em seu peito.

"Você pensou nisso depois?", perguntei.

“Na verdade, mais de uma vez.”

"Eu costumava sentir o cheiro das suas roupas quando você não estava em casa", eu disse.

“Eu sabia disso.”

Franzi a testa. "Como?"

“Eles não estavam exatamente onde eu os deixei?”

Encostei meu ouvido ao seu coração e fechei os olhos.

“Gostei do cheiro do seu moletom”, eu disse, lembrando. “E daquela camisa que você me deu naquele passeio.”

“Você pode ficar com ele se quiser.”

“A camisa? Ou o moletom com capuz?”

“Ambos”, disse ele. “Você pode ficar com qualquer coisa que seja minha.”

Eu sorri. "Você quer me dar coisas? Mais do que você já tem?"

“Quero te dar tudo. Quero te dar algo que nunca acabe”, disse ele, colocando delicadamente uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. “Uma série de livros pela qual você seja obcecada, com cem volumes. Uma música que você nunca se canse de ouvir repetidamente, uma comida favorita que você nunca enjoe de comer. Um amor que nunca se apague. Alguém para quem você mal possa esperar para voltar para casa, todos os dias, pelo resto da sua vida. Algo eterno.”

“Acho que você já me deu algo eterno.”

Eu sorri para ele e ele abriu os olhos.

“Eu sempre olhava para você”, disse ele baixinho. “Mesmo quando não devia. Sempre que podia. Na cabana, quando você estava no lago, na boia. Eu te observei da janela na festa de noivado antes de descer, porque sabia que não podia olhar para você quando estivesse lá. Eu olhava quando você não percebia. Em qualquer oportunidade que eu tinha.”

Eu sorri suavemente.

Seu semblante ficou um pouco sério. "Você é a minha razão, sabia?"

Inclinei a cabeça. "Para quê?"

“Por tudo. Por existir. Por esperar para sempre, por não esperar de forma alguma.”

Sentei-me para poder olhá-lo. Ele estava deitado ali, olhando para mim.

"Eu pensei que teria que te ver construir uma vida com outra pessoa, e que um dia eu teria que seguir em frente e fazer o mesmo. Mas daqui a sessenta anos, haveria uma manhã em que alguém procuraria a lápide de uma mulher desconhecida para espalhar as cinzas do avô sobre ela, em homenagem a um último pedido que ninguém entende. Eu jamais conseguiria deixar de te amar. Eu tentei."

Senti minha garganta apertar.

"Nunca me perdoarei pelo ano em que não estivemos juntos", sussurrei.

“Estivemos juntos. Primeiro fomos amigos. Isso é melhor”, disse ele, acariciando meu rosto com o polegar. “Você é a melhor coisa que já me aconteceu, mesmo que eu tenha tido que esperar por isso. Só serei grato por ter

acontecido.”

Ficamos ali deitados, olhando um para o outro. Eu podia sentir o amor entre nós como algo palpável. E também podia sentir a tristeza. Desejei poder cortá-la como um fio solto. Deixá-la se desfazer e apenas as coisas boas nos manteriam unidos. Mas estávamos presos por ambas.

"Sinto muito que você não tenha podido estar com o Mike no seu aniversário", eu disse.

Ele olhou por cima do meu ombro para a janela manchada de chuva. "Eu não teria saído com ele de qualquer maneira", disse ele.

"Como você sabe?"

“Porque eu não conseguia perdoá-lo pelo que ele fez.”

“Talvez sim. Se ele tivesse mudado o suficiente.”

Ele olhou para mim. "Você poderia... perdoá-lo se ele mudasse o suficiente?", perguntou.

“Não é a mesma coisa.”

Senti seus pulmões se encherem de ar e ele expirar lentamente. "Odeio mentir para eles", disse ele baixinho. "Queria poder simplesmente contar tudo e acabar logo com isso. Assim não precisaríamos nos esconder e poderíamos ter uma vida normal."

“Já se passaram mais de dois meses desde que Mike e eu terminamos. Estamos em março. Talvez não seja tão ruim assim?”

“Mas e se for verdade? Nenhum deles vai falar comigo de novo. Tudo bem. Eu já esperava por isso. Mas eu simplesmente não sei como ele vai reagir. Não quero ser o motivo do colapso nervoso do Mike só para me sentir melhor por não ter guardado segredos.” Ele balançou a cabeça. “Eu simplesmente não sei como lidar com nada disso.”

Apoiei a cabeça no ombro dele. Ele entrelaçou a mão na minha e fechou os olhos.

Eu odiei isso. Eu queria que esse não fosse o preço. Ou que, se fosse, eu pudesse ser quem o pagaria.

Era difícil imaginar que eu fosse um consolo para tudo aquilo de que ele estava abrindo mão, por mais maravilhoso que tivesse sido o último mês. Entre as quatro paredes da nossa casa, nossa vida era perfeita. Mas e o resto? Ele não tinha família. Não tinha amigos. Tinha desistido de tudo e de todos. Estava de luto por pessoas que ainda estavam vivas.

“Você já é suficiente, sabia?”, disse ele baixinho, como se tivesse lido meus pensamentos. “Eu faria tudo de novo. Não mudaria nada.” Ele beijou a lateral da

minha cabeça. “Só não sorriria mais.”

Eu ri um pouco.

“Tive um ótimo aniversário”, disse ele. “Obrigado.”

"Eu te amo", sussurrei.

Adorei como essas palavras mudaram o rosto dele. A suavidade que criaram ao redor dos seus olhos.

Tudo o que eu podia fazer era amá-lo com tudo o que eu tinha — e nem foi difícil.

“Sem querer soar clichê, parece que somos nós contra o mundo”, disse ele.

“De certa forma, sim. Mas podemos criar nosso próprio mundo. Nossas próprias tradições. Um dia teremos uma família e novos amigos que fizemos juntos, e não nos sentiremos tão sozinhos”, eu disse. “E um dia o Mike não se importará com o que estamos fazendo ou quem amamos.”

Ele passou o polegar delicadamente pela minha bochecha. "Eu sei."

Tínhamos um amor que jamais deixaria o mundo melhor do que o encontrou. Mas era o que tínhamos. E era melhor do que nada.

52

CHRIS

Voltamos para casa de Michigan depois de três dias incríveis.

Fiquei feliz por termos saído da cidade. Criamos memórias que não tinham nada a ver com o Mike ou com os amigos que eu não tinha mais. Eu precisava disso mais do que imaginava, e acho que a Larissa sabia disso.

Já fazia dois meses que Larissa e eu éramos um casal.

Foram os dois melhores e os dois piores meses da minha vida.

Me apaixonei pela minha namorada mais do que jamais imaginei. Nosso relacionamento foi como um gatilho que se soltou. Quando não precisamos mais nos conter, tudo fluiu naturalmente. Éramos uma combinação perfeita. Consegui me apaixonar pela minha melhor amiga. Acordava sorrindo todas as manhãs e precisava me beliscar para acreditar que podia viver com ela, abraçá-la e beijá-la. Nunca pensei que me cansaria disso. De poder puxá-la para perto de mim, demonstrar meu carinho e dizer o que sentia.

Seria perfeito se não fosse pelo resto.

Vinte e cinco anos de amizades, perdidos. Minha aldeia, perdida. Acabou de verdade.

Minha vida perdeu suas estações. Os marcos do ano, aniversários e comemorações, tradições anuais e viagens. Era como se eu tivesse ido à lua em uma nave espacial. Eu não estava sozinha, Larissa tinha vindo comigo, mas ainda era a lua.

Larissa e eu levamos Woofarine para longas caminhadas. Cozinhamos juntas. Entregamos o primeiro pedido dela para a mesa de frios e lemos e assistimos a séries abraçadas na cama. Depois desse pedido, ela recebeu mais dois de convidados do evento. Recebemos Lexi e o namorado dela para jantar. Algumas semanas atrás, tivemos uma longa conversa por telefone no viva-voz com Nancy para que ela pudesse nos contar sobre o término com Phil. Ela estava dormindo no sofá de uma colega de trabalho em um apartamento horrível na Dakota do

Sul. Ela deu a entender que queria voltar e perguntou sobre o quarto de hóspedes.

Eu estava aberta a qualquer coisa que Larissa quisesse fazer. Minha casa era a casa dela agora, e Nancy era a mãe dela. Mas Larissa cortou tudo imediatamente. Ela me disse depois que era hora de ambas seguirem por um caminho diferente daquele por onde entraram.

Nós colocamos papel de parede na sala de estar e até saímos para sentar em um pequeno café num canto onde ninguém pudesse nos ver, e eu comprei para ela um latte de matcha com lavanda só porque podia. Tivemos momentos maravilhosos em que rimos tanto que choramos.

Foi uma estranha justaposição de pura felicidade e perda total.

Em meio a tudo isso — ou talvez por causa disso — decidi fazer algumas mudanças. A primeira foi sair da farmácia de varejo. Me candidatei a uma vaga no Hospital Royal Northwestern e consegui. O salário era melhor e eu nunca mais teria que lidar com clientes gritando comigo. Pedi demissão da Bergmans.

Eu não diria que sentiria falta, mas definitivamente era o fim de uma era. Foi estranho seguir em frente, trabalhar em um lugar que minha mãe jamais conheceria. Ter um relacionamento e desentendimentos que eu nunca poderia contar a ela. Era como se eu tivesse trocado de pele e me tornado uma pessoa diferente, e ela nunca veria a pessoa que sou agora, e isso também me deixou triste. Mas a vida é assim quando você atravessa uma porta diferente daquela que conhece. Você acaba em um lugar novo.

~

As duas semanas passaram voando e, quando me dei conta, já era meu último dia na farmácia. Eu estava atrás do balcão, preparando uma receita, vendo a última meia hora passar, quando Waylon apareceu de repente. "Cara, alguém acabou de cagar bem na frente do caixa."

Revirei os olhos. "Claro que sim. Mal posso esperar para terminar", murmurei. "Precisa de ajuda?"

“Já limpei, mas o novato vomitou no canto.”

“Ha.”

Sua introdução à farmácia de varejo. Lembrei-me da minha primeira semana.

“Ei, então tem alguém aqui para te ver”, disse ele.

Levantei os olhos. "Eu? Larissa?"

“Não. Um cara qualquer. Um dos seus amigos, eu acho. Já o vi antes.”

Eu paralisei. Minha boca secou imediatamente.

"Certo", eu disse. "Diga a ele que já estou indo."

Waylon saiu e eu fiquei parada ali por um instante. Podia ser qualquer um. Jesse. Talvez Xavier estivesse na cidade e cansado de eu não atender suas ligações?

Mas não foi. Acho que eu já sabia disso antes mesmo de me assumir.

Quando virei a esquina, Mike estava parado lá.

“Ei”, eu disse, parando atrás do balcão.

"Ei."

Eu não o via há mais de quatro meses.

Ele estava diferente. Vestia sua camisa de trabalho da Toilet King. Tinha emagrecido, mas estava apenas mais magro. Ainda em forma. Estava com boa aparência. Parecia saudável.

"Eu não sabia que você ia entrar", eu disse, sem realmente saber o que mais dizer.

“Ir buscar um medicamento com receita.”

"Ah." Comecei a digitar as informações dele no computador. Mas parei quando percebi que, pela primeira vez em vinte e cinco anos, eu não sabia o endereço dele.

“Estou no número 5623 da Fern Glen Drive”, disse ele, como se lesse meus pensamentos. “Apartamento 109.”

"Obrigado." O medicamento dele apareceu na tela. "Você voltou a tomar os antidepressivos", eu disse, olhando para ele.

“Dose maior. Está funcionando. Você tinha razão.” Ele me deu um sorriso fraco.

"Ainda não está pronto", eu disse. "Quinze minutos."

“Posso esperar.”

Fiz o pedido. Depois ficamos ali parados. Eu do meu lado do balcão, de jaleco branco. Ele do lado dele, com uma camiseta azul-marinho da Toilet King.

“Esta é a farmácia mais próxima de vocês agora?”, perguntei.

“Não. Você disse que queria ter certeza de que eu estava tomando meus remédios. Pensou que eu começaria a comprar meus remédios aqui. Agora que estou realmente tomando meus remédios.”

Lancei-lhe um olhar. "Você não estava?"

“Não. Eu estava preenchendo os formulários aqui. Mas não estava seguindo exatamente as instruções do médico. Eles funcionam melhor quando você os toma.”

Eu ri um pouco.

"Ei, eu estava pensando se poderíamos conversar rapidinho", disse ele. "Quando você sair."

“Hum… claro. Mas só saio daqui a meia hora.”

“Certo. Vou esperar você lá fora.”

Ele começou a caminhar em direção à frente da loja.

"Microfone?"

Ele se virou.

“Sobre o que você quer conversar comigo?”

Ele fez uma pausa, como se não soubesse o que dizer.

“Acho que você sabe.”

Respirei fundo. Certo. Então ele sabia.

Eu o vi sair da loja.

Quando saí meia hora depois com a receita dele na mão, eu já tinha me conformado com a conversa que esperava ter. E tinha decidido uma coisa.

Eu responderia a todas as perguntas que ele me fizesse. Não amenizaria a situação e não mentiria. Assumiria a responsabilidade e admitiria tudo. Eu lhe devia pelo menos isso.

A caminhonete dele estava estacionada ao lado do meu carro e ele estava sentado em uma mesa de piquenique embaixo de uma macieira-brava em flor.

Atravessei o estacionamento, fui até a grama e sentei-me ao lado dele no banco. Ficamos ali sentados, sem dizer nada.

Havia uma rua movimentada em frente à loja. Observávamos os carros que entravam e saíam. Vimos as pessoas na fila do drive-thru da cafeteria no centro, do outro lado da rua.

“Eu sabia que foi você quem limpou a neve do carro dela”, disse ele.

Virei-me para ele. "O quê?"

“Eu sabia”, disse ele, olhando para mim. “O pior de tudo é que eu sabia que se eu não fizesse isso, você faria. Eu deixei você fazer. Podia ter sido eu, mas eu não estive presente para ela. Eu não fiz o meu trabalho.” Ele desviou o olhar de mim, voltando a olhar para a estrada. “Eu sei que vocês estão juntos — você não precisa me contar.” Ele levantou a mão. “Eu te conheço a vida toda. Eu te reconheço mesmo quando você não está falando comigo.”

Eu não respondi.

“Nem estou bravo. Sempre soube que você era melhor para ela”, disse ele. “Não fiz nada para mudar isso. Podia ter feito, mas não fiz.” Ele riu um pouco. “Puxa, acho que até incentivei vocês a ficarem juntos. Fiz você me substituir

quando eu vacilei. Fiz você cantar karaokê com ela. Nem isso eu consegui fazer.”

Ele ficou em silêncio novamente.

"Eu só quero que ela seja feliz", disse ele baixinho. "Eu a amo o suficiente para querer isso para ela. E eu sei que, para ela, essa pessoa é você. Sempre foi você. Não te culpo por se apaixonar por ela. Também não a culpo por se apaixonar por você. Amo vocês dois, então entendo."

"Desculpe", eu disse. "Nenhum de nós queria te magoar."

Ele deu um sorriso fraco e olhou para a grama. "Sinto falta dela. E é uma merda. Não vou mentir e dizer que não tive alguns dias bem difíceis nos últimos meses. Mas estive sóbrio durante todos eles." Ele riu secamente. "Essa é a parte difícil. As coisas que ninguém te conta, ter que lidar com isso sem a coisa que te ajuda a lidar com isso." Ele soltou um longo e lento suspiro. "É como se eu tivesse entrado em pânico, sabe? Eu queria tanto que a gente desse certo, que apertei todos os botões — inclusive o da autodestruição. Eu fiz isso comigo mesmo. Meu terapeuta diz—"

“Você tem um terapeuta?”

“Sim. Ela é boa. Eu gosto dela. Você tinha razão. Eu precisava disso. Ela diz que estou lidando com sentimentos de inadequação”, disse ele, mudando o tom para soar como o dela. “Luto não resolvido do último ano do ensino médio. Ela provavelmente está certa. Eu nunca consegui resolver meus problemas depois da lesão.” Ele arrancou uma folha da árvore e a girou distraidamente entre os dedos. “Só esperava que as coisas se resolvessem sozinhas, sem mim. Não se resolveram.”

Ficamos olhando para os carros.

“Então, como ela está?”, perguntou ele, sem olhar para mim.

Dei de ombros. "Ela é boa. Os negócios dela estão indo muito bem."

Ele sorriu. Um sorriso genuíno.

“Ótimo. Eu sempre soube que ela faria algo grandioso. Ela é inteligente como você.”

"Ouvi dizer que você não está falando com a sua mãe", eu disse, mudando de assunto.

Ele soltou uma risada abafada. "Ou minha irmã. O Tony fica tentando me convencer a jantar lá em casa e eu digo: 'Não, obrigado'. Eu realmente não sabia que eles estavam agindo assim."

"Eu sei."

“Minha mãe é uma figura às vezes. Não a entendo. E não tenho a mínima

ideia de qual é o problema da Janessa.” Ele jogou a folha na grama.

“Ela sempre foi meio assim”, eu disse.

“Ah, não me diga!”

"Como está funcionando para o Tony de novo?", perguntei, olhando para ele.

“É péssimo. Ele me colocou no turno da noite.”

"Ai!", eu disse.

“A linha de emergência 1-800. Da meia-noite às nove da manhã.”

“Você recebe muitas ligações?”

Ele deu de ombros. "Na verdade não, mas quando faço isso, é sempre um caos. Literalmente. É brutal. Só agora estou começando a me acostumar."

“Ele não tinha mais nada?”

“Não para tempo integral. Pelo menos é o que ele diz. Acho que ele está tentando me dar uma lição ou algo assim.” Ele inflou as bochechas com ar. “Tenho um colega de trabalho que me enche o saco. Estou lidando com isso.”

“Por que ele está te enchendo o saco?”

“Ela. Acho que por diversão.” Ele olhou para mim. “Sabe, ninguém te odeia.”

"Realmente?"

"Ah, eles com certeza estão chateados com você. Mas não te odeiam. Você devia ligar para eles. Acho que o Xavier gostaria de falar com você."

“E Jesse?”

Ele balançou a cabeça. "Ele vai acabar cedendo. Se eu não estou bravo, ele também não pode estar, certo?"

“Ele sabe?”

Ele deu de ombros. "Acho que todo mundo meio que sacou o que estava acontecendo pelo seu jeito de agir. O lance do aniversário só confirmou. Aquilo foi péssimo, aliás. Quebramos uma sequência. Vinte e cinco anos."

Dei-lhe um sorriso que não chegou aos meus olhos.

"Eu tenho sido um amigo bem ruim", disse ele, quase para si mesmo.

“Ah. Igual.”

“Não. Você sempre esteve lá para mim.” Ele me cutucou. “Você aguentou muita coisa. Quero que saiba que eu percebo isso. E acho que você precisou de mim quando sua mãe morreu e eu estava completamente perdido. Eu simplesmente não conseguia lidar com mais nada e eu a amava também, sabe? Ela era como uma tia para mim. Não foi fácil para mim também. Mas eu deveria ter aguentado firme. Deixado você me contar o que precisava.”

Estufei as bochechas. "Não seria justo despejar isso em cima de você se você

não estava em condições de ouvir."

"Sim, mas eu poderia ter te dito isso. Eu poderia pelo menos ter te mostrado que me importava. Eu simplesmente te deixei com isso, e eu sabia que estava fazendo. Era como se eu tivesse vergonha de admitir que não conseguia lidar com a situação, então eu simplesmente evitava falar sobre isso. Eu sempre fazia isso, era uma baita burrice. Eu não conseguia simplesmente dizer a coisa desconfortável em voz alta. Como com a Larissa. Eu não conseguia nem dizer, 'Ei, eu não tenho dinheiro para esse restaurante caríssimo que sua mãe quer ir. Eu só deixei ela me levar e aí não consigo pagar a conta e acabo descontando em você porque você tem que me salvar' — e você nunca teria se metido nessa situação se tivesse simplesmente dito a coisa difícil."

"Acho que se você tivesse me dito que era difícil falar sobre minha mãe porque você também sentia falta dela, eu teria me sentido muito menos sozinha. Eu gostaria que você tivesse dito isso."

Ele olhou fixamente para a grama. "Depois que tudo aconteceu e eu fiquei sozinho, pensei: será que era assim para ele? Ninguém para conversar? Ninguém para dar conselhos, dizer se eu estava sendo idiota ou simplesmente ouvir?" Sua mandíbula se contraiu. "Para ser sincero, eu não percebi o quanto você estava presente até que não estivesse mais. Me desculpe. Eu te decepcionei, e eu realmente sinto muito." Ele se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

Ficamos em silêncio por um longo momento.

“Sabe o que eu percebi em tudo isso?”, perguntou ele.

"O que?"

“Ela não é o grande amor da minha vida.” Ele olhou-me nos olhos. “Você é.”

Um nó se formou na minha garganta.

Ele fungou e piscou, olhando para os carros. "Sabe o que ela me disse? No dia em que terminou comigo? Eu disse que podia mudar e ela disse que ótimo. Mudar por outra pessoa. Eu vou mudar. Por você. Mesmo que você nunca mais fale comigo, saiba que é por você. Eu vou ficar bem. Vou te orgulhar. Não se sinta culpada, não se sinta mal. Apenas tenha uma boa vida."

Meus olhos arderam com lágrimas.

Ele me cutucou de novo e eu olhei para ele. E pela primeira vez em muito tempo, vi o velho Mike. Aquele de quem eu sentia falta.

Ele se levantou e eu fiquei de pé. Ele veio até mim e me deu um abraço.

"Eu te amo, McNougat", ele sussurrou.

"Eu também te amo."

Quando ele me soltou, seus olhos estavam vermelhos. "Me faz um favor, tá? Liga pro Z. Liga hoje, beleza? Se ele quiser sair, sai. Leva a Larissa pra Samantha não ficar de vela. Tira o Jesse de casa também, diz pra ele trazer a Becca. Provavelmente não vou poder ir — trabalho no turno da noite. Mas vocês se encontrem. Beleza? Vou dizer pra eles que você vai ligar. Não esquece."

Assenti com a cabeça e engoli o nó na garganta.

Ele me lançou um último olhar. "Se precisar conversar com alguém, pode me ligar. Estou pronto para ouvir. Talvez não sobre ela, mas sobre qualquer outro assunto, estou aqui."

Assenti com a cabeça. "Tudo bem."

Ele sorriu. "Até mais."

Ele se virou em direção ao seu caminhão e eu o observei atravessar o estacionamento, com o zumbido da rodovia atrás de mim.

"Microfone…"

Ele se virou.

"Você quer me deixar orgulhoso?", perguntei. "Você acabou de fazer isso."

Observei o sorriso lento se formar em seu rosto. Ele piscou para mim. Então se virou e continuou andando.

E foi isso.

O fim de algo. Ou o começo de algo. Novo e melhor. Mais saudável.

Durante todo esse tempo, pensei que estava ajudando-o, carregando seu fardo. Mas, no fim, tive que deixá-lo cair para que ele decidisse carregá-lo sozinho. E ele o fez.

Mike desligou o alarme. Ele já estava quase chegando à porta quando vi o carro entrar no estacionamento. Ele percebeu um segundo depois de mim e nós dois paramos de repente.

Larissa estava aqui.

Ela não vinha ao meu trabalho nos últimos meses, parte da nossa tentativa de manter nosso relacionamento em segredo. Ela não me ligou para avisar que viria.

Nós a vimos estacionar e, quando ela saiu do carro e cruzou o olhar com Mike, eu meio que esperava que ela se virasse e voltasse para casa. Ela o havia mantido afastado, não queria vê-lo. Mas ela apenas hesitou por um instante antes de fechar a porta e diminuir a distância entre eles.

Eles ficaram ali conversando por alguns instantes, ao lado da caminhonete dele. Dei-lhes espaço e estava longe demais para ouvir o que diziam. Quando terminaram, ela o abraçou. Então Mike entrou na caminhonete, enxugando os olhos, e foi embora.

"Sobre o que vocês conversaram?", perguntei enquanto ela se aproximava de mim.

“Ele pediu desculpas”, disse ela. “E eu aceitei.”

Ela parou na minha frente. "Ele me disse para cuidar de você. E eu lhe dei alguns conselhos."

“Que conselho?”

“Eu disse para ele pegar a saída que fizesse mais sentido. Não a porta que ele conhece.”

Eu sorri levemente e ela me abraçou pela cintura.

"Por que você veio?", perguntei, aconchegando a cabeça dela sob meu queixo.

“Não sei. Algo me dizia que você precisava de mim. Vínculo traumático.”

EPÍLOGO

CHRIS

Seis meses depois

"Isso não pode ser mais assustador do que Woofarine", disse Larissa, divertida.

Eu estava num mini-zoológico em um campo de abóboras, alimentando uma corça com um punhado de aveia que eu havia comprado por um dólar. Eu estava com um olho fechado e me inclinando para longe da corça, mas estava fazendo isso.

“Pelo menos não tem gravetos pontiagudos”, eu disse.

“Prometo verificar todo o seu corpo em busca de carrapatos depois.”

“Um lado positivo.”

Ela riu.

O cervo terminou de comer e me deixou para ir atrás de outra vítima. Fiz uma careta ao ver a gosma na minha mão.

"Estou tão orgulhosa de você", disse Larissa, sorrindo para mim.

“Tenho orgulho de você. Uma loja.”

Ela inspirou profundamente, passando os dentes pela boca. "Talvez. Se conseguirmos ajustar o aluguel para o valor necessário, veremos."

Ela teve a ideia de uma boutique onde você pudesse montar sua própria caixa de petiscos. Tipo um bar de saladas, mas com azeitonas e presunto — tudo o que você precisa para montar a sua. O investimento inicial foi, na verdade, menor do que imaginávamos. Ela só precisava de refrigeração, sem forno, coifa ou fogão — e também não precisava de um espaço grande. Era viável.

Encontramos um lugar perto de casa, num bom centro comercial, e estávamos negociando com a proprietária. Ela tentava ser cautelosamente otimista, mas estava determinada a conseguir o aluguel.

Ela poderia dar aulas e organizar noites entre amigas, disponibilizar caixas de

petiscos para retirada de última hora e transferir todas as suas operações para o espaço comercial — era genial.

Eu não esperava menos.

“Vai ser bom ter a casa de volta”, disse ela.

"Como assim, você não gosta da linha de montagem de salame na sala de estar?", perguntei, segurando o portãozinho do mini-zoológico para ela.

“A primeira coisa que vou fazer é contratar a Lexi”, disse ela, caminhando à minha frente.

Consegui ouvir o sorriso em sua voz.

“Precisamos arranjar um caminhão de entregas para você”, eu disse. “Meu carro está cheirando a queijo.”

Ela caiu na gargalhada.

“Isso é só o começo, sabe?”, eu disse, aproximando-me dela. “Já consigo ver aonde isso vai dar.”

“Para onde isso vai?”

Dei de ombros. "Primeiro este local, depois outro. Talvez uma franquia, depois um conceito diferente com um produto diferente. E posso dizer que estava lá no começo."

Ela me olhou com um sorriso radiante e eu retribuí o sorriso.

Xavier e Samantha vieram da barraca de comida com Jesse e Becca, que traziam chocolates quentes. Samantha pediu Woofarine.

"Não acredito que estou pagando vinte dólares por uma abóbora", murmurou Jesse, falando dentro da xícara.

Becca revirou os olhos. "Você está pagando pela experiência."

"O quê, você não gostou do poço de milho?", perguntei, sacudindo a baba da minha mão.

Samantha entregou a coleira para Larissa, procurou algo na bolsa e me passou um lenço umedecido.

“Obrigado”, eu disse.

“Eles fazem um passeio de carroça assombrado nos fins de semana”, disse Becca.

"Você viu quanto custa essa merda?", disse Jesse. "Se eu pagar trinta dólares por um passeio de carroça assombrado, é melhor eu morrer", disse Jesse.

Becca riu.

Xavier olhou para o relógio. "Você quer ir no labirinto de milho? Vamos sair daqui a pouco para jantar com o Hank."

"Claro", eu disse, jogando o lenço umedecido fora.

"Vamos nos separar?" perguntou Jesse. "Vamos ver quem sai mais rápido?"

Olhei para Larissa e ela deu de ombros. "Tudo bem."

Fomos em grupos de dois minutos e deixamos o Xavier ir primeiro, já que ele precisava ir embora. Eu e a Larissa fomos por último. Mesmo tendo combinado uma corrida, não estávamos com pressa. Peguei na mão dela e caminhamos tranquilamente entre os talos com nosso cachorro.

Era meados de outubro. O dia estava ensolarado e fresco. Estávamos todos de camisa de flanela para tirar uma foto em grupo. Era estranho que o Mike não estivesse nela.

"Sinto muito", disse ela, como se tivesse lido meus pensamentos.

"Para que?"

“Mike. Eu sei que ele não vem a essas coisas por minha causa.”

Balancei a cabeça em sinal de concordância. "Ele trabalha à noite. Geralmente está dormindo quando saímos. Mas ainda participa dos eventos com os amigos. Vou sair com ele na sexta-feira."

“Sim, mas não é a mesma coisa.”

Olhei fixamente para a frente. "Ele só precisa de tempo. Nem sempre será assim."

Ela apertou minha mão.

"Lembra da última vez que nos perdemos lá fora?", perguntou Larissa.

"Claro."

Ela olhou para mim. "Você trouxe os eletrólitos de uva?"

“Sim, eu tinha. Você tem água ferruginosa de poço artesiano?”

“Droga. Esqueci em casa.”

“Droga. Pelo menos podemos contar com o Woofarine para matar alguma coisa.”

Ela riu, inclinando-se para mim, e eu sorri.

Caminhamos por vinte minutos. Perdemos o rumo e chegamos a um décimo beco sem saída, então demos meia-volta. Não tínhamos a menor ideia de onde estávamos.

Parei para escutar. O som das crianças brincando no pula-pula na entrada do festival estava distante e fraco agora. "Acho que não estamos indo pelo caminho certo..." eu disse.

Nem todos os que vagueiam estão perdidos.

"Estamos definitivamente perdidas", eu disse, passando meus braços em volta da cintura dela. Woofarine se acomodou entre nós, em cima dos nossos sapatos.

Larissa sorriu para mim, com as mãos no meu peito. "Sempre podemos voltar

pelo mesmo caminho que viemos."

“Mas nós já vimos isso. E se o que está por vir for melhor do que o que já fizemos?”

“Ha.”

Ela roçou o nariz no meu.

“Vamos parar um instante para refletir sobre os próximos passos”, eu disse, em voz baixa.

Seus olhos se fixaram na minha boca. "Você pode me beijar enquanto pensa?"

Sorri, inclinei-me e pressionei meus lábios contra os dela. O beijo desabrochou. Abriu-se e se desdobrou ao som do farfalhar do milho na brisa. Seu perfume e o aroma familiar do seu xampu dançavam ao meu redor, e eu segurei sua mão contra o meu coração enquanto nosso cachorro permanecia sentado entre nós, olhando para cima.

Que sorte a minha estar aqui, existir na mesma linha temporal que ela, estar no lugar certo depois de um show, no momento errado da minha vida, mas mesmo assim ter chegado até aqui. Eu entraria e sairia de casa com ela pelo resto das nossas vidas. Ela era tudo. Ela sempre foi e sempre será.

Vozes nos arrancaram do nosso momento. O som de Xavier conversando com Jesse. Sam e Becca logo atrás. Devem ter se encontrado no labirinto e, pelo jeito que suas vozes se propagavam, estavam prestes a nos encontrar também. Só tínhamos um instante.

Encarei Larissa. "Sabe, eu nunca lhe contei minhas duas verdades e uma mentira", disse baixinho.

Ela inclinou a cabeça. "Certo. Estou ouvindo."

“Eu não sou farmacêutico”, eu disse.

"Tudo bem", disse ela, rindo. "Vamos tirar essa mentira do caminho."

Afastando os cabelos da testa dela, disse: "É por esse tipo de amor que as guerras começam. Mas ele deixará o mundo melhor do que o encontrou."

Observei o sorriso lento se espalhar pelo rosto dela. "Já aconteceu."

AGRADECIMENTOS

Obrigada à minha maravilhosa equipe da Forever Romance. À minha editora Leah; e à dupla de relações públicas Estelle e Dana, que coordenam toda a fantástica divulgação e comunicação dos meus livros. E obrigada, Sarah Congdon, por mais uma capa linda!

Meus sinceros agradecimentos ao Dr. Zachary Rubin, alergista que me aconselhou sobre a cena do beijo fatal.

Agradeço à farmacêutica Tracey Nelson pelas informações privilegiadas; e a Rachel Larson, BSN, RN, CCTC; Kelsey Dennis Shave, MA, LCPC, CRADC, PCGC, SAP qualificada pelo DOT; Angela Marie Braun Vatalaro, BA, LADC; e Alanna Watt, RN, por me ajudarem a compreender o alcoolismo e a dependência.

Obrigada, Stacey Graham, esta é para você. Às leitoras beta Kim Kao, Jeanette Theisen Jett, Kristin Curran, Ali Lofgren (Ali_learns_to_read), Terri Puffer Burrell, Amy Edwards Norman, Sara Reda, Dawn Cooper, Barb Haselhuhn Sanford e à leitora de sensibilidade Leigh Kramer, eu não conseguiria sem vocês. Karen Flood, obrigada mais uma vez por sua expertise em psicologia. Como de costume, ressalto que quaisquer imprecisões neste livro provavelmente se devem à minha própria incompreensão do assunto e não refletem a opinião das pessoas que me orientaram. Não consigo detectar tudo ou acertar em tudo, mas certamente me esforço.

Descubra sua próxima grande leitura.

Receba prévias exclusivas, recomendações de livros e notícias sobre seus autores favoritos.

Toque aqui para saber mais.



NOTA DO AUTOR

Este livro está na minha cabeça desde que li "Happy Ever After Playlist". A ideia surgiu quando eu estava pensando na Sloan e em como teria sido horrível conhecer o Jason quando ela ainda estava com o Brandon. Isso me fez refletir sobre os desafios de se apaixonar por alguém que você não deveria amar. O "e se" de tudo ter sido drasticamente diferente se você tivesse tomado uma decisão um pouco diferente.

Eu sabia que seria um desafio contar essa história e, francamente, também sabia que ainda não era uma escritora suficientemente experiente para enfrentá-la. Só depois de ter seis best-sellers publicados é que me senti pronta para lidar com uma trama tão complexa. Comecei este livro, planejando que fosse meu sétimo romance, mas percebi, quando já tinha escrito um terço dele, que não conseguiria terminá-lo no meu prazo habitual de um ano. Precisava de tempo, narrativa cuidadosa e dedicação. Então, conversei com minha editora e propus a ela a ideia de entregar o livro que eu havia planejado escrever como meu oitavo livro. A história de Xavier era muito mais fácil de escrever e eu sabia que conseguiria terminá-la antes do final do ano. Ela concordou e a publicação das histórias de amor de Chris e Xavier foi trocada. Escrevi "Say You'll Remember Me" em cerca de quatro meses e, então, tive um ano inteiro a mais para terminar "The Night We Met".

No total, trabalhei neste livro por mais de dois anos e ele ficou rondando minha cabeça por muito, muito mais tempo. Foi a história mais difícil que já tentei colocar no papel, mas uma que me senti compelida a contar por quase uma década. É um pouco diferente dos meus trabalhos anteriores. Talvez mais angustiante, um pouco mais melancólico do que o habitual — mas, em sua essência, é uma história de amor típica da Abby Jimenez. Estou feliz que finalmente ele saiu de mim e está no mundo com vocês.

Boa leitura!

Abby

P.S.: Para aqueles que adoram as surpresas que sempre coloco nos meus

livros, vocês devem ter notado que minha menção habitual à Nadia Cakes não está aqui. A Larissa tem uma alergia grave a nozes e, embora tomemos o máximo cuidado nas minhas confeitarias, não temos uma cozinha totalmente livre de alérgenos e o risco de contaminação cruzada está sempre presente. Por isso, não pude incluir a visita da Larissa à Nadia Cakes no livro, e também não me pareceu natural que outra pessoa a mencionasse, então vocês terão que se contentar com a minha própria menção aqui. Se você só agora está se dando conta de que a Nadia Cakes é um lugar real — surpresa! Eu sou dona da rede de confeitarias, fundei-a em casa em 2007 e sou vencedora do Cupcake Wars. Temos lojas em Minnesota e na Califórnia e fazemos entregas!

SOBRE O AUTOR

Abby Jimenez é autora de romances hilários e emocionantes, figurando na lista de best-sellers do New York Times. Seus livros venderam milhões de exemplares e foram traduzidos para vinte e oito idiomas. Entre seus maiores feitos, destacam-se a seleção para o Clube do Livro do programa Good Morning America, o prêmio Livro do Ano do Book of the Month e o Prêmio Literário de Minnesota.

Antes de se dedicar à carreira de escritora, Abby ganhou destaque nacional como campeã do Cupcake Wars e fundadora da confeitaria Nadia Cakes, que desde então venceu inúmeras competições do Food Network e conquistou seguidores internacionais. Ela mora perto de Minneapolis com o marido, três filhas e cachorros — todos famosos no TikTok. Abby adora romances, café, cachorrinhos e ficar em casa.

Para saber mais, visite o site dela:

Autora: AbbyJimenez.com
TikTok @AuthorAbbyJimenez
Facebook.com/AutoraAbbyJimenez
Instagram @AuthorAbbyJimenez

TAMBÉM DE ABBY JIMENEZ

Diga que você se lembrará de mim.
Só para o verão
Sinceramente
Parte do seu mundo
A vida é muito curta.
A playlist "Felizes para Sempre"
A Zona da Amizade

RAISING READERS

Books Build Bright Futures

Thank you for reading this book and for being a reader of books in general. We are so grateful to share being part of a community of readers with you, and we hope you will join us in passing our love of books on to the next generation of readers.

Did you know that reading for enjoyment is the single biggest predictor of a child's future happiness and success?

More than family circumstances, parents' educational background, or income, reading impacts a child's future academic performance, emotional well-being, communication skills, economic security, ambition, and happiness.

Studies show that kids reading for enjoyment in the US is in rapid decline:

- In 2012, 53% of 9-year-olds read almost every day. Just 10 years later, in 2022, the number had fallen to 39%.
- In 2012, 27% of 13-year-olds read for fun daily. By 2023, that number was just 14%.

Together, we can commit to **Raising Readers** and change this trend. How?

- Read to children in your life daily.
- Model reading as a fun activity.
- Reduce screen time.
- Start a family, school, or community book club.
- Visit bookstores and libraries regularly.
- Listen to audiobooks.
- Read the book before you see the movie.
- Encourage your child to read aloud to a pet or stuffed animal.
- Give books as gifts.
- Donate books to families and communities in need.

BOB1217

Books build bright futures, and **Raising Readers** is our shared responsibility.

For more information, visit **JoinRaisingReaders.com**

Sources: National Endowment for the Arts, National Assessment of Educational Progress, WorldBookDay.com, Nielsen BookData's 2023 "Understanding the Children's Book Consumer"